



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71)3283 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br

ANY LAMB FENNER

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS:
UM ESTUDO COMPARATIVO DE LÍNGUAS EM CONTATO EM
DUAS COMUNIDADES DO OESTE PARANAENSE**

Salvador

2013



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71)3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br

ANY LAMB FENNER

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS:
UM ESTUDO COMPARATIVO DE LÍNGUAS EM CONTATO
EM DUAS COMUNIDADES DO OESTE PARANAENSE**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA como requisito para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota

Coorientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Salvador

2013

ANY LAMB FENNER

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO COMPARATIVO DE
LÍNGUAS EM CONTATO EM DUAS COMUNIDADES DO OESTE PARANAENSE**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA como requisito para obtenção do grau de Doutor em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Jacyra Andrade Mota (UFBA)
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)
Coorientadora / Examinadora externa

Prof^ª. Dr^ª. Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)
Examinadora externa

Prof^ª. Dr^ª. Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA)
Examinadora interna

Prof^ª. Dr^ª. Marcela Moura Torres Paim (UFBA)
Examinadora interna

Salvador, 17 de dezembro de 2013.

Aos meus pais, Gustavo Herbert Lamb (*in memoriam*) e Erna Lamb, de quem herdei a condição de ser bilíngue.

Ao meu filho, Carlos Gustavo Lamb Fenner, pela alegria de sua existência em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram na realização deste estudo. De modo especial, manifesto a minha gratidão:

À Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota, pela constante e valiosa orientação, pelas pacientes e importantes correções e sugestões.

À equipe do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), da Universidade Federal da Bahia, conduzida pelas Professoras Dra. Jacyra Andrade Mota e Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso, pela acolhida calorosa e por ter possibilitado o privilégio de participar dos encontros, dos seminários sempre tão bem organizados, no período de agosto a dezembro de 2011. Esses encontros foram muito importantes, pois possibilitaram uma visão mais abrangente do trabalho de constituição de atlas linguísticos, especialmente do Atlas Linguístico do Brasil, e do esforço que todo o grupo empreende para a concretização de suas pesquisas.

À Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, mentora e coordenadora do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, coorientadora desta tese, pelas bibliografias e orientações para o Projeto de Pesquisa desta tese.

Às Professoras Dra. Aparecida Feola Sella e Dra. Célia Marques Telles, coordenadoras do Projeto DINTER (UNIOESTE/ UFBA), que conduziram os trabalhos com serenidade e competência profissional.

À Profa. Dra. Aparecida Feola Sella, pelo empenho em captar fundos para a bolsa de estudos concedida para o Estágio de Pesquisa e Tirocínio Docente na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, durante os meses de agosto a dezembro de 2011. Agradeço também pelas leituras que fez do Projeto de Pesquisa de doutoramento e pelas sugestões dadas para aperfeiçoá-lo.

Às Professoras Dra. Vanderci de Andrade Aguilera e Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso, pelas valiosas sugestões no Exame de Qualificação.

À minha mãe, grande incentivadora deste estudo.

Ao meu filho, Carlos Gustavo, colaborador nas questões técnicas relacionadas ao uso do computador.

Aos irmãos Arnold, que compartilhou comigo suas leituras sobre a história da colonização alemã, e Albert, que providenciou imagens de Marechal Cândido Rondon que constam dos anexos desta tese.

À amiga e colega do Curso de Doutorado, Clarice Cristina Corbari, pela troca de ideias e, em especial, pelo compartilhamento de bibliografia, pela confecção dos gráficos e pela revisão geral do trabalho.

À Angela Emmel, entusiasta moradora de Guaíra, pelas informações a respeito da localidade e pelos contatos propiciados.

É, com efeito, na língua e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder criador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as cousas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz ante nós o já desaparecido. Por isto tantas mitologias, ao ter que explicar que na aurora dos tempos pôde nascer alguma coisa do nada, citam como princípio criador do mundo esta essência imaterial e soberana, a Palavra. Não há, certamente, poder mais alto, e todos os poderes do homem, sem exceção – pensemos bem – procedem deste. A sociedade não é possível a não ser pela língua; e pela língua também o indivíduo. O despertar da consciência na criança coincide sempre com o aprendizado da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade.

Émile Benveniste (1971)

Bilingualism can create a bridge between generations

(O bilinguismo pode criar uma ponte entre gerações).

Autor desconhecido

RESUMO

Esta tese relata uma investigação sobre crenças e atitudes linguísticas de informantes de duas comunidades, localizadas na região Oeste do Paraná: Guaíra e Marechal Cândido Rondon. O histórico de povoamento dessa região do estado e a proximidade da fronteira com a Argentina e, principalmente, com o Paraguai resultaram num cenário multicultural e multilíngue peculiar, de modo que o estudo das crenças e atitudes linguísticas e suas motivações podem servir para retratar como se constitui um contexto de línguas em contato. A abordagem teórica está ancorada nos princípios da Sociolinguística, da Sociologia da Linguagem e da Psicologia Social. O estudo parte de dados obtidos por meio do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, coordenado por Aguilera (2009), realizado em localidades fronteiriças ao Paraguai e à Argentina e/ou em localidades com histórico de colonização por imigrantes e descendentes. O material colhido por meio do Projeto constituiu-se de respostas dadas a perguntas de um questionário dirigidas a 18 informantes de cada localidade, selecionados a partir de três variáveis extralinguísticas: nível de escolaridade, faixa etária e sexo. Para este estudo, buscou-se verificar se havia preconceito ou estigmatização em relação à língua de herança dos diferentes grupos étnicos presentes nas comunidades, bem como em relação aos próprios usuários. Investigou-se também se as crenças e atitudes linguísticas se mostravam diferentes entre as duas comunidades, dado que apresentam características geográficas, histórico-culturais e socioeconômicas distintas. A hipótese inicial era a de que, em Marechal Cândido Rondon, haveria prestígio do dialeto do colonizador – no caso, dos descendentes de alemães –, sentimento que não ocorreria em Guaíra, que conta com uma população mais heterogênea, formada por culturas diversas e marcada pelas relações de fronteira. Os dados do *corpus* foram submetidos à análise quantitativa e qualitativa. Entre os principais resultados obtidos, estão os seguintes: a) em Marechal Cândido Rondon, verificou-se a presença de traços linguísticos típicos da fala do colonizador alemão, que mantém as variedades dialetais de origem ou o sotaque característico do português de contato, e constataram-se atitudes contraditórias dos informantes rondonenses com relação à variedade de alemão falada na localidade (prestígio encoberto); b) em Guaíra, verificou-se aceitação em relação à maioria dos grupos étnicos que compõem a comunidade, especialmente os descendentes de japoneses, e observou-se a existência de significativa interação com falantes de espanhol e de guarani, com predomínio do uso de uma variedade linguística de fronteira – o portunhol – com a finalidade de estabelecer uma comunicação mais compreensível.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas. Línguas em contato. Contextos de imigração e de fronteira.

ABSTRACT

This thesis reports an investigation of language beliefs and attitudes of informants from two communities, located in the West of Paraná: Guaíra and Marechal Cândido Rondon. The history of settlements in this region and the proximity of the border with Argentina and, mainly, with Paraguay resulted in a peculiar multicultural and multilingual scenario; therefore, the study of language beliefs and attitudes and their motivations in such an environment may describe how a context of languages in contact is constituted. The theoretical approach is founded on the principles of Sociolinguistics, Sociology of Language and Social Psychology. The study is based on data obtained from the Project *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (Language beliefs and attitudes: a study on the relation between Portuguese and contact languages), coordinated by Aguilera (2009), carried out in localities bordering Paraguay and Argentina and/or in localities with a history of colonization by immigrants and descendants. The material collected through the Project consisted of answers to questions from inquiries with 18 informants in each location, selected according three extralinguistic variables: education level, age and sex. The study aimed to examine the potential existence of prejudice or stigmatization in relation to the heritage language of the different ethnic groups in the communities and in relation to the users themselves. We also investigated possible differences in the manifestation of language beliefs and attitudes between the communities, as they have specific geographical, historical, cultural and socioeconomic characteristics. The initial hypothesis was that, in Marechal Cândido Rondon, there would be prestige for the dialect of the colonizers – in this case, the German descendants –, a feeling that would not occur in Guaíra, which has a more heterogeneous population, consisting of diverse cultures and marked by cross-border relations. The *corpus* data were analyzed quantitatively and qualitatively. Among the main results are the following: a) in Marechal Cândido Rondon, we verified the presence of linguistic traits typical of the language of German colonizers, who maintain their original dialects or the distinctive accent of Portuguese in contact with German, and we found contradictory attitudes of informants toward the variety of German spoken in the locality (covert prestige); b) in Guaíra, we identified the acceptance of most of the ethnic groups that make up the community, especially the Japanese descendants, and we verified the existence of significant interaction with speakers of Spanish and Guarani, with the predominant use of a language variety typical of border communities – *Portunhol/Portuñol* – to make the communication more understandable.

Keywords: Language beliefs and attitudes. Languages in contact. Immigration and border contexts.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

| | | | |
|------------|---|---|-----|
| Figura 1 | – | Relação entre crença e atitude segundo López Morales..... | 37 |
| Figura 2 | – | Mapa do Paraná com a localização do município de Marechal Cândido Rondon..... | 54 |
| Figura 3 | – | Mapa do Paraná com a localização da cidade de Guaíra..... | 63 |
| Gráfico 1 | – | Língua(s) falada(s) pelos informantes de Marechal Cândido Rondon..... | 80 |
| Gráfico 2 | – | Língua falada pelos pais nas interlocuções com os informantes rondonenses quando crianças..... | 82 |
| Gráfico 3 | – | Língua falada pelos avós nas interlocuções com os informantes rondonenses quando crianças..... | 83 |
| Gráfico 4 | – | Língua falada pelos informantes rondonenses nas interlocuções com os seus pais e avós, na infância..... | 84 |
| Gráfico 5 | – | As diferentes línguas faladas pelos rondonenses..... | 85 |
| Gráfico 6 | – | Porcentagem de informantes rondonenses que citam exemplos do espanhol argentino..... | 87 |
| Gráfico 7 | – | Porcentagem de informantes rondonenses que citam exemplos do alemão..... | 88 |
| Gráfico 8 | – | Porcentagem de informantes rondonenses que citam exemplos do italiano..... | 89 |
| Gráfico 9 | – | Impressões dos informantes rondonenses sobre quem fala melhor..... | 91 |
| Gráfico 10 | – | Impressões dos informantes rondonenses sobre quem fala pior..... | 92 |
| Gráfico 11 | – | Locais ou meios em que os informantes rondonenses ouvem línguas diferentes do português..... | 93 |
| Gráfico 12 | – | Interação dos rondonenses com falantes de origem paraguaia..... | 97 |
| Gráfico 13 | – | Interação dos rondonenses com falantes de origem argentina..... | 98 |
| Gráfico 14 | – | Interação dos rondonenses com falantes de origem alemã..... | 100 |
| Gráfico 15 | – | Interação dos rondonenses com falantes de origem italiana..... | 102 |
| Gráfico 16 | – | Observações dos informantes rondonenses quanto às línguas mais bem faladas | 103 |
| Gráfico 17 | – | Avaliação das línguas estrangeiras em geral pelos informantes rondonenses..... | 104 |
| Gráfico 18 | – | Avaliação dos informantes rondonenses quanto às línguas mais bonitas..... | 105 |
| Gráfico 19 | – | Avaliação dos informantes rondonenses quanto às línguas mais feias..... | 107 |
| Gráfico 20 | – | Observação dos informantes rondonenses quanto ao uso das línguas estrangeiras em locais públicos..... | 109 |
| Gráfico 21 | – | Opinião dos informantes rondonenses quanto ao uso das línguas em locais religiosos..... | 112 |
| Gráfico 22 | – | Opinião dos informantes rondonenses quanto às línguas estrangeiras a serem ensinadas na escola..... | 116 |

| | | |
|--------------|--|-----|
| Gráfico 23 – | Manifestação dos informantes rondonenses quanto à língua que gostariam de aprender..... | 119 |
| Gráfico 24 – | Informação dos informantes rondonenses quanto à(s) língua(s) estrangeira(s) que estudaram e que falam..... | 121 |
| Gráfico 25 – | Possibilidade de convivência com membros das diferentes etnias em Marechal Cândido Rondon..... | 123 |
| Gráfico 26 – | Amizade dos rondonenses com membros das diversas etnias..... | 128 |
| Gráfico 27 – | Percepção da sinceridade dos amigos por parte dos informantes rondonenses | 132 |
| Gráfico 28 – | Percepção de falsidade ou interesse dos amigos pelos informantes rondonenses | 134 |
| Gráfico 29 – | Ocorrência de desentendimentos entre falantes da comunidade rondonense..... | 135 |
| Gráfico 30 – | Possibilidade de namoro ou casamento com membros das diversas etnias de Marechal Cândido Rondon..... | 138 |
| Gráfico 31 – | Possibilidade de procurar médico ou dentista das diferentes etnias em Marechal Cândido Rondon..... | 143 |
| Gráfico 32 – | Língua(s) falada(s) pelos informantes de Guaíra..... | 150 |
| Gráfico 33 – | Língua falada pelos pais nas interlocuções com os informantes guairenses quando crianças..... | 152 |
| Gráfico 34 – | Língua falada pelos avós nas interlocuções com os informantes guairenses quando crianças..... | 153 |
| Gráfico 35 – | Reconhecimento de línguas diferentes do português faladas em Guaíra..... | 155 |
| Gráfico 36 – | Identificação das línguas estrangeiras faladas em Guaíra..... | 158 |
| Gráfico 37 – | Porcentagem de informantes guairenses que citam exemplos do espanhol..... | 159 |
| Gráfico 38 – | Porcentagem de informantes guairenses que citam exemplos do guarani..... | 16 |
| Gráfico 39 – | Porcentagem de informantes guairenses que citam exemplos do árabe..... | 163 |
| Gráfico 40 – | Porcentagem de informantes guairenses que citam exemplos do japonês..... | 163 |
| Gráfico 41 – | Porcentagem de informantes guairenses que citam exemplos do italiano..... | 165 |
| Gráfico 42 – | Porcentagem de informantes guairenses que citam exemplos do alemão..... | 167 |
| Gráfico 43 – | Impressões dos informantes guairenses sobre quem fala melhor..... | 167 |
| Gráfico 44 – | Impressões dos informantes guairenses sobre quem fala pior..... | 171 |
| Gráfico 45 – | Locais em que se ouvem línguas diferentes do português em Guaíra..... | 174 |
| Gráfico 46 – | Interação dos guairenses com falantes paraguaios..... | 176 |
| Gráfico 47 – | Interação dos guairenses com falantes de origem árabe..... | 177 |
| Gráfico 48 – | Interação dos guairenses com falantes de origem japonesa..... | 178 |

| | | |
|--------------|---|-----|
| Gráfico 49 – | Interação dos guairenses com falantes de origem italiana..... | 180 |
| Gráfico 50 – | Interação dos guairenses com falantes de origem alemã..... | 181 |
| Gráfico 51 – | Observações dos informantes guairenses quanto às línguas mais bem faladas | 183 |
| Gráfico 52 – | Avaliação das línguas estrangeiras em geral pelos informantes guairenses..... | 185 |
| Gráfico 53 – | Avaliação dos informantes guairenses quanto às línguas mais bonitas..... | 187 |
| Gráfico 54 – | Avaliação dos informantes guairenses quanto às línguas mais feias..... | 190 |
| Gráfico 55 – | Observação dos informantes guairenses quanto ao uso das línguas estrangeiras em locais públicos..... | 192 |
| Gráfico 56 – | Opinião dos informantes guairenses quanto ao uso das línguas em locais religiosos..... | 194 |
| Gráfico 57 – | Opinião dos informantes guairenses quanto às línguas estrangeiras a serem ensinadas na escola..... | 197 |
| Gráfico 58 – | Manifestação dos informantes guairenses quanto à língua que gostariam de aprender..... | 200 |
| Gráfico 59 – | Informação dos informantes guairenses quanto à(s) língua(s) estrangeira(s) que estudaram e que falam..... | 202 |
| Gráfico 60 – | Possibilidade de convivência com membros das diferentes etnias em Guaíra..... | 204 |
| Gráfico 61 – | Amizade dos guairenses com membros das diversas etnias em Guaíra.... | 211 |
| Gráfico 62 – | Percepção da sinceridade dos amigos por parte dos informantes guairenses..... | 217 |
| Gráfico 63 – | Percepção de falsidade ou interesse dos amigos pelos informantes guairenses | 221 |
| Gráfico 64 – | Ocorrência de desentendimentos entre falantes da comunidade guairense..... | 223 |
| Gráfico 65 – | Possibilidade de namoro ou casamento com membros das diversas etnias de Guaíra..... | 228 |
| Gráfico 66 – | Possibilidade de consultar médico ou dentista das diferentes etnias em Guaíra | 234 |

LISTA DE QUADROS

| | | | |
|-----------|---|--|-----|
| Quadro 1 | – | Perfil dos informantes de Marechal Cândido Rondon..... | 72 |
| Quadro 2 | – | Perfil dos informantes de Guaíra..... | 73 |
| Quadro 3 | – | Questionário utilizado para as entrevistas com os informantes rondonenses e guairenses..... | 74 |
| Quadro 4 | – | Possibilidade de convivência com etnias diferentes em Marechal Cândido Rondon..... | 122 |
| Quadro 5 | – | Círculo de amizades dos informantes rondonenses..... | 127 |
| Quadro 6 | – | Possibilidade de namoro ou casamento com membros das diferentes etnias em Marechal Cândido Rondon..... | 137 |
| Quadro 7 | – | Possibilidade de procurar médico ou dentista das diferentes etnias em Marechal Cândido Rondon..... | 142 |
| Quadro 8 | – | Possibilidade de convivência com etnias diferentes em Guaíra..... | 203 |
| Quadro 9 | – | Círculo de amizades dos informantes guairenses..... | 210 |
| Quadro 10 | – | Possibilidade de namoro ou casamento com membros das diferentes etnias em Guaíra..... | 223 |
| Quadro 11 | – | Possibilidade de procurar médico ou dentista das diferentes etnias em Guaíra..... | 229 |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 21 |
| 2.1 | A SOCIOLINGUÍSTICA: BASE INICIAL PARA ESTUDO..... | 21 |
| 2.2 | LÍNGUAS EM CONTATO: UMA REALIDADE, UMA HISTÓRIA..... | 25 |
| 2.3 | CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: UM OLHAR SOBRE SI MESMO E SOBRE O OUTRO..... | 32 |
| 2.4 | LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE..... | 40 |
| 2.5 | PRECONCEITO E ESTIGMATIZAÇÃO..... | 41 |
| 2.6 | ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O FALAR BILÍNGUE EM CONTEXTOS DE IMIGRAÇÃO E DE FRONTEIRA..... | 42 |
| 2.6.1 | O falar <i>Hunsrückisch</i> (HR) e o <i>Hochdeutsch</i> (HD)..... | 43 |
| 2.6.2 | Variedades fronteiriças: contato entre espanhol e português e entre espanhol e guarani..... | 48 |
| 3 | DESCRIÇÃO DAS LOCALIDADES PESQUISADAS..... | 51 |
| 3.1 | A COLONIZAÇÃO DO OESTE DO PARANÁ..... | 51 |
| 3.2 | MARECHAL CÂNDIDO RONDON..... | 53 |
| 3.2.1 | Dados geográficos e sócio-históricos..... | 53 |
| 3.2.2 | Perfil linguístico e cultural da localidade..... | 56 |
| 3.2.3 | Os rondonenses: <i>Ein Hunsrücker aus Rondon</i> e o alemón ‘Willmutt’..... | 61 |
| 3.3 | GUAÍRA..... | 62 |
| 3.3.1 | Dados geográficos e sócio-históricos..... | 62 |
| 3.3.2 | O legado cultural de Guaíra..... | 65 |
| 4 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 69 |
| 4.1 | O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA..... | 70 |
| 4.2 | O PERFIL DOS INFORMANTES..... | 70 |
| 4.3 | O QUESTIONÁRIO UTILIZADO..... | 74 |
| 4.4 | PROCEDIMENTOS PARA O TRATAMENTO, A DESCRIÇÃO E A ANÁLISE DOS DADOS..... | 76 |
| 5 | DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON..... | 79 |
| 5.1 | BLOCO DAS QUESTÕES 1 A 4..... | 79 |
| 5.2 | BLOCO DAS QUESTÕES 5 A 12..... | 84 |
| 5.3 | BLOCO DAS QUESTÕES 13 A 17..... | 92 |
| 5.4 | BLOCO DAS QUESTÕES 18 A 22..... | 102 |
| 5.5 | BLOCO DAS QUESTÕES 23 A 26..... | 109 |
| 5.6 | BLOCO DAS QUESTÕES 27 A 46..... | 121 |
| 6 | DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DE GUAÍRA..... | 150 |
| 6.1 | BLOCO DAS QUESTÕES 1 A 4..... | 150 |
| 6.2 | BLOCO DAS QUESTÕES 5 A 14..... | 155 |
| 6.3 | BLOCO DAS QUESTÕES 15 A 20..... | 173 |
| 6.4 | BLOCO DAS QUESTÕES 21 A 25..... | 182 |

| | | |
|----------|---|------------|
| 6.5 | BLOCO DAS QUESTÕES 26 A 29..... | 194 |
| 6.6 | BLOCO DAS QUESTÕES 30 A 53..... | 203 |
| 7 | COMPARAÇÃO DOS DADOS DE GUAÍRA E MARECHAL CÂNDIDO RONDON..... | 237 |
| 7.1 | LÍNGUA(S) FALADA(S) PELO INFORMANTE NA ATUALIDADE E LÍNGUA(S) USADA(S) NA INFÂNCIA NA INTERAÇÃO COM OS FAMILIARES..... | 237 |
| 7.2 | RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DAS COMUNIDADES E AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO LINGUÍSTICO DOS FALANTES..... | 239 |
| 7.3 | AMBIENTES DE USO DAS LÍNGUAS ÉTNICAS E COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DE SEUS USUÁRIOS..... | 242 |
| 7.4 | JUÍZOS DE VALOR ATRIBUÍDOS ÀS DIFERENTES LÍNGUAS E CONVENIÊNCIA DO USO DESSAS LÍNGUAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS..... | 243 |
| 7.5 | USO INSTITUCIONAL E MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM DAS LÍNGUAS DIFERENTES DO PORTUGUÊS..... | 244 |
| 7.6 | RELACIONAMENTO AFETIVO, SOCIAL OU PROFISSIONAL COM MEMBROS DAS DIVERSAS ETNIAS..... | 246 |
| 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 250 |
| | REFERÊNCIAS..... | 254 |
| | ANEXOS..... | 259 |
| | ANEXO 1 – Monumentos turísticos em estilo arquitetônico colonial ou enxaimel em Marechal Cândido Rondon..... | 259 |
| | ANEXO 2 – Construções residenciais e comerciais em estilo colonial ou enxaimel em Marechal Cândido Rondon..... | 261 |
| | ANEXO 3 – Excerto de crônica sobre <i>Ein Hunsrückler aus Rondon</i> | 262 |
| | ANEXO 4 – Fotos das Sete Quedas (Guaíra – PR)..... | 263 |
| | ANEXO 5 – Imagem de Nossa Senhora de Caacupé, padroeira do Paraguai..... | 264 |
| | ANEXO 6 – Bonecos de palha confeccionados por artesã guairense, representando personagens históricos da localidade..... | 265 |
| | ANEXO 7 – Igreja <i>Nuestro Senõr Del Perdon</i> (Igrejinha da Pedra)..... | 266 |

1 INTRODUÇÃO

Estudos relativos a crenças e atitudes linguísticas em contextos de línguas em contato são considerados cada vez mais importantes quando se pensa na situação dessas línguas porque se trata de um espaço de interlocução ideal para verificação de como o outro e sua língua são concebidos na comunidade de fala.

O estado do Paraná, pelo seu histórico de povoação, oferece um leque muito grande de oportunidades de investigação da realidade linguística de sua população, pois abriga grupos étnicos de diferentes origens, com suas línguas e culturas: os indígenas, que já habitavam o território quando chegaram os primeiros exploradores; os colonos europeus, oriundos diretamente da Europa ou de antigas colônias no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina; os imigrantes asiáticos de diversas etnias (sírios, libaneses, árabes, chineses, japoneses etc.); e os hispano-falantes que vivem na fronteira com o Paraguai e a Argentina. Todos esses grupos fazem do Paraná um caldeirão linguístico e cultural que justifica o estudo tanto da situação das línguas em contato quanto das crenças e atitudes dos falantes em relação à sua língua e à língua do outro.

Tendo em vista este cenário multilinguístico e multicultural do estado do Paraná, foi desenvolvido, em 2009, o Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, sob a coordenação da pesquisadora Vanderci de Andrade Aguilera, do qual resultou um banco de dados disponível para desenvolvimento de pesquisas que revelem características dos falantes de regiões de fronteira e/ou com um histórico de imigração. O Projeto envolveu trabalho integrado entre diversas Instituições de Ensino Superior do Paraná, notadamente a Universidade Estadual de Londrina (UEL), a Universidade Estadual de Maringá (UEM), a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

O Projeto coletou dados em oito localidades paranaenses: Ponta Grossa, Irati, Guaíra, Marechal Cândido Rondon, Foz do Iguaçu, Capanema, Pranchita e Santo Antônio do Sudoeste. O material colhido por meio do Projeto constitui-se de respostas dadas a 48 perguntas dirigidas a 18 informantes de cada localidade (em Foz do Iguaçu, foram 36 informantes, dada a grande variedade de grupos étnicos que lá se instalaram e, conseqüentemente, de línguas faladas por esses grupos), selecionados a partir de três variáveis extralinguísticas: nível de escolaridade, faixa etária e sexo.

Esses dados vêm sendo analisados por diversos estudantes de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) das universidades já citadas. As pesquisas se voltam para o modo

como os falantes concebem o outro em seu cotidiano, considerando a fala e o comportamento. Sendo assim, as relações sociais e a organização dos grupos são percebidas nas condições de existência marcada pelas características geográficas, históricas, sociais e culturais da comunidade, que ditam a dinâmica entre os elementos internos e externos da língua.

Nesta tese, também baseada nos dados do Projeto, o olhar se volta para as crenças e atitudes existentes em Marechal Cândido Rondon e Guaíra, municípios paranaenses que têm características distintas, seja no aspecto da localização geográfica, seja no aspecto da constituição histórica e social dessas localidades. Quando se observam os dados colhidos com relação às comunidades em estudo, percebe-se um leque no que tange ao multilinguismo, embora de modo distinto e bastante peculiar em cada localidade.

Em Marechal Cândido Rondon, ainda existem fenômenos de bilinguismo remanescentes da cultura de descendentes alemães que cultivaram seus modos de se expressar, inclusive na língua, em quase todos os domínios da sociedade rondonense, para manter as experiências vividas pelos seus antepassados nas antigas colônias do Rio Grande do Sul. De acordo com Borstel (1992):

A tradição herdada dos antepassados ainda é intensamente cultivada em Marechal Cândido Rondon: torneios de bolão e clubes de bocha (*Kegelklub*), festas de igreja (*Kerbfest*) [...]. A prefeitura se encarrega anualmente de organizar a *Ocktoberfest* animadas por bandinhas típicas da Alemanha, Blumenau e de Marechal Cândido Rondon, onde são apresentadas as danças folclóricas alemãs por diversos grupos de danças de adultos e crianças, para resgatar as raízes culturais dos descendentes germânicos [...]. Destacam-se, ainda, as várias associações de corais, bandas de músicas e escolas de música que procuram manter e incentivar a tradição alemã (BORSTEL, 1992, p. 62).

Guaíra, por sua vez, apresenta um contexto multicultural mais diversificado, conforme anuncia Rezende (2008), pois

em sua composição populacional, diferentes grupos étnicos destacam-se: os indígenas, paraguaios, argentinos, japoneses, alemães, italianos, portugueses, espanhóis, russos, lituanos, estonianos e negros que contribuíram para o desenvolvimento do comércio, das indústrias, da agricultura, da educação, turismo, artesanato, etc. (REZENDE, 2008, p. 7).

Segundo a autora, também existem traços deixados pela “cultura inglesa na construção das casas e no traçado das ruas no bairro denominado Guaíra Velha” (REZENDE, 2008, p. 8).

Assim, é possível vislumbrar, nas comunidades sob estudo, cenários típicos de línguas em contato com o português. Observa-se que espaços de circulação social, como cultos

religiosos, comércio, festas típicas etc. servem para acionar algumas atitudes positivas ou negativas com relação às variedades faladas pelos colonizadores ou pelos argentinos e paraguaios residentes na região fronteiriça.

As peculiaridades em relação às duas comunidades motivaram a seguinte hipótese inicial: em Marechal Cândido Rondon, mantém-se um sentimento de que o dialeto do colonizador, descendente de alemães, tem um estatuto de mais prestígio, sentimento este que não se encontra em Guaíra, cuja população é formada por grupos de diversas etnias.

Diante de perguntas que motivam o posicionamento dos falantes, ora sobre a língua, ora sobre o próprio falante, esta pesquisa pode refletir a realidade de línguas em contato nessa região de fronteira, marcada também pela colonização por descendentes de imigrantes de diversas etnias. Sob essa perspectiva, estabeleceu-se, como objetivo geral desta tese, o de descrever crenças e atitudes dos falantes das duas comunidades a partir do cotejo dos dados presentes nos *corpora* do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*. Os objetivos específicos são os seguintes: (i) descrever atitudes linguísticas de falantes das comunidades sob estudo; (ii) comparar os dados relativos às duas localidades, verificando em que medida se assemelham e se distinguem e quais são os fatores responsáveis pelas distinções e/ou semelhanças; e (iii) refletir sobre os resultados obtidos para estabelecer considerações que deem suporte para o desenvolvimento de mais pesquisas sobre o assunto.

É importante mencionar que a seleção do tema de pesquisa para esta tese reflete uma motivação pessoal, marcada pelas vivências e pelas escolhas de sua autora. O interesse pelo tema da diversidade linguística acompanha a autora há muito tempo, embora sob formas diferentes. Já em uma de suas primeiras atividades profissionais, trabalhando com crianças na Educação Infantil em um colégio particular de Curitiba, era de praxe conviver com alunos de diversas nacionalidades, com línguas diferentes do português e culturas diferentes da brasileira, o que gerava interações bastante interessantes. Era possível observar o comportamento natural entre as crianças usuárias do português e as provenientes de países estrangeiros, como Alemanha, Suíça, França e Inglaterra, entre outros: a interação se estabelecia, no início, por meio de gestos, mímicas, e evoluía até a desejada interação em português. As crianças estrangeiras rapidamente se tornavam falantes da língua portuguesa, o que se deve, em grande parte, à interação com crianças que falavam apenas o português. Em suas respectivas casas, no entanto, utilizavam a língua materna, aprendida com seus pais e familiares, muitas vezes mescladas já com vocábulos do português (os pais, ao comentarem sobre isso, falavam que seus melhores professores de língua portuguesa eram seus próprios

filhos, pois eles corrigiam os pais quando estes cometiam “deslizes” e apresentavam sotaques, por influência de sua primeira língua).

Nesse período, fatos inusitados e frequentes chamavam a atenção da autora e a intrigavam, mas a ausência de estudos e leituras focalizadas nesses fenômenos linguísticos, na época, não permitiam uma compreensão adequada dos fenômenos vivenciados, como, por exemplo, quando uma das crianças, certa vez, caiu e se machucou, e, embora já soubesse se expressar em português, preferiu utilizar a sua língua materna para solicitar ajuda. Weinreich (1974) postula em seus estudos, publicados em *Languages in contact*¹, que é natural a ocorrência de certas ações, principalmente aquelas regidas pela emoção, fazendo emergir a língua materna. Ou seja, por meio da língua, são acionadas lembranças de aconchego, de segurança do lar, permitindo inferir que, no caso da criança que preferiu pedir ajuda em sua língua materna, tal atitude foi não intencional, inconsciente.

A trajetória educacional, trilhada por distintas áreas e níveis escolares, foram experiências marcantes para a autora, que, posteriormente, ao iniciar o trabalho com graduandos do curso de Letras, permitiram-lhe voltar no tempo, embora com outros olhares. Assim, ao ser escolhido o projeto de pesquisa que deu origem à dissertação de Mestrado (LAMB FENNER, 2001), leituras e estudos pertinentes às línguas em/de contato e ao bilinguismo foram os pilares da fundamentação teórica e da dissertação como um todo.

A oportunidade que surgiu com a possibilidade de trabalhar com o material coletado pelo Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, num viés comparativo entre duas comunidades, foi a grande motivação para desenvolver o projeto inicial de Doutorado. Vale registrar que a coordenadora do Projeto, professora Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), e sua maior colaboradora nesse empreendimento, professora Aparecida Feola Sella (Unioeste), estão inseridas no Programa de Pós-Graduação do Curso de Doutorado em Letras e Linguística (Doutorado Interinstitucional Unioeste/UFBA). Essas pesquisadoras buscam, ao orientar trabalhos de Mestrado e Doutorado a partir dos dados do Projeto, dar visibilidade ao que acontece nos contextos de fronteira e imigração. A abordagem proposta motivou a autora desta tese a se inserir no Projeto matriz e trabalhar com duas localidades do Oeste do Paraná que são, em parte, familiares, pelo fato de a autora residir nessa região há décadas.

O contato com as duas comunidades, Marechal Cândido Rondon e Guaíra, não é recente. O fato de a autora ter residido por aproximadamente dez anos em Marechal Cândido

¹ Esta obra foi publicada, inicialmente, em 1953. A versão utilizada nesta tese é de 1974.

Rondon, tendo contato com parentes e amigos dessa cidade, contribuiu, de muitas maneiras, para uma melhor compreensão da realidade linguística dessa localidade, mas, por outro lado, exigiu um maior monitoramento da autora-pesquisadora, buscando o distanciamento necessário para não incorrer em pré-julgamentos e “atropelar” análises.

A cidade de Guaíra, embora não tão familiar à autora, abriga amigos e conhecidos que residem nessa localidade há cerca de trinta anos. Vale registrar que, somente ao iniciar esta pesquisa e visitar Guaíra para realizar algumas entrevistas, foi descortinado esse cenário multilíngue e multicultural tão instigante para todos aqueles que se interessam pela pesquisa sociolinguística em comunidades com uma realidade linguística e culturalmente complexa como é a da comunidade guairense, moldada pela convivência de grupos étnicos de diferentes origens e pela presença da fronteira com um país hispano-falante, o Paraguai.

Não seria exagero dizer que, a partir deste contato da autora com a realidade guairense, essa comunidade passou a ser vista/percebida com outros olhares, ou seja, passou a ser referência quando o tema girar em torno do multilinguismo e do multiculturalismo. Embora não tenha participado diretamente de todo o processo de coleta de dados inicial, para compor os *corpora* do Projeto, a autora, ao visitar Guaíra para complementar algumas entrevistas, teve a oportunidade também de manter conversas espontâneas com algumas famílias que residem nessa localidade há mais de trinta anos. De certa maneira, a proximidade com alguns cidadãos guairenses possibilitou uma experiência, mínima que fosse, de inserção na realidade da comunidade, permitindo tecer observações a respeito do objeto investigado.

Em Marechal Cândido Rondon, os laços de parentesco e de amizades de longa data possibilitaram, de certa forma, fornecer retratos, ainda bastante vivos, das características da comunidade rondonense. Por outro lado, as entrevistas gravadas revelaram também muitos aspectos diferentes dos esperados, como, por exemplo, a surpresa ao checar as respostas à primeira pergunta do questionário – “Que língua você fala?”. Perplexidade seria o termo apropriado, pois, em suas respostas, muitos entrevistados de origem alemã não demonstraram, inicialmente, que tiveram contato com a língua de herança ou que participavam de certos domínios, como encontros informais e festas típicas alemãs, em que as interações com os pares surgem espontaneamente em alemão, embora com alternância de código, que, segundo autores como Weinreich (1974) e Grosjean (1982), dentre outros, é bastante comum na situação de contato de línguas. Os usos linguísticos, nesses cenários, são ditados por elementos como os tópicos abordados, os interlocutores, enfim, o contexto apropriado para realizar as ações comunicativas comuns aos que comungam dessa situação bilíngue.

À medida que as entrevistas avançavam, os informantes mostravam-se mais à vontade com seus entrevistadores, permitindo que falas espontâneas afluíssem, revelando que é possível encontrar, na comunidade rondonense, principalmente, a variedade alemã *Hunsrückisch*, ou seja, as respostas convergiam para a constatação da lealdade linguística dos falantes de alemão.

Contudo, é preciso frisar que o cidadão rondonense se percebe como alemão-brasileiro, diferente do alemão nascido na Alemanha, até porque os sujeitos da pesquisa já são descendentes de terceira geração em diante, passaram pelo processo migratório e não possuem a experiência vivida pelos primeiros imigrantes. As histórias ouvidas, os cantos entoados, as festas com suas danças, comidas e bebidas dos seus antepassados povoam a memória e são cultivadas pelas gerações atuais. Tais aspectos, muitas vezes, apresentam ainda muita similaridade com a pátria dos ancestrais, mas também sugerem muitas adaptações ao contexto brasileiro.

Nas duas comunidades analisadas, é possível verificar a veracidade dos estudos de Calvet (2002) ao se referir ao “[...] conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam [...]” (CALVET, 2002, p. 65). No caso de Marechal Cândido Rondon, de um lado, tem-se uma comunidade em que a variedade alemã *Hunsrückisch*, em certos momentos, é identificada ou declarada como um alemão “incorreto”, “misturado” e que interfere, segundo alguns entrevistados, no falar “correto” da língua portuguesa, constringendo os falantes bilíngues, pois se consideram usuários que não falam nem um nem outro idioma “corretamente”, ou seja, não utilizam a forma padrão do alemão (*Hochdeutsch*), tampouco a do português. De outro lado, verifica-se prestígio encoberto² da variedade dialetal, pois muitos informantes se declaram a favor de aprender a língua de herança, ou melhor, mostram-se conscientes da necessidade de preservá-la e de estudá-la por diversas razões.

No caso de Guaíra, essa comunidade multilíngue e multicultural revela, ao menos nos domínios familiares, nas feiras e nos eventos típicos, a convivência harmoniosa entre os pares e a relevância de sua lealdade linguístico-cultural. Pelas entrevistas, por exemplo, verifica-se que o grupo japonês é muito respeitado pelos guairenses em geral, pois muitos informantes avaliam os japoneses como pessoas de boa índole, que cuidam muito bem da sua família

² O conceito de “prestígio encoberto” foi postulado por Labov (2008) para se referir ao sentimento do falante em relação à variedade de que é usuário, a qual é geralmente avaliada pelo grupo cultural dominante como sendo inferior, mas que é usada pelos falantes no intuito de manter sua identidade no interior de seu grupo social.

(especialmente dos seus idosos) e que contribuem para a integração da comunidade guairesense, participando e estendendo sua solidariedade a diferentes atividades da sociedade.

Essas e outras constatações foram surgindo ao longo do trabalho, reveladas tanto pelos dados quantitativos, representados em gráficos, quanto pelos dados qualitativos, por meio da análise do conteúdo das respostas selecionadas para esta tese.

Para apresentar a pesquisa, organizou-se seu conteúdo em oito seções. A seção 1 traz a introdução. A seção 2 se refere à fundamentação teórica da pesquisa, em que se discutem conceitos como línguas em contato, crenças e atitudes linguísticas, preconceito e estigmatização, entre outros. A seção 3 faz uma contextualização a respeito das localidades pesquisadas: sua localização, sua história e seu perfil linguístico e cultural. A seção 4 descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa. As seções 5 e 6 apresentam a análise dos dados das duas localidades investigadas, Marechal Cândido Rondon e Guaíra. A seção 7 tece um comparativo entre as duas localidades, a partir da síntese dos resultados encontrados. Finalmente, a seção 8 traz as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico que fundamenta esta pesquisa congrega estudos voltados a crenças e atitudes linguísticas e línguas em contato, tendo em vista que o *corpus* sob análise é constituído por inquéritos realizados em comunidades localizadas no Oeste do Paraná, que se caracteriza por ser região de fronteira e por ter sido colonizada principalmente por descendentes de imigrantes de diversas origens étnicas. Nos dois municípios sob pesquisa – Marechal Cândido Rondon e Guaíra –, observa-se o fenômeno do contato linguístico, em que é perceptível a cultura do outro no relacionamento entre os pares.

Considerando que o *corpus* desta pesquisa está vinculado ao Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* desenvolvido por Aguilera (2009), as orientações teóricas seguem os norteamentos que a pesquisadora utilizou no sentido de verificar como os falantes avaliam sua fala e a fala do outro.

O estudo também se pauta, ainda que não seja este seu foco principal, nas contribuições de Weinreich, Labov e Herzog (2006), de Labov (2008) e de autores que os seguem, com o objetivo de colher pistas relativas ao fenômeno da heterogeneidade linguística, já que as comunidades sob estudo apresentam características que evidenciam a convivência de falantes de línguas e culturas diferentes.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA: BASE INICIAL PARA O ESTUDO

A afirmação de Calvet (2002, p. 12) de que “[...] as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”, repetindo o postulado de Coseriu (1987) de que as palavras não “viajam” por si mesmas, mas são introduzidas no acervo de um indivíduo por meio da fala de outro indivíduo, mediante contatos, mostra claramente que não há como desvincular a língua de seus falantes e de seu contexto sócio-histórico; aliás, esse é um pressuposto básico dos estudos sociolinguísticos.

Toma-se essa premissa, então, como referencial para esta tese, cujo mote é investigar as crenças e atitudes dos falantes entrevistados diante de sua própria fala e da fala dos outros, considerando que esses falantes têm suas histórias de vida, seus costumes, suas formas de sentir e atribuir valor, e, por essa razão, podem revelar muito do que pensam, de como se comportam e como avaliam os falares e falantes.

É fato que, em todas as comunidades, encontram-se maneiras, normas de falar determinadas línguas consideradas melhores, seja porque são faladas por uma classe social prestigiada, seja porque a mídia promove essa noção do falar mais “correto”, enquanto outras variedades são desprestigiadas. Entretanto, segundo Calvet (2002),

[...] o que interessa à sociolinguística é o comportamento social que essa norma pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria língua, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar (CALVET, 2002, p. 69).

Na obra de Weinreich, Labov e Herzog (2006), encontram-se elucidações sobre as implicações da língua dissociada dos fatores de ordem psicológica ou sociológica, ou seja, é nas relações sociais que o comportamento de fala deve ser entendido, pois, fora desse contexto, não há uma compreensão que alcance, de fato, toda a complexidade da heterogeneidade da fala e do comportamento humano. Na citação a seguir, os autores fazem referência à contribuição de Weinreich, em sua obra *Languages in contact*, de 1953:

Obviamente, o linguista está autorizado a abstrair a língua de considerações de natureza psicológica ou sociológica. Na verdade, ele DEVERIA postular problemas puramente linguísticos sobre o bilingüismo [...]. Mas a extensão, a direção e a natureza da interferência de uma língua sobre outra podem ser explicadas ainda mais amplamente em termos do comportamento de fala de indivíduos bilíngües, o qual por sua vez é condicionado por relações sociais na comunidade em que ele vive (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 96).

Na mudança do cânone linguístico em que imperavam os estudos neogramáticos, focalizando apenas a língua como sistema e desconsiderando os fatos sociais que permeiam a língua, é notória a contribuição de Weinreich, Labov e Herzog (2006) no sentido de procurar “acomodar a heterogeneidade ordenada como uma realidade inerente às línguas e não como um fenômeno marginal” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 29).

Os autores apresentam novos rumos, direcionando o enfoque para a língua como um fenômeno heterogêneo, propondo

que o axioma da homogeneidade seja abandonado, instaurando-se em seu lugar o axioma da heterogeneidade ordenada. Buscam assim caminhos teóricos para harmonizar os fatos da heterogeneidade (a língua como uma realidade inerentemente variável) com a abordagem estrutural (a língua como uma realidade inerentemente ordenada) (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 13).

Nesse direcionamento, os autores asseveram que considerar o axioma da “heterogeneidade ordenada da língua é também aceitar como heterogênea e ordenada a competência dos falantes” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 14).

Os estudos da Sociolinguística nos anos 50 e 60 tiveram grande repercussão no cenário das pesquisas sobre a linguagem, o que se deve, segundo Preti,

[...] possivelmente, à grande divulgação dos estudos de comunicação, à necessidade de maior aproximação com outros povos, ou de conhecimento melhor da própria comunidade (num diálogo em que os estudos multidialetais e multilíngues teriam especial significação) e à divulgação, cada vez maior, dos estudos de Sociologia e Linguística (PRETI, 1982, p. 3).

Alkmim observa que Bright³, em 1964, afirmava que “o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística” e, como medida, sugeria “relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (ALKMIM, 2004, p. 28).

É notória a repercussão dos estudos da linguagem e sociedade entre os estudiosos do século XX, que se valeram dos estudos acadêmicos norte-americanos e áreas com abrangência social, como a Psicologia e a Sociologia, o que propiciou trabalhos integrados entre antropólogos e linguistas, favorecendo uma abordagem que une linguagem, sociedade e cultura.

Outra área de estudos que segue a esteira da relação entre linguagem e sociedade é a Etnografia da Fala, posteriormente denominada Etnografia da Comunicação, proposta por Hymes na década de 60, que busca em áreas como a Etnologia, a Psicologia e a Linguística explicações para “descrever e interpretar o comportamento linguístico no contexto cultural e, deslocando o enfoque tradicional sobre o código linguístico, procura definir as funções da linguagem a partir da observação da fala e das regras sociais próprias de cada comunidade” (ALKMIM, 2004, p. 30).

Fishman (1999) atribui ao termo ‘sociolinguística’ uma conotação mais de um adjetivo do que de um substantivo, englobando as áreas da Sociologia da Linguagem e da Sociolinguística. O autor afirma que essas duas áreas contribuem para que o uso da linguagem e as atitudes linguísticas se constituam como áreas compatíveis, pois nem a tradicional Sociologia nem a tradicional Linguística têm prestado muita atenção a essa área de fronteira entre elas. Segundo o autor, a perspectiva sociolinguística credita às áreas da Sociologia da

³ De acordo com Alkmin (2004), Bright, em 1964, organizou um congresso que resultou posteriormente em uma obra escrita pelos pesquisadores interessados na temática linguagem e sociedade: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona.

Linguagem e da Sociolinguística um abrigo para a Psicologia Social, possibilitando estudos integrativos nessas três disciplinas.

Segundo Alkmim (2004, p. 31), “o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.” Toma-se, assim, a comunidade linguística como foco de estudo, a qual abarca “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos” (ALKMIM, 2004, p. 31).

Inicialmente, o termo ‘sociolinguística’ agregou pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e com estudos e práticas do fenômeno linguístico na sociedade norte-americana, dando vez a estudos das minorias linguísticas, como imigrantes, e estudos preocupados com o “fracasso escolar” das crianças de classes sociais desfavorecidas (negros e imigrantes). Os estudos labovianos sinalizaram para o plano linguístico e cultural dos Estados Unidos como ponto central para um grande número de pesquisadores concentrarem e fortalecerem suas atenções à heterogeneidade da língua.

Nas pesquisas desenvolvidas por Labov, como a de 2008⁴, observa-se um deslocamento do enfoque tradicional sobre o código linguístico para a forma como os falantes recorrem à língua para lidar com regras sociais específicas de uma comunidade. O autor, no estudo da ilha de Martha’s Vineyard (LABOV, 2008), avaliou pressões sociais sobre as línguas, o que, de certa forma, pode ser levado em consideração quando se pensa nos fenômenos relacionados ao contato linguístico.

Labov (2008) observa que

As atitudes dos falantes para com variáveis linguísticas bem estabelecidas também se mostram nos *testes de auto-avaliação*. Quando indagadas sobre quais dentre várias formas são características de sua própria fala, as respostas das pessoas refletem a forma que elas acreditam gozar de prestígio ou ser “a correta”, mais do que a forma que elas realmente empregam. Aqui, novamente, esse tipo de dados colhidos em testes não podem ser interpretados sem dados sobre os padrões de fala real das pessoas (LABOV, 2008, p. 248).

O autor, ao dirigir suas observações para o fenômeno das variáveis em relação ao prestígio que elas representam na ilha de Martha’s Vineyard, contribui para reflexões sobre a importância de colher dados em situações reais de fala, o que está diretamente relacionado com a forma como o pesquisador deve conceber os sujeitos entrevistados.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 103) comentam que “o estudo do problema da *avaliação* na mudança linguística é um aspecto essencial da pesquisa que conduz a uma

⁴ Esta pesquisa foi realizada por Labov em 1963 e publicada em 1964. A versão utilizada nesta tese é a de 2008.

explicação da mudança”. Sobre a existência de variáveis linguísticas dentro do sistema, os autores afirmam:

O sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que co-variam mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralingüísticas ou lingüísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima co-variação entre as variáveis lingüísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 108).

Labov (2008) observou que “os modos como os fatores sociais incidem sobre os traços lingüísticos num mecanismo cíclico se baseia em padrões repetidos” e que “fatores lingüísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados” (LABOV, 2008, p. 126). Depreende-se que conceber cada um desses fatores separadamente não auxilia na compreensão do comportamento lingüístico.

2.2 LÍNGUAS EM CONTATO: UMA REALIDADE, UMA HISTÓRIA

Em todas as línguas há variações, maneiras de se expressar de acordo com o contexto social, ora mais formal, ora informal, utilizando expressões adequadas ao interlocutor. Em Lamb Fenner (2001), à guisa de ilustração, apresenta-se a expressão *Is net fácil* (Isto não é fácil), compartilhada por um grupo de descendentes alemães e moradores de Marechal Cândido Rondon. Esta expressão já se tornou comum, podendo muitas vezes até ser compreendida e utilizada por moradores que não sejam da mesma etnia.

Fishman (1999) revela que na vida diária ocorre a apropriação de falas que vão ao encontro de objetivos e intenções, o que favorece interações nos mais diferentes espaços da sociedade. E são essas interações que geram adaptações aos mais diferentes contextos, mesmo como usuários monolíngues.

Os conceitos de dialeto, sotaque e variedade são noções básicas para os propósitos desta pesquisa. Conforme já dito anteriormente, os trabalhos da Sociolinguística vêm mostrando que a variação e a mudança são fenômenos inerentes à constituição de qualquer língua. Ou seja, todas as línguas são heterogêneas e estão sujeitas a mudanças. Ferreira et al. (1996, p. 479) observam que a variação é um modo “de a língua ser viva”.

A heterogeneidade linguística, porém, nem sempre foi reconhecida como algo natural. Muitas variedades que se distanciavam da língua padrão tinham (e continuam tendo, mesmo

com os avanços dos estudos sociolinguísticos) um estatuto de língua inferior, de baixo prestígio, ao serem comparadas com a língua “correta”. Nesse entendimento de um sistema estável, determinada língua é tida como única a possuir o *status* de aceitável na sociedade.

A língua destituída das características da norma padrão e que se manifesta por meio da sua diversidade pelos seus falantes é conhecida por dialeto. Mas, não é fácil estabelecer limites entre o que seja língua e o que seja considerado dialeto, pois, segundo Ferreira et al. (1996),

[...] aquilo que era inicialmente uma só língua, embora sempre com variações de alguma ordem, pode, por razões históricas e geográficas, por condições melhores ou piores de comunicação, fragmentar-se em variedades que passam a evoluir separadamente – tornando-se por sua vez dialectos ou línguas, conforme as circunstâncias. [...] Diferenças de valor estritamente lingüístico entre língua e dialecto não existem. Existem, sim, diferenças de estatuto: o dialecto é sempre uma variedade de um determinado sistema lingüístico reconhecido oficialmente como Língua (FERREIRA et al., 1996, p. 482).

Ferreira et al. (1996) chamam a atenção ao “socioleto”, isto é, uma variedade linguística partilhada por um grupo social, mas observa que a variação, mesmo dentro de determinado grupo, também ocorre de uma forma individual, ou seja, cada indivíduo possui uma maneira peculiar de utilizar a língua – o “idioleto”.

Chambers e Trudgill (1994) explicam que, na linguagem cotidiana, o dialeto é visto como uma forma de língua de menos valor, frequentemente rústica, que não possui uma tradição escrita, mas é apenas utilizada na oralidade, servindo, assim, à classe trabalhadora e a outros grupos sem prestígio. Por essa razão, geralmente se atribui ao termo “dialeto” uma conotação de errado, de desvio da norma.

Os autores, porém, têm uma concepção diferente⁵: “Partiremos, pelo contrário, da ideia de que todos os falantes possuem ao menos um dialeto – de que o inglês *standard* é, por exemplo, um dialeto tão claro quanto qualquer outra forma do inglês – e de que não há nenhum sentido supor que determinado dialeto seja superior a outro”⁶ (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 19). Nesta tese, adota-se a definição de Chambers e Trudgill (1994), ou seja, a de que dialeto é qualquer forma de uma língua, sem conotação pejorativa.

Entende-se que o termo “variedade”, de conotação mais neutra, segundo Chambers e Trudgill (1994), possa ser usado para se referir à maioria dos casos aos quais se aplicaria o

⁵ Todas as traduções desta tese são de responsabilidade de sua autora.

⁶ Partiremos, por el contrario, de la idea de que todos los hablantes lo son al menos de un dialecto – de que el inglés estándar es, por ejemplo, un dialecto tan claro como cualquier otra forma del inglés – y de que no tiene ningún sentido suponer que un dialecto cualquier es lingüísticamente superior a otro.

termo “dialeto”. Este entendimento evita a carga pejorativa deste último termo. Chambers e Trudgill (1994) também fazem uma distinção importante entre “sotaque” e “dialeto”, conceitos muitas vezes confundidos na linguagem cotidiana:

Sotaque alude ao modo como um falante pronuncia e, portanto, aplica-se a uma variedade que é fonética e/ou fonologicamente diferente de outras variedades. *Dialeto*, por sua vez, refere-se às variedades que são diferentes tomando-se um ponto de vista gramatical (e talvez léxico), além do fonológico, de outras variedades. [...] Os dialectos e os sotaques com frequência se fundem uns com outros sem que exista uma separação definida⁷ (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 22).

Outro conceito importante para esta tese é o de comunidade linguística e/ou de fala, que podem ser termos sinônimos ou conceitos diferenciados, dependendo da concepção dos autores que tratam desse tema. Segundo Moreno Fernández (1998), quando o sociolinguista se refere aos conceitos elucidativos de comunidades de fala e linguística, faz distinções. O autor ilustra com o exemplo da língua espanhola:

Quando, em Sociolinguística, lida-se com o conceito de “comunidade de fala” está-se pensando em algo mais concreto que o conjunto de falantes de uma língua histórica – ao que se tem chamado de *comunidade idiomática* – ou de uma língua em um momento e um território determinados (*comunidade linguística*). Os indivíduos que têm utilizado, utilizam e utilizarão uma língua, como o espanhol, em qualquer de suas variedades geográficas, sociais e estilísticas, formam uma comunidade idiomática; os falantes de língua espanhola formam neste momento uma *comunidade linguística*⁸ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 19).

Moreno Fernández (1998) atribui ao termo “comunidade de fala” um sentido mais restrito. Tem-se, assim:

Uma *comunidade de fala* é formada por um conjunto de falantes que compartilham, efetivamente, ao menos, uma língua, mas que, também, compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística: compartilham as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, o mesmo critério na hora de avaliar socialmente os fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolinguísticos. Os hispanofalantes do México e da Espanha pertencem à mesma comunidade idiomática, mas não à mesma comunidade de fala. Os membros de uma comunidade de fala são capazes de se reconhecer quando compartilham opinião sobre algo que é

⁷ *Acento* alude al modo en que un hablante pronuncia y, por tanto, se aplica a una variedad que es fonética y/o fonológicamente diferente a otras variedades. *Dialecto*, por su parte, se refiere a las variedades que son diferentes desde un punto de vista gramatical (y quizás léxico) además de fonológico de otras variedades. [...] Los dialectos y los acentos con frecuencia se funden unos con otros sin que exista una separación definida.

⁸ Cuando en sociolingüística se maneja el concepto de “comunidad de habla”, se está pensando en algo más concreto que el conjunto de hablantes de una lengua histórica – a lo que se ha llamado *comunidad idiomática* – o de una lengua en un momento y en un territorio determinados (*comunidad lingüística*). Los individuos que han utilizado, utilizan y utilizarán una lengua, como el español, en cualquiera de sus variedades geográficas, sociales y estilísticas, forman una *comunidad idiomática*; los hablantes de lengua española forman en este momento una *comunidad lingüística*.

vulgar, o que é familiar, o que é incorreto, o que é arcaico e antiquado. Por isso, o cumprimento das normas sociolinguísticas a que obriga o pertencimento a uma comunidade pode servir de marca diferenciadora, de marca de grupo, e, por isso, os membros de uma comunidade frequentemente acomodam seu discurso às normas e valores compartilhados⁹ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 19-20).

Outros conceitos importantes para esta pesquisa são o de bilinguismo e o de diglossia. Nos estudos do contato entre línguas, o bi-multilinguismo tem sido conceituado sob diferentes óticas. Grosjean (1982), com relação ao fato de o bilinguismo não ser um fenômeno contemporâneo, observa que

O bilingüismo não apenas é mundial como é um fenômeno que existe desde o início da linguagem na história humana. É provavelmente verdadeiro que nenhum grupo lingüístico tenha existido isoladamente de outros grupos lingüísticos, e a história das línguas está repleta de exemplos de contato lingüístico que leva a alguma forma de bilingüismo¹⁰ (GROSJEAN, 1982, p. 1).

Os estudos sobre o bilinguismo, entendido como um fenômeno individual, floresceram entre as décadas de 30 e 50, com enfoque na análise de aspectos como a competência, o desempenho, a interferência e a fluência. Segundo Grosjean (1982), Bloomfield, em 1935, realizou um dos primeiros trabalhos de natureza linguística sobre o bilinguismo do qual se tem conhecimento. Para Bloomfield, o bilíngue ideal só poderia ser entendido como aquele falante que possuísse o mesmo grau de proficiência nas duas línguas, cujo desempenho linguístico se assemelhasse em todos os níveis de fala, leitura, escrita e compreensão.

Porém, Grosjean (1982) expõe que o bilinguismo está presente, praticamente, em todas as nações do mundo, em todas as classes sociais e em todas as faixas etárias e a sua aquisição ocorre em diferentes fases da vida, por isso, dificilmente, o indivíduo é igualmente fluente em todas as línguas em todos os níveis.

⁹ Una *comunidad de habla* está formada por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente, al menos, una lengua, pero que, además, comparten un conjunto de normas y valores de naturaleza sociolingüística: comparten unas mismas actitudes lingüísticas, unas mismas reglas de uso, un mismo criterio a la hora de valorar socialmente los hechos lingüísticos, unos mismos patrones sociolingüísticos. Los hispanohablantes de México y de España pertenecen a una misma comunidad idiomática, pero no a una misma comunidad de habla. Los miembros de una comunidad de habla son capaces de reconocerse cuando comparten opinión sobre lo que es vulgar, lo que es familiar, lo que es incorrecto, lo que es arcaizante e anticuado. Por eso el cumplimiento de las normas sociolingüísticas al que obliga la pertenencia a una comunidad puede servir de marca diferenciadora, de marca de grupo, y por eso los miembros de una comunidad suelen acomodar su discurso a las normas y valores compartidos.

¹⁰ Not only is bilingualism worldwide, it is a phenomenon that has existed since the beginning of language in human history. It is probably true that no language group has ever existed in isolation from other language groups, and the history of languages is replete with examples of language contact leading to some form of bilingualism.

Contrariamente à crença geral, bilíngües raramente são igualmente fluentes em suas línguas; alguns falam uma língua melhor que outra, outros usam uma de suas línguas em situações específicas, e outros, ainda, podem ler ou escrever apenas numa das línguas que falam. Contudo, o que os caracteriza é o fato de que eles interagem com o mundo à sua volta em duas ou mais línguas¹¹ (GROSJEAN, 1982, Prefácio, p. vii).

Weinreich (1974) explica que, numa fala afetiva, a atenção do falante recai quase completamente sobre o assunto discutido, e a transferência de palavras é particularmente comum. O autor chama a atenção para esse fenômeno, que se trata de alternância no caso de línguas em contato, já que a fala bilíngue só é acionada em momentos de familiaridade. Nesse sentido, alguns tópicos são abordados melhor em determinada língua do que em outra, pois o bilíngue aprendeu a lidar com determinados tópicos em uma língua e não em outra.

Lamb Fenner (2001) observa que certos temas de cunho mais afetivo ou voltados para tópicos familiares (por exemplo, algo que se aprendeu a fazer muito bem em uma língua, como rezar) tendem a ser expressos na língua aprendida na infância, ou seja, na língua mãe. Em sua pesquisa desenvolvida com um grupo da comunidade urbana cascavelense, ao entrevistar algumas senhoras, em meio a uma conversa informal, deparou-se com uma questão que surgiu no grupo relacionada a enumerar itens, em que uma das entrevistadas relatou que até os dias atuais possui dificuldades em contar os algarismos em língua alemã e tampouco efetuar cálculos matemáticos, temas que havia aprendido na escola em português. A dificuldade se explica pelo fato de que, em alemão, os numerais são lidos inversamente: por exemplo, o numeral 61 (sessenta e um), em alemão, lê-se *ein und sechzig*, ou seja, “um e sessenta”. A autora observou que várias pessoas sentadas próximas a essa senhora anuíram, pois o mesmo ocorria com elas, o que significa que certos assuntos são mais bem abordados em uma língua do que em outra.

Grosjean (2010) critica a visão monolíngue do bilinguismo, ou seja, a caracterização do bilíngue como a pessoa que utiliza fluentemente todas as habilidades na(s) língua(s) que fala. Tal concepção revela mitos, como o de que o “verdadeiro” bilíngue não possui sotaque em nenhuma das línguas que fala, ou o de que, ao se comunicar com monolíngues, o bilíngue não deixa que uma língua interfira na outra, ou, ainda, o de que bilíngue é aquele que aprendeu suas línguas na infância, crenças que não retratam a verdadeira realidade de um universo de línguas em contato.

¹¹ Contrary to general belief, bilinguals are rarely equally fluent in their languages; some speak one language better than another, another use one of their languages in specific situations, and others still can only read or write one of the languages they speak. And yet, what characterizes all of them is that they interact with the world around them in two or more languages.

Pesquisadores como Weinreich (1974), Mackey (2000) e Grosjean (1982; 2010) preferem a definição do termo bilinguismo como o uso alternado de duas ou mais línguas. Grosjean (2010) refere-se a bilíngues como sendo aqueles que, no seu cotidiano, utilizam duas ou mais línguas, em diferentes níveis de domínio das habilidades, como ocorre, por exemplo, com o trabalhador imigrante que, em sua área de trabalho, precisa fazer uso de uma língua apenas oralmente, sem necessidade de saber ler ou escrever nessa língua, ou com o profissional que realiza atividades científicas em determinado campo do conhecimento e utiliza uma ou várias línguas para leitura e compreensão, embora não utilize os idiomas oralmente.

Compreende-se, assim, que a bilinguagem dependerá de quais domínios, funções e contextos fazem o bilíngue acionar o uso de determinada língua. No que diz respeito às funções, Grosjean (1982) exemplifica com o caso das línguas espanhola e guarani no Paraguai:

A divisão de funções entre o guarani e o espanhol tem mantido o alto grau de bilingüismo: o guarani é a língua das áreas rurais, do lar, das emoções e da amizade, enquanto o espanhol é a língua dos eventos públicos, das escolas, do exército e dos assuntos oficiais. Os paraguaios são extremamente orgulhosos de sua língua nativa e percebem que ela é uma força unificadora no país; nesse sentido, o Paraguai pode ser considerado uma nação isenta de quaisquer problemas lingüísticos reais – um fenômeno muito raro no mundo atual¹² (GROSJEAN, 1982, p. 10).

Essa reflexão de Grosjean (1982), no entanto, pode não mais descrever totalmente a realidade atual, já que hoje, com a cooficialização do guarani e seu ensino nas escolas, a situação pode ser um pouco diferente. É possível verificar na região fronteira, em Guaíra, conforme vários depoimentos dos entrevistados, que ainda há resquícios dessa situação diglósica.

Mello (1999) faz a distinção entre o bilinguismo no indivíduo e o bilinguismo na sociedade, embora a autora explique que ambos estão interligados. Enquanto o primeiro se refere ao uso das línguas pelo indivíduo em sua competência e desempenho, interferência e interlínguas, graus de fluência etc., o bilinguismo na sociedade trata da manutenção ou perda de uma língua, principalmente em situações de diglossia, mudanças que ocorrem na língua, etc.

¹² The division of function between Guarani and Spanish has maintained the high degree of bilingualism: Guarani is the language of the rural areas, of the home, emotions, and friendship, whereas Spanish is the language of public occasions, of the schools, the army, and official matters. The Paraguayans are extremely proud of their native language and realize that it is a unifying force in the country; in this sense Paraguay can be considered a nation devoid of any real linguistic problems – a very rare phenomenon in the world today.

É importante citar outro fenômeno que afeta comunidades onde há línguas em contato: a diglossia, termo introduzido por Ferguson, em 1959¹³, para descrever a coexistência, na mesma comunidade, de duas formas linguísticas, uma denominada “variedade baixa”, e a outra, “variedade alta”, cujo uso se daria em diferentes condições, ou seja, uma variedade seria apropriada num contexto, enquanto a outra não.

Ferguson (1964) apresenta alguns aspectos que caracterizam as situações de diglossia, dentre os quais se destacam os seguintes:

- a) divisão funcional de usos: a variedade alta é utilizada em situações oficiais/formais (por exemplo, nos sermões religiosos) e a baixa é usada em situações informais (por exemplo, nas interações familiares e entre pares no trabalho);
- b) prestígio social da variedade alta em relação à variedade baixa;
- c) aquisição “natural” da variedade baixa (é a língua materna dos falantes) e aquisição formal (na escola) da variedade alta;
- d) divergência entre categorias gramaticais nas duas variedades: uma possui categorias que não estão presentes em outra (por exemplo, a variedade baixa pode apresentar sistemas/categorias morfossintáticas mais reduzidas ou mesmo inexistentes em relação à variedade alta);
- e) divergência do léxico nas duas variedades (embora grande parte do vocabulário seja compartilhado), com variações na forma e diferenças de uso e de significado;
- f) diferenças fonológicas (em diferentes graus, desde as mais sutis até as bem marcadas, dependendo das variedades em questão).

Fishman (1972) vai um pouco além do conceito de diglossia de Ferguson, compreendendo o fenômeno como a coexistência de duas (ou mais) variedades ou línguas em que valores de classe social e de função social se complementam, e não se refere apenas ao uso das línguas para comunicação interna em dada sociedade. Essa noção permite aplicar o conceito de diglossia também para as línguas de imigrantes em contato com a língua majoritária do país em que se estabeleceram.

Em localidades marcadas pelo bilinguismo e/ou pela diglossia, é frequente a manifestação de crenças e atitudes linguísticas, ou seja, sempre que duas línguas estiverem em contato, haverá atitudes positivas e negativas em relação a elas.

¹³ A versão utilizada nesta tese é a de 1964.

2.3 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: UM OLHAR SOBRE SI MESMO E SOBRE O OUTRO

De acordo com Moreno Fernández (1998), disciplinas como a Sociologia e a Psicologia já há muito tempo se debruçam sobre o efeito das atitudes sobre a realidade social. O autor ressalta

a importância que os estudos das atitudes linguísticas têm, no campo da Sociolinguística, para conhecer mais profundamente assuntos como a escolha de uma língua em sociedades multilíngues, a inteligibilidade, o planejamento linguístico ou o ensino de línguas; além disso, as atitudes influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticas que se produzem nas comunidades de fala¹⁴ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).

Esse autor concebe as atitudes linguísticas como manifestações da atitude social dos indivíduos, podendo se referir tanto à língua (e suas variedades) quanto ao seu uso na sociedade, destacando a importância de estudá-las pelo fato de que as línguas são capazes de transmitir significados ou conotações sociais, além de valores sentimentais.

Destacam-se essas ideias como sendo o alicerce da pesquisa em foco, porque no *corpus* selecionado evidenciam-se fatores que extrapolam o plano do linguístico e agregam dimensões extralinguísticas, como relações afetivas, sociais e toda uma carga cultural do grupo de informantes analisado.

Observe-se a fala do informante 6, de Marechal Cândido Rondon, com relação à pergunta “Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só morassem alemães, você compraria?”.

INF.- Eu acho que comprava, imagina, tô morando aqui quase quarenta ano no meio dos alemão, né. Tod... gosto daqui, quando vim aqui, também era... era difícil entender eles, hoje já entendo bastante coisas. Acho que compraria. (Inf. 6)

Nesse recorte, verifica-se que o contato com a cultura e com a língua do outro gera uma espécie de adaptação que revela um verdadeiro processo de aprendizado que se reflete em avaliações ora positivas, ora negativas.

Para Moreno Fernández (1998), as atitudes linguísticas se manifestam nas línguas e com a identidade dos grupos que as utilizam:

¹⁴ [...] la importancia que los estudios de las actitudes tienen, en el campo de la sociolingüística, para conocer más profundamente asuntos como la elección de una lengua en sociedades multilingües, la inteligibilidad, la planificación lingüística o la enseñanza de lenguas; además las actitudes influyen decisivamente en los procesos de variación y cambio lingüísticos que se producen en las comunidades de habla.

Pode-se dizer que as atitudes têm a ver com as línguas mesmas e com a identidade dos grupos que as utilizam. Consequentemente, é lógico pensar que, uma vez que existe uma relação entre língua e identidade, esta há de se manifestar nas atitudes dos indivíduos em relação a essas línguas e a seus usuários [...] sobretudo quando se trata de uma *identidade étnica*¹⁵ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

Dessa forma, a relação da atitude com a linguagem e seu uso na comunidade exerce uma função extremamente importante, revelando como as línguas, além de portadoras das formas/estruturas, são capazes de atribuir e transmitir valores afetivos, conotações de alto ou baixo prestígio social. Enfim, as normas, costumes, condutas e todos os marcadores culturais de um grupo são transmitidos por meio da linguagem.

Dependendo da valoração que um grupo usufrui na sociedade, sua variedade pode ter um *status* de alto ou baixo valor. Nas palavras de Moreno Fernández (1998, p. 181), “a mesma variedade pode ser objeto de atitudes positivas ou negativas, dependendo da avaliação que se faz do grupo em que se fala: as atitudes são geralmente a manifestação das preferências e convenções sociais acerca do *status* e do prestígio dos falantes”¹⁶.

Uma das bases em que se apoia a atitude linguística, segundo Moreno Fernández (1998), é a consciência sociolinguística, pois

os indivíduos forjam atitudes, quaisquer que sejam, porque têm consciência de uma série de fatos linguísticos e sociolinguísticos que lhes são concernentes ou os afetam. [...] Os falantes sabem que sua comunidade prefere alguns usos linguísticos a outros, que certos usos são próprios de uns grupos e não de outros e, portanto, têm a possibilidade de eleger o que consideram mais adequado às circunstâncias ou a seus interesses¹⁷ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181).

Essa citação pode se referir tanto ao mono- como ao bi-multilíngue, isto é, os diferentes estilos que são características individuais também podem estar inseridos nessa chamada “consciência sociolinguística”. Assim, os falantes, ao elegerem sua língua (variedade), dependendo dos seus interlocutores, podem também escolher o estilo mais formal

¹⁵ Se puede decir que las actitudes tienen que ver con las lenguas mismas y con la identidad de los grupos que las manejan. Consecuentemente es lógico pensar que, puesto que existe una relación entre lengua e identidad, ésta ha de manifestar-se en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios [...] sobre todo cuando se trata de una *identidad étnica*.

¹⁶ [...] una misma variedad puede ser objeto de actitudes positivas o negativas dependiendo de la valoración que se haga del grupo en que se habla: las actitudes suelen ser manifestación de unas preferencias y unas convenciones sociales acerca del status y el prestigio de los hablantes [...]

¹⁷ [...] los individuos forjan actitudes, del tipo que sea, porque tienen conciencia de una serie de hechos lingüísticos y sociolingüísticos que les conciernen o les afectan. [...] Las hablantes *saben* que su comunidad prefiere unos usos lingüísticos a otros, que ciertos usos son propios de unos grupos y no de otros y, por lo tanto, tienen la posibilidad de elegir lo que consideran más adecuado a las circunstancias o a sus intereses.

ou menos formal, mais cuidadoso, mais jocoso ou mais sério, e demais escolhas estarão sujeitas e mediadas pelos critérios de seu senso apropriado ou não.

Conforme é possível observar nas falas dos entrevistados de Marechal Cândido Rondon, em relação às variedades do alemão (excetuando aqui o alemão *standard*, o HD), rótulos como “muito bem faladas”, “um alemão enrolado”, ou “um alemão não correto” aparecem nas avaliações sobre crenças e atitudes.

Assim, pode-se confirmar que,

[...] frequentemente, são objeto de atitudes favoráveis as próprias variedades, especialmente quando desfrutam de um alto grau de padronização. Acontece, porém, que nem sempre se vê o próprio com os melhores olhos, porque é possível encontrar, por exemplo, alguns falantes de variedades minoritárias que tenham uma atitude negativa em relação à sua própria língua, geralmente quando essas variedades minoritárias não lhes permitem ascensão social, melhoria econômica ou quando lhes impossibilitam movimentar-se por lugares ou círculos diferentes dos seus. Isso não significa que não se valorize em absoluto a própria língua ou que não se tenha o mínimo apreço por ela¹⁸ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181).

As atitudes linguísticas têm sido fonte de diversas interpretações segundo os enfoques teóricos dos seus pesquisadores, conforme mostra Blanco Canales (2004).

As atitudes linguísticas têm sido definidas sob duas perspectivas diferentes: a *mentalista* e a *comportamentalista ou behaviorista*. Segundo a primeira, a atitude é a etapa que se interpõe entre o estímulo recebido por uma pessoa e sua resposta a ele. Como se trata de uma disposição de ordem mental, não pode ser medida ou observada diretamente, mas apenas inferida a partir de certa informação psicossociológica. A tendência behaviorista, pelo contrário, define a atitude como a resposta ou o comportamento de uma pessoa em determinada situação social. Neste caso, pode ser estudada de forma direta. [...] Apesar das desvantagens óbvias que a proposta mentalista apresenta (é necessário criar um mecanismo que permita inferir atitudes e medi-las), é a que tem maior aceitação devido à sua capacidade de prever o comportamento verbal e, portanto, converter-se em modelos sistemáticos¹⁹ (BLANCO CANALES, 2004, p. 79-80).

¹⁸ [...] a menudo son objeto de actitudes favorables las variedades propias, especialmente cuando disfrutan de un alto grado de estandarización. Se da la circunstancia, sin embargo, de que no siempre se mira lo propio con los mejores ojos porque es posible encontrar, por ejemplo, que algunos hablantes de variedades minoritarias tienen una actitud negativa hacia su propia lengua, generalmente cuando esas variedades minoritarias no les permiten un ascenso social, una mejora económica o cuando les imposibilita el movimiento por lugares o círculos diferentes de los suyos. Esto no significa que no se valore en absoluto la lengua propia o que no se le conceda el más mínimo aprecio.

¹⁹ Las actitudes lingüísticas han sido definidas desde dos perspectivas diferentes: la *mentalista* y la *conductista*. Según la primera, la actitud es el estadio que media entre el estímulo recibido por una persona y su respuesta a él. Puesto que se trata de una disposición de orden mental, no puede ser medida ni observada directamente sino sólo deducida a partir de cierta información psicossociológica. La tendencia conductista, por el contrario, define la actitud como la respuesta o comportamiento de una persona en una situación social determinada. En este caso, puede ser estudiada de forma directa. [...] Pese a las evidentes desventajas que presenta la propuesta mentalista (es necesario idear un mecanismo que permita inferir las actitudes y medirlas), es la que cuenta con mayor aceptación debido a su capacidad para predecir la conducta verbal y, por lo tanto, convertirse en modelos sistemáticos.

Moreno Fernández (1998) também aponta as duas abordagens já citadas, uma de caráter mais subjetivo e outra mais objetiva. No último caso, o pesquisador alerta para a questão da complexidade ao se assumir uma técnica em que um estado mental está envolvido:

[...] as atitudes linguísticas têm sido estudados a partir de dois pontos de vista: o *mentalista*, de natureza psicológica, e o *comportamentalista*. A concepção *comportamentalista* interpreta a atitude como uma conduta, como uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, uma situação ou a determinadas características sociolinguísticas. Do ponto de vista *mentalista*, a atitude é vista como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental para umas condições ou certos fatos sociolinguísticos concretos; neste sentido, a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo do comportamento ou a ação individual. [...] enquanto os behavioristas utilizam como procedimento de estudo a observação direta das condutas objetivas, os mentalistas devem recorrer a outras técnicas, mais complexas, que permitam revelar algo tão inatingível como um *estado mental*²⁰ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182).

Conforme observa esse autor, os componentes das atitudes estão relacionados a fatores de avaliação que pressupõem um componente afetivo, um conhecimento ou crença e uma conduta:

Em termos gerais, aceita-se que as atitudes implicam diretamente a presença de vários elementos ou subcomponentes que não podem ser confundidos: uma *avaliação* (componente afetivo), um saber ou *crença* (componente cognoscitivo) e uma *conduta* (componente conativo). Este é o critério dos defensores de uma interpretação mentalista da atitude, apesar de os psicólogos comportamentais tenderem a ver na atitude um elemento único, geralmente afetivo ou de avaliação. Entre os partidários de interpretar a atitude como uma entidade complexa, que são a maioria, há discrepâncias para determinar como se relacionam entre si esses conceitos, e todos eles com a atitude, o que equivale a levantar o problema de descrever a *estrutura composicional* das atitudes linguísticas²¹ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 183).

²⁰ [...] las actitudes lingüísticas han sido estudiadas desde dos puntos de vista: uno *mentalista*, de naturaleza, psicológica, y otro *conductista*. La concepción *conductista* interpreta la actitud como una conducta, como una reacción o respuesta a un estímulo, esto es, a una lengua, una situación o unas características sociolingüísticas determinadas. Desde un punto de vista *mentalista*, la actitud se entiende como un estado interno del individuo, una disposición mental hacia unas condiciones o unos hechos sociolingüísticos concretos; en este sentido, la actitud sería una categoría intermedia entre un estímulo y el comportamiento o la acción individual. [...] mientras los conductistas utilizan como procedimiento de estudio la observación directa de las conductas objetivas, los mentalistas deben recurrir a otras técnicas, más complejas, que permitan desvelar algo tan intangible como un *estado mental*.

²¹ En términos generales, se acepta que las actitudes implican directamente la presencia de varios elementos o subcomponentes que no conviene confundir: una *valoración* (componente afectivo), un saber o *creencia* (componente cognoscitivo) y una *conducta* (componente conativo). Éste es el criterio de los defensores de una interpretación mentalista de la actitud, aunque los psicólogos conductistas suelen ver en la actitud un elemento único, a menudo afectivo o de valoración. Entre los partidarios de interpretar la actitud como un entidad compleja, que son la mayoría, existen discrepancias para determinar cómo se relacionan entre sí estos conceptos, y todos ellos con la actitud, lo que equivale a plantear el problema de describir la *estructura componencial* de las actitudes lingüísticas.

Moreno Fernández (1998) apresenta as principais propostas da área da Psicossociologia no que diz respeito à estrutura componencial das atitudes, citando seus representantes:

a) Lambert (1964)²² entende que a atitude é formada por três elementos – a crença, a valoração e a conduta – que se situam no mesmo nível. Assim, a atitude linguística de um indivíduo resulta da soma de suas crenças e conhecimentos, seus afetos e sua tendência a se comportar de determinada forma diante da língua ou de uma situação sociolinguística.

b) De acordo com Fishbein (1965)²³, as atitudes são formadas por um único componente de natureza afetiva – fundamentam-se na valoração subjetiva e sentimental que se faz de um objeto – e a crença é formada por um componente cognoscitivo e um componente de ação ou conduta.

c) Rokeach (1968)²⁴ concebe a atitude como um conjunto de crenças (crença 1, crença 2, crença 3...) que depende fundamentalmente do que se crê acerca de um objeto sociolinguístico. Cada uma dessas crenças é formada pela soma dos três componentes: cognoscitivo, afetivo e conativo – alguns conhecimentos, algumas valorações e algumas condutas podem dar lugar a um sistema de crenças das quais pode resultar uma atitude linguística concreta.

d) Para López Morales (1993)²⁵, a atitude é dominada tão somente por um traço e, portanto, identifica-se nela apenas um componente: o conativo. Como Fishbein (1965), López Morales separa o conceito de crença do de atitude e os situa em níveis diferentes: as crenças dão lugar a atitudes diferentes; estas, por sua vez, ajudam a conformar as crenças, juntamente com os elementos cognoscitivos e afetivos, considerando que as crenças podem estar baseadas em fatos reais ou podem não estar motivadas empiricamente.

A figura 1, a seguir, mostra a relação entre crença e atitude na concepção de López Morales:

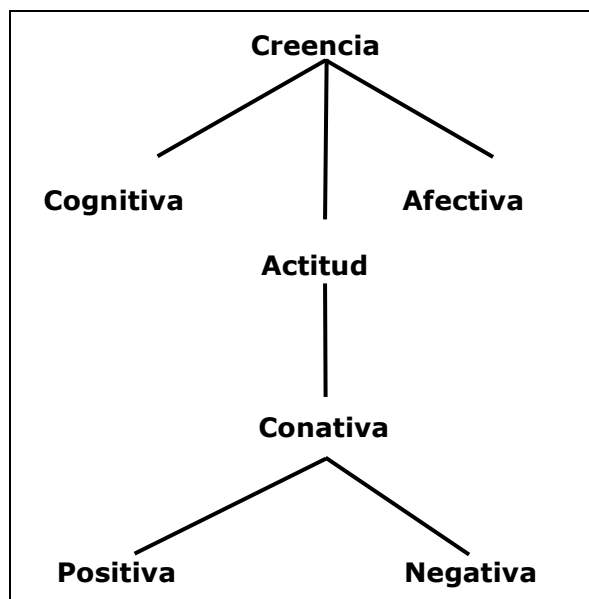
²² LAMBERT, W. F. **Social Psychology**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1964.

²³ FISHBEIN, M. A consideration of beliefs, attitudes and their relationship. In: STEINER, I. D.; FISHBEIN, M. (Eds.). **Current studies in Social Psychology**. New York: Holt Rinehart and Wiston, 1965. p. 107-120.

²⁴ ROKEACH, M. **Beliefs, attitudes and values: a theory of organization and change**. San Francisco: Jossey-Bass, 1968. (Jossey-Bass Behavioral Science Series).

²⁵ LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

Figura 1 – Relação entre crença e atitude segundo López Morales



Fonte: Moreno Fernández (1998, p. 185)

Conforme López Morales (1993), citado por Moreno Fernández (1998), as atitudes são formadas por comportamentos, por condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rejeição – a atitude neutra se concebe como uma ausência de atitude e não como mais uma classe dela. Nem todas as crenças levam à aparição de atitudes, mas a maioria delas pode produzi-las. Assim, os fenômenos considerados rurais ou vulgares produzem uma atitude negativa que leva ao seu rechaço, que costuma apresentar consequências na conduta linguística dos falantes de uma comunidade: tende-se a usar o que se considera mais aceitável e a não usar o rechaçável, principalmente nos estilos cuidados, nos quais a consciência linguística participa mais ativamente.

No entendimento de Bem (1973), as crenças e atitudes humanas se fundamentam em quatro atividades do homem: pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros, que correspondem a quatro partes: cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais. O autor explica também em que se fundamentam as crenças e atitudes: “[...] crenças, atitudes e valores parecem estar logicamente ligados, mas em alguns casos a lógica mais parece freudiana que aristotélica. [...] É esta mistura de lógica e psico-lógica que constitui os fundamentos cognitivos das crenças e atitudes” (BEM, 1973, p. 12)

A citação de Bem (1973), a seguir, fornece retratos da nossa vida familiar e social, ressaltando o quanto o homem (a espécie humana) é afetado por seu meio. Por extensão, seus

modos de pensar, falar e agir (comportar-se) são, muitas vezes, moldados segundo as prescrições ditadas pelo ambiente em que o sujeito se encontra.

Quase todo grupo ao qual pertencemos, desde nossas famílias até nossa sociedade como um todo, têm um conjunto de crenças explícitas ou implícitas, atitudes e comportamentos que são considerados apropriados por seus membros. Qualquer membro de um grupo que se afasta dessas normas arrisca-se ao isolamento e à desaprovação social; em outras palavras, os grupos regulam as crenças, atitudes e comportamentos através do uso da recompensa e punição social. Existe uma segunda maneira, e mais sutil, através da qual os grupos podem nos influenciar: fornecendo-nos um quadro de referência pelo qual comparamos e avaliamos nossas reações às coisas, isto é, de grupos que às vezes nos fornecem óculos através dos quais olhamos para o mundo (BEM, 1973, p. 136-137).

Segundo a definição de Lambert e Lambert (1966), uma “atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante” (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 77). Dessa forma, as atitudes seriam formadas, essencialmente por pensamentos e crenças, sentimentos ou emoções e tendências para reagir.

Lambert e Lambert (1966) chamam a atenção para o processo de desenvolvimento das atitudes, explicando que, no início, seus componentes ainda não estão rigidamente sistematizados, podendo ser modificados por novas experiências. Mas, com o passar do tempo, sua organização poderá se tornar rígida e estereotipada, principalmente quando se permanece por longo tempo sob influência de ambientes ou situações em que determinados padrões de comportamento constituem a norma. Os autores alertam que, quando as atitudes de uma pessoa se tornam fixas, ela avalia pessoas e acontecimentos de acordo com seus “padrões emocionalmente elaborados de pensamento”, que a impedem de “examinar ou reconhecer a individualidade dessas mesmas pessoas ou eventos”, ou seja, “reduzem a riqueza potencial do meio de uma pessoa e constringem suas reações ao mesmo” (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 78).

Schneider (2007, p. 85) define atitudes linguísticas como aquelas que constituem “qualquer indicador cognitivo, afetivo, ou comportamental de reações avaliativas, aprendidas e socialmente construídas, em direção aos traços de fala e às variedades linguísticas e aos seus falantes”.

Fasold (1984), citado por Parcero (2007), resume que o valor do estudo das atitudes sobre a linguagem consiste, principalmente, em analisar o que os falantes pensam e como avaliam as suas próprias línguas (variedades) e a do outro, sob a ótica de suas crenças/julgamentos sobre o que é feio ou bonito, rico ou pobre, certo ou errado etc. A partir

daí, pode-se concluir que a língua somente pode ser observada, descrita e analisada em seu contexto social.

Kaufmann (2011) utilizou um questionário para avaliar as atitudes em relação à língua majoritária, em comunidades menonitas na América do Norte. Ao abordar o tema, sugere a complexidade de um trabalho dessa natureza:

Atitudes são aplicadas para analisar fenômenos em relação ao comportamento linguístico, seja este comportamento vinculado a variantes específicas de uma variedade ou às variedades em si (por exemplo, perda ou manutenção delas). A aplicação de um conceito alheio, contudo, sempre envolve o perigo de um entendimento não atual, seletivo ou até errado (KAUFMANN, 2011, p. 122).

O autor se refere também ao cuidado que os pesquisadores devem tomar em “correlacionar atitudes gerais com um comportamento específico” (KAUFMANN, 2011, p. 123), citando o seguinte exemplo: “mesmo não gostando de pessoas dos Estados Unidos em geral, pode-se querer dominar o inglês”, levando em conta diversos fatores com os quais poderia se beneficiar, trabalho, viagens, estudos, etc.

Nas comunidades investigadas nesta tese, pode-se constatar situações semelhantes. Em Guaira, por exemplo, o espanhol é mencionado pela maioria dos entrevistados como uma língua que deveria ser ensinada e aprendida pelos guairenses, e essa atitude positiva se estende também aos usuários, bastante estimados pela comunidade guairense. Contudo, ao serem questionados sobre a preferência na escolha de um profissional de saúde, não mencionam os paraguaios, colocando várias objeções.

Bisinoto (2007) propõe a expressão “atitudes sociolinguísticas” por acreditar que seja mais apropriada e, portanto, mais esclarecedora. Segundo a autora, “o termo ‘atitude’ faz pensar em comportamento, postura, reação ou propósito, mas antes disso há de se considerar os fatores psicológicos, socioculturais e políticos que desencadeiam as atitudes dos falantes perante sua própria língua e a língua do outro” (BISINOTO, 2007, p. 23). Porém, nesta tese, não será adotada essa adjetivação, por se julgar que a expressão “atitudes linguísticas” já está consagrada pelo uso, abarcando o sentido proposto pela autora.

Considerando as contribuições dos autores até aqui apresentados, é preciso esclarecer a concepção adotada nesta tese: entende-se que a atitude não é apenas o resultado de uma crença, mas que os modos de pensar, de sentir e de agir estão interligados de tal maneira que fica difícil separá-los, embora se conceba que algumas crenças não se efetivam em condutas.

2.4 LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE

Nas falas dos entrevistados rondonenses e guaienses, constata-se atributos, frequentemente estereotipados, dados aos membros das diversas etnias. Tais atributos, de modo geral, têm a ver com identidade étnica, conceito que está intimamente ligado à língua e à cultura de um grupo.

Rajagopalan (1998) acentua bem o entrelaçamento da língua e identidade, fenômenos que estão em constante mudança no sujeito:

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num constante fluxo (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41-42).

Também Aguilera (2008) defende que a língua não está desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de determinado grupo étnico, pois é a língua que simboliza os limites que separam o “nós” e os “outros”, já que a língua que falamos identifica nossa origem, nossa história, nossa cultura, o grupo a que pertencemos.

Hall (2006), referindo-se ao termo identidade, chama a atenção para as mudanças na contemporaneidade, tendo-se em mente “a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para ‘costurar’ as diferenças em única identidade”, e ressalta que “as identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar” (HALL, 2006, p. 66).

Liebkind (1999, p. 140), em estudos referentes à língua e identidade étnica, define que um grupo étnico é, frequentemente, baseado em “características biológicas, geográficas, linguísticas, culturais, ou religiosas. Entretanto, culturas mudam, mas a continuação das fronteiras do grupo pode se manter por um longo tempo”²⁶.

A autora observa que

Um grupo étnico poderia ser definido simplesmente como qualquer grupo de pessoas que se identificam ou são de alguma forma identificados como italianos, poloneses, indianos, gregos, e assim por diante. Pode-se considerar a si mesmo ser

²⁶ [...] biological, geographical, linguistic, cultural, or religious characteristics. However, cultures change, but the continuation of group boundaries themselves may be more long-standing.

um greco-americano sem entender a língua grega, sem praticar a religião ortodoxa grega, e mesmo sem gostar de comida grega²⁷ (LIEBKIND, 1999, p. 140).

Signorini (1998, p. 39) atenta para a necessidade de reformular os conceitos de identidade: “as línguas vivem em constante contato uma com a outra e se ‘contaminam’ mutuamente, constantemente criando possibilidades novas e nunca sonhadas. [...] essas possibilidades radicalmente novas pedem uma reconsideração radical da própria noção de identidade”.

Nesta tese, a identidade étnica é entendida como o sentimento do indivíduo de pertencer a um grupo cujos membros compartilham certos valores e práticas culturais (seja no âmbito religioso, seja no cultural, seja no linguístico ou em qualquer outra esfera). A identidade étnica se manifesta por oposição, ou seja, no confronto entre o “nós” e os “outros”: por exemplo, no modo como os alemães, os italianos, os japoneses, os árabes etc. são em oposição aos “brasileiros”, ou seja, aos não europeus e não asiáticos, ainda que todos sejam, de fato, brasileiros. Conforme Aguilera (2008, p. 106), “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente”.

2.5 PRECONCEITO E ESTIGMATIZAÇÃO

Como bem demonstram algumas falas dos entrevistados de Marechal Cândido Rondon, os próprios falantes das variedades alemãs estigmatizam a língua étnica, rotulando-a como “um alemão que não é o correto”. Esse preconceito vai mais longe, estendendo-se também ao português falado nas comunidades pesquisadas.

Segundo Bagno (1999), o preconceito linguístico é resultado, em grande parte, da confusão historicamente criada entre língua e gramática normativa. Ele pode se manifestar no julgamento depreciativo ou com conotação cômica da fala do usuário de uma variedade linguística. Nos inquiridos da localidade rondonense, o informante 13, por exemplo, relata que os falantes alemães sofrem zombarias quando vão para outros lugares, pois, nas suas falas em português, aparecem o sotaque e traços característicos do português de contato com o alemão, como ocorrem, por exemplo, na pronúncia do /r/, referida por mais de um informante.

²⁷ An ethnic group could be defined simply as any group of people who identify themselves or are in any way identified as Italian, Polish, Indian, Greek, and so forth. One can consider oneself to be a Greek-American without understanding the Greek language, without practicing the Greek Orthodox religion, and even without liking Greek food.

Alguns entrevistados rondonenses consideram que, além de não utilizarem (os próprios entrevistados ou outros rondonenses) um “alemão correto”, ainda se sentem inferiorizados por não utilizarem o “português correto”. Essa estigmatização das variedades usadas pelos falantes leva muitos a preferirem omitir que falam alemão. No decorrer da entrevista, ao sentirem mais confiança e à vontade, brotam questões inusitadas, e, como numa metamorfose, eis que surgem as falas, que já eram esperadas que ocorressem devido ao menor monitoramento das respostas por parte do informante.

A estigmatização em relação ao uso da variedade dialetal do alemão também atinge os falantes de variedades de outras línguas de herança, como o italiano e o guarani, por exemplo.

Entende-se que a estigmatização é mais forte que o preconceito, embora os dois conceitos possam, às vezes, ser tomados como sinônimos. Segundo Bergamaschi (2006, p. 46), “o estigma vai além do preconceito, é mais forte e mais inibidor. Este termo remete a atitudes negativas, que marcam o estigmatizado para o resto da vida”. Ou seja, trata-se de uma “marca” que identifica negativamente o falante, de forma que, por exemplo, o falante de alemão pode se sentir constrangido ou inferiorizado por usar a sua variedade fora do seu grupo étnico, mesmo em uma comunidade em que o contingente de membros dessa etnia seja representativo, como é o caso de Marechal Cândido Rondon.

Goffman (1963), ao abordar o estigma, afirma que todas as sociedades definem categorias em relação aos atributos considerados naturais, normais e comuns do ser humano, conformando a *identidade social virtual* dos indivíduos. Porém, os indivíduos têm também uma *identidade social real*, podendo possuir atributos que frustram essas expectativas sociais do que é ser normal, o que acarreta (ou pode acarretar) a sua estigmatização. Para o autor, o estigma é uma discrepância entre a identidade social virtual e a real.

2.6 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O FALAR BILÍNGUE EM CONTEXTOS DE IMIGRAÇÃO E DE FRONTEIRA

Esta subseção abriga reflexões sobre dois fenômenos salientes nas localidades pesquisadas: o uso das variedades do alemão em Marechal Cândido Rondon e o uso de variedades derivadas do contato entre espanhol e português e entre espanhol e guarani, em Guaíra.

2.6.1 O falar *Hunsrückisch* (HR) e o *Hochdeutsch* (HD)

Há consenso na academia e não há como refutar o postulado de que as línguas mudam. Em situação de contato, as línguas se influenciam mutuamente. Torna-se, portanto, compreensível que a língua alemã, trazida ao Brasil pelos seus imigrantes em 1824, tenha, posteriormente, sofrido alterações, empréstimos e adaptações da língua portuguesa e demais línguas com as quais manteve contato.

Não apenas a língua alemã aqui no Brasil sofreu mudanças, mas também na Alemanha. Podem-se citar inúmeros exemplos de vocábulos que são considerados arcaicos pelos jovens, como *Gasthaus* (tradução literal em português: casa de hóspede), cujo termo correspondente mais utilizado atualmente é *Restaurant*, com uma pronúncia bem próxima do francês. Também se pode deduzir que o termo *Gasthaus* já não mais abarca o sentido que o termo possuía em épocas passadas, pois hoje significa hotel, que, não necessariamente, abriga e fornece alimentação, o que antigamente era inerente a estabelecimentos desse gênero.

Também é necessário acentuar que as fronteiras geográficas se tornaram mais próximas e, como já foi dito anteriormente, as línguas se influenciam mutuamente, por via das inovações dos meios de comunicação, que trouxeram novos hábitos e mudanças em geral para toda a sociedade. Por outro lado, novas aquisições linguísticas fazem parte do cotidiano dos falantes, sem que haja uma fronteira delimitada, como é possível notar na fala de visitantes alemães que recorrem aos termos *handy* e *surfing* para designar, respectivamente, o celular e o ato de navegar em rede.

Roche (1969a), historiador da colonização alemã no Brasil, refere-se à evolução da língua falada pelos colonos como sendo muito complexa. No começo da colonização, os imigrantes não praticavam o alemão padrão (HD), mas os dialetos usados em seus estados ou províncias de origem. Essa conservação se explica pelo isolamento e agrupamento dos imigrantes, mais ou menos espontâneos, por região de origem: Pomerânia, Vestfália, Hunsrück, Renânia. Embora a sintaxe alemã tenha sido conservada intacta, pelo menos no conjunto, a pronúncia alterou-se pela influência fonética do português.

Uma dessas variedades da língua alemã é o *Hunsrückisch* (HR), que retrata a comunidade de Marechal Cândido Rondon nos traços e no sotaque de seus falantes, nos preconceitos em relação a essa fala, nas avaliações positivas e negativas atribuídas a essa variedade (em sua relação com o português ou com a variedade HD), como se pode perceber nas falas dos entrevistados.

De acordo com Spinassé (2008), cujas pesquisas nessa área podem contribuir, de forma especial, para este trabalho,

[...] como a maioria dos imigrantes originava-se da região de língua alemã mais pobre naquela época – a região do Hunsrück –, e sua língua diária era o dialeto francônio-renano/francônio-moselano, essa variedade contribuiu inegavelmente mais para a formação de uma língua híbrida no Brasil (SPINASSÉ, 2008, p. 119).

Os homens que saíam de casa para comprar sementes e vender os produtos que eram produzidos, logo aprendiam o português, mas às mulheres, com a lida diária da casa, além de auxiliar nos serviços com os animais domésticos, na lavoura e na educação dos filhos, pouco tempo lhes sobrava para conviver com pessoas do comércio ou fora de seus círculos de parentesco. Dessa forma, ao interagirem com os filhos, utilizavam apenas a língua alemã.

Assim, é possível compreender como a língua alemã manteve-se preservada durante décadas; aliás, esse fato é o que impressiona os visitantes alemães ao se depararem com os falantes teuto-brasileiros que mantiveram sua língua étnica durante tanto tempo. Müller (1981), historiador que escreveu sobre a colonização alemã no Brasil, apresenta relatos de alemães que se surpreendiam em encontrar em solo brasileiro uma das variedades da língua alemã por tanto tempo aqui conservada.

Como ilustração, são citados dados interessantes, fornecidos por Spinassé, quanto ao uso das línguas no Rio Grande do Sul, de onde procede a maioria dos habitantes de Marechal Cândido Rondon. No censo de 1940, apurou-se que nesse estado 747.859 pessoas não falavam o português em casa; 393.934 dessas pessoas falavam alemão e 295.995, italiano. Contudo, mais de 95% dessas pessoas eram nascidas no Brasil (SPINASSÉ, 2008).

Spinassé lembra a proibição das línguas de imigração no governo de Getúlio Vargas, o que foi um retrocesso linguístico na época, decorrente de uma exacerbada política de nacionalização que punia severamente todos aqueles que não falassem a língua portuguesa. Segundo a autora, ocorreu queima de acervo bibliográfico e manifestações linguísticas tiveram de ser abandonadas da noite para o dia.

A prática (consciente ou não) da manutenção da língua alemã entre os imigrantes e seus descendentes ainda era muito forte em 1937, quando Getúlio Vargas outorgou a nacionalização no Brasil. Era destacada a importância de se caracterizar uma nacionalidade brasileira, uma identidade nacional de brasileiro, e qualquer manifestação em língua estrangeira era proibida. O português tornou-se, mais do que nunca, obrigatório nas escolas primárias, e a estrutura tradicional de isolamento foi duramente combatida. A nacionalização significou uma quebra na estrutura e na tradição escolar que havia sido desenvolvida e cultivada por um século (SPINASSÉ, 2008, p. 120).

Acrescenta a autora que a Segunda Guerra Mundial contribuiu para que ficasse mais imperativa, ainda, a proibição do uso da língua alemã:

Todo esse contexto assinalou “avanços” no processo de mudança lingüística, pois o alemão foi severamente proibido no Brasil. Isso contribuiu para que mais elementos do português entrassem no alemão falado nas colônias: alguns indivíduos evitavam o alemão, trazendo mais o português para dentro das comunidades. Além disso, com a proibição do alemão-padrão, com a abolição de sua prática e de seu ensino, as variedades orais familiares/comunitárias assumiram ainda mais o *status* de língua da colônia, desenvolvendo-se talvez mais do que outrora (SPINASSÉ, 2008, p. 120).

Spinassé (2008) aborda questões relacionadas à fala bilíngue *Hunsrückisch*-português, observando que a adaptação lingüística dos imigrantes à língua portuguesa favoreceu uma fala bastante peculiar, resultando em novas formas, como a diglossia e *code-switching*. A autora contextualiza deste modo o processo de constituição dessa fala bilíngue:

Vivendo nessa diáspora entre língua majoritária oficial e língua minoritária do lar, os elementos das duas línguas dominadas começaram a se misturar: o uso de lexemas de diferentes códigos lingüísticos em uma mesma construção frasal (*code-mixing*) e o uso alternante de diferentes códigos lingüísticos no discurso durante uma mesma conversa (*code-switching*) tornou-se uma prática usual (SPINASSÉ, 2008, p. 120).

Linguistas e historiadores como Roche (1969a), Willems (1980), Altenhofen (1996), Damke (1997), Borstel (1992), Schneider (2007) e Spinassé (2008), dentre tantos outros, que pesquisam sobre os temas concernentes à imigração alemã, sua língua e cultura, constataram em seus trabalhos os inúmeros empréstimos que o imigrante, durante os seus primeiros anos, incorporou no processo de adaptação a uma nova terra.

Pode-se perceber que numa comunidade bilíngue/multilíngue há momentos em que se estabelecem interações em que os falantes mesclam duas ou mais línguas. Freitas (1995) cita, em seus trabalhos, por exemplo, um verbo que sempre aparece na fala de determinado personagem do romance trabalhado pela autora: o vocábulo *posen*, que é usado no sentido de pernoitar ou pousar e sofre a influência da língua alemã na formação do pretérito: “*ich poste*” (no alemão padrão seria *ich übernachte*). Este exemplo remete a outros em circulação de comunidades bilíngues, tais como *ich jantierte*, *ich mexierte*, em que um item lexical do português recebe um sufixo do alemão (LAMB FENNER, 2001).

Spinassé (2008, p. 124) ressalta que o “maior número de empréstimos não está no âmbito fonológico ou morfológico, mas sim no âmbito lexical”.

Em alemão é muito normal formar palavras de dois lexemas, o que no português não é usual. O fenômeno alemão ocorre no hunsrückisch, porém, com elementos das duas línguas simultaneamente. *Mais* é uma palavra alemã não utilizada no hunsrückisch, sendo substituída pela sua correspondente do português “milho”. Conseqüentemente, a farinha de milho, que no alemão-padrão é *Maismehl*, é chamada no hunsrückisch de Milhomehl (SPINASSÉ, 2008, p. 124).

A autora cita o sociólogo Willems (1980), que elencou 693 vocábulos emprestados do português para a fala Hunrückisch-brasileiro, motivados pelas “coisas novas e estranhas” com as quais os primeiros imigrantes se depararam em solo brasileiro, à época da chegada, em 1824. À guisa de ilustração, citam-se alguns exemplos de vocábulos do português adaptados ao alemão e que fazem parte do campo semântico agrícola, ou seja, pertencem à realidade do colono alemão: *Feschón* (feijão), *Past* (pasto), *Schuraske* (churrasco) e *Karose* (carroça), que, no alemão padrão atual, são designados, respectivamente, *Bohnen*, *Weide*, *Grill* e *Leiterwagen*.

Spinassé (2008) também cita exemplos de fenômenos fonéticos, que aparecem com palavras do português que estejam sendo usadas no lugar das correspondentes alemãs, como *Kato* por “gato” e *Patata* por “batata” (no alemão padrão atual, respectivamente, *Kater* e *Kartoffel*). Outros exemplos foram colhidos pela autora em Altenhofen (1996): “Em início: cai o [e] da palavra portuguesa “Estrela”, que passa a Strela (nome de cidade). Em fim: cai o [e] da palavra portuguesa “canivete” e vira ganivet (ap. *Taschenmesser*)” (SPINASSÉ, 2008, p. 123).

Lamb Fenner (2001), em sua pesquisa, verificou também tais ocorrências em uma comunidade urbana de Cascavel (PR), ou seja, mudança ou alternância de código (*code-switching*) que se apresentavam de duas formas diferenciadas: a) inserção vocabular na língua base que não apresenta adaptações de ordem morfológica, ou seja, a palavra tomada da língua portuguesa não é adaptada ao padrão gramatical do HR, muito embora possam ocorrer adaptações no plano fonético: *Hast du schon dea carton fom churrasco kauft?* (Você já comprou o cartão do churrasco?); b) Por outro lado, o fenômeno da mudança de código pode provocar a inserção do item lexical importado em contextos ditados por restrições morfológicas da língua base. Um exemplo seria: *Das Kind mexiat an dea Washmaschine, gleich machukiat's sich.* (A criança mexe na lavadora de roupa, logo ela se machuca).

É importante mencionar que os exemplos citados mostram uma das facetas da fala HR, pois é possível verificar, em falas de interações hunsriqueanas, não apenas sotaques diferenciados, mas também outros vocábulos, alguns mais próximos do HD, outros nem tanto,

podendo-se denominar como um HR mais atenuado, o que pode ocorrer numa situação de fala interacional, por várias razões: i) o falante não prestigia muito a variedade HR e procura aproximar mais sua fala à variedade alemão-padrão (HD); ii) o falante conviveu em regiões mistas, ou seja, com moradores oriundos de outras regiões da Alemanha onde se falava o alemão-padrão.

As experiências linguísticas e culturais dos imigrantes alemães e seus descendentes que foram transplantadas do Rio Grande do Sul para o oeste paranaense, na década de 50, trouxeram principalmente a peculiaridade da fala *Hunrückisch*-brasileiro, que aqui foi cultivada, preservada durante décadas, por meio de “ilhas linguísticas” (termo utilizado por Damke (1996), dentre outros), nas quais se insere Marechal Cândido Rondon com uma população com histórico de colonização alemã e doutrina religiosa luterana/protestante, o que permitiu a manutenção da língua, cultura e seus costumes em diferentes áreas, tão semelhantes das antigas colônias riograndenses.

Segundo Borstel (1992),

o “Hunrückisch”, dialeto mais falado em Marechal Cândido Rondon, procedente do “Hunrückisch” do Rio Grande do Sul, provém da fusão de diversos dialetos trazidos para cá pelos imigrantes e descendentes de alemães de outras regiões do próprio Estado do Rio Grande do Sul, e do Estado de Santa Catarina, originando-se um novo falar com infiltração de elementos dos diversos dialetos do alemão falado em Marechal Cândido Rondon e termos do português. O mesmo ocorre com os outros dialetos aqui falados (BORSTEL, 1992, p. 67-68).

Spinassé observa que há inúmeras denominações para essa fala bilíngue (alemão/hunsriqueano e português) e cita Fausel (1959), que a definia como “variedade oral de base francônia”. Assim também “[...] outras variedades dialetais misturadas [...] tiveram outro dialeto como base mais forte, como o vestfaliano, o pomerano etc.” (SPINASSÉ, 2008, p. 121).

É quase inevitável que, em uma primeira e rápida definição, queira-se denominar o processo de empréstimos lexicais, fônicos e morfológicos como “mistura”, como afirmam alguns pesquisadores. Porém, Spinassé comenta que “essa denominação é questionável, uma vez que, em se chamando a variedade de ‘Misturado’, a mesma é reduzida apenas a um resultado de uma mistura – o que não é o caso” (SPINASSÉ, 2008, p. 120-121). A autora, assim, defende que o HR não é uma mera mistura de elementos do alemão com o português, pois, “pensando assim, ignora-se toda a regularidade existente na gramática dessa língua” (SPINASSÉ, 2008, p. 121). Isso porque, além dos empréstimos e estrangeirismos, fenômenos que ocorrem em todas as línguas, essa variedade de imigração, como qualquer língua viva,

também passou por outros fenômenos intralinguais que colaboraram para determinar seu estado atual.

Em outra denominação, a fala HR seria *Brasildeutsch*. Spinassé (2008) critica o uso desse termo para se referir à variedade falada pelos descendentes de alemães no Brasil – designação usada por alguns autores devido ao fato de essa variedade ter recebido numerosos elementos do português –, alegando que não há razões para se incorrer no erro de classificar todas as variedades de base germânica (como o vestfaliano, o pomerano e o *Hunsrückisch*, entre outras) como uma coisa só. Na definição da autora, o HR é uma espécie de coine formada a partir de diferentes dialetos alemães confrontados em solo brasileiro, somada a variações inter e intralinguais, resultando em “vários socioletos/familioletos estreitamente ligados entre si através de estruturas básicas, mas com determinadas diferenças sutis na fonologia e no léxico” (SPINASSÉ, 2008, p. 122).

O importante, segundo a autora, não é a nomenclatura, pois “[...] nenhum deles [dos dialetos] é exatamente como era no tempo da imigração: quando falamos de vestfaliano ou *Hunsrückisch*, referimo-nos não às formas atuais alemãs, mas sim às variedades brasileiras que tiveram os dialetos desses locais como base” (SPINASSÉ, 2008, p. 122).

2.6.2 Variedades fronteiriças: contato entre espanhol e português e entre espanhol e guarani

A posição geográfica de Guaíra, aliada à sua sócio-história, faz emergir um fenômeno interessante de línguas em contato. Além das interlocuções que ocorrem nas línguas de herança dos grupos que se estabeleceram nessa cidade, há outro tipo de comunicação bilíngue que se impõe na localidade em razão da proximidade com um centro urbano paraguaio: trata-se do contato entre o português (ou brasileiro, como muitos denominam), do espanhol ou castelhano e das variedades mistas derivadas do contato entre essas duas línguas, em suas diversas nuances (espanhol com empréstimos lexicais do português e vice-versa, portunhol etc.).

Conforme Sturza (2005),

Com o *status* de línguas oficiais e predominantes, o português e o espanhol na América se colocam lado a lado ao longo das fronteiras geográficas que compartilham. Porém, do ponto de vista da situação étnica, os grupos de convívio e seus contatos lingüísticos, em diferentes regiões fronteiriças do Brasil com os demais países da América do Sul, contribuem para a constituição de um panorama lingüístico heterogêneo, muito aquém do que representa a dualidade português-espanhol no seu estatuto de línguas majoritárias (STURZA, 2005, p. 48).

Segundo essa autora, “ainda desconhecemos muito da situação de contato das línguas portuguesa e espanhola nas zonas fronteiriças do Brasil com os demais países hispano-americanos” (STURZA, 2005, p. 47). O estudo da língua e do comportamento linguístico se torna interessante nas localidades de fronteira, pois, “[...] mesmo onde os agrupamentos são menores e menos populosos, a fronteira efetivamente é complexa pela natureza de sua formação e pelo modo como se estabelecem ali as relações sociais das diferentes etnias que nela habitam” (STURZA, 2005, p. 47).

Sobre o portunhol, trata-se de uma variedade que surge por uma necessidade de comunicação entre falantes do português e falantes do portunhol que não dominam a língua do outro. Para se fazer entender pelo interlocutor, é preciso usar certos recursos: emprestar elementos lexicais da outra língua, adaptar construções, enfim, “misturar” as línguas, como definem os informantes.

Sturza (2005, p. 49) afirma que “a dificuldade em definir o ‘portunhol’, está nos sentidos que foram sendo constituídos pelo senso comum, especialmente, por referir negativamente, por dizer o ‘mal falar’ uma das línguas da mistura, em geral, de brasileiros em relação à língua espanhola”. Além disso, essa “variedade” (se é que se pode chamar assim), que não é nativa, não é a do imigrante e não é a do Estado (língua oficial), vai certamente se configurar de modo diferente ao longo da fronteira do Brasil com os países vizinhos (no caso desta pesquisa, com o Paraguai).

Não há muitas referências sobre o que seria o portunhol, muito menos sobre como essa variedade se caracterizaria na região de Guaíra. Por exemplo, pergunta-se: seria o portunhol predominantemente o português, com traços do espanhol (um português castelhanizado)? Ou o contrário: seria um espanhol aportuguesado? Enfim, seria o portunhol uma variedade do português ou do espanhol? Segundo Sturza (2005), é pouco provável que seja uma “mistura equilibrada, equitativa” dos dois idiomas, mas antes uma composição assimétrica. Tais questionamentos, no entanto, não poderão ser respondidos neste estudo, mas apresentam elementos para reflexão e planejamento de futuras pesquisas. Na verdade, conforme relata Sturza (2005), muitas pesquisas sobre a realidade das regiões fronteiriças do Brasil já vêm sendo desenvolvidas, buscando esclarecer essas questões.

Há ainda outro elemento linguístico nas localidades vizinhas ao Paraguai: a presença do guarani. De acordo com Sturza (2005),

No caso do Paraguai, o reconhecimento do guarani como língua oficial e o seu destacado lugar como língua materna da grande maioria da população é um ingrediente fundamental na configuração das línguas da fronteira, sobretudo pela importância étnica e identitária que o guarani ocupa frente a outras línguas, as dos imigrantes e a do Estado (STURZA, 2005, p. 48).

O guarani, em contato com o espanhol, também resulta em uma variedade “misturada”, o jopará. Navarro (2004) explicita que, no Paraguai, a língua guarani, embora tenha definido a própria identidade nacional do país, foi durante muito tempo a língua da informalidade, tendo seu uso reprimido na escola e nas repartições públicas. Nos meios urbanos e em locais afastados das comunidades indígenas, o guarani sofreu influência do castelhano na sintaxe e morfologia, fazendo “do guarani paraguaio um autêntico ‘jopará’ (*mistura, mescla*, em guarani), que lentamente destrói os traços autenticamente indígenas do guarani” (NAVARRO, 2004, s.p.). Segundo os estudos desse autor, ao guarani paraguaio incorporaram-se de 4.500 a 5.000 palavras castelhanas, o que evidencia o *status* da língua espanhola, elevando-a à “língua de cultura” em oposição ao guarani, considerado como “dialeto inculto”. Assim, o “jopará seria o guarani paraguaio com grau máximo de interferência do castelhano” (NAVARRO, 2004, s.p.).

Conforme esse autor,

Somente na década de noventa, com a promulgação da nova constituição do Paraguai, que elevou o guarani à condição de língua oficial, ao lado do castelhano, com sua conseqüente inserção no currículo da escola fundamental, é que o guarani passou a ser estudado sistematicamente no país (NAVARRO, 2004, s.p.).

Carvalho e Bueno (2013) comentam que

O contato das línguas portuguesa, espanhola e guarani faz surgir alguns dialetos como o jopará e o portunhol, que, por sua vez, não são línguas do Estado nem do imigrante. Mas sim formas de expressão que se origina da necessidade da comunicação entre os povos que habitam a fronteira, nascem das rodas de tereré, dos encontros entre amigos, namoros, das conversas cotidianas. Por esse motivo, muitas vezes, definir com exatidão o uso desses dialetos é difícil, já que se trata de uma comunicação não normatizada, seu uso acontece conforme a situação conversacional, ou a situação de necessidades reais de uso da língua (CARVALHO; BUENO, 2013, p. 133).

De fato, as variedades de contato entre as línguas faladas na fronteira (português, espanhol e guarani) são de cunho estritamente oral (embora possam, talvez, influenciar na aquisição da escrita de uma ou outra língua, pelas crianças), pois servem justamente à resolução de situações cotidianas em que se faz necessário o uso de uma língua que seja minimamente entendida pelo falante da outra língua.

3 DESCRIÇÃO DAS LOCALIDADES PESQUISADAS

3.1 A COLONIZAÇÃO DO OESTE DO PARANÁ

A região Oeste do Paraná foi inicialmente ocupada por espanhóis, que exploraram todas as áreas a leste do Rio Paraná e constituíram a Província del Guayrá, fundando aí reduções jesuíticas. Com o abandono da região pelos espanhóis devidos aos ataques sucessivos dos bandeirantes, que destruíam os *pueblos* e escravizavam os índios catequizados, toda essa área permaneceu isolada por mais de dois séculos. Foi só por volta de 1889, com a criação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, que se iniciou a ocupação efetiva da região por brasileiros. A partir das últimas duas décadas do século XIX, as atividades econômicas às margens do Rio Paraná vinham passando por um processo de expansão, inicialmente, com a exportação de erva-mate e, posteriormente, de madeira para os portos argentinos (WACHOWICZ, 1982; GREGORY, 1997).

Segundo Schmidt (1996),

Muito antes de se falar em Ponte da Amizade ou Mercosul, brasileiros, argentinos e paraguaios cruzavam o rio Paraná em pequenos barcos, navios a vapor ou do jeito que cada um podia. Eles trocavam produtos, palavras, amizade. Tudo era mais castelhano que brasileiro. Assim, quando os militares fundaram a colônia de Foz do Iguaçu, no final do século passado, encontraram uma população predominantemente formada por argentinos e paraguaios, além de brasileiros. O quadro só se modificou com a chegada dos gaúchos e catarinenses, a partir da década de quarenta do século vinte (SCHMIDT, 1996, p. 80).

Gregory (1997) informa que a colonização da região Oeste do Paraná foi motivada a partir de uma estratégia nacional de ocupação de espaço criada pelo presidente Getúlio Vargas, na década de 30. Essa iniciativa ficou conhecida como “Marcha para o Oeste” e, para efetivá-la, contou com empresas colonizadoras, dentre as quais se destaca a Maripá (Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S. A.). O objetivo dessa política nacionalista era a integração nacional e a organização dos territórios, de modo a garantir tanto a segurança e efetiva posse, evitando-se a ocupação estrangeira, quanto a exploração das imensas regiões de fronteira, que estavam praticamente desabitadas na época.

Assim, em meados de 1940, foi iniciada a colonização do Oeste do Paraná, que “acolheu contingentes populacionais oriundos das zonas de colonização do sul do Brasil, estruturadas em base a pequena propriedade e a partir do trabalho familiar” (SCHALLENBERGER; COLOGNESE, 1994, p. 9).

A partir de 1948, houve uma aceleração do processo migratório à região, resultando na rápida ocupação do Oeste, principalmente por migrantes de origem alemã e italiana vindos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Essa ocupação se efetivou de diversas formas: por meio de empresas de colonização que, com o apoio do governo estadual, colocavam lotes à venda a preços acessíveis; pelo próprio governo, que estimulava a vinda de colonos para as terras públicas; por iniciativa própria de outros colonos que se deslocavam e ocupavam terras suposta ou efetivamente devolutas. Além disso, levadas populacionais também chegavam de outras regiões do país, principalmente de São Paulo e Minas Gerais, promovendo uma revolução demográfica no início do século XX (WACHOWICZ, 1982; GREGORY, 1997).

Saatkamp (1984) descreve o perfil desejado pela Maripá para ocupar o Oeste do Paraná:

Ao planejar a fixação do homem à terra, para dedicar-se às diversas espécies de cultura, a Colonizadora Maripá escolheu o agricultor do Rio Grande do Sul e Santa Catarina com o argumento: “Esse agricultor, descendente de imigrantes italianos e alemães, com mais de cem anos de aclimatação no país, conhecedor das nossas matas, dos nossos produtos agrícolas e pastoris, primando pela sua operosidade e pelo seu amor a terra em que trabalha” (SAATKAMP, 1984, p. 43).

Os descendentes de imigrantes que vivem nessa região são provenientes, em sua maioria, dos outros estados do Sul, mas a região também recebeu contingentes vindos do Sudeste, embora em número menor. Trouxeram consigo os hábitos e costumes típicos dos países de origem de seus antepassados, preservando, até os dias atuais, não com a mesma intensidade, as línguas de herança, dentre elas a língua alemã, que ainda goza de certa vitalidade na região.

Segundo Schallenberger e Colognese (1994, p. 9), os “migrantes, fundamentalmente de origem alemã e italiana, conservavam uma tradição cultural marcada pelos fortes vínculos gregários, pela identidade étnica, lingüística e religiosa”. As práticas vivenciadas pelos seus antepassados imigrantes foram trazidas na bagagem desses grupos, que se instalaram no Oeste do Paraná com idêntico espírito religioso e cultivo pela língua e cultura. Nas palavras dos autores:

As comunidades cristãs evangélicas do Oeste do Paraná são, na sua quase totalidade, de descendência étnica alemã, oriundas dos núcleos de imigrantes do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina. Trazem no seu bojo uma forte herança cultural destes núcleos de colonização, mantendo vivos elementos da tradição, dos usos, dos costumes, da religiosidade e da língua. Estes elementos foram cristalizados no tempo pela tradição. Assim, nas práticas sociais e nas formas de representação estão marcadamente presentes os valores e os conteúdos culturais dos seus ancestrais (SCHALLENBERGER; COLOGNESE, 1994, p. 35).

O Oeste do Paraná é, assim, conhecido pela sua heterogeneidade cultural. É o local de encontro e convivência de muitas etnias e culturas: brasileiros de várias partes do país, descendentes de imigrantes europeus (principalmente alemães e italianos) ou asiáticos (árabes, sírios, japoneses etc.), além de paraguaios e argentinos. As variedades linguísticas faladas nessa região já vêm sendo mapeadas e descritas em diversas pesquisas, como no ALPR – *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1990), no ALERS – *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALTENHOFEN; KOCH; KLASSMANN, 2002) e em *Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná* (BUSSE, 2010).

Conforme afirmam Busse e Sella,

Um olhar para os dados históricos já registrados sobre a colonização moderna do Oeste paranaense será suficiente para identificar o papel dos colonos sulistas, com seu também histórico anterior, notadamente vinculado ao processo de imigração do próprio país, o papel dos grupos do Norte e da região central do Paraná, das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. Assim, temos a formação de um contexto multicultural e multilíngue, no qual emergem peculiaridades na fala, como o registro de uma ou outra variante; e, em algumas situações, o predomínio de uma com relação a outra pode refletir as condições pelas quais as comunidades se organizam (BUSSE; SELLA, 2012, p. 80).

Segundo Aguilera (2009), esse mosaico de riquíssima diversidade étnica e linguística merece ser devidamente pesquisado e divulgado.

3.2 MARECHAL CÂNDIDO RONDON

3.2.1 Dados geográficos e sócio-históricos

O município de Marechal Cândido Rondon se localiza no extremo oeste do estado do Paraná, na fronteira com o Paraguai, como mostra o mapa a seguir.

Figura 2 – Mapa do Paraná com a localização do município de Marechal Cândido Rondon



Fonte: <http://asnovidades.com.br/wp-content/uploads/2010/09/Parana-mapa-municipios.png>

Os municípios brasileiros limítrofes de Marechal Cândido Rondon são Mercedes, Nova Santa Rosa, Quatro Pontes, Toledo, Ouro Verde do Oeste, São José das Palmeiras, Entre Rios do Oeste e Pato Bragado. Todas essas localidades possuem histórico de colonização semelhante.

Segundo dados do IBGE (2010), o município possui uma população de 46.799 habitantes, estando cerca de 37.000 fixados na cidade. Estima-se que 80% da população seja de descendência alemã. Dentre os municípios que integram a Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP), Marechal Cândido Rondon é considerado o quarto mais populoso.

Borstel (1992) traz dados sobre a formação étnica da comunidade rondonense, auxiliando na compreensão do contexto sócio-histórico e, especialmente, da situação do bilinguismo que se encontra ainda presente na comunidade, que, segundo a pesquisadora, fundamenta-se em causas históricas, sociais e culturais. A autora, apoiada em Saatkamp (1984), cita que, em 1956, no início da colonização rondonense, havia 95% de famílias alemãs e 5% de famílias italianas e luso-brasileiras. Segundo dados mais recentes da pesquisadora:

De acordo com dados fornecidos pela Prefeitura Municipal, em 1990, a população do município de Marechal Cândido Rondon era constituída, em sua maioria, por

habitantes descendentes de europeus, procedentes principalmente dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em torno de 85% eram de descendentes alemães; 10% de descendentes de italianos e luso-brasileiros e 5% de descendentes de poloneses e outras descendências (BORSTEL, 1992, p. 64-65).

A história do município teve como divisor de águas a intervenção da empresa colonizadora Maripá. Antes disso, a região foi habitada por espanhóis e ingleses, devido ao grande interesse pela exploração da erva-mate e da madeira. Os ingleses conseguiram legalidade para a exploração dessa região, concedida em dívida do Brasil com a Inglaterra referente à aquisição de equipamento ferroviário (WACHOWICZ, 1982).

A retomada de colonização da região só teve início quando a Maripá adquiriu a Fazenda Britânia e estudou a região para colonizá-la. A partir de 1946 é que a colonização verdadeiramente aconteceu. Os primeiros colonizadores trazidos e fixados em terras hoje rondonenses chegaram em 1950, mas foi a partir de 1951 que efetivamente a migração sulina tomou vulto, configurando um novo quadro populacional na região. Os colonizadores, em sua grande maioria, eram de descendência alemã, vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

O Oeste do Paraná estava em fase de grande desenvolvimento, e vários núcleos populacionais não paravam de crescer, dando origem a vários municípios na região: Palotina, São Miguel do Iguçu, Medianeira e General Rondon, que veio posteriormente a ser chamado Marechal Cândido Rondon. O nome dessa cidade se deu em homenagem a Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), militar, geógrafo, conhecido como “sertanista e desbravador”. Em 1955, o Congresso Nacional aprovou uma lei especial conferindo-lhe o posto de marechal, motivo pelo qual o nome da cidade foi mudado.

No modo de colonização implantado no Oeste do Paraná, reproduziu-se o sistema produtivo que os colonos descendentes de imigrantes já praticavam em suas colônias de origem. Ou seja, de modo geral, a migração colonizadora representou apenas a transferência de pessoas, de seu sistema de produção, de seu estágio tecnológico e de seus sistemas de vida para o Oeste do Paraná, uma região nova, de terras férteis, em situação topográfica mais adequada à produção que as terras encontradas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, não exigindo significativos esforços de adaptação (LAMB FENNER, 2001).

3.2.2 Perfil linguístico e cultural da localidade

Uma das características mais marcantes dos teutodescendentes, que representam o grupo étnico majoritário em Marechal Cândido Rondon, é a relação entre língua e religião, que se reflete em práticas que favorecem a manutenção da língua e da cultura alemã.

A religião exerceu um papel fundamental para a conservação da língua porque, “sem o emprego da língua alemã, há o risco de se perderem as normas de vida que lhe estavam associadas, particularmente a frequência dos homens aos cultos, característica das comunidades teuto-riograndenses” (ROCHE, 1969a, p. 686). De acordo com Willems, o protestantismo germânico vê a língua como um fato inerente à religião. Trata-se da “língua usada por Lutero e foi nela que o reformador tornou acessível, ao povo alemão, a Sagrada Escritura” (WILLEMS, 1980, p. 350). Assim, pode-se concluir que a língua e o protestantismo estão estritamente ligados, ao menos para o protestante alemão ortodoxo.

Como a preocupação com a educação dos filhos era notória por parte dos teutodescendentes, logo construíram e buscaram recursos pedagógicos, dentre eles, professores que tivessem alguma formação na língua alemã. Esses professores eram oriundos do Rio Grande do Sul e, com sua experiência pedagógica, reproduziam o que já havia sido desenvolvido nos primeiros núcleos de imigração. A instalação das escolas se dava, de preferência, ao lado da igreja luterana, e visava a atender às expectativas do público, ou seja, ensinar, juntamente com a língua portuguesa, a língua alemã, garantindo a sua manutenção e, conseqüentemente, a preservação de sua cultura.

Segundo os historiadores Schallenberger e Colgnese (1994), as comunidades evangélico-luteranas do Oeste do Paraná foram assessoradas, por muitas décadas, pela igreja-irmã da Alemanha, que enviava clérigos com formação teológica que, assim que chegavam à comunidade em que prestariam seus serviços, recebiam a incumbência de aprender a língua portuguesa. Isso não ocorria nas comunidades dos primeiros imigrantes, em que todo o serviço religioso-comunitário era mediado unicamente pela língua alemã, o que levava, por sua vez, a uma forte preservação da língua e cultura alemãs durante décadas. Dessa forma, confirma-se a manutenção e a lealdade da língua alemã das primeiras gerações, pois tanto as igrejas quanto as escolas veiculavam seus serviços religiosos e educacionais apenas por essa língua, o que se deve ao fato de que, no início da colonização alemã, as próprias famílias se uniam e procuravam criar e construir os espaços religiosos, sociais e recreativos sem interferência e auxílio do governo.

Já no Oeste do Paraná, quando da migração dos descendentes alemães, houve preocupação de que o ensino formal fosse ministrado na língua portuguesa, pois as primeiras gerações sentiam o quanto era importante e necessário o uso da língua portuguesa para a integração e ascensão do teutobrasileiro em solo brasileiro. Os descendentes, inclusive, já se identificavam muito mais como brasileiros do que as gerações anteriores, embora suas raízes de tradição alemã ainda fossem bastante fortes para desejar que as gerações futuras preservassem a língua, a cultura, os costumes dos antepassados, ao lado da língua portuguesa e da cultura brasileira. Além disso, enquanto no meio rural a língua alemã era bastante preservada entre os familiares, parentes, vizinhos e amigos, no meio urbano se desenvolvia concomitantemente a língua portuguesa, principalmente entre as gerações mais novas. Dessa forma, instalou-se uma situação de bilinguismo, pelo contato entre as variedades da língua alemã e portuguesa.

Para Willems (1980), historiador da imigração alemã no Brasil, não houve somente a necessidade de adaptação da linguagem aos elementos do gênero de vida. O autor está seguro de que a língua “nacional” foi adotada voluntariamente pelo teuto-brasileiro, seduzido pelo tríplice prestígio do português: para o colono-agricultor, o português representava o símbolo do meio pastoril; para o colono-camponês, o símbolo da civilização urbana; e para o colono-cidadão, o símbolo do poder político pertencente à classe dominante. Ainda assim, havia, entre os descendentes, o desejo de conservar o uso da língua alemã. Opunham-se, inclusive, à escola pública e davam preferência às escolas particulares.

Em uma das escolas particulares de Marechal Cândido Rondon, denominada Escola Evangélica Martin Luther, tem-se a confirmação da vontade dos primeiros colonizadores refletindo-se ainda em gerações atuais, que é a de cultivar e preservar o patrimônio linguístico cultural alemão. As pesquisas de campo de Borstel (1992) registram eventos observados nesse estabelecimento de ensino:

A língua de ensino é o português, mas, desde 1979, há aulas de alemão para os alunos a partir da 2º ano do ensino fundamental. A língua alemã é obrigatória como língua estrangeira. Ensina-se a fala, a leitura, a produção de textos escritos e a gramática do alemão padrão, muito embora os alunos falem na sua maioria um alemão marcado, principalmente, pelo dialeto *Hunsrückisch* que aprenderam no convívio familiar. Mas também há alunos que falam um alemão mais próximo do alemão padrão (BORSTEL, 1992, p. 52).

Nesse sentido, a variedade HD fica restrita à sala de aula, pois a maioria dos alunos, em contextos informais, tem contato com a variedade HR.

Vale informar que as escolas públicas de Marechal Cândido Rondon, que ofertavam o alemão como componente curricular obrigatório, passou a ofertar inglês na década de 90. O alemão é ofertado pelo CELEM – Centro de Línguas Estrangeiras Modernas, mantido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

A manutenção de práticas culturais que conferem a identidade germânica é também observada na comunidade rondonense, onde a forte influência da cultura germânica é explorada por meio dos costumes, do turismo, da arquitetura, da gastronomia e de eventos festivos e culturais.

Destaca-se, nesse contexto (e ainda no campo religioso), o grupo OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas), que, pelo trabalho contínuo e valioso junto à igreja, teve sempre a preocupação de assegurar e manter um educandário, o qual deveria propiciar um ensino não apenas de caráter religioso, mas também destinado a contribuir como um todo na formação do jovem. Essas senhoras estavam habituadas a professar sua fé por meio da língua alemã, com a qual mantinham os laços de amizade e a solidariedade do grupo, confirmando o que diz Grosjean (1982, p. 109): “a religião como uma ferramenta de manutenção ou um instrumento de mudança”. Esse autor cita o exemplo dos alemães-americanos que emigraram da Europa aos Estados Unidos no século XIX e que possuíam orgulho da sua língua, literatura e cultura e passavam isso para seus filhos, o que foi o caso desses alemães, representantes de todos os níveis da sociedade: intelectuais, líderes religiosos e colonos. Aqueles que não compartilhavam desses valores da língua materna “não estavam preparados para lutar pela manutenção da sua língua” (GROSJEAN, 1982, p. 109).

No passado, as senhoras da OASE faziam feiras para expor seus trabalhos manuais, juntamente com os eventos de almoço, jantares, festas do tipo quermesse e o típico café colonial, cuja renda ficava para a própria igreja, para a escola e para a assistência social na comunidade rondonense em geral. Algumas senhoras ainda cuidam de hortas domésticas e jardins. De fato, o grupo como um todo gosta de cultivar plantas, e mesmo aquelas que não possuem muito espaço, não deixam nenhum pedaço de terra sem cultivar nas imediações da casa, plantando árvores frutíferas, legumes e verduras, temperos para a cozinha, chás medicinais e, em frente da casa, flores em abundância.

Algumas donas de casa ainda possuem toalhas e panôs que pertenceram às mães ou avós, feitos no tear e bordados à mão com motivos florais ou paisagens, com algum provérbio ou uma passagem bíblica em alemão, tais como “*Herr segne unser Haus*” (Senhor, abençoe o nosso lar) e “*Wir danken für das tägliche Brot*” (Nós agradecemos pelo pão diário).

A influência cultural alemã também pode ser verificada nas festas municipais como a Oktoberfest (festa de outubro, de tradição alemã, que pretende ser a maior do Paraná), por meio da música e das apresentações dos grupos culturais, sempre em idioma alemão, assim como também está presente na gastronomia desses eventos, quando são servidos pratos típicos alemães, como o *Eisbein* e o *Kassler*, juntamente com a bebida típica, o chope²⁸. Outro prato próprio da gastronomia alemã é conhecido pelos moradores por *chucruts* (pelos descendentes de alemães que ainda falam alemão) ou *chucrutis* (pronunciado com a desinência *-is* por aqueles que não falam o idioma alemão). Embora o prato se constitua dos mesmos ingredientes e seja preparado de maneira idêntica, não é conhecido dessa forma no país de origem, onde é denominado *Sauerkraut* (repolho azedo)²⁹.

Essas festas podem ser interpretadas, também, como tributo aos imigrantes e à manutenção da sua herança cultural, como, por exemplo, a festa do Dia do Colono, em 24 de julho, comemorada em homenagem aos pioneiros alemães que haviam chegado, em 1824, a São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Nas festas típicas do município, pode-se ouvir falas bilíngues (português-alemão) e monolíngues (apenas em alemão) que brotam, naturalmente, entre os pares e grupos que compartilham a mesma língua.

A influência da cultura alemã pode ser percebida, ainda, na arquitetura da cidade, principalmente em construções de importância turística, retratando o estilo colonial ou enxaimel, estilos típicos alemães. Isso pode ser apreciado no portal do município e na fachada externa do Centro de Eventos, que ostenta 34 fachadas diferentes, representando os estilos de construção de diversas cidades alemãs (veja-se o Anexo 1). Algumas lojas e residências também possuem esse estilo arquitetônico (Anexo 2)

Há duas emissoras de rádio em Marechal Cândido Rondon, que oferecem à população, semanalmente, programas que veiculam a língua alemã por meio de músicas, principalmente folclóricas, e apresentam bandinhas locais, de outros estados e da Alemanha, sendo estas muito apreciadas. Esses programas possuem grande audiência não apenas nessa localidade, mas também em muitos municípios vizinhos, os quais compartilham das características

²⁸ A palavra ‘chope’ ou *chopp* vem do alemão *schopp*, que é uma medida de volume (equivalente a 300 ml). Com o passar do tempo, essa palavra passou a designar a bebida. Os povos sumérios, antigos egípcios, babilônios já faziam uso dessa bebida, ou seja, a bebida já existe em torno de 8 mil anos. É interessante notar que esse vocábulo é utilizado apenas pelos alemães brasileiros, pois na Alemanha, a bebida é denominada simplesmente *Bier* (cerveja). (Disponível em: <<http://stammtischbierfreunde.webnode.com.pt/historia/historia-do-chopp/>>. Acesso em: 13 out. 2013).

²⁹ O chucrute, conhecido na Alemanha como *Sauerkraut*, deriva do francês *choucroute*, que significa “repolho fermentado”. O chucrute é um prato típico da Alemanha, da Polônia e da Alsácia (região do leste da França, na fronteira com a Alemanha). O chucrute foi levado para a Europa oriental pelos mongóis, que, por sua vez, trouxeram a iguaria da China. (Disponível em: <<http://www.seuhistory.com/a-historia-de/comidas-e-bebidas/o-chucrute.html>>. Acesso em: 13 out. 2013).

rondonenses quanto à língua, aos costumes e aos comportamentos. O locutor de uma das emissoras, a Rádio Educadora, apresenta, semanalmente, um programa em que usa a língua alemã para divulgação de notícias locais, mensagens, recados, etc.

Assim, a cidade de Marechal Cândido Rondon, como ponto de pesquisa, oferece, por essas características culturais, um leque de questões relacionadas ao prestígio e desprestígio, os quais podem levar ao preconceito, não só em relação à língua que o outro fala, mas, principalmente, em relação à comunidade desses falantes como um todo.

Observa-se, na comunidade, o consenso de que há apenas uma “língua correta”, que é a variedade HD, o que já está enraizado nos imigrantes que aportaram no Brasil. A crença sobre variedades melhor e pior faladas por determinados grupos não é novidade: a história da humanidade está repleta de relatos que retratam um cenário de mitos e preconceitos em relação às variedades linguísticas, o que leva a um desprestígio social da língua e, por extensão, de seus usuários. Veja-se o que foi testemunhado por um pastor religioso e registrado por Rahle: *Die Hunsrücker wollen sich nicht beschämen lassen wegen ihrer Sprache, weder von den Deutschen noch von den Brazilianern, und beschlossen, Portugiesisch zu reden*³⁰ (RAHLE, 1937).

Skutnabb-Kangas (1981) alude a duas formas de bilinguismo: *folk bilingualism* (bilinguismo popular) e *elite bilingualism* (bilinguismo de elite). Conforme a autora, *folk bilingualism* geralmente advém de uma comunidade minoritária, resultado de processo migratório, cujos membros tiveram de aprender a língua étnica por necessidade, enquanto *elite bilingualism* é aquele utilizado em contextos formais, cultivado em uma ampla gama de oportunidades econômicas e educativas (ou seja, seus falantes escolheram ser bilíngues). Nesse sentido, este tipo de bilinguismo é mais prestigiado que aquele.

Nesta tese, pode-se constatar quão verdadeiras se fazem tais afirmações revendo-se as condições dos imigrantes, que foram oprimidos de tal modo que, por muitos anos, várias gerações ficaram temerosas em falar o alemão (assim como aconteceu com outros grupos étnicos imigrantes), principalmente durante o nacionalismo de Getúlio Vargas e as guerras mundiais, devido ao isolamento a que os imigrantes e descendentes foram confinados por não saberem se expressar na língua oficial.

A língua alemã trazida pelo imigrante também sofreu alterações e esse contato do HR com o português (língua oficial) fez surgir uma variedade linguística única, com elementos oriundos tanto de uma como de outra língua. Nota-se, pelas entrevistas dos informantes de

³⁰ Tradução: Os Hunsrückers não querem se deixar envergonhar por causa da sua língua, nem pelos alemães nem pelos brasileiros, e decidiram falar português.

Marechal Cândido Rondon, que o HR não é prestigiado, ou, na melhor das hipóteses, aparece não com muita frequência nos momentos de interação informal.

O modo de falar dos alemães é constantemente referido, seja positivamente, como forma de prestígio identitário (os falantes se identificam com esse modo de falar e isso fortalece sua identidade), seja negativamente, em forma de gracejo. Esses temas são recorrentes, inclusive, na construção de personagens rondonenses, como se verá na próxima subseção.

3.2.3 Os rondonenses: *Ein Hunsrücker aus Rondon* e o alemón ‘Willmutt’

Os personagens que merecem ser registrados pela sua atuação em contexto bi-multilíngue e que se destacam pela espontaneidade e criatividade tornaram público e visível o contato entre as línguas. Refere-se, aqui, a uma fala bilíngue, até poucas décadas bastante utilizada, principalmente pelas primeiras gerações que sentiram necessidade de adaptar-se ao meio. No histórico dessa língua, há questões de isolamento geográfico e de políticas que desconheciam a necessidade de uma educação bilíngue aos imigrantes provenientes de diferentes partes do mundo.

Toma-se como interessante mencionar a história do senhor Arlindo Schwantes e do Senhor Willmutt, que contribuem com a cultura alemã. O primeiro é autor de poesia e crônicas, sendo seus poemas bastante apreciados, o que motivou a sua apresentação no I Encontro Nacional do Folclore do Hunsrück de Marechal Cândido Rondon. Arlindo Schwantes criou o personagem *Ein Hunsrücker aus Rondon* (um falante hunsrückiano de Rondon), destacando-se na escrita da variedade HR. Esse cidadão, que foi muito atuante na comunidade rondonense e, principalmente, na comunidade religiosa luterana, exerceu cargos como maestro de coral, dentre outras atividades de caráter comunitário e filantrópico. As suas crônicas foram publicadas, principalmente, no semanário *Brazil Post* de São Paulo, que, ainda hoje, é bastante lido e apreciado pelos seus fiéis leitores no Brasil e na Alemanha (veja-se o Anexo 3).

O outro personagem é Willmutt, cidadão de Marechal Cândido Rondon que assumiu a característica de um típico bilíngue, caricaturizando a variedade alemã, pois usa a língua portuguesa com os traços do HR. Esse personagem é reconhecido e convidado para festas típicas alemãs, identificando-se com descendentes alemães que, por sua vez, compartilham desse modo de falar. Importante lembrar que o HR é usado atualmente de forma mais velada, em interações familiares e com amigos, em reuniões de clube e em associações de senhoras.

Willmutter vem se apresentando em shows desde 2003, destacando-se com seus monólogos, canções, imitações, podendo-se dizer, caricaturizando o Fritz (abreviação do nome Frederico, personagem que pode ser associado ao “Zé brasileiro”) com visíveis marcas dialetais, transportando ou adaptando os termos da estrutura da língua alemã para o falar português brasileiro. Fritz, que já foi protagonista de canções e teatro humorístico, foi destaque em um jornal editado em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, por ocasião dos festejos de Centenário da Imigração Alemã no Brasil, em 1824.

Atualmente, Willmutter é conhecido e requisitado para apresentações e eventos, seja para reafirmar laços familiares étnicos, seja para suscitar humor ao valer-se de falas peculiares de um grupo étnico-cultural. Há um *site* na *internet*, material gravado em CD e outros empreendimentos, criados pelo autor do personagem³¹.

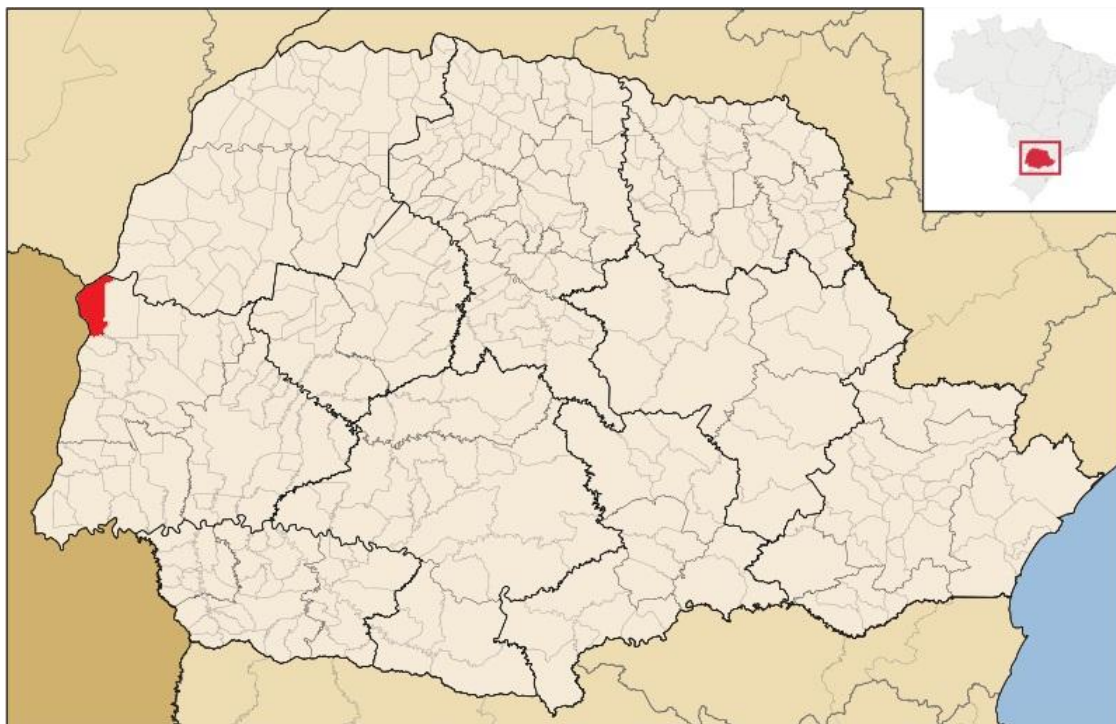
3.3 GUAÍRA

3.3.1 Dados geográficos e sócio-históricos

O município de Guaíra também está localizado no extremo oeste do estado do Paraná, como mostra o mapa a seguir.

³¹ Disponível em: <<http://www.willmutter.com.br/sobre.php>> (Acesso em: 03 abr. 2012). Vídeos do *alemón Willmutter* podem ser encontrados no *site* <www.youtube.com>, digitando-se seu nome.

Figura 3 – Mapa do Paraná com a localização do município de Guaíra



Fonte: <http://asnovidades.com.br/wp-content/uploads/2010/09/Parana-mapa-municipios.png>

O município se situa às margens do Rio Paraná, em região limítrofe entre os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, ligando-se a esse último por meio da ponte Ayrton Senna. No Paraná, limita-se com os municípios de Mercedes, Terra Roxa e Altônia. Faz divisa internacional com Salto del Guairá, Capital do Departamento de Canindeyú, no Paraguai.

Guaíra é um nome indígena de origem guarani, que significa “intransponível”, de “difícil acesso”, denominação dada pelos indígenas que habitavam a região e que atribuíram tal nome, provavelmente, devido às corredeiras do rio Paraná e às Sete Quedas (submersas pela construção da usina hidrelétrica de Itaipu, em 1982), que impossibilitavam os habitantes de navegar com suas embarcações, obrigando-os a um desvio pelas matas.

A história de Guaíra remonta aos primeiros anos do século XVII, com a entrada dos jesuítas na região, então de domínio paraguaio e da sua Província Eclesiástica. Há, inclusive, historiadores que atestam ser esta província tão antiga quanto o descobrimento do Brasil. Segundo Muntoreanu (1992), que foi moradora de Guaíra, autora do livro *Guahyrá Guairá*, a cidade teve duas épocas distintas: a primeira teve início em 1525, quando o primeiro homem branco pisou na região, e perdurou durante todo o trabalho das missões jesuíticas espanholas, até sua destruição com a chegada dos bandeirantes paulistas; a segunda começou em 1902,

quando a Companhia Mate Laranjeira S. A. se instalou na região, movimentando milhares de mil-réis com a exploração da erva-mate.

Os jesuítas se estabeleceram na região, então densamente povoada por índios guaranis, por volta de 1552, e, em 1556, o capitão Ruy Diaz Melgarejo fundou um *pueblo*, a *Ciudad Real del Guayrá*, na confluência dos rios Piquiri e Paraná. Porém, em 1620, o território estava virtualmente nas mãos dos portugueses, já que os bandeirantes paulistas assolavam periodicamente a região, destruindo os *pueblos* espanhóis e escravizando os índios catequizados das reduções jesuíticas.

Em 1632, as últimas reduções foram saqueadas e destruídas, e a *Ciudad Real del Guayrá* foi abandonada e posteriormente arrasada. Começou, então, o grande êxodo dos habitantes da Província del Guayrá: guiados pelos padres Montoya, doze mil fugitivos seguiram para as missões do Rio Grande do Sul, mas, após penosas marchas pelas selvas do Paraná, apenas cinco mil chegaram ao destino.

Em 1872, é feito o tratado de limites entre Brasil e Paraguai. O território onde se encontra hoje o município de Guaíra passou a pertencer à Companhia de Mate Laranjeira S.A., empresa de exploração de erva-mate sediada inicialmente no Paraguai, a qual desbravou e colonizou toda a região, dando-lhe o impulso necessário para o seu progresso (WACHOWICZ, 1982). Guaíra foi, até 1902, um pequeno núcleo de trabalho no meio da selva, mas a criação da Companhia Mate Laranjeira necessitava de muita mão-de-obra e, assim, impulsionou grandes mudanças, movidas pelo fluxo humano. Os funcionários eram divididos em categorias bem definidas, como verdadeiras castas. Eram chamados de empregados apenas os altos funcionários, pois os menos qualificados denominavam-se *mensús* (que ganham por mês), e eram pessoas muito simples, em sua maioria paraguaia, com poucos argentinos.

Conforme descreve Muntoreanu (1992), as línguas utilizadas na cidade naquela época, principalmente pelos trabalhadores, eram o castelhano e o guarani. O trabalho burocrático da Companhia Mate Laranjeira S. A., como a contabilidade e a correspondência, era registrado em espanhol, e somente na década de 30 a escrituração passou a ser em língua portuguesa. A moeda que circulava era o peso argentino, pois os funcionários paraguaios e argentinos estavam sempre transitando entre o Brasil e seus países de origem, de modo que se tornou a única moeda aceita em toda a região.

Muntoreanu (1992), ao se referir à comunidade guairense da época da Companhia Mate Laranjeira, destaca fatos bastante pitorescos quanto ao comportamento e hábitos do povo de Guaíra, que refletiam elementos da cultura guarani mesclados com os hábitos

trazidos pelos espanhóis. A autora alude a superstições que povoavam o imaginário das pessoas, a diversões, a folguedos juvenis e, no campo da gastronomia, ao hábito da bebida tererê (espécie de chimarrão com água fria). Todos esses elementos revelavam também os gostos da cultura paraguaia e argentina, mesclando-os aos hábitos da população proveniente de alguns estados brasileiros.

Na história dessa localidade, cabe ressaltar o desaparecimento das Sete Quedas (Anexo 4), as maravilhosas cataratas do Rio Paraná, ocorrido em 1982 em função da construção da barragem da Hidrelétrica de Itaipu. Os saltos ficavam apenas a quatro quilômetros da cidade, facilitando o acesso dos visitantes.

Os Saltos de Sete Quedas, que além de belíssimos tinham o maior volume de água e força hidráulica do mundo [...]. A Companhia Laranjeira Erva Mate resolveu, então, em 1928, construir pontes para possibilitar o passeio sobre as quedas, empreitada nada fácil numa época em que só se contava com recursos da mão-de-obra humana (MUNTOREANU, 1992, p. 95).

Não apenas os entrevistados da pesquisa em foco, como também muitos outros membros da comunidade, relatam o fato com tristeza e continuam inconformados com a destruição desse patrimônio natural. Nas palavras de Muntoreanu (1992, p. 109), “de acordo com o primeiro projeto, muito bem-feito, a usina hidrelétrica seria construída, mas os saltos estariam a salvo. Esse projeto foi publicado no jornal *O Estado de São Paulo*. Mas não sei por que levantaram a cota de volume de água e, com isso, as quedas desapareceram”.

3.3.2 O legado cultural de Guaíra

A localidade de Guaíra, desde os tempos do descobrimento do Brasil (assim descrito por muitos historiadores), chamou a atenção pela sua exuberante paisagem natural, sua fauna e flora tropicais, e, principalmente, pelas Sete Quedas, que promoveram, durante muito tempo, um grande fluxo turístico, atraindo povos de diferentes nações que ali chegavam para admirar a paisagem exótica e, muitas vezes, acabavam fixando residência definitiva.

Pode-se dizer que a constituição do povo guairense é multietnicocultural, considerando-se o colorido das nações instaladas nessa região. Rezende (2008) observa que diferentes grupos étnicos se instalaram em Guaíra: além dos indígenas, nativos da região, a localidade recebeu paraguaios, argentinos, japoneses, alemães, italianos, portugueses, espanhóis, russos, lituanos, estonianos e africanos, que contribuíram para o desenvolvimento do comércio, da indústria, da agricultura, da educação, do turismo, entre outras atividades.

Ainda segundo essa autora,

[...] os vestígios deixados pelas diferentes sociedades permite-nos compreender e entender os territórios e as novas territorialidades advindas desse processo de relações com o meio. Ex: no espaço guairense encontram-se vestígios da cultura inglesa na construção das casas e no traçado das ruas no bairro denominado Guaíra Velha; no comércio: a cultura libanesa, portuguesa, paraguaia e árabe; no espaço agrícola: a cultura japonesa, alemã e italiana (REZENDE, 2008, p. 8).

Marque (2011) cita Matos (2004), que, a exemplo de muitos moradores de Guaíra, preocupa-se com o resgate de sua história e cultura:

[...] sabe-se que os recursos culturais tangíveis e intangíveis se complementam e ocorre a busca pelo legado cultural, ou seja, pelos valores culturais deixados de outros tempos. Essa busca é retratada nas manifestações culturais, nas edificações, nas obras de arte, nos trabalhos artesanais, nas tradições, nas crenças, etc. (MATOS, 2004 apud MARQUE, 2011, p. 14-15).

Em *Guaíra conta sua história* (WOOD; PEREIRA; GOMES, 2009, p. 45), encontra-se a referência a uma habitante de origem paraguaia que mantém uma tradição de quase setenta anos: a comemoração da padroeira do Paraguai, Nossa Senhora de *Caacupé* (Anexo 5). Os autores relatam, também, que, em 2008, três mil pessoas dançaram embaladas por músicas típicas paraguayas e se deliciaram com as *chipas* – típico biscoito paraguaio – e um trago de *cocido* – uma saborosa bebida à base de mistura de erva-mate, açúcar, brasa e água quente, que, depois de coada, está pronta para ser bebida. Também não faltou o tradicional churrasco, com seus complementos, doado e preparado por voluntários e amigos da referida personagem guairense. Os autores informam que essa senhora de quase noventa anos, trilingue em português, espanhol e guarani, sente-se muito satisfeita em estar com a casa sempre aberta e cheia de amigos e visitantes.

Outro personagem de destaque, na obra de Wood, Pereira e Gomes (2009), é Frei Pacífico, estudioso apaixonado da tradição da cerâmica tupi-guarani e defensor ferrenho da preservação da natureza e cultura indígena. Nos trinta anos vividos em Guaíra, esse artista, por meio da madeira esculpida e das formas moldadas em argila, procura eternizar a história e cultura da gente dessa comunidade.

A história de Guaíra também passa pelas mãos hábeis de outra personagem, uma artista que retrata a história dessa localidade por meio de bonecos e objetos confeccionados por ela, utilizando palha de milho (Anexo 6). Por meio desses figurantes, a história de quase quinhentos anos ganha vida: com eles, a contadora de histórias recria cenas que “desvendam os mistérios a rondar toda a região desde que ali aportaram espanhóis, portugueses, jesuítas e

bandeirantes, disputando espaço pela selva com os indígenas” (WOOD; PEREIRA; GOMES, 2009, p. 67). Primeiramente, a artista e contadora de história criou o índio e o jesuíta, e, aos poucos, outros personagens bonecos, participantes da história guairense, tomaram forma e se juntaram à saga da contadora da história. Para a artista, todos os personagens participantes são importantes para compor essa história, e o seu objetivo, além da função pedagógica de ensinar a história de Guaíra aos próprios habitantes e àqueles que queiram ouvi-la e dela participar, é a de “reforçar a identidade do Paraná” (WOOD; PEREIRA; GOMES, 2009, p. 67).

Há também, em Guaíra, um museu histórico que abriga peças datadas de aproximadamente dois mil anos, marcando a presença do homem primitivo que habitou a região, e até objetos de valor incalculável, como a Cruz de Caravaggio, peça fundida no século XVI como símbolo das Missões, com mais de 400 anos, entre outras memórias da passagem dos espanhóis por essa região.

Outra construção histórica que se destaca na localidade é a Igreja *Nuestro Senõr del Perdõn*, mais conhecida como Igrejinha da Pedra (Anexo 7), fundada em 1934. Sua arquitetura é em estilo normando, e foi construída com pedras brutas. Os vitrais de origem espanhola foram trazidos da Argentina e retratam os jesuítas que lá estiveram. As telhas são provenientes das ruínas da Ciudad Real del Guairá, fundada pelos jesuítas. A igrejinha é um dos patrimônios mais queridos da população guairense.

Atualmente, o município de Guaíra é constituído de uma miscigenação étnica, destacando-se as colônias: portuguesa, paraguaia, japonesa, alemã, italiana e árabe. Guaíra mantém, com muito orgulho, um evento denominado Festa das Nações, realizado anualmente em abril, há várias décadas, congregando as diversas nacionalidades que formam a população guairense. Nessa festividade, que se estende por vários dias, o objetivo principal é mostrar o que cada etnia preserva da sua cultura, tais como a culinária, as vestimentas, as danças, o folclore e o artesanato. Nesses encontros, especialmente nos espaços destinados às tendas das várias nacionalidades, é possível presenciar o que pesquisadores do bi-/multilinguismo declaram sobre acionar uma língua em interações específicas, em que, ao se reunirem os pares que comungam a mesma língua, há uma descontração que faz emergir as falas étnicas.

Há um trânsito intenso diário de pessoas circulando entre Guaíra e Paraguai: são paraguaios que trabalham no Brasil, guairenses com seu trabalho no Paraguai, especialmente no comércio e na distribuição de mercadorias, enfim, fazendo o que gera emprego e trabalho para os habitantes das diversas etnias que vivem na fronteira. Os produtos estrangeiros e comercializados em Salto del Guairá, como também os cassinos, atraem bastante o público jovem e adulto. Além disso, há um bom número de visitantes que chegam com suas famílias e

grupos de amigos e de pesquisa para desfrutar e coletar/registrar as raras espécies da rica e abundante fauna e flora existentes na região.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Primeiramente, é importante considerar o que diz Calvet (2002) no sentido de evitar o reducionismo da língua a um “instrumento de comunicação”, o que poderia ser entendido como uma relação neutra entre o falante e sua língua. Para o autor, um “instrumento é realmente um utensílio de que se lança mão quando se tem necessidade e que se deixa para lá em seguida” (CALVET, 2002, p. 65). Observa-se a importância de levar em conta todo o conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes em relação à língua, às variedades de línguas e àqueles que as utilizam, o que comprova a superficialidade da análise que toma a língua meramente como instrumento de comunicação.

De acordo com Silva-Corvalán (1989), as investigações sobre a variação linguística têm como objeto a fala viva em seu contexto social. Assim, um estudo de cunho linguístico-etnográfico, considerando o contexto histórico-cultural dos falantes, pode contribuir para um retrato da fala em relação aos seus falantes.

Esses direcionamentos deram e continuam a dar a base para os estudos já desenvolvidos em comunidades de fronteira e de imigração no Paraná, e fornecem dados para uma análise dos traços linguísticos das línguas, dialetos e variedades linguísticas em contato, com enfoque nas especificidades socioculturais das comunidades investigadas, bem como na sua ação sobre as crenças e atitudes dos falantes. No Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* está registrado:

Quando nos referimos à tradição em pesquisa, incluímos também a vocação de seus pesquisadores para a reflexão sobre os problemas linguísticos regionais. Dentre eles, destacamos Borstel, Damke e Pereira¹. Borstel é autora dos projetos: (i) O cenário de pescadores de Guaíra: História, Memória e linguagem; (ii) O bilinguismo, a bilinguagem e o bidialetalismo em comunidades multiculturais; (iii) A variação linguística em línguas de contato/conflito: atividade de letramento nas séries iniciais do ensino fundamental; (iv) A variação linguística em línguas em contato; (v) Contato linguístico e variação em duas comunidades bilíngues do Paraná; (vi) Contato linguístico e variação; (vii) Aspectos do bilinguismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon-Paraná-Brasil. Muitos desses projetos já estão concluídos e produziram frutos disseminados em periódicos, livros, capítulos de livros e comunicações em eventos científicos. Damke, ao longo de sua carreira acadêmica, desenvolveu os projetos: (i) Compilação da coletânea de cantos em alemão – Como se canta alemão no sul do Brasil; (ii) Aspectos etnográficos de músicas populares alemãs; (iii) Alternância de código em textos de músicas; (iv) Variação Linguística em textos de músicas. Da mesma forma, alguns concluídos e com ampla disseminação de resultados e outros em processo. Pereira, por sua vez, é autora de: No Oeste Paranaense: língua e aprendizagem em contexto sociolinguisticamente complexo. Jung: dissertação e tese; Sanimar: tese; Vanessa: dissertação; Ísis: dissertação Foz do Iguçu (AGUILERA, 2009).

Considerando-se o que foi posto nos parágrafos anteriores, os procedimentos metodológicos para esta pesquisa foram baseados nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e nos estudos que focalizam a análise e descrição das crenças e atitudes linguísticas.

4.1 O *CORPUS* DA PESQUISA

Como já foi mencionado, esta tese utiliza parte dos *corpora* obtidos por meio do projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, desenvolvido por Aguilera (2009) em localidades do Paraná. Este projeto tem contribuído para dar visibilidade às línguas faladas em áreas de contato linguístico, tanto nas comunidades fronteiriças quanto nas de imigração. A equipe do referido projeto atuou em seis municípios limítrofes com o Paraguai e a Argentina e em dois municípios do interior do estado. Foram entrevistados dezoito informantes de cada localidade (exceto em Foz do Iguaçu, onde foram entrevistados 36 informantes), cujas entrevistas foram transcritas grafematicamente, sem recorrência a transcrições fonéticas. Para este estudo, as transcrições foram cuidadosamente revisadas antes de sua análise.

As falas colhidas nas comunidades em estudo, Marechal Cândido Rondon e Guaíra, revelam crenças dos falantes sobre a sua própria e a fala do outro, até mesmo porque o questionário aplicado foi planejado para que emergissem questões nesse sentido. Esse cuidado se justifica porque o estudo do funcionamento do fenômeno da variação linguística, conforme Banco Canales (2004), requer outros parâmetros, além dos linguísticos, que interferem e que dão conta da forma e das situações em que determinados elementos estão presentes ou não na interação.

4.2 O PERFIL DOS INFORMANTES

No projeto desenvolvido por Aguilera (2009), a escolha dos sujeitos se pautou pela orientação de Silva-Corvalán (1989, p. 17), para quem “a população do estudo deve ser selecionada seguindo-se um método que garanta uma amostra representativa, o que pode ser alcançado pelo uso de técnicas de amostragem desenvolvidas para as ciências sociais”³². Ou seja, a seleção de informantes não se dá de forma aleatória, mas devem ser seguidos critérios

³² La población del estudio debe seleccionarse siguiendo un método que asegure una muestra representativa, la que se puede lograr, haciendo uso de las técnicas de muestreo desarrolladas para las ciencias sociales.

de seleção baseados em fatores extralinguísticos, levando em conta a idade, o sexo, o nível de instrução, a classe social, o lugar de origem, a etnia, etc.

A inclusão das categorias sociais como a faixa etária, o gênero, a escolaridade e a situação socioeconômica do informante, de acordo com Silva-Corvalán (1989), contribui no sentido de identificar em que pontos se localizam as barreiras sociológicas mais notáveis. No caso da pesquisa em foco, além de observar os critérios já mencionados, levou-se em consideração que os informantes, assim como seus pais, são moradores da comunidade linguística por, no mínimo, vinte anos, atendendo às prerrogativas dos estudos de natureza sociolinguística, que preveem que os informantes residam na localidade por tempo suficiente para retratar um cenário mais fiel concernente às línguas.

A seleção dos informantes do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, aqui considerados, foi planejada com base em três dimensões: (a) a diageracional, contemplando três faixas etárias: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos, e 51 a 70 anos; (b) a diastrática, optando-se pela escolaridade como parâmetro definidor de classe social, resultando na definição de três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior; e (c) a diassexual, contemplando sujeitos dos gêneros/sexos feminino e masculino. Da combinação das variáveis resultou a seleção de dezoito informantes para cada localidade pesquisada.

Na sequência, os quadros 1 e 2 trazem o perfil dos informantes das duas localidades. Os dados foram extraídos da Ficha do Informante e das respostas às perguntas sobre a língua de comunicação na infância (língua materna) e a(s) língua(s) que os informantes falam atualmente. A origem étnica foi presumida a partir dos sobrenomes dos informantes e das respostas que traziam dados sobre a língua e o grupo étnico dos familiares.

Quadro 1 – Perfil dos informantes de Marechal Cândido Rondon

| Informante | Sexo | Idade | Escolaridade do informante | Naturalidade do informante | Naturalidade dos pais | Origem étnica do informante (presumida) | Língua(s) materna(s) do informante / Língua(s) de comunicação na infância | Língua(s) que o informante diz falar atualmente |
|------------|-------|---------|----------------------------|------------------------------|-------------------------------|---|---|---|
| 1 | Masc. | 19 | Fundamental | Marechal Cândido Rondon (PR) | Marechal Cândido Rondon (PR) | Alemã | Português (pais e avós falavam alemão com ele) | Brasileiro |
| 2 | Fem. | 18-30** | Fundamental | NI | NI | Alemã | Português (pais falavam alemão com ele) | Português e alemão |
| 3 | Masc. | 40 | Fundamental | Anitápolis (SC) | Santa Catarina | Alemã | Alemão | Português e alemão |
| 4 | Fem. | 33 | Fundamental | Marechal Cândido Rondon (PR) | Rio Grande do Sul | Brasileira | Português | Português |
| 5 | Masc. | 53 | Fundamental | Três Passos (RS) | Rio Grande do Sul | Alemã | Alemão | Português e alemão |
| 6 | Fem. | 61 | Fundamental | Meleiro (RS) | Santa Catarina | Brasileira e italiana | Português (avós falavam em italiano entre si) | Português |
| 7 | Masc. | 29 | Média | Marechal Cândido Rondon (PR) | Rio Grande do Sul | Alemã | Alemão | Português e alemão |
| 8 | Fem. | 20 | Média | Medianeira (PR) | NI | Alemã | Alemão e português (avós falavam alemão com ele) | Português |
| 9 | Masc. | 31-50** | Média | NI | NI | Brasileira | Português | Português |
| 10 | Fem. | 34 | Média | Herqueira (PR) | Minas Gerais | Brasileira | Português | Português |
| 11 | Masc. | 51-70** | Média | NI | NI | Alemã | Alemão | Português e alemão (também um pouco de italiano e espanhol) |
| 12 | Fem. | 51-70** | Média | NI | NI | Alemã | Alemão | Português |
| 13 | Masc. | 26 | Superior | Marechal Cândido Rondon (PR) | Minas Gerais e Santa Catarina | Brasileira | Português | Português |
| 14 | Fem. | 22 | Superior | Marechal Cândido Rondon (PR) | Rio Grande do Sul | Brasileira | Português | Português |
| 15 | Masc. | 41 | Superior | Toledo (PR) | Rio Grande do Sul | Alemã | Alemão | Português |
| 16 | Fem. | 31-50** | Superior | NI | NI | Alemã | Português e alemão | Português |
| 17 | Masc. | 56 | Superior | Três Passos (RS) | Rio Grande do Sul | Alemã | Português e alemão | Português e alemão |
| 18 | Fem. | 51-70** | Superior | NI | NI | Alemã | Português e alemão | Português e alemão |

* NI: não informado ou não registrado pelo inquiridor.

** Faixa etária: quando não há informação sobre idade exata.

Quadro 2 – Perfil dos informantes de Guaíba

| Informante | Sexo | Idade | Escolaridade do informante | Naturalidade do informante | Naturalidade dos pais | Origem étnica do informante (presumida) | Língua(s) materna(s) do informante / Língua(s) de comunicação na infância | Língua(s) que o informante diz falar atualmente |
|------------|-------|-------|----------------------------|-----------------------------|--|--|---|---|
| 1 | Masc. | 27 | Fundamental | Guaíba (PR) | Guaíba (PR) | Brasileira | Português | Português |
| 2 | Fem. | 21 | Fundamental | Guaíba (PR) | Guaíba (PR) | Brasileira | Português | Brasileira |
| 3 | Masc. | 47 | Fundamental | Céu Azul (PR) | Céu Azul (PR) | Brasileira | Português | Português |
| 4 | Fem. | 32 | Fundamental | Laranjeiras do Sul (PR) | Laranjeiras do Sul (PR) e Manguieirinha (PR) | Brasileira | Português | Português |
| 5 | Masc. | 59 | Fundamental | Lajinha (MG) | Lajinha (MG) | Português | Português | Português |
| 6 | Fem. | 52 | Fundamental | Araruna (PR) | Ouro Fino (MG) e Itapetininga (SP) | Brasileira | Português | Português |
| 7 | Masc. | 19 | Média | Londrina (PR) | Jaú (SP) e Potiguar (SP) | Português | Português | Português |
| 8 | Fem. | 17 | Média | Guaíba (PR) | Guaíba (PR) | Brasileira | Português | Português |
| 9 | Masc. | 53 | Média | Porto Alegre (RS) | NI | Brasileira (avós paternos eram alemães) | Português | Português |
| 10 | Fem. | 43 | Média | Guaíba (PR) | NI | Brasileira (avó materna falava polonês e avó paterna, guarani) | Português | Português |
| 11 | Masc. | 69 | Média | Passo Fundo (RS) | Guaíba (PR) | Brasileira | Português | Português |
| 12 | Fem. | 54 | Média | Santana da Ponte Preta (SP) | Guaíba (PR) | Brasileira | Português | Português |
| 13 | Masc. | 24 | Superior | Guaíba (PR) | Minas Gerais e São Paulo | Brasileira | Português | Português (e um pouco de espanhol) |
| 14 | Fem. | 32 | Superior | Guaíba (PR) | Bituruna (PR) e Rio Grande do Sul | Brasileira (avós maternos eram italianos) | Português | Português |
| 15 | Masc. | 38 | Superior | Miradouro (MG) | Santa Catarina e Minas Gerais | Brasileira | Português | Português |
| 16 | Fem. | 49 | Superior | Guaíba (PR) | Argentina (mãe) e Não-me-Toque (RS) | Argentina e brasileira | Português e castelhano | Português |
| 17 | Masc. | 61 | Superior | Santos (SP) | Santos (SP) | Brasileira | Português | Português |
| 18 | Fem. | 56 | Superior | Jaú (SP) | Jaú (SP) | Brasileira | Português | Português |

* NI: não informado ou não registrado pelo inquiridor.

4.3 O QUESTIONÁRIO UTILIZADO

Segundo Lambert e Lambert,

como as atitudes não são diretamente observáveis, têm de ser inferidas, seja da cuidadosa observação do comportamento das pessoas em situações sociais, seja dos padrões de respostas a questionários que foram especialmente elaborados para refletirem prováveis modos de pensar, sentir e reagir a ambientes sociais concretos e reais (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 104-105).

O questionário para as entrevistas foi baseado na proposta de Bergamaschi (2006), com base em critérios próprios de pesquisas dessa natureza, adaptados à realidade sociolinguística e cultural das comunidades de fala investigadas, com perguntas específicas para avaliar crenças e atitudes linguísticas em relação às línguas em contato de cada localidade e aos seus falantes. As perguntas, de modo geral, referiam-se à(s) língua(s) falada(s) pelo informante, à avaliação das diferentes línguas faladas nas comunidades, ao posicionamento do informante com relação ao uso dessas línguas em lugares públicos ou à sua inclusão no currículo escolar, à avaliação do informante com relação à sinceridade ou falsidade de amigos falantes dessa língua, e às tendências de reação do informante quanto a morar próximo aos falantes dessas línguas, namorar ou casar-se com membros das etnias que essas línguas representam e consultar médicos e dentistas falantes dessas línguas.

O quadro a seguir apresenta as perguntas constantes do questionário de ambas as localidades pesquisadas.

Quadro 3 – Questionário utilizado para as entrevistas com os informantes rondonenses e guairenses

| Questionário para os inquiridos de Marechal Cândido Rondon e Guaíra | |
|--|---|
| Questão 1 | Que língua você fala? |
| Questão 2 | Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você? |
| Questão 3 | Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você? |
| Questão 4 | Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós? |
| Questão 5 | Aqui em Marechal Cândido Rondon / Guaíra existem pessoas que falam diferente de você? |
| Questão 6 | Que língua(s) fala(m) os que falam diferente aqui? |
| Questões 7 a 10 | MARECHAL CÂNDIDO RONDON: Poderia dar um exemplo do espanhol argentino |

| | |
|--|---|
| (MCR) Questões 7 a 12 (G) ⁴¹ | / espanhol paraguaio / alemão / italiano? GUAÍRA: Poderia dar um exemplo do espanhol / guarani ou jopará / árabe / japonês / italiano / alemão? |
| Questão 11 (MCR) Questão 13 (G) | MARECHAL CÂNDIDO RONDON: Comparando essas línguas: argentino, paraguaio, alemão e italiano, quem fala melhor? Por quê? GUAÍRA: Comparando essas línguas: espanhol, guarani ou jopará, árabe, japonês, italiano e alemão, quem fala melhor? Por quê? |
| Questão 12 (MCR) Questão 14 (G) | E quem fala pior? Por quê? |
| Questão 13 (MCR) Questão 15 (G) | Em que lugares você ouve essas línguas ou modos de falar diferentes? |
| Questões 14 a 17 (MCR) Questões 16 a 20 (G) | MARECHAL CÂNDIDO RONDON: Quando você se aproxima dos paraguaios / argentinos / alemães / italianos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam? GUAÍRA: Quando você se aproxima dos paraguaios / árabes / japoneses / italianos / alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam? |
| Questão 18 (MCR) Questão 21 (G) | Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos? |
| Questão 19 (MCR) Questão 22 (G) | Essas línguas são feias ou bonitas? |
| Questão 20 (MCR) Questão 23 (G) | Qual é a mais bonita? |
| Questão 21 (MCR) Questão 24 (G) | E qual é a mais feia? |
| Questão 22 (MCR) Questão 25 (G) | Se você pudesse proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Marechal Rondon / Guaíra? |
| Questão 23 (MCR) Questão 26 (G) | Na igreja, no templo, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)? |
| Questão 24 (MCR) Questão 27 (G) | A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê? |
| Questão 25 (MCR) Questão 28 (G) | Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê? |
| Questão 26 (MCR) Questão 29 (G) | Você estudou ou fala alguma dessas línguas? Qual? Onde aprendeu? |
| Questões 27 a 30 (MCR) Questões 30 a 34 (G) | MARECHAL CÂNDIDO RONDON: Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos / paraguaios / alemães / italianos, você compraria? GUAÍRA: Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse paraguaios / árabes / japoneses / italianos / alemães, você compraria? |
| Questões 31 a 34 (MCR) Questões 35 a 39 | MARECHAL CÂNDIDO RONDON: Você tem amigos argentinos / paraguaios / alemães / italianos? Como começou essa amizade? GUAÍRA: Você tem amigos paraguaios / árabes / japoneses / italianos / alemães? |

⁴¹ MCR: Marechal Cândido Rondon; G: Guaíra.

| | |
|--|---|
| (G) | Como começou essa amizade? |
| Questão 35 (MCR) Questão 40 (G) | Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê? |
| Questão 36 (MCR) Questão 41 (G) | Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê? |
| Questão 37 (MCR) Questão 42 (G) | Você já se desentendeu, brigou com algum deles? Por que motivo? |
| Questões 38 a 41 (MCR) Questões 43 a 47 (G) | MARECHAL CÂNDIDO RONDON: Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino(a) / paraguaio(a) / alemã(o) / italiano(a)? Por quê? GUAÍRA: Você namoraria ou se casaria com um(a) paraguaio(a) / árabe / japonês(a) / italiano(a) / alemã(o)? Por quê? |
| Questões 42 a 45 (MCR) Questões 48 a 52 (G) | MARECHAL CÂNDIDO RONDON: Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um argentino / paraguaio / alemão / italiano? Por quê? GUAÍRA: Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um paraguaio / árabe / japonês / italiano / alemão? Por quê? |
| Questão 46 (MCR) Questão 53 (G) | Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Marechal Cândido Rondon / Guaíra, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado? |

O questionário propicia obter informações a respeito de como o informante percebe a sua fala e a do outro e entende a importância da preservação das línguas faladas nas comunidades. As localidades, no entanto, apresentam perfis diferenciados, o que pode resultar em análises distintas. Marechal Cândido Rondon caracteriza-se como um contexto em que convivem línguas étnicas (de imigrantes e descendentes) e a língua portuguesa. Já a comunidade de Guaíra, além da característica multiétnica, apresenta um perfil fronteiriço, com seus habitantes constantemente se locomovendo entre Guaíra e o território paraguaio, destacando-se, nesse cenário, a Ciudad del Guairá pelo intenso comércio que promove. Dessa forma, paraguaios, árabes, argentinos, japoneses, alemães, italianos constituem, juntamente com o brasileiro nativo, o perfil da população, possibilitando a observação das crenças e atitudes linguísticas, algumas mais veladas, outras explícitas, manifestadas pelos grupos e sua diversidade multilíngue e cultural.

4.4 PROCEDIMENTOS PARA O TRATAMENTO, A DESCRIÇÃO E A ANÁLISE DOS DADOS

Diante dos dados colhidos, procedeu-se à audição das gravações e à comparação com as transcrições já feitas, as quais foram revisadas. As transcrições grafemáticas foram feitas com as seguintes especificações: a) fonte Times New Roman, tamanho 12; b) pausas

marcadas por reticências; c) parênteses duplos para marcar comentários; e d) uso da abreviação “inint.” para se referir a algo ininteligível dito pelo informante.

Como a transcrição fonética não foi utilizada nas transcrições de palavras estrangeiras, quando surgiram aspectos que necessitassem de informação específica sobre a forma de articulação de sons, isso foi feito de forma descritiva.

Na sequência, os dados foram tabulados e os resultados, transformados em gráficos e, em alguns casos, em quadros. Os gráficos foram produzidos por meio do programa Excel, do pacote da Microsoft, e apresentados em forma de pizza ou barras. Os percentuais foram arredondados nos gráficos e no texto.

Os dados dispostos nos quadros e gráficos representam o cunho quantitativo da pesquisa, mas as observações relativas aos dados obtidos são de natureza qualitativa, pois estão pautadas nas concepções das crenças e atitudes linguísticas e sociais a partir do contexto socio-histórico e sociolinguístico das comunidades de fala. As análises foram fundamentadas em pressupostos teóricos da Sociolinguística, da Psicologia Social e da Sociologia da Linguagem.

A análise descritiva dos dados levou em consideração os pontos relevantes, e alguns recortes das falas dos informantes foram transcritos, para melhor visualização. Os gráficos e quadros, com os respectivos resultados, acompanham e ilustram as discussões sobre as crenças e atitudes linguísticas dos rondonenses e guairenses em relação às línguas em contato daquelas localidades.

Na análise dos dados, para fins de composição dos percentuais, as respostas manifestas por “acho que sim” são interpretadas como afirmativas, entendendo que o informante não estava em dúvida, mas que estava expressando sua opinião por meio da expressão “acho que...”, no sentido de “penso que...”.

Para as análises, as perguntas foram separadas em blocos. Na primeira parte, foram agrupadas as questões que tratam da aquisição da(s) língua(s) materna(s) do informante; da(s) língua(s) utilizada(s) pelo informante durante a infância, no convívio com os familiares e de como esses familiares se comunicavam com ele; e de quais línguas eram utilizadas pelo informante nas interações com os seus familiares durante a infância e como são atualmente.

No segundo bloco, foram agrupadas as questões que versam sobre o reconhecimento da existência de línguas de contato nas localidades e identificação de quais são elas. Solicitou-se também ao informante que citasse exemplos das diferentes línguas faladas pelos habitantes, bem como avaliasse o desempenho dos falantes, ou seja, quem fala melhor e quem fala pior.

No terceiro bloco, foram verificadas as crenças dos informantes sobre o uso local de línguas e o comportamento linguístico de seus usuários.

No quarto bloco, foram verificadas as conotações, os juízos de valor que os informantes atribuem ao uso local das línguas das comunidades em foco.

No quinto bloco, investigou-se o interesse em aprender as línguas faladas na comunidade rondonense e guairense, bem como fatores relacionados à preservação das línguas, de forma particular, vinculados ao seu uso na igreja e ao seu ensino em escolas.

No sexto bloco, estão agrupadas as questões que sondam o relacionamento dos rondonenses e guairenses com falantes de outras línguas sob uma perspectiva afetiva (no âmbito familiar e no círculo de amizades) e profissional. A penúltima pergunta do questionário, que deixa livre os informantes para que expressem opiniões acerca da diversidade linguística com que convivem em suas comunidades, também foi incluída no sexto bloco, mas suscitou poucas respostas.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON

Nesta seção, apresenta-se a análise dos dados de Marechal Cândido Rondon. Verifica-se que 67% dos informantes dessa localidade são de origem alemã, o que é um indício de que o sentimento de manutenção da cultura do colonizador se materializa no contingente de descendência. No Quadro 1 (seção dos Procedimentos Metodológicos), constatou-se que os informantes nascidos em Marechal Cândido Rondon, Medianeira e Toledo (as duas últimas cidades com características semelhantes à de Marechal Cândido Rondon no tocante à sua realidade sócio-histórica), cujos pais oriundos de Marechal Cândido Rondon e do Rio Grande do Sul falavam alemão e/ou português e alemão no meio familiar, mantiveram o uso dessas línguas, ou seja, dos dezoito informantes, onze falam português e sete falam português e alemão, o que demonstra o perfil de línguas em contato, ainda presente na comunidade, embora não muito expressivo.

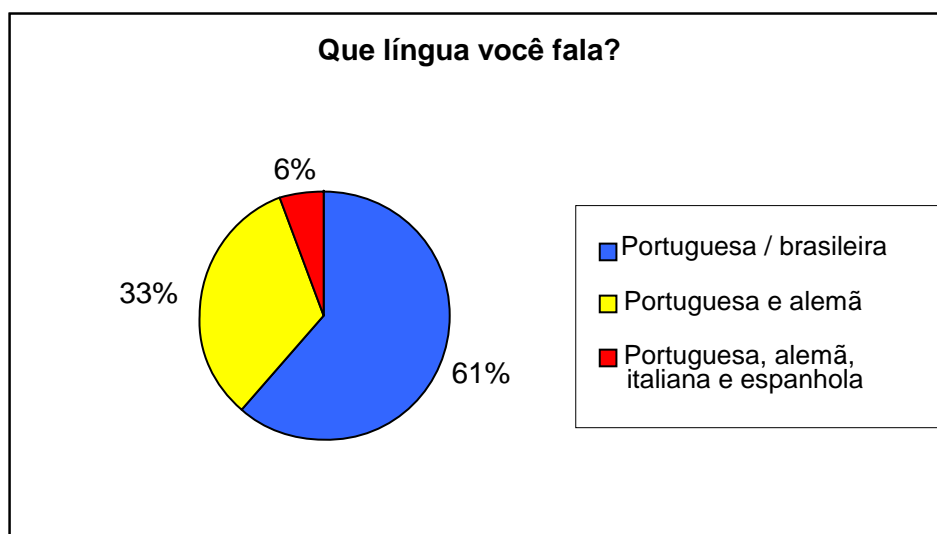
Foram esses dados que motivaram a análise que segue. Nela, os resultados sobre as crenças e atitudes linguísticas dos falantes rondonenses em relação às línguas em contato são descritos e analisados com o auxílio de recortes das respostas dos informantes e de gráficos ilustrativos.

5.1 BLOCO DAS QUESTÕES 1 A 4

As questões 1 a 4 tratam da aquisição da(s) língua(s) materna(s) do informante, a(s) línguas utilizada(s) pelo informante no convívio com os familiares durante a infância e como esses familiares se comunicavam com ele.

Com relação à pergunta 1, “Que língua você fala”, onze informantes (61%) citaram a língua portuguesa ou brasileira como sua língua materna. Seis informantes (33%) mencionaram o uso de português e alemão. Apenas um informante (6%) fez menção a outras línguas além do português e do alemão, embora declarasse conhecer apenas algumas poucas palavras dos idiomas citados: “Português, expresso mal e mal o alemão, algumas palavras em... italiano, e alguma coisa do espanhol” (Inf. 11).

Gráfico 1 – Língua(s) falada(s) pelos informantes de Marechal Cândido Rondon



É interessante observar que a variável idade serve de parâmetro para medir a questão relativa ao sentimento de preservação do dialeto. Tanto é que, dos sete informantes que falam alemão e português, quatro são da terceira faixa etária (51 a 70 anos); um, da segunda (31 a 50 anos); e dois, da primeira (18 a 30 anos). Os dados indicam que as gerações mais velhas ainda recorrem à variedade alemã, mesmo que, em alguns casos, de forma predominantemente passiva.

Veja-se algumas respostas a essa questão:

INF.- Português. Só que eu en... eu entendo, né, o alemão, né, só que não falo tudo, sabe... um pouco eu consigo conversar. (Inf. 3)

INF.- Português. Ah, falo o alemão que fala aqui, mas não muito influente. (Inf. 5)

INF.- Ah, falo o português e raspando... o alemão, mas muito pouco. (Inf. 17)

Na resposta do informante 5, nota-se uma relação de distinção da variedade do alemão falada na comunidade com relação ao alemão padrão – “o alemão que fala aqui, mas não muito influente”. Pode ser também que esse informante se refira ao HR, variedade do alemão que não goza do mesmo prestígio que o HD. Ou, ainda, é possível que o informante tenha querido dizer que não é “fluyente” na variedade falada nessa localidade. Em todo o caso, é preciso destacar que “cada variedade local ou regional tem a sua própria história, e é resultado de um somatório de forças, tais como colonização, movimentos migratórios, prestígio ou isolamento da comunidade, estrutura social e sistema educacional” (MELLO, 1999, p. 26).

Embora o termo “dialeto” – que geralmente tem conotação negativa, indicando a variedade de baixo prestígio – tenha sido mencionado apenas pelo informante 11, em três questões (2, 3 e 4) do inquérito, é possível perceber que as variantes da língua alemã não gozam de muito prestígio entre os próprios indivíduos da comunidade em que são utilizadas. Por exemplo, o dialeto HR é considerado “incorreto” e, para a maioria desses falantes, parece ser constrangedor admitir que fala alemão, como demonstram os excertos anteriores, em que os informantes declaram que não “falam tudo” ou que “expressam mal e mal” essa variedade.

Diante desse contexto, em que os informantes mais jovens e os da faixa etária 3 são bilíngues (português e alemão), seria possível depreender que, enquanto os informantes da terceira faixa etária utilizam a língua alemã em seus ambientes informais, como no convívio com familiares, parentes e amigos mais próximos, numa tentativa de preservar a língua e cultura alemã, os mais jovens parecem usar o idioma com fins mais utilitários, já que os da faixa etária 1 declararam utilizar mais o alemão do que a faixa etária 2. Esse “retorno” ao alemão pelos mais jovens, embora com finalidade diferente da de seus pais e avós, pode ser explicado por diversos fatores: influência dos meios de comunicação, maior facilidade de intercâmbio no exterior, ofertas de trabalho em outros países e, talvez, maior consciência da importância de conhecer outras línguas. O interesse dos mais jovens é de aprender alemão como uma língua estrangeira, e não mais com as mesmas referências e interesses que os da terceira faixa etária, que adquiriram a língua em espaços informais, de modo inconsciente, na primeira infância.

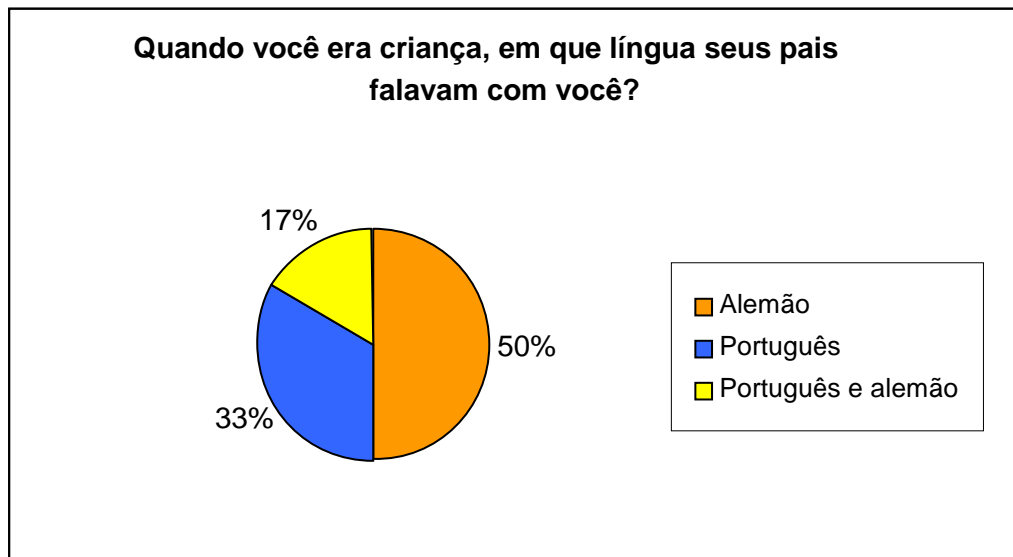
Dos informantes da segunda faixa etária, apenas um declarou fazer uso do alemão, o que não é significativo. Uma das razões para isso pode ser a segunda guerra mundial, aliada ao apelo nacionalista das décadas de 1930 e 1940, no contexto do Estado Novo, que inibiu o uso de qualquer outra língua que não fosse a língua portuguesa.

Diante das restrições do uso, é possível entender que certas línguas sofram desprestígio social e fiquem limitadas a espaços domésticos, reduzindo, gradativamente, as interações entre os pares que compartilham determinado idioma e, conseqüentemente, a motivação para a preservação⁴².

⁴² Cabe aqui comentar um episódio que faz parte da memória de falante bilíngue em alemão e português, da autora desta tese, que presenciou o seguinte comentário de outra falante bilíngue, em situação de informalidade: “Ah! Meu marido e eu não ensinamos e não falamos com nossos filhos o alemão, isso só atrapalha na escola. As crianças precisam mesmo aprender o português, pra poder se virar melhor na vida”. Essa fala lembra bem o que diz Grosjean (1982) sobre os pais que, no intuito de auxiliar seus filhos a desenvolver melhor seu desempenho escolar, adotam procedimentos que levam ao apagamento da língua materna (quando essa não é a utilizada na escola e demais segmentos formais da sociedade) e adotam a língua tida como “a melhor” e a “mais correta”: “[...] parents helping their children to learn the correct language [...]” (GROSJEAN, 1982, p. 123).

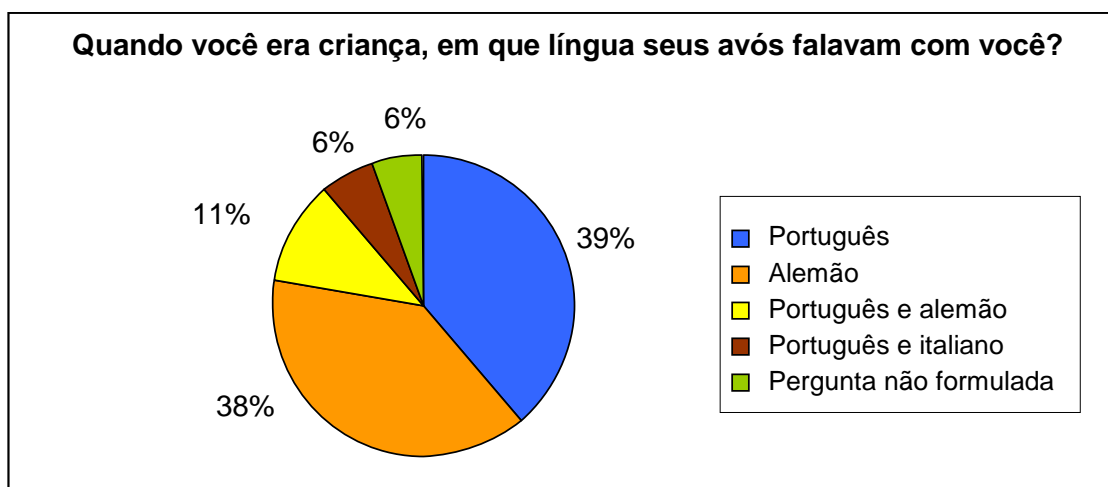
Quanto à pergunta “Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?”, nove informantes (50%) afirmaram que apenas a língua alemã era utilizada pelos pais nas interlocuções com os informantes; três informantes (17%) informaram a língua portuguesa e a alemã; e seis informantes (33%) afirmaram que os pais utilizavam apenas a língua portuguesa. O gráfico 2 mostra esses resultados:

Gráfico 2 – Língua falada pelos pais nas interlocuções com os informantes rondonenses quando crianças



O resultado da questão 3, no gráfico 3, permite uma visão sobre qual língua os avós falavam com o informante durante a época da infância. Das respostas, sete informantes (39%) declararam que seus avós falavam em língua portuguesa, mas dois afirmaram não ter certeza, porque não conheceram os avós; sete informantes (38%) disseram que seus avós falavam em alemão com eles; dois informantes (11%) declararam que seus avós utilizavam português e alemão; um informante (6%) declarou que o português e o italiano eram usados por seus avós; a pergunta não foi formulada a um informante (6%).

Gráfico 3 – Língua falada pelos avós nas interlocuções com os informantes rondonenses quando crianças



Quanto às questões relativas às línguas faladas pelos pais (questão 2) e avós (questão 3) durante a infância, os informantes 1, 8, 12, 15 e 16, que declararam, na questão 1, falar somente o português, afirmam que, quando crianças, as línguas de comunicação entre familiares foram a língua alemã e a língua portuguesa, simultaneamente, ou apenas a alemã. Esses depoimentos retratam um falar bilíngue ou um contato do falante com o dialeto alemão quando criança, na convivência inclusive com os avós, que mantinham fortes laços com a língua e a cultura alemãs.

As respostas dos seis informantes de língua alemã revelam que a primeira e a segunda geração mantinham, em sua convivência familiar, o uso da língua alemã. Os avós, que geralmente moravam com um de seus filhos, participavam da lida doméstica, ajudavam a cuidar dos netos, o que gerava interações em língua alemã. É oportuno, também, lembrar-se da configuração da educação e dos hábitos familiares quanto à presença da TV, dos computadores e de toda a tecnologia atual, nas famílias. É possível, portanto, traçar um cenário em que as três gerações conviviam, e os ensinamentos/experiências dos mais velhos constituíam um legado aos mais jovens. Assim, nesse contexto, a língua, uma herança das gerações anteriores, era cultivada pelos seus sucessores, o que já não é possível presenciar com tal intensidade no contexto atual.

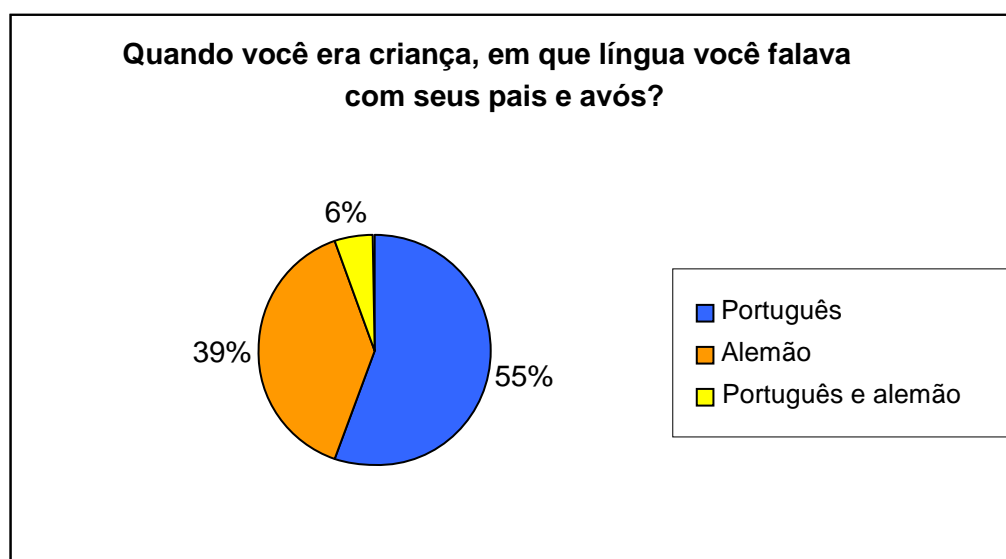
A seguir, é apresentado um excerto em que um informante declara que os avós utilizavam tanto a língua portuguesa quanto a italiana:

INF.- Olha, a minha avó era italiana, o meu avô era brasileiro, né, assim, como diz, como nós, nós... eu não me alembro var... das palavra deles assim, bem... bem enjoativo (risos), não é bem... era bem engraçado. (INF. 6)

O informante 6, da segunda faixa etária, com ascendência italiana, deixa transparecer uma atitude não tão positiva sobre a língua dos antepassados, já que o termo “enjoativo” tem uma carga semântica negativa. Além disso, o falar italiano foi qualificado como “bem engraçado”, o que demonstra preconceito e sentimento de baixo *status* social.

Com relação à questão 4, “Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?”, foi constatado o seguinte resultado: dez informantes (55%) declararam que falavam português ou brasileiro com seus pais e avós, sete (39%) disseram que usavam o alemão, e um (6%) registrou que usava o português e o alemão nas interações com seus pais e avós. No gráfico 4, são visualizados esses resultados:

Gráfico 4 – Língua falada pelos informantes rondonenses nas interlocuções com os seus pais e avós, na infância



5.2 BLOCO DAS QUESTÕES 5 A 12

Este bloco compõe-se das questões de 5 a 12, que se voltam para o reconhecimento do fenômeno das línguas de contato em Marechal Cândido Rondon, identificação de que línguas são faladas além do português e avaliação da *performance* dos falantes, ou seja, quem fala melhor e quem fala pior.

Com referência à pergunta 5, “Aqui em Marechal Cândido Rondon existem pessoas que falam diferente de você?”, os dezoito informantes reconhecem a existência de outras línguas faladas na localidade, além do português.

Apresentam-se alguns recortes das falas como exemplos:

INF.- Existem... outros dialetos. (Inf.5)

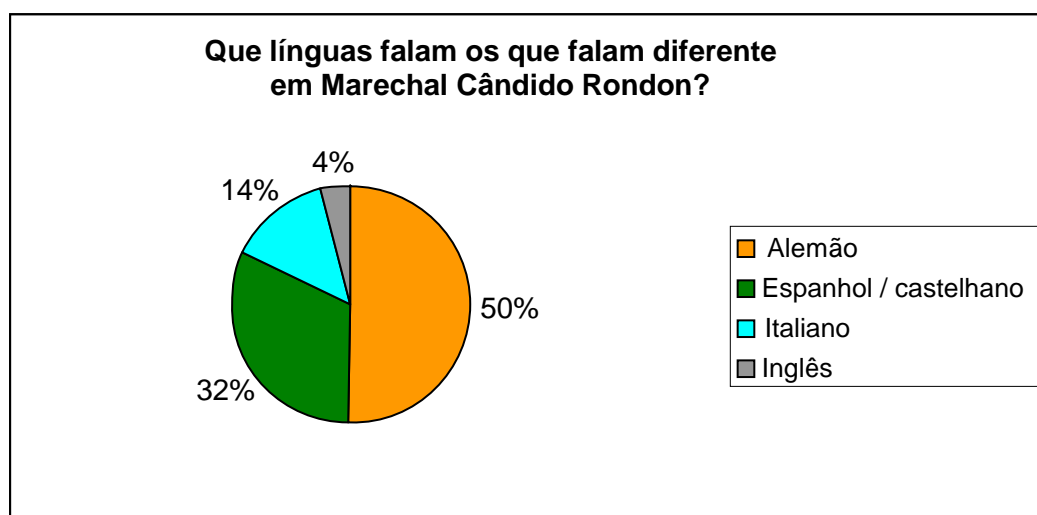
INF.- Sim, muita, muita diferença... têm pessoas que falam uns dialetos, têm outras que falam na gramática, o alemão russo também já encontrei... vários dialetos. (Inf. 11)

INF.- Ah (inint.) assim: existe assim pessoas que têm... que... que falam mais puxado pro alemão, pro italiano, existem pessoas que vieram de outras regiões, têm um sotaque diferente. (Inf. 14)

Esses informantes, portanto, deixam claro que ouvem línguas diferentes nessa comunidade e utilizam o termo “dialeto” ou mesmo “sotaque” para designar as variedades linguísticas ouvidas. O informante 11, ao dizer que há “pessoas que falam uns dialetos, têm outras que falam na gramática”, atribui ao dialeto uma conotação de língua mal falada, não correta, pois seus falantes não utilizam a “gramática”.

Em relação à questão 6, “Que língua(s) fala(m) os que falam diferente aqui?”, houve catorze menções à língua alemã (50% das menções), referindo-se às variedades HR e pomerano, esta última proveniente da Pomerânia, que foi um Estado da Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial e hoje pertence à Polônia. Houve também nove menções (32%) ao espanhol ou castelhano, quatro (14%) ao italiano, e uma (4%) ao inglês.

Gráfico 5 – As diferentes línguas faladas pelos rondonenses



Merecem destaque algumas respostas a respeito do alemão, em que os informantes reconhecem que se trata da língua não portuguesa mais falada na localidade, e também que há variedades do alemão. Vale lembrar que o alemão recebeu 50% das menções, mas,

considerando que os exemplos foram citados por catorze informantes, isso corresponde a 78% dos informantes.

INF.- Alemão. Tem o... espanhol, espanhol é paraguaio, né? Castelhana. Espanhol também. Meu avô é... fala uma... meu... minhas avós falam alemão, é o pomerano, acho que é... um alemão meio atrapalhado, mais rápido. (Inf 1)

INF.- Ah, os que eu sei do... (inint.) do... do alemão tem os que tem, o alemão tem diversos dialetos, então... tem uns que falam uns dialeto diferente, os Catarina já falam outro dialeto, eu nem sei como é que é, citar os nome deles, mas, sei que é... é diferente um pro outro. (Inf. 5)

INF.- O alemão, né, mais. Mais o alemão. (Inf. 6)

INF.- Alemão, mas não o alemão que nós falamos, que eu aprendi falar. Um... outro dialeto de alemão. (Inf. 7)

INF.- A maioria é alemão. (Inf. 12)

INF.- Ah, eles falam português, mas falam português com mistura, com traços do... do... do alemão, por exemplo. (Inf. 14)

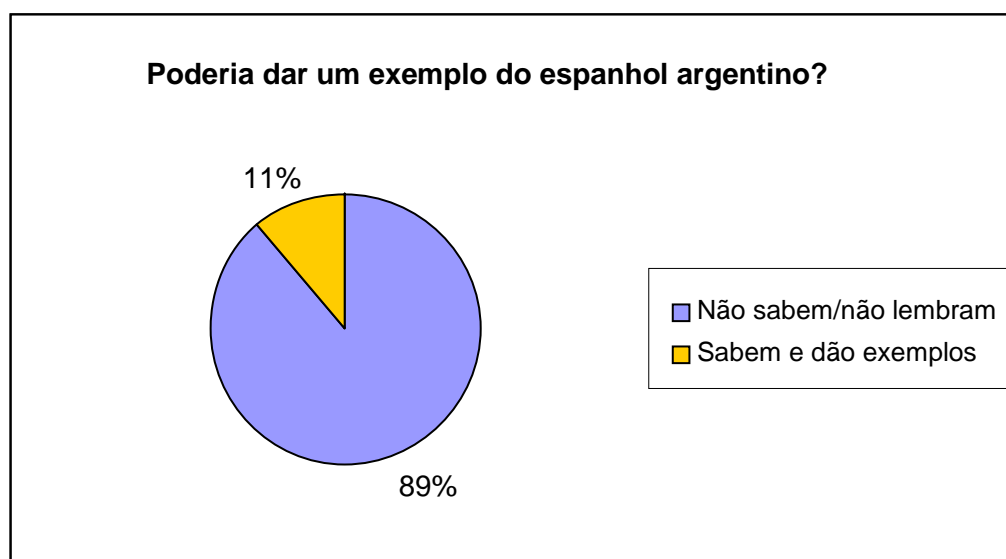
INF.- É que o alemão tem várias formas de falar, né. Tem o alemão que é o... o alemão mesmo que eu não conheço, conheço só o alemão regional, né, que é o nosso. Mas o regional mesmo tem vários... vários tipos de alemão. (Inf. 15)

INF.- É... o alemão o pomerano, que daí eu não entendo, o pomerano que é um outro dialeto do alemão, e... é o mais comum que está ao meu redor, digamos assim. (Inf. 16)

Quanto à questão 7, “Poderia dar um exemplo do espanhol argentino?”, dezesseis informantes (89%) relataram que não se lembravam ou não sabiam nada sobre o idioma espanhol argentino, não podendo, assim, citar exemplos nesse idioma. Os dois informantes (11%) que conheciam palavras nesse idioma exemplificam com *buenas tardes* (Inf. 8) e *hablar* (Inf. 18).

O gráfico 6 ilustra esses resultados:

Gráfico 6 – Porcentagem de informantes rondonenses que citam exemplos do espanhol argentino



Com relação à questão 8, relativa a exemplos do espanhol paraguaio, os dezoito informantes (100%) responderam que não se lembravam ou não sabiam nenhuma palavra ou expressão nesse idioma. Um informante faz alusão ao “portunhol”, expressão muito utilizada entre os moradores brasileiros residentes próximo à fronteira do Paraguai com a Argentina para denominar a mistura do português com o espanhol: “Espanhol paraguaio acho que é o... o famoso portunhol que falam, né, na fronteira aqui? Que eu saiba é isso só” (Inf. 5).

Sobre exemplos em alemão, metade dos informantes (50%) declarou não saber ou não se lembrar de nenhum vocábulo ou expressão nessa língua. A outra metade mencionou alguns termos em língua alemã, referindo-se, principalmente, aos cumprimentos, como *Alles gute/Alles gut* (quatro menções), *Gut Moie/Moint* (duas menções) e *Wie geht's?* (uma menção) (“Tudo bem?”, “Bom dia!” e “Como vai?”, respectivamente). Note-se que a expressão *Alles gut/gute* foi transposta literalmente do português para o alemão (*alles* = tudo; *gut(e)* = bom/bem), pois o correspondente em alemão *standard* seria *Wie geht es ihnen?* (formal: “Como vai o/a senhor/a?”) ou *Wie geht es dir? / Wie geht's?* (informal: “Como vai você?”), de modo que um alemão nativo dificilmente usaria *Alles gut(e)* como forma de cumprimento. Essa expressão é muito usual, não apenas entre os rondonenses, mas também entre bilíngues em alemão e português de outras localidades brasileiras.

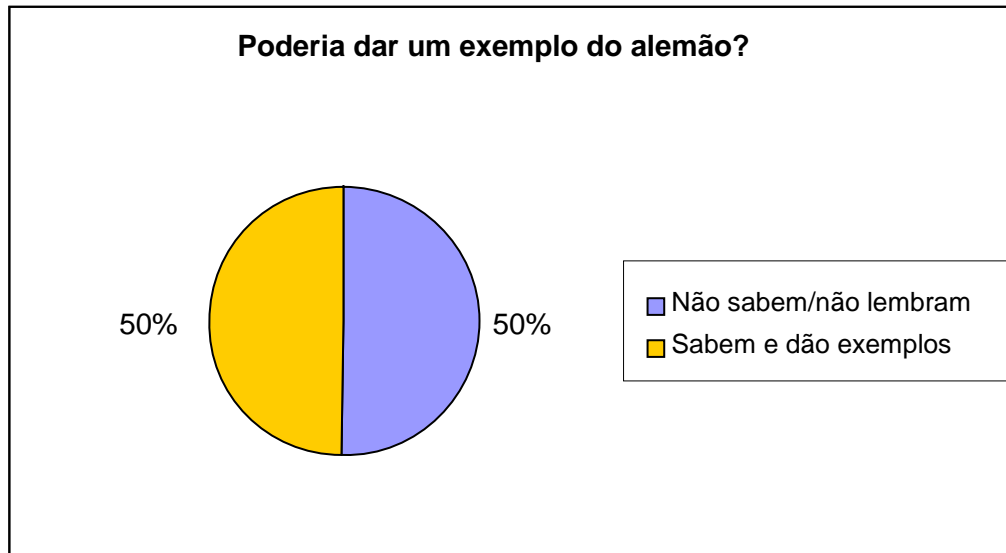
O informante 7 mencionou o termo *Wolfdeutsch* (alemão de lobo) para designar uma variante da língua alemã que não existe, podendo-se atribuir certa confusão no momento em que o informante quis se referir à variedade HR, a qual é falada na região da Renânia, sudeste

da Alemanha, cujos imigrantes vieram em grande número em meados de 1824, principalmente ao estado do Rio Grande do Sul. A tradução literal da palavra *Hunsrückisch* é “dorso de cachorro”, denominação que se originou na Alemanha, devido à forma geográfica que a região de origem dessa variedade sugere, podendo-se comparar o contorno físico/geográfico da região aos contornos físicos de um cão.

A expressão *Ich spreche Deutsch* (eu falo alemão), citada pelo informante 18, e os demais itens lexicais – *Stuhl, Wassa, Klos, Mama, Papa* (cadeira, água, copo/vidro, mãe, pai) – são do campo semântico doméstico, o que sugere o uso da língua alemã em ambientes mais informais e entre os pares que compartilham a mesma língua e ascendência, e os mesmos hábitos, interesses e comportamentos.

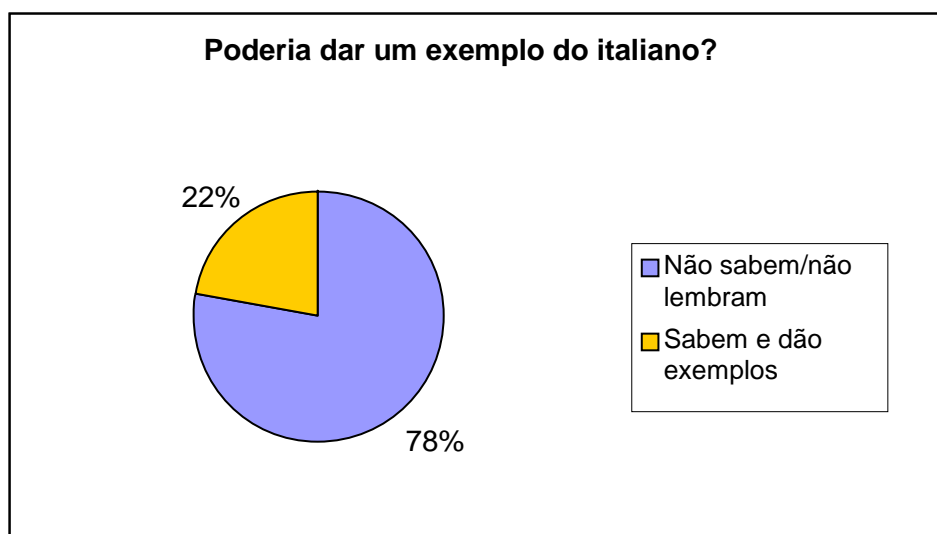
O informante 9, ao ser solicitado a falar algo em alemão, exemplificou com inglês: *Alemão? Good morning, good bye*. Esse informante parece ter percebido a semelhança entre alemão e inglês quanto à pronúncia, devido a ter concluído Ensino Médio e, portanto, ter entrado em contato com a língua inglesa.

Gráfico 7 – Porcentagem de informantes rondonenses que citam exemplos do alemão



Com relação a exemplos do italiano, catorze informantes (78%) inquiridos responderam que não sabiam ou não se lembravam de nenhum vocábulo ou expressão nessa língua, e quatro informantes (22%) citaram vocábulos e expressões do cotidiano, tais como: *Tutti buona gente, buona gente, mamma mia, padre e madre* (“Todos boa gente”, “gente boa”, “minha mãe”, “pai” e “mãe”, respectivamente).

Gráfico 8 – Porcentagem de informantes rondonenses que citam exemplos do italiano



É interessante notar que esse “falar” italiano não caracteriza ocorrência comum na localidade, onde os descendentes de italianos são minoria, mas talvez seja característico de pessoas que já conviveram com descendentes de italiano, ou que frequentaram clubes e participaram de festividades nas comunidades nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, de onde vieram seus avós, pais e parentes para se estabelecerem no Oeste do Paraná.

Atenta-se para um exemplo citado pelo informante 11: “Italiano, a gente escuta só palavras de ‘bestimia’”. Pelo contexto comunicativo, pode-se deduzir que o informante atribua ao termo *bestimia* o significado de “blasfêmia”, referente a um conjunto de expressões de maledicências e expressões com conotações de zombaria, brincadeira, uso que já virou estereótipo do italodescendente. Tal termo não faz parte do italiano padrão e, até onde se sabe, de nenhum dialeto geralmente falado pelos imigrantes e descendentes aqui no Brasil, e tampouco pertence ao português.

Considerando esse grupo de questões, referentes à menção de exemplos das diversas línguas, observa-se, portanto, que as palavras e expressões mais lembradas pelos informantes foram da língua alemã, o que se pode explicar pela origem étnica de grande parte dos informantes e também pelo fato de o alemão ter relativa vitalidade na comunidade.

Em relação à questão 11, “Comparando essas línguas: argentino, paraguaio, italiano e alemão, quem fala melhor? Por quê?”, é preciso mencionar que, nas respostas analisadas, houve dúvidas por parte dos informantes por se tratar de questão aberta. Dez informantes (55%) declararam que o alemão é quem fala melhor, o que se deve, provavelmente, ao histórico da localidade: seis informantes disseram que entendem melhor o alemão que outras

línguas, por conhecerem a língua, principalmente pelo fato de serem descendentes de alemães (como eles dizem, é a “língua de/da origem”).

A fala do informante 6 reforça o que já vem sendo demonstrado em gráficos e comentários anteriores a respeito das variedades do alemão:

INF.- O alemão. Não é todos eles né, agora esses que vieram da Alemanha mesmo, esses falam o alemão correto, agora nós, cada região de Santa Catarina tem uma pronúncia, né, o pomerano que eles falam, né, que nem o nosso, como é que eu vou te dizer? É aquele alemão quebrado, assim, sabe, não é o alemão da gramática mesmo, que quem realmente só fala o alemão correto é o pessoal da Alemanha, quem vem da Alemanha. (Inf. 18)

Percebe-se na fala do informante a crença de que há uma única variedade correta, que é aquela que está padronizada na gramática – entendida, institucionalizada e registrada em manuais –, e as demais variedades, como o dialeto falado pelos pomeranos, seriam, então, incorretas. Nesse sentido, Calvet (2002) traz uma explicação que poderia se aplicar a essa ideia:

Esses estereótipos não se referem a línguas diferentes apenas, mas também às variantes geográficas das línguas, freqüentemente classificadas pelo senso comum ao longo de uma escala de valores. Desse modo, a divisão das formas lingüísticas em línguas, dialetos e patoás é considerada, de maneira pejorativa, como isomorfa a divisões sociais que por sua vez também se fundam em uma visão pejorativa. À língua corresponde uma comunidade ‘civilizada’, aos dialetos e aos patoás comunidades de ‘selvagens’, os primeiros agrupados em povos ou em nações, os segundos, em tribos (CALVET, 2002, p. 67-68).

Ainda com relação à pergunta 11, o italiano foi citado por três informantes (16%) como quem fala melhor, com a justificativa principal de que é melhor de entender o idioma, como exemplificam as seguintes falas. O recorte a seguir deixa transparecer que a relação com o falar dos antepassados italianos gera uma afinidade com a língua:

INF.- Olha, acho que mais fácil o italiano, né.

INQ.- Por que a senhora acha?

INF.- Ao menos a gente entende alguma coisa, né. Eu entendia mais quando era pequena, mas agora... sei lá, ainda... tô meio cabeçuda, né, a gente fica velho fica meio torto da cabeça. (Inf. 6)

INF.- Italiano.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque a gente consegue entender melhor muitas coisas que eles dizem. (Inf. 9)

INF.- Melhor? Aí depende, o melhor, o que é melhor que eu compreendo, ou o melhor, o mais bonito em termos de sotaque? Bom, eu entendo que... o italiano eu acho bonito, uma coisa assim que, até compreensível, pelo menos. (Inf. 13)

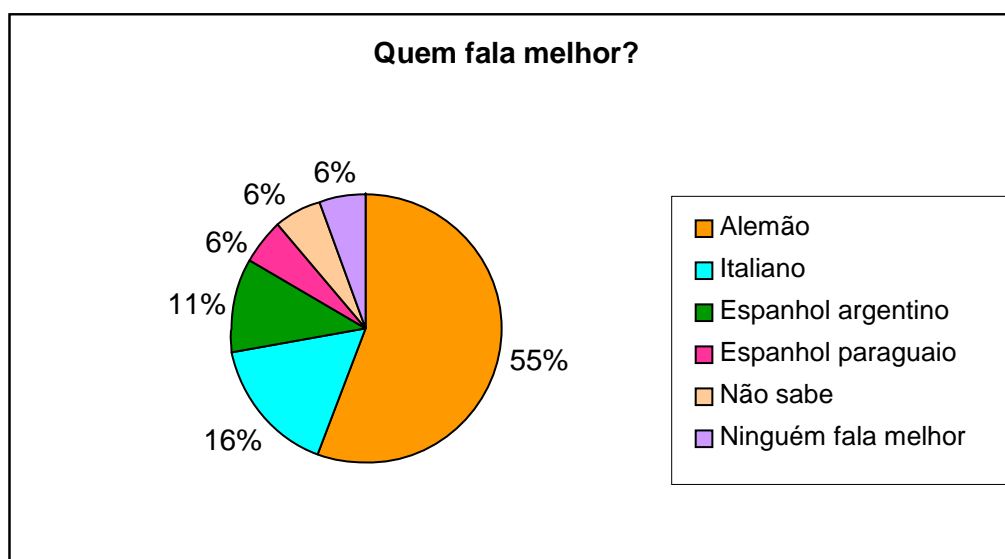
O falar argentino e o falar paraguaio somam três citações (17%), com a justificativa de que se entende melhor, ou, no caso do “argentino”, que foi citado uma vez, de que é mais claro. Essas respostas poderiam, talvez, ser justificadas pelo fato de o castelhano falado pelos argentinos e paraguaios ser bastante comum na região, pela proximidade da fronteira com o Paraguai; portanto, o contato linguístico gera familiaridade a essas variedades do castelhano.

Apenas um informante (6%) disse que não sabia responder, e outro informante (6%) alegou que ninguém fala melhor, apenas fala diferente.

Depreende-se, pelas respostas obtidas, que há uma tendência a achar que fala melhor aquele que fala uma língua conhecida, “compreensível” aos ouvidos do ouvinte. No caso da predominância de menções ao alemão, ela se deve, muito provavelmente, à questão da colonização.

O gráfico 9 ilustra os dados comentados:

Gráfico 9 – Impressões dos informantes rondonenses sobre quem fala melhor



A questão “E quem fala pior?” também gerou algumas dúvidas por parte dos informantes, por se tratar de questão aberta. Cinco informantes (28%) citaram o espanhol paraguaio e a justificativa pode estar no sotaque, conforme atestam os vocábulos “enrolado”, “confuso”, “difícil de entender”. Destacam-se aqui duas das respostas:

INF.- Olha, o pouco contato que eu tenho com... com o pessoal do Paraguai, né, algumas idas lá, ah, eles falam muito rápido, é horrível ver um paraguaio falando. (Inf. 13)

INF.- [...] são enrolada que ninguém entende, né [rindo], porque eles vêm de uma sequência indígena, né, que seria o guarani, né, então ela é bastante complexa. (Inf. 17)

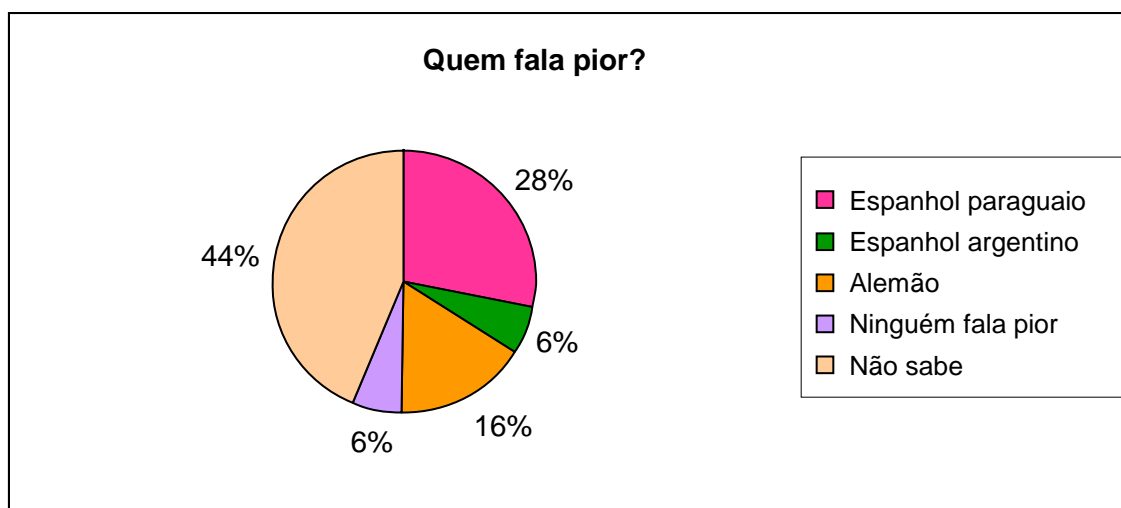
Na resposta do informante 13, notam-se os atributos “muito rápida”, “horível” à fala dos paraguaios. Já o informante 17 atribui à origem indígena ou, mais especificamente, à mistura do guarani com o castelhano, a “complexidade” da língua falada pelos paraguaios, que recebe o atributo de “enrolada”. Pode-se dizer que a avaliação negativa é devida às condições sócio-históricas da região de fronteira. Um informante (6%) citou o argentino, possivelmente seguindo essa mesma justificativa.

Três informantes (16%) citaram o alemão, cuja justificativa pode estar no contato do alemão com o português, com referência a um dialeto do alemão diferente daquele falado pelo informante, reforçando o que se observou anteriormente sobre as variedades da mesma língua. A resposta a seguir ilustra essa observação:

INF.- Pois é, esse que é o problema, é o do alemão, né, que depende da região que eles são, eles têm uma pronúncia assim que nem a gente não entende, tipo, os pomeranos, a gente não entende, e é da mesma língua, né. (Inf. 18)

Oito dos informantes (44%) disseram que não sabiam identificar, e um dos informantes (6%) respondeu que não existe quem fale pior.

Gráfico 10 – Impressões dos informantes rondonenses sobre quem fala pior



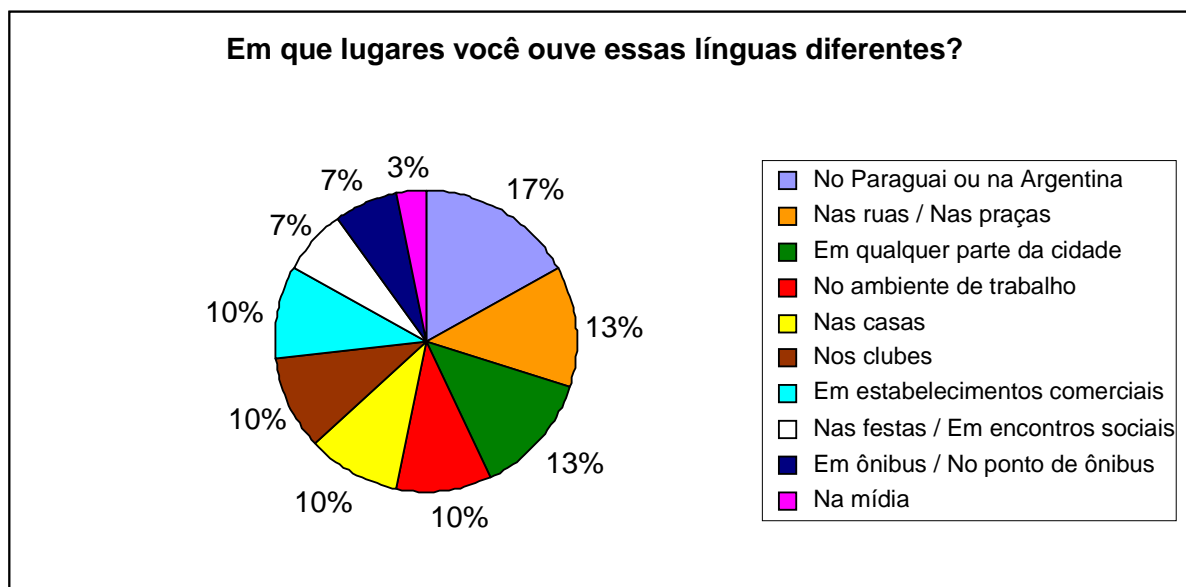
5.3 BLOCO DAS QUESTÕES 13 A 17

Neste bloco, que abrange as questões de 13 a 17, verificam-se os espaços de uso das diferentes línguas e o comportamento linguístico de seus usuários. Com referência à pergunta

13, “Em que lugares você ouve essas línguas ou modos de falar diferentes?”, foram registradas as seguintes respostas: no Paraguai e/ou na Argentina (cinco citações, que totalizam 17% das citações); nas ruas e praças da cidade (quatro citações, totalizando 13%); em qualquer parte da cidade (quatro citações, totalizando 13%); no local de trabalho (três citações, totalizando 10%); nas casas (três citações, totalizando 10%); no clube (três citações, totalizando 10%); em estabelecimentos comerciais (três citações, totalizando 10%); em locais de festa e encontros (duas citações, totalizando 7%); em ônibus e na parada de ônibus (duas citações, totalizando 7%); nos veículos de comunicação, como a TV, em música e filmes, no caso do espanhol (uma citação, totalizando 3%).

Observa-se que os informantes não mencionaram apenas espaços, mas também meios (televisão, músicas, filmes etc.) onde se usam as diferentes línguas. Quanto aos locais citados, estes não se restringem ao âmbito local, mas incluem o Paraguai e a Argentina. De todo modo, consideram-se, no gráfico 11, todas as respostas dadas pelos informantes, ainda que não correspondam exatamente à pergunta formulada.

Gráfico 11 – Locais ou meios em que os informantes rondonenses ouvem línguas diferentes do português



Por algumas das respostas, e pelo conhecimento que se tem da realidade da região fronteiriça, é possível perceber que o contato dos rondonenses com o espanhol paraguaio e o espanhol argentino se dá, principalmente, por intermédio do comércio.

INF.- Olha, eu... No Paraguai, na Argentina também, eu já fui também, eles falam bem diferente. Santa Terezinha tem alguns que falam meio atrapalhado que eu não consigo entender (risos). Mais ou menos assim. (Inf. 6)

INF.- É... algumas idas pra Cidade del Este, Paraguai, que... aquela coisa de fazer compras, né, você ouve o pessoal falando um espanhol que (inint.) assim... é... seria o mais próximo que eu tenho, o italiano... uma brincadeira ou outra de alguém assim... que tem, né, um amigo, mas não é... fala, assim, não tenho nem conhecimento do que tá falando... (Inf. 13)

INF.- Olha, o alemão e o... e o italiano, por exemplo, são comuns aqui na região, aqui na cidade, na verdade, e o espanhol é mais por causa da mídia, de televisão, ou música principalmente, filmes. (Inf. 14)

Há informantes que disseram ser possível ouvir línguas diferentes em qualquer parte da cidade:

INQ.- Mas o alemão aqui em Rondon? Você ouve na rua, no...?

INF.- Na rua, em todo lugar, em casa, a mãe fala também, por isso eu entendo um pouco, né, que ela fala bastante em casa. Com o pai, com a mãe, conversando. (Inf. 2)

INF.- Ah, na cidade por aqui, na... na praça, no... nos ônibus. (Inf. 5)

INF.- O alemão mais aqui... na cidade e daí quando, nos lugar quando sai... espanhol e... do argentino e o paraguaio. (Inf.8)

INF.- É... tem... tu vai conversar com alguém na rua ou... em estabelecimento comercial ou mesmo no clube, encontros, assim, tem diferenças entre a fala até a língua alemã, o nosso português, o próprio português tem diferença, porque aqui têm pessoas que vêm de São Paulo, vêm do Rio de Janeiro, eles têm um dialeto diferente que nós que somos do Rio Grande do Sul. (Inf. 11)

Esses informantes mencionaram inúmeros locais onde é possível ouvir línguas diferentes, como em ruas, estabelecimentos comerciais, clubes, praças, ônibus, e em casa, entre os familiares. É de causar surpresa, no entanto, que locais como as igrejas de diferentes denominações, com seus respectivos serviços (grupo de senhoras, encontros de oração, eventos festivos), nos quais ainda emergem diálogos em alemão, não tenham sido mencionados em momento algum. Sabe-se, entretanto, que os locais religiosos, desde o princípio da colonização, exerceram grande influência na comunidade como um todo, inclusive em épocas de decisões eleitorais, e colaboraram, de certa maneira, para a manutenção da língua alemã. As reflexões suscitadas pela ausência de menções a instituições religiosas levam a várias suposições: (a) os próprios informantes, simplesmente, esqueceram de citá-las; (b) pode haver certo constrangimento em informar a crença religiosa, pois, na opinião de muitos deles, discussões sobre partidos políticos e crenças religiosas deveriam ser resguardadas a espaços privados, como a esfera familiar; e (c) as práticas religiosas já não fazem mais parte do cotidiano dos informantes, ou seja, estão afastados, por algum motivo, da igreja.

É interessante destacar que vários informantes, ao serem inquiridos sobre os lugares em que ouvem as línguas que não o português, mencionaram espaços sempre relacionados a ambientes familiares, com grupos de pessoas de mais idade, como o já citado informante 12. Alguns recortes a seguir ilustram isso:

INF.- Quando tô na casa de meus avós, e quando tô na... na... na casa da minha namorada, eles são espanhol, se não me engano, eles falam aquele paraguaio meio enrolado. (Inf. 1)

INF.- [...] em casa, a mãe fala também, por isso eu entendo um pouco, né, que ela fala bastante em casa. Com o pai, com a mãe, conversando. (Inf. 2)

INF.- [...] Alemão se escuta muito aqui. Na casa meus pais falam muito ainda, meus avós só falam alemão. E outras línguas... não tenho contato. (Inf. 7)

INF.- No clube dos idosos. (Inf. 12)

INF.- Eu ouço bastante no hospital, na minha área de trabalho, né. O pessoal bem de idade que fala, né, um pouco. (Inf. 15)

INF.- [...] o alemão aqui na nossa região mesmo, a gente sai na rua, sempre, sempre ouve uma pessoa de mais idade conversando. (Inf. 16)

INF.- [...] esse alemão diferente de falar, né, porque aqui, na realidade, aqui depende a casa que você vai, cada um tem a sua pronúncia, né, cada um tem uma pronúncia diferente, né. (Inf. 18)

A partir disso, pode-se inferir que os temas utilizados nas interações são da ambiência familiar, informal e, dessa forma, a língua diferente da do português está perdendo cada vez mais espaço, levando à restrição vocabular.

É preciso reconhecer que há tentativas e esforços de certos segmentos, como a Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, de desenvolver projetos que criem e ampliem os grupos de danças e corais, e de continuar estendendo a inclusão de aulas de língua alemã nos currículos escolares.

Referente à questão 14, “Quando você se aproxima dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?”, catorze (78%) informantes declararam que os paraguaios continuam a falar e quatro (22%) deram outras respostas, como no exemplo:

INF.- Olha, a gente vai bastante assim pro Paraguai, eles, assim, são bem prestativos. Não é todos eles, mas a maioria, eles chegam e vem te atender, né. Pouquinho é um ou outro, assim, mas a maioria, eles são bem receptivos, né. (Inf. 18)

O informante não responde à pergunta diretamente e prefere encaminhar sua resposta no sentido de justificar, ou de declarar que não há nenhum estranhamento em relação aos paraguaios, e enaltece as atitudes dos paraguaios ao declarar: “são bem prestativos”, “são bem receptivos”. Situações como a mencionada são comuns na região devido ao comércio entre os

dois países. Porém, ressalta-se que raramente os paraguaios vão a Marechal Cândido Rondon; são os rondonenses que vão ao Paraguai com o intuito de fazer compras, haja vista os preços atrativos dos produtos vendidos nesse país, em comparação aos praticados no Brasil.

Outros dois informantes, incluídos entre os 22%, responderam: “Não, nunca percebi, né” (Inf. 3) e “Eu nunca falei com paraguaio” (Inf. 10).

A informante 6 deu a seguinte resposta, mostrando-se indecisa com relação à distinção entre o espanhol paraguaio e o guarani:

INF.- Olha, eu tenho a minha prima, ela continua conversando o paraguaio dela, que eles... Como é que ela fala, Lucas, é guarani? (dirigindo-se a um terceiro)

CIRC.- Guarani

INF.- É guarani, né? (Inf. 6)

Outras respostas a essa questão são transcritas a seguir:

INF.- Uhn... Se tá com a mesma língua, eles não param, eles continuam.

INQ.- Mas se é em espanhol?

INF.- Acho que também não parariam, né? (Inf. 4)

INF.- Não, acho que continuam, mesmo quando a gente chega no Paraguai eles não param. Eles... eles conversam entre eles, conversam com a gente em português, e entre eles conversam na... na língua deles. (Inf. 5)

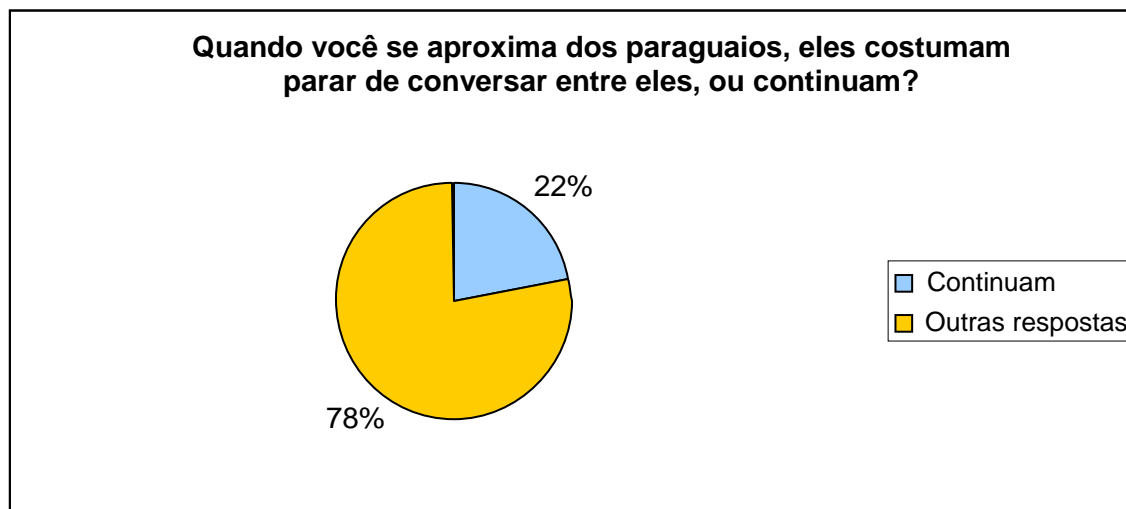
INF.- Olha, normalmente, quando essas situações acontecem fazem questão de falar, né, porque você está falando em português e aí começam a falar com outra pessoa em... espanhol, por ent... dando a entender que eu não vou tá entendendo a conversa deles. (Inf. 13)

INF.- Continuam normalmente, eles não dão nem a mínima pra gente que passa do lado. (Inf. 16)

Esses exemplos levam a crer que os paraguaios e brasileiros que vivem próximos à fronteira mantêm certa rivalidade entre eles, talvez, por rancores do passado, o que poderia ser explicado em parte pela Guerra do Paraguai. Outras questões políticas relatadas tanto por habitantes de Guaíra quanto por rondonenses podem ter contribuído para essa rivalidade. Por exemplo, a construção da Ponte da Amizade (denominada assim para projetar estímulos mais positivos entre os dois povos), a construção da hidrelétrica de Itaipu e a demarcação das terras ocorridas em época passadas, cujas perdas em tais situações sempre despertam sentimentos de competição e de inimizade.

O gráfico a seguir mostra os resultados a essa questão, tendo em mente que as situações com referência aos paraguaios ocorrem majoritariamente no próprio país desses falantes, e não em Marechal Cândido Rondon:

Gráfico 12 – Interação dos rondonenses com falantes de origem paraguaia



Com relação à pergunta 15, “Quando você se aproxima dos argentinos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?”, vale o mesmo comentário feito com relação aos paraguaios: as interações se dão predominantemente fora do âmbito do município de Marechal Cândido Rondon, ou seja, de modo geral, na Argentina.

Dos dezoito informantes, cinco (28%) afirmaram que os argentinos continuam a falar seu idioma, independente de quem está ao redor, como mostram as falas dos informantes 4 e 5 a seguir, e treze (72%) deram outras respostas.

INF.- Se é, se não é referente a mim, acho que eles continuam. Tipo, que nem que eu fui viajar num ônibus eles tavam falando em argentino, eles continuaram, não é porque eu tô ali que eles vão falar em português. (Inf. 4)

INF.- Acho que continuam também, eles não são muito tímidos. (Inf. 5)

Outras respostas se destacam:

INF.- E que, assim, argentinos eu tenho menos contato que os paraguaios, tá. Eu fui algumas vezes ali na divisa, mas eles são um pouco mais educados, pelo que a gente percebe. (Inf. 16)

INF.- Olha, isso eu nunca, assim... Eu vou pouco pra lá, né, e faz muitos anos que eu não vou mais para lá, agora no pessoal que a gente frequentou, no *shopping* lá, eles assim são bem... Nossa, porque eles veem logo que você não é de lá, que é de outro país, né, eles são assim muito, muito receptivos, porque eu tenho parente, tio e tia morando lá, né, e eles são assim bem... (Inf. 18)

O informante 16 comentou que, embora não tenham muito contato com argentinos, eles são mais “educados” que os paraguaios: “mas eles são um pouco mais educados, pelo que a gente percebe”. Essa questão reflete uma tendência observada nas respostas da questão

anterior confrontada com esta. A informante 18, ao ser inquirida sobre os argentinos, se eles continuam a falar o espanhol argentino mesmo na presença de pessoas que não os entendam, respondeu que foi bem recebida ao ser atendida no comércio e, como possui parentes morando na Argentina, enalteceu o povo argentino pela atenção e receptividade. Como ocorreu frequentemente nas respostas a outras perguntas do questionário, há uma interrelação entre língua e seus falantes, tornando-se difícil dissociar a língua do seu usuário.

Dentre as respostas evasivas, ou seja, que não responderam à pergunta solicitada, os informantes declararam que nunca tiveram contato com pessoas falantes de espanhol argentino.

INF.- Nunca cheguei perto de um argentino, pra dizer, né. (Inf. 2)

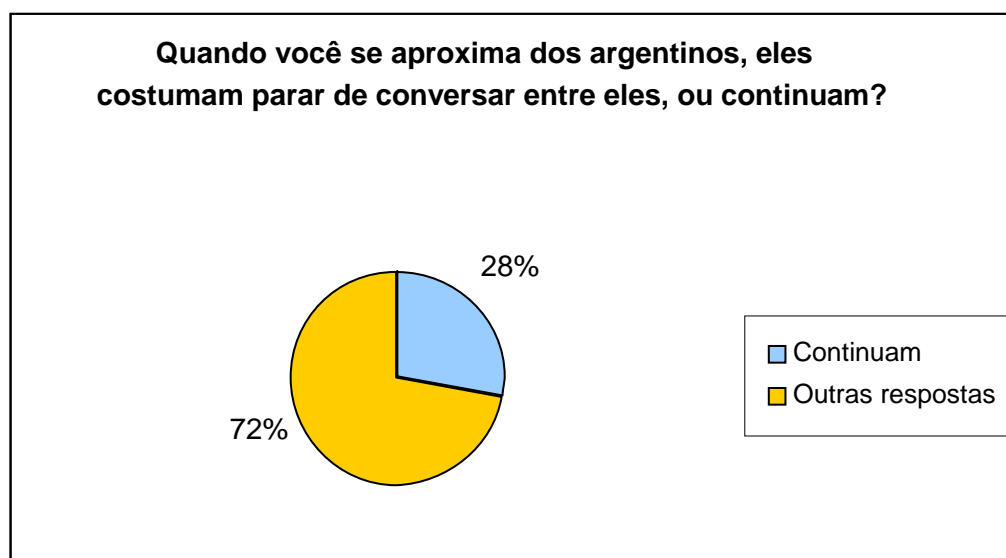
INF.- Nunca encontrei pessoas falando o espanhol argentino, conversando entre eles e que teve encontro que pude constatar que eles parem de conversar. (Inf. 11)

INF.- Argentinos eu não... eu não conheço. Pelo menos não... se conheço não sei que sejam argentinos. (Inf. 14)

INF.- Olha, eu não tenho contato com os argentinos, que a gente pouco viaja pra lá, né. (Inf. 17)

O gráfico a seguir ilustra os resultados dessa questão:

Gráfico 13 – Interação dos rondonenses com falantes de origem argentina



Com relação à pergunta 16, “Quando você se aproxima dos alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?”, dos dezoito informantes, doze (67%) observaram que, ao se aproximarem dos alemães, e, se estes estiverem falando em alemão,

continuarão mantendo o mesmo idioma, não se importando com quem está em volta.

Observem-se algumas respostas:

INF.- Tem pessoas educadas que param. Mas tem pessoas mal-educadas que continuam falando em alemão pra gente não entender (risos). (Inf. 4)

INF.- Acho que também continuam, na maioria. (Inf. 5)

INF.- Bom, os alemães são o mesmo caso, eles parece que procuram falar é... numa língua diferente do português em momentos propícios, dando... a conotação de que você não vai entender, e realmente eu não entendo, né, o que tá falando, mas é... se eu chego em algum ambiente, tem alemães conversando, de maneira alguma eles vão parar, porque até fica subentendido que eu não vou entender o que eles estão falando. (Inf. 13)

Os informantes que observaram que os alemães param de falar entre eles somaram dois (11%), e quatro informantes (22%) deram outras respostas, como as seguintes:

INF.- Olha, muitas vezes param, mas dependendo do tipo do alemão. Tens uns alemão hoje que são bastante conservacionista, e quando você é uma pessoa diferenciada deles, eles param, principalmente por estarem pensando que você entende ou que você está falando mal deles. É interessante (rindo). (Inf. 17)

INF.- Bom, aqui, se a gente tá conversando um com outro e chega alguém, a gente sempre pára e vai atender a pessoa, né. (Inf. 18)

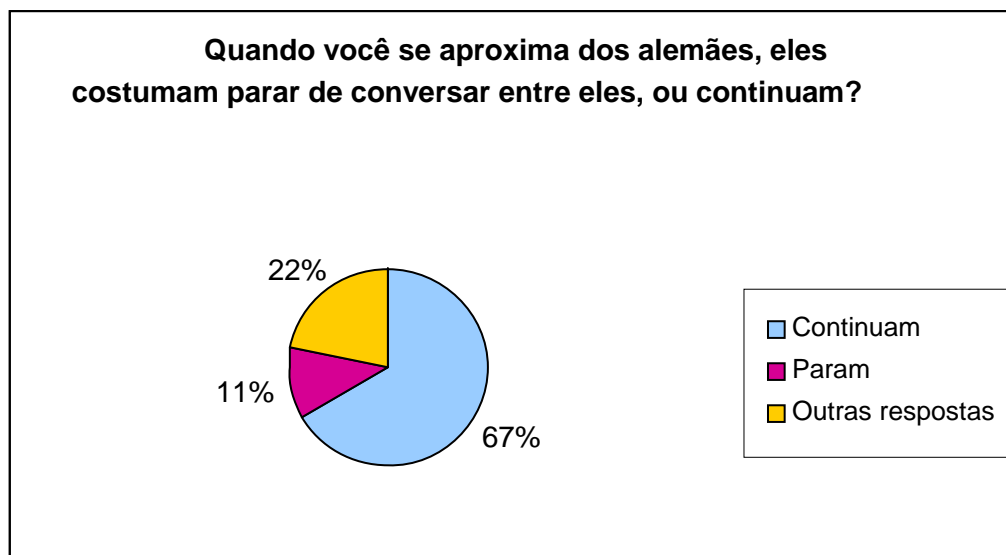
A informante 18, da terceira faixa etária (51 a 70 anos), com nível de escolaridade superior e de descendência alemã, deixa implícito que em seu trabalho ocorrem interações em alemão com as pessoas que compartilham desse idioma, porém, há um cuidado por parte dela e dos colegas em oferecer bons serviços e deixar à vontade os clientes ou pacientes, procurando, por meio de uma língua, que acredita ser comum a todos (neste caso, o português), atender ao público de maneira que a comunicação possa se efetivar.

Uma das informantes, da segunda faixa etária (31 a 50 anos), também com formação superior e de descendência alemã, parece querer deixar claro que somente as pessoas mais idosas continuam mantendo sua conversação na língua de herança, e que isso ocorre por saberem, apenas, expressar-se nessa língua. Ou seja, às gerações mais idosas e usuárias do alemão, é natural manter o diálogo nesse idioma, que, para a maioria deles, foi a única língua na qual se comunicaram desde a infância.

INF.- Se eu falar em relação à nossa região aqui, normalmente eles já têm essa consciência de que... só os mais idosos que realmente não sabem falar, e eu entendo tudo, eu mesmo... apesar de eu não falar, eu entendo todo o alemão, tá, porque meus pais falavam comigo, então eu não tenho dificuldade de entender o que alguém fala comigo, mas eu tenho dificuldade mesmo no falar, eu sei as palavras, eu posso falar algumas palavras, mas se você for conversar comigo, daí já é outra situação. (Inf. 16)

O gráfico 14 ilustra os resultados dessa questão:

Gráfico 14 – Interação dos rondonenses com falantes de origem alemã



Na questão 17, “Quando você se aproxima dos italianos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?”, quatro informantes (22%) relataram que eles continuam a falar em italiano, mesmo que nem todos ao seu redor compartilhem desse idioma, e catorze (78%) responderam que não possuíam muito contato com italianos e, por isso, abstiveram-se de opinar sobre a pergunta formulada.

Os que responderam que os italianos continuam a falar seu idioma disseram que os mais idosos não param de falar na língua de origem, o que ocorreu também nas respostas referentes aos alemães. Isso mostra que, para os mais idosos, é natural manter a conversa na sua língua de herança, até porque, muitas vezes, é a única que conhecem e lhes é tão familiar que nem se apercebem que seja estranho aos demais. O informante 17, por exemplo, observou que as pessoas mais idosas continuam a se comunicar em sua língua materna mesmo que outras pessoas ao redor não possam entendê-los:

INF.- Olha, aqui a gente tem amigos italianos, geralmente... alguns param, né, as pessoas mais novas param, mas as pessoas antigas, geralmente eles continuam, não dão muita importância, né. (Inf. 17)

Importante perceber que o informante reconhece que o fator idade, ao citar a diferença entre as gerações mais idosa e jovem, reflete-se no comportamento dos falantes com relação à escolha da língua, ao declarar que “as pessoas mais novas param”. Trata-se, possivelmente, da

parte da geração mais nova, de vontade ou necessidade do bem conviver, demonstrando atitude de se adaptar, ajustar-se ao meio, à sociedade, como observam Lambert e Lambert (1966).

Para as gerações mais idosas, isso faz menos sentido, e a situação é recorrente em relação às demais etnias: para as primeiras gerações de imigrantes e descendentes próximos, houve todo um contexto de necessidade, de sentimentos de saudades da terra natal, e com isso, laços e sentimentos de lealdade à língua trazida de outros países fizeram-nos cultivar e preservar a sua língua e cultura com mais intensidade. Conforme Moreno Fernández (1998), os falantes de uma língua minoritária compartilham de um sentimento profundo de lealdade linguística e se protegem de ameaças que poderiam afetar a sua língua.

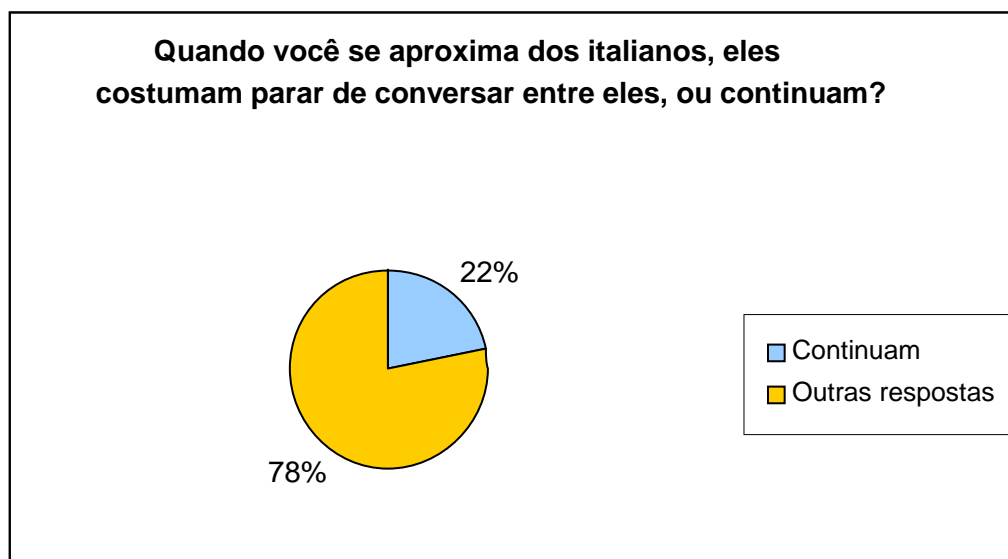
Com relação aos informantes que responderam não possuir contato com italianos, isso se deve, possivelmente, ao fato de que não há um número expressivo de italianos em Marechal Cândido Rondon, e os que fazem parte da população rondonense parecem ter assimilado a cultura e hábitos predominantes na comunidade, por via dos casamentos interétnicos, ou já vieram de outras regiões em que conviveram com diferentes línguas e culturas. A adaptação do povo italiano às terras brasileiras talvez tenha ocorrido de forma menos traumática do que o foi para imigrantes alemães, o que em parte se explica pela similaridade das línguas românicas e pela prática da mesma religião (católica), considerada por muitas décadas como a única oficial do Brasil.

Finalmente, interessa trazer o que a informante 18 pensa sobre o fato de as pessoas continuarem a falar em língua estrangeira quando alguém se aproxima:

INF.- Bom, isso aí... eu vou te dizer, assim, eu conheço muito pouco, mas devem ser o mesmo jeito, estão conversando entre eles pra receber as pessoas, né, isso é falta de educação, né, deixar as pessoas plantadas ali sem receber, né. (Inf. 18)

O gráfico 15 mostra os resultados desta questão:

Gráfico 15 – Interação dos rondonenses com falantes de origem italiana



5.4 BLOCO DAS QUESTÕES 18 A 22

Neste bloco, são verificadas as conotações, os juízos de valor “feio” ou “bonito”, “bem falado” ou “mal falado”, que os informantes atribuem ao uso local das línguas da comunidade em foco. Em relação à questão 18, “Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?”, onze informantes (61%) citaram o português como a língua mais bem falada. As línguas estrangeiras foram apontadas por quatro informantes (22%), e três (17%) deram outras respostas.

Observem-se algumas das respostas a essa questão, referindo-se ao português:

INF.- Ah... eu acho que falam melhor os portugueses. (Inf. 4)

INF.- Acho... na minha opinião é português. Nem todos falam correto, mas... (Inf. 5)

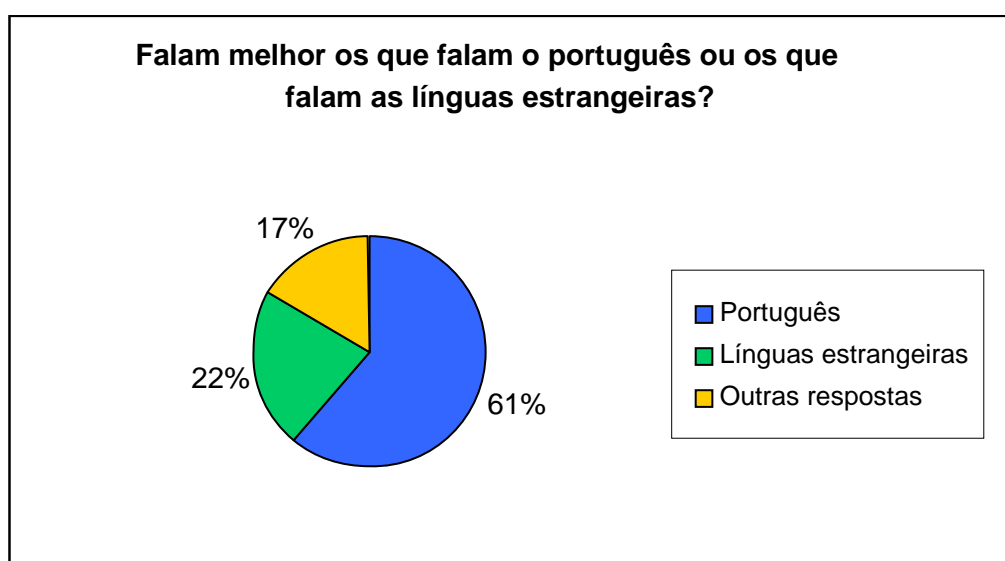
INF.- Sei lá, eu acho que... o português falam mais corretamente aqui. (Inf. 7)

Nesses excertos, alguns informantes interpretaram “falar melhor” como o falar “correto” ou “incorreto”, ou como a língua mais bonita. É interessante notar que, dentre os onze inquiridos que demonstraram a percepção que quem utiliza o português fala melhor que os usuários das outras línguas, nove são de descendência alemã (informantes 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 11 e 16, como mostra o Quadro 1, na parte da Metodologia), e apenas os informantes 10 e 12 são “brasileiros”, ou seja, de descendência não europeia. Tal resultado pode ser analisado sob vários ângulos, dentre os quais se destaca o fato de as gerações de descendentes alemães

estarem totalmente adaptadas ao meio em que vivem, valorizarem a língua portuguesa e demonstrarem apreço em utilizá-la. Essa consciência linguística, como pode ser denominada, permite adiantar que é possível preservar a língua de origem e a cultura étnica sem cair em radicalismos que geram preconceitos, os quais não deveriam mais encontrar espaços em mundo multilíngue.

No gráfico 16, visualizam-se os resultados dessa questão:

Gráfico 16 – Observações dos informantes rondonenses quanto às línguas mais bem faladas



Em relação à questão 19, “Essas línguas são feias ou bonitas?”, onze informantes (61%) responderam que essas línguas (diferentes de português) são bonitas e sete (39%) deram outras respostas.

As respostas dos informantes declarando que as línguas são bonitas enfatizaram a importância de respeitar a língua do outro. Além disso, alguns informantes acreditam que todas as línguas possuem suas próprias características que as tornam bonitas e que, por meio delas, os povos podem cultivar sua tradição e passá-las às descendências.

INF.- Pra quem entende é bonita, pra quem não entende, vai sabê o que que tão falando, né? (Inf. 1)

INF.- Ah... cada um tem seu modo de falar, eu acho bonito, só não aprendi a falar. (Inf. 4)

INF.- Olha, eu acho bonito, porque tem muita gente que gosta de pessoas que... pra trabalhar no emprego, assim, é bom várias línguas, né. (Inf. 6)

INF.- Ah, acho que são bonitas, né, é a etnia deles, né, é uma coisa dos italianos, dos paraguaios, dos argentinos, né, como o dos portugueses, são línguas bonitas. (Inf. 10)

INF.- Todas elas têm a sua expressão, cada nacionalidade tem a sua expressão, mesmo que seja o... o japonês que a gente não entende nada, mas eles têm a expressão deles, eles têm... pra eles, é bonito. (Inf. 11)

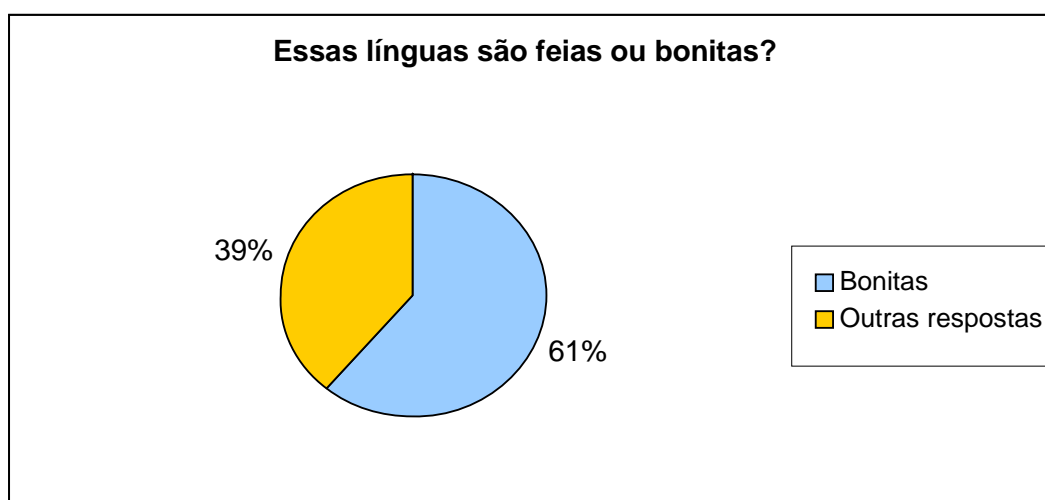
INF.- Eu acho que cada um tem suas características e todas... a gente não pode julgar que uma língua seja feia ou não, né, então acho que assim, todas elas têm suas qualidades e são bonitas. (Inf. 16)

INF.- Olha, eu acho que todas elas têm uma característica de beleza, né, desde que saiba ser usadas, né, porque cada povo cultiva a sua tradição e o seu modo de falar. Eu acho muito lindo, né, tá vendo a sua descendência falar aquela língua dos seus antepassados. (Inf. 17)

INF.- Eu acho bonitas todas elas, a única que eu acho meio compli... complicada, claro que é complicada, é o guarani, porque você não entende nada que eles falam, né. (Inf. 18)

O gráfico 17 mostra os resultados dessa questão:

Gráfico 17 – Avaliação das línguas estrangeiras em geral pelos informantes rondonenses



Em relação à pergunta 20, “Qual é a língua mais bonita?”, sete informantes (38%) declararam que o português é a língua mais bonita. Os que justificaram a resposta citaram a questão da compreensibilidade da língua. Cinco informantes (27%) declararam que o alemão é a língua mais bonita. Outros informantes deram as seguintes respostas: italiano (5%), espanhol (6%), espanhol e italiano (6%) e português e italiano (6%). Um informante (6%) declarou que todas as línguas são bonitas, e um (6%) deu outra resposta. A seguir, são apresentados alguns exemplos:

INF.- Ah, deve ser a nossa, o português. (Inf.5)

INF.- Olha, a mais bonita nosso mesmo é o português e o italiano, porque eu acho que a gente entende melhor, né (risos). (Inf. 6)

INF.- Geralmente vamos achar a nossa, né, que é o português. (Inf. 9)

INF.- Ah, pra mim o português, né (risos). (Inf. 10)

Como foi visto anteriormente, o alemão foi citado por quase um terço dos informantes como a língua mais bonita, embora dois desses informantes tenham feito a ressalva de que não é qualquer variedade de alemão que é bonita, corroborando a crença em uma única variedade correta:

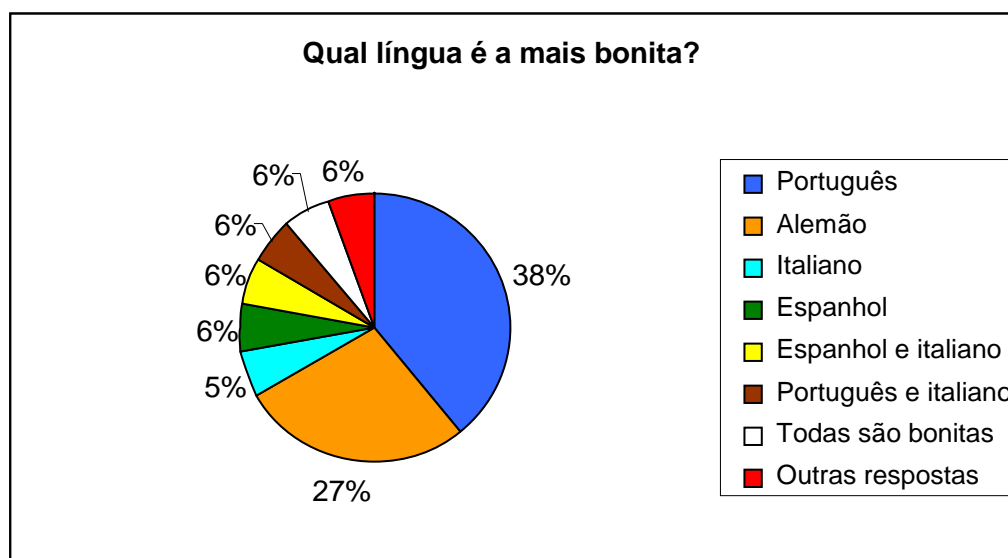
INF.- O alemão acho mais bonito por s... o alemão verdadeiro... por ser mais difícil, né, acho mais bonito de se falar. (Inf. 15)

INF.- Eu acho bonito o alemão bem falado, é uma língua muito, uma coisa assim bem interessante, né, porque os meus patrões aqui, hoje eles não vivem mais, mas eles vieram da Alemanha, então a gente teve assim muito contato com eles e tudo, e acho muito bonito o jeito deles falar, eles falam bem na gramática, né, mas eu... acho a língua alemã. (Inf. 18)

Três informantes citaram o espanhol e/ou o italiano. Um desses informantes disse gostar da sonoridade dessas línguas: “Acho que... gosto da sonoridade do... do espanhol ou do italiano, das línguas latinas” (Inf. 14).

Os resultados estão representados no gráfico a seguir:

Gráfico 18 – Avaliação dos informantes rondonenses quanto às línguas mais bonitas



Em relação à questão 21, “E qual é a língua mais feia?”, sete informantes (38%) declararam que nenhuma é feia. Quatro (22%) consideraram o espanhol paraguaio como língua feia, corroborando os resultados referentes à questão sobre quem fala pior. Outras línguas citadas como as mais feias foram as seguintes: espanhol (dois informantes, ou 11%);

alemão (também dois, totalizando 11%); espanhol argentino (um informante, ou 6%); italiano (também um, ou 6%); e inglês, que não fora citado na pergunta (um informante, ou 6%).

Apresentam-se alguns excertos das respostas mais relevantes:

INF.- Mais feia eu acho que não tem nenhuma. (Inf. 6)

INF.- Olha, eu acho que nenhuma. (Inf. 17)

INF.- A mais feia acho que é o alemão ainda, né. (Inf. 9)

INF.- O inglês, que não entendo quase nada. (Inf. 11)

INF.- O... no caso o espanhol mesmo... (Inf. 13)

INF.- Ah, não tem a mais feia, é só, por exemplo, a... a... o alemão vai ser... não vai ser tão sonoro, não vai ser tão... aberto. (Inf. 14)

INF.- Espanhol, argentino talvez, talvez um pouco o espanhol, né. Italiano até acho bonito, agora, talvez o espanhol um pouco. (Inf. 15)

Uma informante, ao eleger uma variedade do alemão como a língua mais feia, declarou:

INF.- A do alemão pomerano, porque aquilo é uma resmungação assim que você não entende nada, nada, nada, nada, mesmo... vamos supor, outras línguas, sempre tem uma ou outra coisa que você capta, que você entende, né, mas o deles não. A gente sabe que é pomerano, né, mas assim, você não sabe se chega assim e diz, “que língua é aquela que eles estão falando?”. Umhas palavras muito estranhas. (Inf. 18)

A informante 18, de descendência alemã, alega que o pomerano (variedade da língua alemã) soa bastante esquisita aos seus ouvidos, enfatizando que não é possível entender absolutamente nada desse idioma, e que somente outro pomerano consegue entender alguma coisa, conforme relatos de alguns pomeranos. Talvez se trate da sonoridade dessa variedade, uma sequência de consoantes, o que pode soar uma “resmungação” (conforme palavras da informante 18), ao passo que a língua portuguesa é mais vocálica, soando mais melodiosa. E, por isso, talvez, o pomerano seja referido como não muito suave e melodioso, e essa referência pode ser compartilhada por mais membros da comunidade que identificam a língua como estranha e muito diferente daquelas aí faladas.

Voltando aos resultados da questão 21, destaca-se aqui a justificativa de um informante, que inclui um atributo ao falante e, por extensão, à sua língua: “O paraguaio, realmente, eles são muito confusos” (Inf. 16).

Uma informante, ao citar o argentino, acrescentou em seguida o italiano e comparou essas duas línguas:

INF.- Uhn... Eu acho que o argentino... o italiano é mais bonito que... apesar de eu nunca, assim, ter ouvido, né, falar, tem a vizinha lá que fala... falou, lembrei agora o que ela falou uma vez ou outra, mas é... eu acho que o italiano deve ser mais bonito do que o argentino. (Inf. 10)

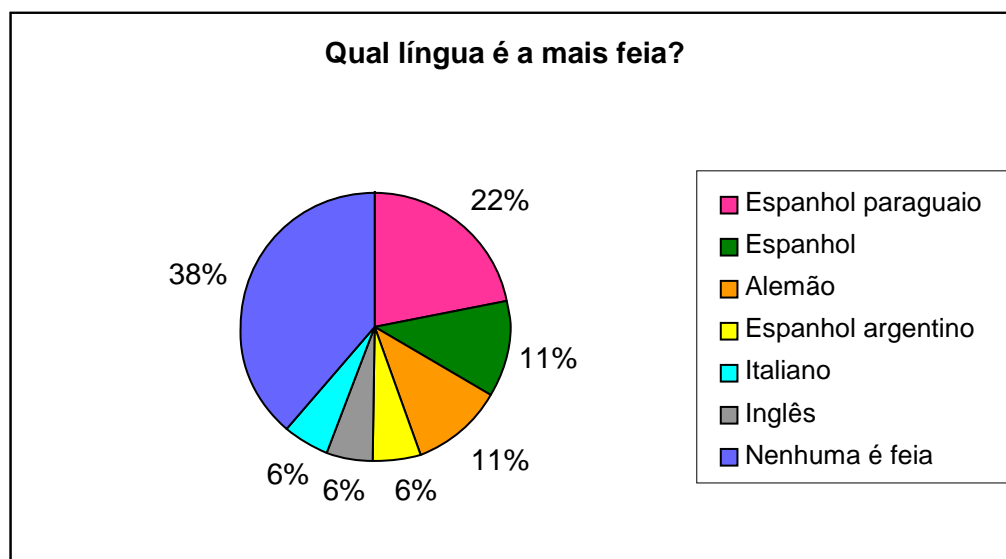
Dos informantes que disseram não haver uma língua que seja a mais feia, vale destacar a resposta de um deles, que atribuiu uma característica desfavorável ao alemão:

INF.- Ah, não tem a mais feia, é só, por exemplo, a... a... o alemão vai sê... não vai sê tão sonoro, não vai sê tão... aberto. (Inf. 14)

A informante 14, brasileira, com formação de nível superior e na faixa etária 1, diz não haver a língua mais feia, mas faz ressalvas quanto à fonética do alemão, que não é tão sonora, nem tampouco aberta. É compreensível a observação da informante ao se verificar o parâmetro da comparação feita: alemão e português. Na língua alemã, por exemplo, o som arredondado de algumas vogais exige do falante, no modo de articulação, um fechamento de boca diferente do usado no português, o que pode soar estranho para quem não fala o idioma alemão. Quanto ao termo “sonoro”, também é possível observar que muitas pessoas, principalmente ao compararem línguas latinas (espanhol, italiano e português) com as germânicas (alemão e inglês), consideram estas últimas como mais duras, secas e não melódicas.

O gráfico 19 mostra os resultados dessa questão:

Gráfico 19 – Avaliação dos informantes rondonenses quanto às línguas mais feias



Referente à questão 22, “Se você pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Marechal Cândido Rondon?”, catorze informantes (77%) responderam que não proibiriam o uso de línguas diferentes do português em Marechal Cândido Rondon, três (17%) responderam afirmativamente, ou seja, proibiriam o uso de línguas diferentes, e um (6%) informante respondeu evasivamente.

Vejam-se algumas das respostas daqueles que não proibiriam o uso das línguas estrangeiras:

INF.- De forma alguma! Não, porque não. É um direito, cada um fala o que quer, na hora que quer e quando bem entender. (Inf. 7)

INF.- Não. Eu acho que não tem que proibir nada, a gente não... eles têm o direito de falar a língua que eles querem falar, na minha família ainda se fala bastante o alemão. (Inf. 16)

INF.- Não, não. Acho que é bem interessante. No tempo que eu trabalhava no comércio, o pessoal entrava falando, principalmente as pessoas de idade, falam alemão, né, você... já vão vindo na tua direção, né, porque muitas dessas pessoas não sabem falar outras línguas, eles entendem o português assim mal e mal, daí eles sempre procuram já alguém que fala, né. Eu acho que em todo comércio deveria ter gente que fala as duas línguas, né. (Inf. 18)

Nas considerações anteriores, quando da apreciação das línguas de contato pelos informantes rondonenses como sendo bonitas ou feias, e de quem fala melhor ou pior, pôde-se observar que as crenças e atitudes nem sempre foram favoráveis ou positivas a algumas delas. Entretanto, nesta questão, verificam-se atitudes positivas em relação ao uso dessas línguas em lugares públicos na comunidade rondonense, como os exemplos anteriores ilustram.

Os informantes, ao se posicionarem sobre o uso das diferentes línguas na comunidade, utilizaram comentários em torno dos seguintes argumentos: todos têm o direito de falar a língua que quiser; seria interessante que todos falassem duas línguas; é importante para manter a tradição; é preciso respeitar a língua do outro; é bom falar mais línguas no comércio; há pessoas de muitas descendências, então não faz sentido proibir o uso das diferentes línguas. Assim, pode-se notar que a diversidade linguística é vista pelos rondonenses como positiva, salvo poucas exceções.

As mais diferentes atitudes podem emergir quando pessoas estão falando em uma língua diferente daquela que é esperada ser falada por todos, ou seja, daquela compreensível a todos. Algumas pessoas podem imediatamente pensar que aqueles “estrangeiros” estão falando sobre eles, conforme Padilla (1999). Assim se verifica nos excertos a seguir:

INF.- Proíbia.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque... tipo assim, eu não... não gosto, sabe, muito lugar a gente vai, eu percebo as pessoa em alemão, comentando, sabe, falando em alemão. Por que que eles usam essa língua? Pra falar mal dos outros. (Inf.3)

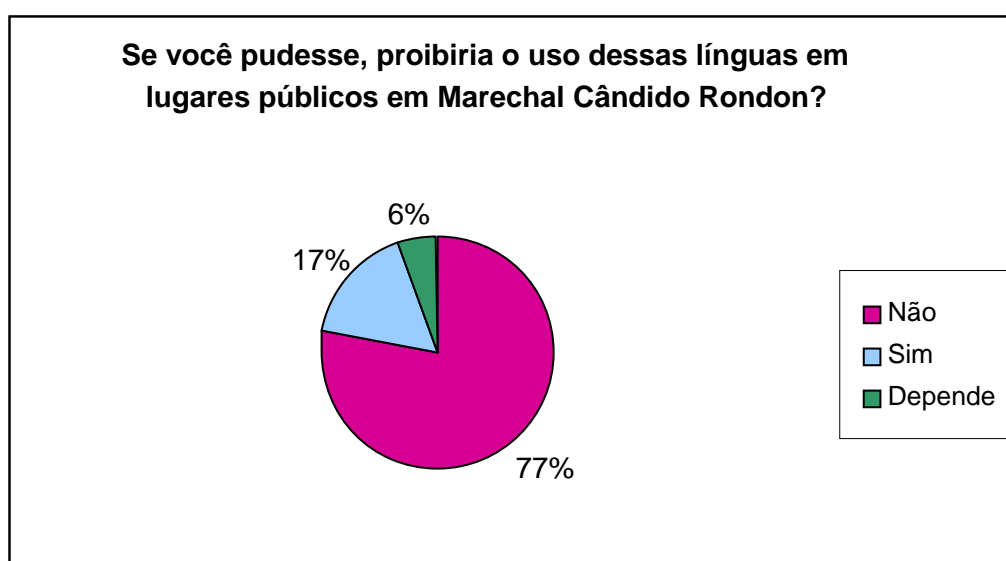
INF.- Com certeza.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque... se você... outra pessoa pode tá falando do seu lado, falando mal de você, e você não tá entendendo o que ele tá falando. (Inf. 9)

O gráfico 20 mostra os resultados dessa questão:

Gráfico 20 – Observação dos informantes rondonenses quanto ao uso das línguas estrangeiras em locais públicos



5.5 BLOCO DAS QUESTÕES 23 A 26

Este bloco investiga o interesse em aprender as línguas faladas na comunidade rondonense. A questão 23, “Na igreja, no templo, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?”, foi incluída neste bloco por se considerar que a igreja foi, durante muito tempo, uma instituição de ensino, como também instituição mantenedora de escolas, internatos e conventos onde se difundia o alemão. Por essa razão, foi considerada uma questão pertinente ao bloco que se refere ao ensino de línguas em escolas ou outros meios, ou locais.

Com relação a essa questão, dos dezoito informantes, oito (44%) responderam que estão a favor de que essas línguas (diferentes do português) fossem utilizadas pelo sacerdote, pastor ou palestrante, no templo ou na igreja. Também oito informantes (44%) declararam que

não deveria ser utilizada nenhuma outra língua além do português. Um informante (6%) deu como resposta que dependeria da situação e um (6%) forneceu outra resposta.

A seguir serão exemplificadas as respostas mais relevantes dos que responderam afirmativamente à questão:

INF.- É... que nem alemão, tem muita gente que não entende o português, eles falam só em alemão, uma missa em português seria difícil, né, para uma pessoa que só fala em alemão. (Inf. 4)

INF.- Olha, tem... eu acho que deveria, porque tem muitas pessoas que não entende, né, como tem muitos alemãos assim que eles... coitado! Às vez tão conversando com a gente, eles não entende nenhuma palavra que a gente fala, né, e a mesma coisa nós não entendemos eles, às vez. São bem pomerano, né, assim... (Inf. 6)

INF.- Ah, anos atrás se falava, tanto que existia lá um... um culto na língua alemã e um na língua portuguesa, é... regiões vizinhas a Marechal ainda têm este hábito, em Marechal não tem mais. (Inf. 7)

INF.- O alemão, nessa nossa região.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque tem muita pessoa idosa que não entende muito bem no português. Aí, o idioma, em termos de eles entender o evangelho, seria o alemão para eles. (Inf. 12)

INF.- Principalmente o alemão por causa da originalidade, né. Pessoas de idade, né. (Inf. 15)

INF.- Eu acho que sim, porque no caso da igreja evangélica, tem os cultos, que é o culto em alemão e o culto em português, porque as pessoas de idade se entendem, né, acho que é bem interessante. Antigamente, era mais isso, só que hoje já é mais só os evangélicos, né, e nem todos os evangélicos, né, que falam luterano, sim, (inint.) a parte de culto deles em... nas duas línguas, né. (Inf. 18).

O informante 15 acredita que seja muito importante, em celebrações religiosas, a utilização da língua étnica, pois há pessoas idosas que preferem ou conhecem apenas a língua alemã. Entende-se, pelo contexto, que o inquirido tenha se equivocado ao se referir ao termo ‘originalidade’ ou, talvez por generalização, tenha criado o termo no sentido de origem étnica.

A informante 18, de descendência alemã, na faixa etária dos 51 a 70 anos, com formação superior, lembra que já foi muito comum a realização de ofícios religiosos (denominado “culto” na religião evangélica luterana) tanto em língua alemã quanto em língua portuguesa, informação corroborada pelo informante 7, que disse que atualmente já não são celebrados os cultos em língua alemã, mas que, em regiões vizinhas (municípios vizinhos e distritos rondonenses), eles ainda acontecem.

Em Marechal Cândido Rondon, a religião luterana, também conhecida como protestante, possui um número de membros bastante significativo e já foi considerada uma das comunidades com mais membros luteranos em território brasileiro. Dessa maneira, torna-se possível entender melhor o papel que a religião desempenhou para a conservação da língua, porque “sem o emprego da língua alemã, há o risco de se perderem as normas de vida que lhe

estavam associadas, particularmente a freqüência dos homens aos cultos, característica das comunidades teuto-riograndenses” (ROCHE, 1969b, p. 686).

Interessante registrar que a língua alemã é denominada e conhecida por muitos como a língua usada por Lutero⁴³. Tal preocupação com a língua foi notória, de modo que os textos dos livros sagrados pudessem ser lidos pela população em geral, e não como acontecia na época medieval, em que poucos usufruíam desse privilégio. Lienhard (1998) assim relata:

[...] foram notáveis os trabalhos de Lutero, pois, ao transcrever o texto bíblico na linguagem cotidiana de seus contemporâneos, não deixou de lado a poesia e outras especificidades do texto original. Tanto é que há influência da ‘versão da Bíblia’ sobre a literatura alemã até os nossos dias. Os grandes nomes da literatura alemã, tais como: Schiller, Goethe, Nietzsche, e outros, inspiraram-se na Bíblia de Lutero (LIENHARD, 1998, p. 278).

De acordo com Willems (1980), que escreve sobre a colonização alemã no Brasil, o protestantismo germânico vê a língua como um fato inerente à religião. Assim, pode-se concluir que a língua e o protestantismo estão estritamente ligados, ao menos para o protestante alemão ortodoxo. É surpreendente que, após passadas tantas gerações desde a chegada dos primeiros imigrantes (1824), esse vínculo entre língua e religião ainda esteja vigorando com tal intensidade. Isso pode ser ilustrado pela fala da informante 18, que, ao justificar sua resposta de que deveriam ser celebrados cultos tanto em língua portuguesa quanto em alemã, tentou explicar que hoje já não são todos os evangélicos que “falam luterano”, ou seja, a informante conota o termo ‘luterano’ como sendo a própria língua alemã, e que este idioma já não é mais falado e nem se entende mais como em épocas passadas.

Verifica-se que essa associação entre língua alemã e luteranismo ocorre em outras localidades de forma semelhante. Na cidade de Cascavel, localidade distante em torno de 90 quilômetros de Marechal Cândido Rondon, a comunidade luterana, embora não tenha muitos membros de descendência alemã, é conotada como “igreja dos alemão”.

Na sequência, serão apresentados excertos das falas de alguns dos informantes que defenderam que apenas a língua portuguesa deveria ser utilizada nas instituições religiosas nessa cidade.

⁴³ Martin Lutero (1483-1546) foi monge agostiniano e professor de teologia. Preocupou-se com o que vem a ser hoje o cerne do Luteranismo: “*a justificação pela fé (sola fide* – somente pela fê), da qual jamais se afastou”. Como doutor e professor de interpretação da bíblia na Universidade de *Wittenberg*, Alemanha, entendia que era também necessário conhecer as línguas clássicas e bíblicas, para entender melhor os seus originais: “As línguas encerram o evangelho, como a bainha abriga a espada e a caixa de jóias, as preciosidades”. Ainda segundo suas palavras: “é preciso aprender e dominar as línguas originais para se preservar a pureza do evangelho” (MESSAGEIRO LUTERANO, 1983, p. 16).

INF.- Porque eu acho que ali vai gente de toda origem, né, então eu acho que tem que ser o português. Nós não ‘tamos na Alemanha, nem na Argentina, nem no Paraguai. Então... eu acho que tinha que ser o português, o resto tinha que ser proibido. (Inf. 3)

INF.- Não, a gente tá num país que... onde a língua oficial é o português, então é... o português deve ser falado. Se existem órgãos é... públicos ou privados que prestam serviços a outras comunidades onde sabem que existe isso, acho justo que tenham indicativos de placas, que tenham... é... que se mencione de repente em algum momento o alemão, que é bastante popular aqui em Marechal Rondon, mas não vejo porque fazer disso uma regra. (Inf. 13)

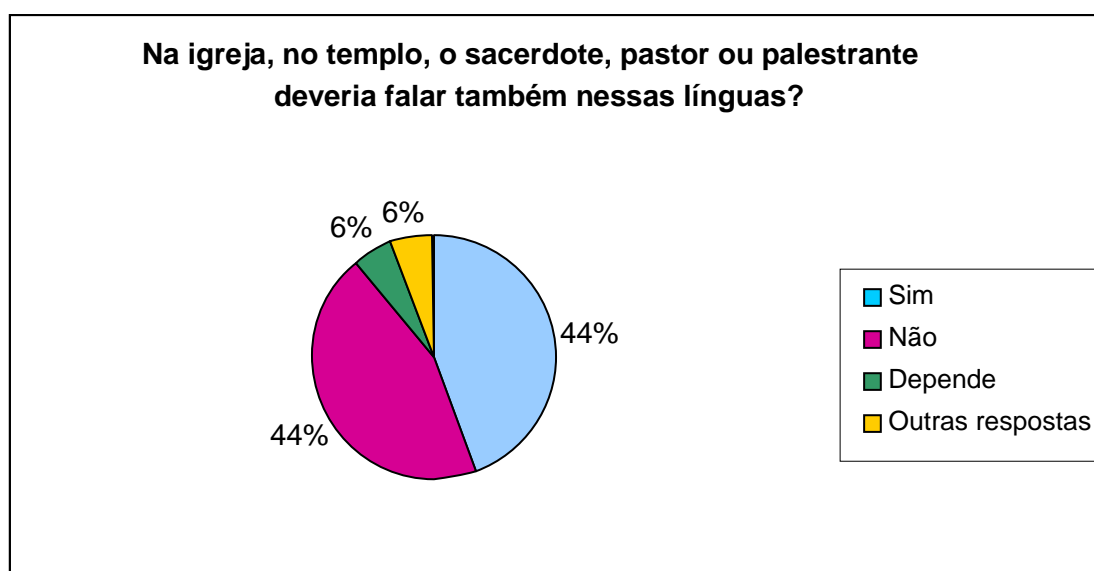
INF.- Eu acho que, como nós estamos no Brasil, acho que a língua a ser usada é o português. A não ser que, sei lá, como uma forma didática, como uma forma de se aproximar talvez dessas pessoas, poderia ser usada também, o que ficar melhor pra elas compreenderem, não sei. (Inf. 14)

INF.- [...] hoje eu creio que o português seria o viável, né, porque pra não diferenciar, muitas vezes as pessoas que não entendem, levariam talvez assim de uma forma interpretativa bem diferente, né. [...] (Inf. 17)

Os informantes que se posicionaram contra o uso de línguas diferentes nas instituições religiosas argumentaram, quase de forma unânime, que é necessário utilizar a língua nacional, ou seja, no Brasil, é preciso que seja falada a língua portuguesa.

O gráfico 21 mostra os resultados dessa questão:

Gráfico 21 – Opinião dos informantes rondonenses quanto ao uso das línguas em locais religiosos



Em relação à pergunta 24, “A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?”, dos dezoito informantes, apenas um (5%) respondeu negativamente. Três informantes (17%) responderam que a escola deveria ensinar as línguas estrangeiras faladas em Marechal Cândido Rondon, mas não citaram nenhuma língua. Os demais (78%) responderam afirmativamente e citaram as línguas que a escola deveria ensinar:

alemão: doze citações (43% das citações); inglês: cinco citações (18%); espanhol: cinco citações (18%); italiano: três citações (11%); francês: duas citações (7%); e paraguaio: uma citação (3%).

A seguir, apresentam-se excertos das falas de informantes que citaram o alemão como língua que deveria ser ensinada pela escola, e a principal razão seria por se tratar de uma região de descendentes alemães.

INF.- Acho que o alemão, que nem, aqui é uma cidade germânica. (Inf. 8)

INF.- O pessoal é muito da... descendente de alemães, né. Tem aquela tradição, né, e ninguém perde. Eu, por exemplo, eu não passei pros meus filhos, deveria ter passado. (Inf. 15)

INF.- Acho que assim, seria interessante que as crianças tivessem, se tivessem interesse, tivessem noção, porque se fala isso nas ruas aqui, então se elas tivessem oportunidade de ter pelo menos uma noção do que que significa, isso acho que seria interessante.

INQ.- De qual língua?

INF.- O alemão principalmente, que é o que ouve mais, é mais comum na nossa região. (Inf. 16)

O informante 17 faz uma observação interessante, na resposta a seguir, quanto à escolha da língua estrangeira na composição do currículo escolar, que remete a uma das orientações da Lei de Diretrizes e Bases – LDB, nº 9394 (BRASIL, 1996), que é a de estabelecer um vínculo com a realidade da comunidade, e dessa maneira, a língua estrangeira estaria atendendo, de fato, às expectativas da comunidade.

INF.- Olha, eu acho que deveria dá um parecer positivo, né, que nós muitas vezes aqui só falamos em é... aprendemos o inglês, né, e na realidade, a nossa localidade é mais comum os alemães e italiano. Eu acho que deveria sim, principalmente, porque é um, é um... é uma região aqui que tem muita tradição dessas línguas, né, alemão e italiano. Eu acho que seria interessante. (Inf. 17)

Observem-se os próximos excertos:

INF.- Acho que a escola devia usar... ensinar a língua correta, né, sem erro, sem...

INQ.- Você acha que devia ensinar o alemão, o italiano...?

INF.- Ah, se fosse possível, né, mas nem sempre... É difícil ensinar o inglês ou alguma coisa bem... só conseguem só passar o básico também. (Inf. 5)

INQ.- E qual delas você acha que deveria ensinar?

INF.- Bom, o mais que tem é o inglês, né, só que eu acho que o inglês não é, bem que é uma língua que fala no mundo inteiro, né, mas eu acho que tinha que ter o... o alemão também. [...] Até nas escolas particulares que tem, é muito pouco aluno que você vê ali. Depois quando vão procurar um país para ir trabalhar, né, daí é difícil, né, se complicam tudo, né. (Inf. 18)

O informante 5 parece estar insatisfeito com o ensino de línguas estrangeiras, afirmando que as escolas “conseguem só passar o básico”. Esse informante, de 53 anos, nível

fundamental, atribui à escola a função de geradora do conhecimento, a qual deveria ser a mantenedora da variedade padrão, interpretada como a única possibilidade de uso da língua, ou seja, “a língua correta”, “sem erro”. O informante se mostra, implicitamente, insatisfeito com as variedades das línguas utilizadas pelo rondonense, atribuindo a elas uma carga negativa, dando a entender que tais variedades deveriam ser abolidas.

A informante 18 destaca a importância de estudar um idioma que seja útil, atendendo, assim, às necessidades do mercado de trabalho. Em sua opinião, isso não deveria se aplicar apenas ao inglês, que já está sendo ofertado, mas também ao alemão, que, embora não esteja sendo muito procurado pelos alunos, poderia ser um referencial a mais na busca de possibilidades de trabalho. Essa informante faz uma observação interessante ao sugerir a necessidade de dedicar um tempo maior ao ensino e à aprendizagem de línguas, de modo que seja possível superar o estágio da “noção mínima”, conforme ela, e, de preferência, que a aprendizagem se inicie já desde os primeiros anos de escolarização.

Os informantes 6 e 7, a seguir, citaram que línguas como o inglês, o espanhol e o alemão seriam de grande utilidade no comércio e nas interações sociais:

INF.- Igual nós temo aqui no... (inint.) nós temo no Brasil, mas deveria de ensinar todos é... todas as línguas, né... português, ah... alemão, italiano, espanhol. A minha menina também estudou espanhol. Eu acho que deveria porque se eles vão trabalhar num comércio eles precisam, né, tem gente de toda raça, todos... falam todas as línguas, outros não entendem, né. (Inf. 6)

INF.- Alemão, inglês, português, espanhol.

INQ.- Por quê?

INF.- Ah... pra vocês falar outras línguas, entender outra coisa. Aí cê fica perdido aí, alguém vai falar uma língua diferente. (Inf. 7)

Na fala transcrita a seguir, o informante 13, brasileiro, com nível superior e da primeira faixa etária, citou o inglês e o espanhol como línguas prioritárias, ressaltando a necessidade de estudar uma língua que seja falada e entendida universalmente, bem como de atender aos anseios acadêmicos. A fala do informante sugere que o alemão é muito valorizado na comunidade, mas o informante não vê razão para tal e cita como exemplo a Holanda, que prefere o inglês ao alemão. O informante acredita que o espanhol possa ser útil aos brasileiros pelo fato de o Brasil fazer parte da América do Sul, onde predomina o uso do espanhol.

INF.- Olha, é... o inglês... é... a gente não tocou em nenhum momento. O inglês é uma língua mundial e... quantos países do mundo falam inglês? Esse sim deve ser muito valorizado. Agora, o reflexo do alemão aqui em Marechal Cândido Rondon é o próprio curso de Letras, que, a princípio, esta última seleção mesmo foi... foram quatro inscritos no curso de... de Letras Alemão. Significa que é um curso que já está em decadência. Então é uma coisa que foi montada... parece que por... por algumas pessoas que querem, querem ou gostam disso, mas e daí? Onde mais se tem isso a nível de Brasil: alemão?

Então é... é como se fosse um tiro no pé. Então po... se levar isso pra escola, quando se cobra você pra ir pra uma pós-graduação, seja um mestrado ou doutorado, normalmente você tem o inglês, você tem o italiano, o espanhol, é... francês, mas não tem alemão, então é... por que ensinar alemão? Então... acho que tem que ve... analisar o que que é mais importante na... na vida acadêmica da pessoa, e onde que ela vai utilizar isso. Quando a pessoa sai daqui e vai pra Europa, um exemplo, é... as pessoas que vivem na Holanda, alguns... uns amigos que saíram daqui, é preferível falar inglês na Holanda do que falar alemão. Tem um certo preconceito contra isso lá. Por isso que acho que tem algumas línguas, por exemplo, o inglês, o espanhol mesmo pode ser interessante, né, pra um contato aqui na... na América do Sul, fora isso não vejo porque valorizar tanto o alemão. (Inf. 13)

Skutnabb-Kangas (1981) destaca que algumas línguas são mais utilizadas em determinados meios do que em outros, ou seja, embora todas as línguas sejam capazes de funcionar como instrumento de cognição e comunicação, sabe-se que nem todas são equivalentemente usadas como meios de comunicação. Segundo a autora, são as relações de poder que decidem qual língua será mais usada em determinados meios.

Esse é o caso do inglês, que alcançou prestígio como língua internacional, e, em menor medida, do espanhol, que se tornou uma língua de comunicação de ampla utilização, especialmente nas regiões de fronteira com países que falam espanhol. Nas respostas dos informantes, o inglês obteve 18% das menções, empatado com o espanhol.

Dentre os informantes que optaram pelo espanhol em suas respostas, alguns alegaram que é preciso levar em conta a criação do Mercosul, que integra países da América do Sul, e, com isso, abrir espaço para mais línguas, como o espanhol, o português e o alemão.

INF.- Algumas sim. Principalmente o espanhol, porque nós estamos na América Latina e confrontando com o Paraguai e a Argentina, seria interessante o espanhol e o inglês, que é considerado a língua mundial. (Inf. 11)

INF.- Deveriam ensinar o alemão, o inglês, o espanhol, devido a região aqui... os países... o Mercosul, né, deveriam... o espanhol e o português e o alemão, seria assim o idioma que poderia ser ensinado nas escolas. (Inf. 12)

O interesse pelo espanhol está atrelado mais a questões de política de boa vizinhança pela proximidade geográfica e a questões comerciais. Alguns informantes, porém, declararam possuir laços de parentesco por meio de uniões conjugais.

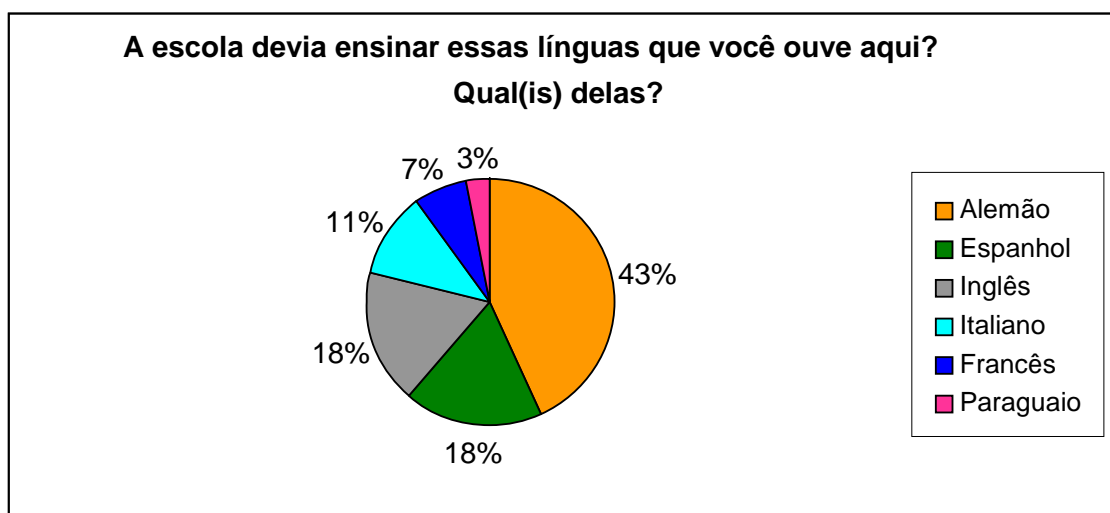
A informante 2 respondeu que a língua paraguaia é que deveria ser ensinada na escola, dizendo “que é mais difícil de entender, né, de explicar”, o que justificaria seu ensino. Porém, a informante não deixou claro se fazia referência ao castelhano/espanhol ou ao guarani.

Dois informantes citaram o francês, uma língua que, no passado, figurava no currículo escolar, mas hoje perdeu sua importância internacional, sendo ensinada em apenas alguns contextos e para propósitos específicos.

Verifica-se, entre as diversas respostas obtidas, que os rondonenses têm atitudes positivas frente ao ensino de línguas. Destacam principalmente as línguas com as quais convivem no seu cotidiano, como o alemão e italiano, demonstrando um sentimento étnico, uma preocupação com a preservação das línguas e suas culturas. Segundo Dorian (1999), uma língua envolve seus usuários como uma marca, ou melhor, “uma língua étnica serve seus falantes como um marcador de identidade”⁴⁴ (DORIAN, 1999, p. 32).

O gráfico 22 apresenta os resultados das menções às línguas estrangeiras que poderiam ser ensinadas na escola, na opinião dos informantes.

Gráfico 22 – Opinião dos informantes rondonenses quanto às línguas estrangeiras a serem ensinadas na escola



Em relação à pergunta 25, “Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?”, quatro informantes (22%) disseram não ter interesse em aprender a falar nenhuma língua estrangeira. Os demais (78%) gostariam de aprender. As línguas citadas foram: alemão, com oito citações (38% das citações); espanhol, com sete citações (33%); italiano, com quatro citações (19%); espanhol paraguaio, com uma citação (5%); e inglês, com uma citação (5%).

A seguir, apresentam-se excertos das respostas de informantes que responderam que não estavam interessados em aprender línguas estrangeiras, e que seria melhor aprender a falar o português “corretamente”, “direito”, sendo que as demais seriam desnecessárias.

⁴⁴ [...] an ethnic language serves its speakers as an identity marker.

INF.- Sei lá, eu acho que... não tem necessidade, sabe? Eu acho que devia aprender falar direito o português, né, que a gente não é correto, né, no português, essas coisas aí. Isso sim era interessante, mas agora o resto... (Inf. 3)

INF.- Não, acho que não. Eu não gostaria. Gostaria que meus filhos aprendesse, mas eu mesmo...

INQ.- Por quê?

INF.- Acho que não vou precisar. (Inf. 10)

INF.- Não, não tenho interesse, eu gostaria de talvez... se eu praticasse um pouquinho como eu já entendo tudo, eu ia ter bastante facilidade em falar o alemão mesmo. (Inf. 16)

É recorrente, nas citações dos entrevistados, a preocupação em utilizar a língua “corretamente”, o que pode revelar o preconceito, o estigma que os acompanha desde a infância, quando lhes era cobrado falar a língua portuguesa sem sotaques, sem interferência nenhuma de outra língua. Torna-se evidente que o preconceito linguístico está presente na fala do informante 3, nível fundamental. Conforme Bagno (1999), são diversos os instrumentos que colaboram para que a imagem do “falar correto” se reafirme continuamente, tais como os meios televisivos (por intermédio de seus programas), a imprensa escrita e a escola, dentre outras instituições.

Neste excerto, “Olha, não como... como a gente gostaria, mas a gente já fala algumas tendências, né” (Inf. 17), o informante de 56 anos, de descendência alemã, com formação superior, ao mencionar a expressão “algumas tendências”, provavelmente estava se referindo aos dialetos do alemão, pois, como já observado em inúmeras falas dos informantes, percebe-se, muitas vezes, hesitações, dúvidas e constrangimento ao falarem que utilizam uma variedade, um dialeto que não goza de prestígio.

Os informantes 1 e 2, nos trechos a seguir, declararam entender o idioma castelhano e alemão, respectivamente, e manifestam a vontade de aprender, também, a falar nesses idiomas, com o objetivo de conseguir se comunicar melhor.

INF.- Gostaria.

INQ.- Qual delas?

INF.- O alemão, o... e o... paraguaio... que eles falam ali no Paraguai, o... castelhano.

INQ.- Castelhana. Por quê?

INF.- Ah, se comunicar melhor. (Inint.) entender, eu entendo, só não falo. Aí é complicado. (Inf. 1)

INF.- Eu queria aprender a falar em alemão. Difícil, eu... eu entendo, mas algumas palavras, mas outras não.

INQ.- E por que você queria aprender?

INF.- Pra mim poder também falar, né, também só, né, eu queria aprender pra poder falar, né. (Inf. 2)

O informante 1 é movido pelo interesse de utilizar o idioma do país vizinho, talvez abrindo mais possibilidades de transações comerciais ou de trabalho, pois o fato de ter apenas 19 anos pode indicar que ainda não esteja estabelecido profissionalmente, considerando

também a questão que cursou apenas o nível fundamental. A informante 2, também da primeira faixa etária e com nível de ensino fundamental, mostrou o desejo de aprender a falar o alemão, pois já entende alguma coisa e, assim, poderia ser mais fácil aprender a falar esse idioma.

Observem-se outras respostas:

INF.- Alemão, como eu falei.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque eu conheço muitas pessoas que falam alemão e às vezes não me entende porque eu não sei falar... em alemão. (Inf. 4)

INF.- Até que gostar eu gostaria, mas é... meio difícil.

INQ.- Mas qual delas daí?

INF.- Eu gostaria de aprender o italiano.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque é a... parte da fam... a minha família de parte da mãe era italiana, então eu tenho a curiosidade. (Inf. 5)

INF.- Ah, gostaria eu gostaria, só que... acho, burro velho não puxa mais carroça (risos).

INQ.- Qual delas você gostaria?

INF.- Ah, queria mais o italiano, né, que a nossa língua é... eu tenho assim... da minha parte mais italiano, né, vai falar assim... sei lá. (Inf. 6)

Os informantes 5 e 6 demonstram também o desejo de aprender a língua étnica, nesse caso, a italiana, por ser a língua herdada dos antepassados, embora a informante 6, de 61 anos, com nível fundamental, considere-se muito velha para aprender uma língua.

As respostas a seguir mostram outras motivações, geralmente de caráter pragmático, para a vontade de aprender uma língua estrangeira:

INF.- Ah, bom seria mesmo o alemão e o espanhol.

INQ.- E por quê?

INF.- Porque, geralmente, né, mesmo que você tenha uma embalagem de alguns produtos, ele vai definir, é... ou é português ou é espanhol. (Inf. 9)

INF.- Principalmente o alemão e aprofundações no espanhol.

INQ.- Por que o senhor gostaria de aprender?

INF.- Por causa do contato, porque a gente às vezes se aperta no conversar, até inclusive em alemão quando... conversa com uma pessoa, é difícil se expressar [...]. (Inf. 11)

INF.- Eu tenho interesse de... é... me expressar um pouco melhor no espanhol, porque... é... exemplo, assim, como falei do inglês ou do espanhol, né, são requisitos básicos normalmente nos programas de pós-graduação [...]. (Inf. 13)

INF.- Ah, gostaria de aprender tanto o italiano, o espanhol... o alemão eu não tenho tanta curiosidade, mas... italiano, espanhol, acho legal. [...] italiano e espanhol são mais sonoros, parecem que fazem bem ao ouvido, isso que eu gosto, né. (Inf. 14)

INF.- Gostaria de aprender o alemão mesmo, o alemão que se fala na Alemanha.

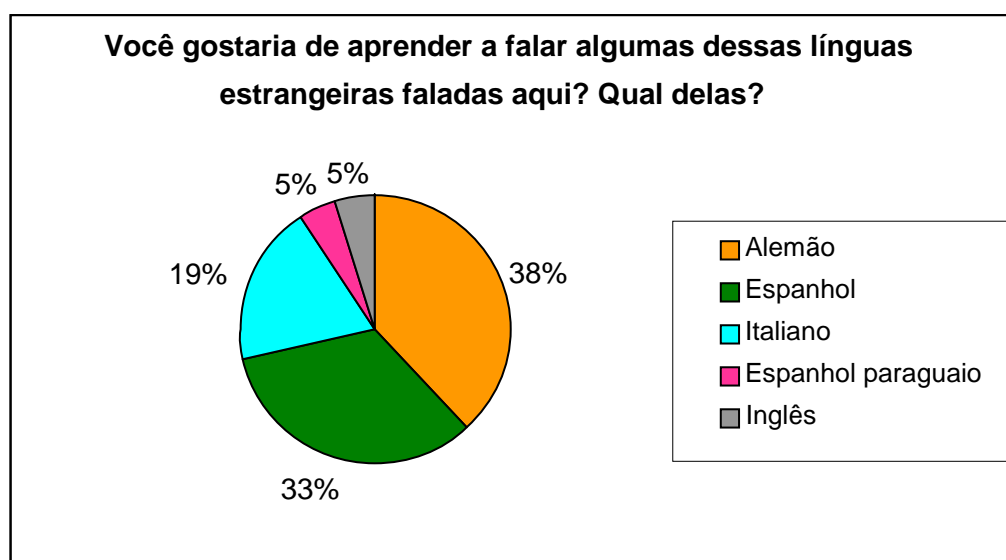
INQ.- Por que você gostaria de aprender?

INF.- Primeiro porque meu chefe é da Alemanha, né, ele fala quatro, cinco idiomas, né, então eu tenho uma referência ali, né. (Inf. 15)

O informante 15, de 41 anos, com nível superior, ressalta que a motivação em aprender alemão se deve ao trabalho, pois seu patrão é proveniente da Alemanha e fala vários idiomas. Percebe-se também seu desejo de falar “o alemão mesmo, o alemão que se fala na Alemanha”, ou seja, o HD, atribuindo alto prestígio à variedade culta da língua alemã, como se as demais variedades faladas fora da Alemanha não fossem também alemão. Sua resposta deixa transparecer que enaltece a Alemanha como o lugar onde se fala “o alemão mesmo”, e não meros dialetos, como se todos os habitantes do país falassem apenas o HD, e com isso demonstrassem que são mais instruídos, mais capazes.

O gráfico a seguir mostra os resultados dessa questão:

Gráfico 23 – Manifestação dos informantes rondonenses quanto à língua que gostariam de aprender



Com relação à questão 26, “Você estudou ou fala alguma dessas línguas? Qual? Onde aprendeu?”, seis informantes (33%) declararam que aprenderam alemão com a família. Quatro informantes (22%) não estudaram e não falam nenhuma língua. Alguns informantes declararam ter estudado línguas na escola: três informantes (16%) estudaram espanhol, e dois (11%) estudaram alemão. Um informante (6%) estudou espanhol sozinho, por meio de leitura, e outro informante (6%) conhece espanhol e alemão por meio de contatos e de leitura. A um informante (6%), a pergunta não foi formulada.

A seguir, apresentam-se excertos das falas de alguns informantes que aprenderam alemão em casa, com os pais:

INF.- Não, nunca estudei, né, sobre essas línguas aí. A única que consigo falar, né, é o alemão mesmo, um pouco, por causa dos pais, né.

INQ.- Onde você aprendeu?

INF.- Com meus pais. (Inf. 3)

INF.- Não, não estudei, eu falo o alemão mesmo, alguma coisa assim, não... mas não corretamente.

INQ.- Aprendeu aonde?

INF.- Aprendi com meus pais. (Inf. 5)

INF.- Não, só o que eu aprendi no dialeto, né, do alemão.

INQ.- Você aprendeu onde?

INF.- Com meus pais. (Inf. 15)

INF.- Não, olha, é como eu coloquei no começo, né, eu falo razoavelmente alemão, mas eu nunca estudei essa língua, né. Vem de berço, né. (Inf. 17)

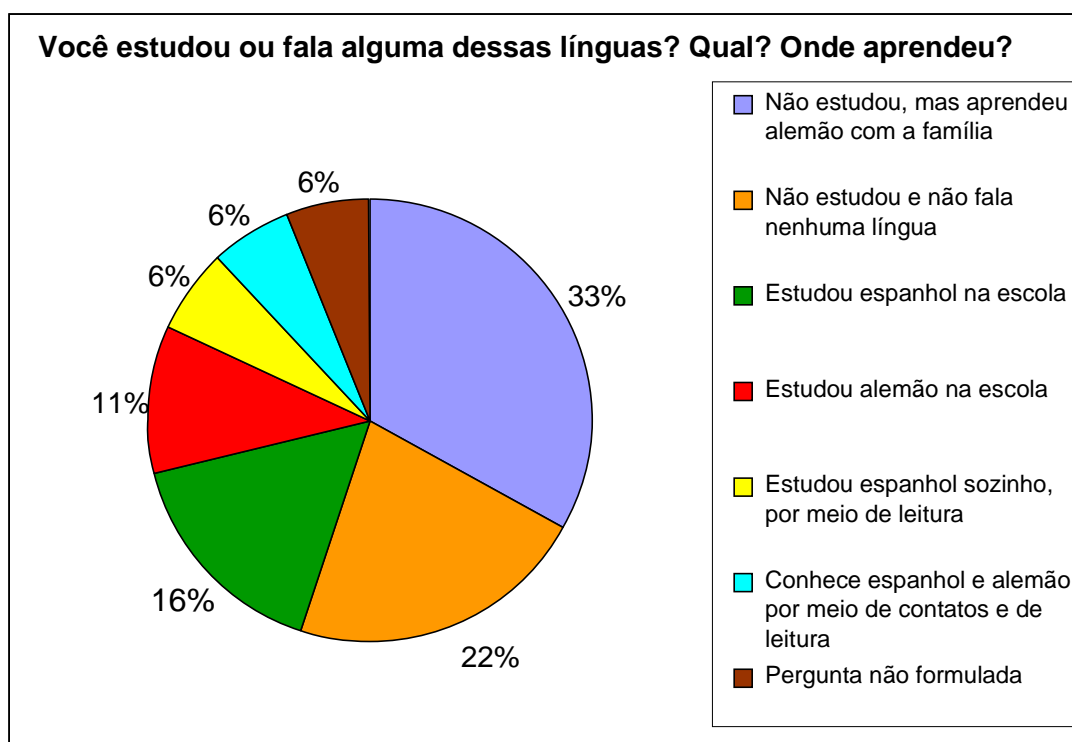
O informante 15, de 41 anos, com formação superior, de descendência alemã, deixa transparecer que o “dialeto” do alemão aprendido com seus pais não tem prestígio, o que também é corroborado pelo informante 5, de 53 anos, com formação de nível fundamental, de descendência alemã, ao responder que não estudou nenhuma língua, mas fala “o alemão mesmo”, porém, “não corretamente.”

Dos informantes que declararam ter aprendido o alemão em casa, com os pais e avós, dois estão na faixa etária dos 40 anos, e quatro, acima dos 50 anos, o que mostra que os informantes da faixa etária mais velha ainda tiveram contato com a língua étnica de forma natural, espontânea, informal, o que vem ocorrendo cada vez menos entre as gerações mais novas, seja porque os pais trabalham fora de casa, seja porque instituições como a escola e a igreja utilizam cada vez menos esses idiomas étnicos e privilegiam o português, acreditando que assim atingem um público maior.

O informante que aprendeu espanhol sozinho, por meio de leituras, consegue entender o idioma escrito, ou seja, desenvolveu a habilidade de compreensão de textos, provavelmente utilizando estratégias de leitura que lhe forneciam pistas e permitiam uma compreensão geral do texto, mas não fala o idioma: “A partir da leitura eu consigo é... entender o que o autor... tá passando, mas eu não consigo articular uma frase em espanhol que seja.” (Inf. 13).

O gráfico 24 ilustra os resultados dessa questão:

Gráfico 24 – Informação dos informantes rondonenses quanto à(s) língua(s) estrangeira(s) que estudaram e que falam



5.6 BLOCO DAS QUESTÕES 27 A 46

No sexto e último bloco, estão agrupadas as questões 27 a 45, que se referem ao relacionamento dos informantes com falantes de outras línguas sob uma perspectiva afetiva (no âmbito familiar e no círculo de amizades) e profissional. Inclui-se, aqui, também as respostas da questão 46, de caráter espontâneo por parte do informante.

O quadro a seguir ilustra as respostas dos rondonenses referentes à questão “Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só morassem argentinos / paraguaios / alemães / italianos, você compraria?”.

Quadro 4 – Possibilidade de convivência com etnias diferentes em Marechal Cândido Rondon

| Informante | Argentino | Paraguaio | Alemão | Italiano |
|------------|-----------|-----------|----------|----------|
| 1 | sim | NF* | sim | sim |
| 2 | não | não | sim | depende |
| 3 | não | não | não | não |
| 4 | sim | sim | sim | sim |
| 5 | não sabe | não sabe | não sabe | não sabe |
| 6 | sim | sim | sim | sim |
| 7 | sim | sim | sim | sim |
| 8 | sim | não | sim | não |
| 9 | sim | sim | sim | sim |
| 10 | não | não | depende | sim |
| 11 | depende | depende | sim | sim |
| 12 | sim | sim | depende | sim |
| 13 | sim | sim | sim | sim |
| 14 | sim | sim | sim | sim |
| 15 | sim | não | sim | sim |
| 16 | sim | sim | sim | sim |
| 17 | sim | sim | sim | sim |
| 18 | sim | sim | sim | sim |

* NF: Questão não formulada.

De acordo com o Quadro 4, treze informantes (72%) comprariam casa em bairro onde morassem argentinos, três (17%) não comprariam e dois (11%) deram outras respostas (“não sabe” ou “depende”).

Quanto aos paraguaios, dez informantes (55%) declararam que comprariam casa em bairro onde vivessem pessoas dessa etnia, cinco informantes (28%) não comprariam e três (17%) deram outras respostas.

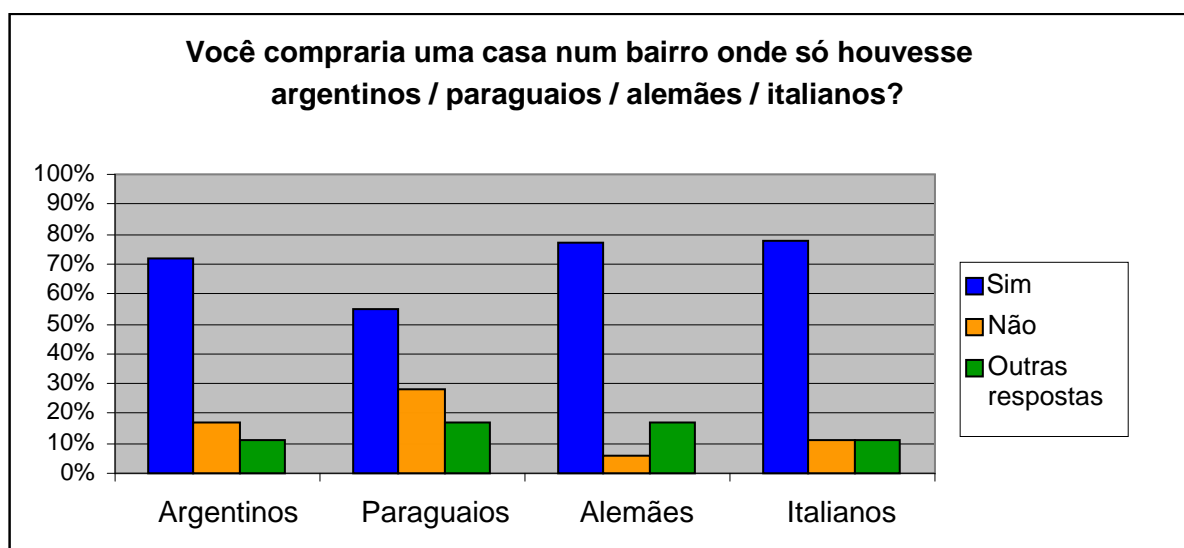
Com relação aos alemães, catorze informantes (78%) afirmaram que comprariam casa em bairro onde morassem pessoas dessa etnia, um informante (5%) não compraria e três informantes (17%) deram outras respostas.

Finalmente, catorze informantes (78%) disseram que comprariam casa em bairro onde morassem apenas italianos, dois informantes (11%) não comprariam e dois (11%) deram outras respostas.

Os comentários relativos às diferentes etnias serão descritos conjuntamente após os gráficos, quando estes forem comparativos.

O gráfico 25 permite visualizar os resultados referentes a todas as etnias. As respostas “depende” e “não sabe”, do quadro 4, estão contabilizadas como “Outras respostas”.

Gráfico 25 – Possibilidade de convivência com membros das diferentes etnias em Marechal Cândido Rondon



Pelos resultados apontados no quadro 4 e no gráfico 25, os grupos étnicos com maior aceitação de convivência em um mesmo bairro que o informante são os alemães e italianos, ambos com 78% de respostas positivas, e os argentinos obtiveram um resultado um pouco menor, ou seja, 72% de respostas positivas. As atitudes negativas dos rondonenses foram mais representativas em relação aos paraguaio, atribuindo apenas 55% de respostas positivas a essa etnia. De modo geral, observa-se uma tendência de aceitação com relação à convivência com os membros das diversas etnias.

Os exemplos a seguir ilustram as falas dos informantes quanto a morar em um mesmo bairro que os argentinos.

INF.- Compraria.

INQ.- Por que você compraria?

INF.- É uma escola, podia aprender, né, falar... (Inf. 1)

INF.- Ah, compraria. Tentaria entender eles também. (Inf. 4)

INF.- Eu acho que comprava, se eu... gostava do lugar... com o tempo ia me acostumando com eles (risos). (Inf. 6)

INF.- Ah, podia até comprar, né, por causa... com o tempo, você ia conviver com o jeito deles de falar também, né. (Inf. 9)

INF.- Olha, eu acho que não haveria, assim, um motivo de não comprar, né, porque cada um tem que saber se respeitar, né. Falam muito mal dos argentinos, mas eu... sei lá, né, eu acho que cada um tem uma forma, né, de fazer da sua pessoa, né. Não veria, não. (Inf. 17)

Os informantes 1, 4, 6, 9 e 17, representantes das atitudes favoráveis à convivência com os argentinos, demonstraram que a língua, no caso, o espanhol argentino, não seria impedimento para não morar no mesmo bairro que eles e acreditam que poderiam, inclusive, aprender, com o tempo, o idioma estrangeiro, bem como aceitar e conviver bem com as diferenças de costumes e comportamentos. Um dos informantes tentou justificar que o mal entendido que muitas vezes ocorre entre o brasileiro e o argentino é por razões políticas ou ligadas a questões fronteiriças, ou, ainda, pela rivalidade no futebol, declarando que é preciso aceitar as diferenças e saber conviver com elas.

Destacam-se, a seguir, duas respostas negativas quanto a morar em bairro de argentinos:

INF.- Não, não compraria.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque... sei lá... por causa da língua. Eles iam falar, né, coisas que eu não ia entender, então eu não ia me sentir bem. (Inf. 3)

INF.- Eu acho que seria muito difícil porque ... a não ser que eles aceitariam. (Inf. 11)

Para o informante 3, de 40 anos, com curso fundamental, a questão da diferença entre as línguas seria o argumento principal para não morar entre os argentinos, pois não se sentiria bem em não entender o idioma. Da mesma forma, como o quadro 4 demonstra, a atitude do informante é negativa quanto a morar em um bairro de qualquer uma das etnias citadas, indicando como obstáculo o idioma, que é estranho para ele.

O informante 11, da terceira faixa etária, embora não deixe explícito que o idioma diferente do seu representa um problema, considera que seria bastante difícil viver entre os argentinos e tenta argumentar que o problema pode residir na outra etnia, ou seja, os moradores argentinos é que teriam de deliberar sobre aceitar ou não o novo morador. De qualquer maneira, o informante parece sugerir que é muito difícil aceitar a convivência estrangeira no meio familiar em que vive.

Quanto aos paraguaios, os informantes que demonstram atitude positiva em relação à convivência em um mesmo bairro que os membros dessa etnia citam, também, a língua diferente como empecilho, que no início poderia causar problemas na comunicação, mas demonstram boa vontade em se relacionar com o povo paraguaio e se mostram, inclusive, favoráveis a aprender o idioma diferente.

INF.- Compraria. Paraguai a gente já, conforme o que eles falam, né, igual eu tenho ali um... calendário, eu entendo toda... palavra que vem no calendário, né, como eles falam assim. Dá pra tirar... pouco tempo a gente chega. (Inf. 6)

INF.- Também. Já morei no Paraguai, no meio dos paraguaios, era muito bom o convívio com eles. (Inf. 12)

INF.- Olha, essas perguntas acabam sendo complicadas porque a gente acho que não pode olhar pro lado, assim, se moram as pessoas. Acho que tem que pensar, é... um olhar, falando com um olhar geográfico. Se moram no fundo de um rio ou de um vale eu nunca que vou morar lá, né. Se for num bairro que eu me sinta bem, que eu sei que... que não vai ter maiores problemas, é... em termos de você fazer uma análise de... de criminalidade naquele bairro, claro que você vai procurar onde... onde os problemas são menores, então acho que não são as pessoas em si. (Inf. 13)

INF.- Também, a gente... eu ia acabar entendendo eles com pouco tempo (risos). (Inf. 16)

INF.- Eu não vejo por que né, se eu gosto, assim a gente acaba se... como se diz, entrosando com eles, acaba aprendendo muita coisa que você não sabe, né, não tem... (Inf. 18)

Os informantes que não comprariam casa em bairro onde vivessem apenas paraguaios acreditam, principalmente, que a língua (especialmente o guarani) e a diferença de costumes seriam obstáculos, como mostram estas respostas:

INF.- Ah, daí acho que não (risos).

INQ.- Por quê?

INF.- Ah, acho que é mais difícil de entender a língua deles. (Inf. 8)

INF.- Da mesma forma, porque os paraguaios que são só paraguaios entre eles, eles não falam outra língua a não ser o guarani, e daí é difícil conviver com eles. (Inf. 11)

INF.- Acho que não.

INQ.- Por quê?

INF.- Não sei (inint.) raça, digo, povo bem diferente de nós, totalmente diferente. (Inf. 15)

Em relação a comprar casa em bairro onde morassem apenas alemães, são apresentados a seguir alguns excertos das falas que demonstram uma atitude positiva quanto a esse aspecto:

INQ.- E se lá morassem apenas alemães?

INF.- Daí sim (risos).

INQ.- Por que você compraria?

INF.- Ah, porque a convivência é melhor, a gente entende melhor, falar, né, modo de viver, modo de falar, né. Por que paraguaio, argentino, a gente não entende, que nem eu te falei, né, não entende, né, o que eles falam. (Inf. 2)

INF.- Eu acho que comprava, imagina, tô morando aqui quase quarenta ano no meio dos alemão, né. Tod... gosto daqui, quando vim aqui, também era... era difícil entender eles, hoje já entendo bastante coisas. Acho que compraria. (Inf. 6)

INF.- Alemão, sim, porque ali a gente ia se entender e creio que eles iam aceitar a gente ficar entre eles. (Inf. 11)

INF.- Gostam de conversar, eles têm amizade um com todos, são mais... é... não se fecham, né, são bem...(Inf. 15)

INF.- Com certeza, alemães eu não... eu... que nem eu te falei, eu entendo a língua, então seria menos problemático ainda. (Inf. 16)

Dentre os informantes que responderam que não comprariam casa em um bairro de alemães, destaca-se o informante 3, de 40 anos, com nível fundamental, de descendência alemã, que declarou que eles só falariam em alemão e, assim, falariam mal dos outros, atitude criticada pelo informante:

INF.- Não, também não compraria, porque sei que eles só iam falar em alemão (rindo), e iam falar mal dos outros, que é o costume. (Inf. 3)

As informantes 10 e 12, da segunda e terceira faixa etária, respectivamente, com nível de formação de ensino médio, não demonstram muito interesse em morar em um bairro só de alemães. Contudo, não deixam muito claro se o problema se relaciona somente à língua:

INF.- Ah, pergunta difícil... Acho que não, hein... Não, eu compraria, sim, ia aprender tudo. Não me interessaria muito, mas, com a convivência, né? (Inf. 10)

INF.- Também, depende, né, o que poderia fazer naquele lugar, compraria. (Inf. 12)

Em relação a morar em bairro onde vivessem apenas italianos, destacam-se, para melhor ilustração, alguns excertos mais relevantes das respostas positivas:

INF.- Italiano é uma pessoa que... aceita o convívio com qualquer nacionalidade. (Inf. 11)

INF.- Também, não tenho preconceito nenhum sobre idiomas ou pessoas, né. (Inf. 12)

INF.- Ah, eu acho que não tem nada a ver se a pessoa é de uma nacionalidade ou outra, isso não vai interferir na sua convivência com eles. (Inf. 14)

INQ.- E se morassem apenas italianos, você compraria?

INF.- Mas lógico. Eu não vejo diferença, né, você gostando do lugar, eu não... porque eu, quando comprei casa lá em cima no Primavera, eu falei, se eu fosse racista eu não ia morar lá, né. Eu comprei lá porque foi na época que a cooperativa contratava aquele povo temporário, e daí eles construíram aquele Primavera 2, que era o BNH 2 que eles falavam, só tinha gente preta, só, só, só preto. Branco ali no meio era um e outro, era eu e uma outra família ali no meio, o resto era só preto. Se eu fosse racista eu não ia morar lá, né. (Inf. 18)

Os informantes 12, 14 e 18 declararam que não veem problema algum em morar em locais de etnias diferentes da sua; inclusive, procuraram deixar claro que não têm preconceito nenhum em relação a etnias e idiomas diferentes.

Já o informante 8 respondeu que não é favorável à compra de uma casa para morar entre os italianos, sugerindo que o desconhecimento da língua seria problemático para ele: “Pior, eu entendo menos ainda a língua” (Inf. 8).

Na sequência, serão analisadas as perguntas relacionadas ao círculo de amigos do informante: “Você tem amigos argentinos / paraguaios / alemães / italianos? Como começou esta amizade?”

Quadro 5 – Círculo de amizades dos informantes rondonenses

| Informante | Argentinos | Paraguaios | Alemães | Italianos |
|-------------------|-------------------|-------------------|----------------|------------------|
| 1 | não | sim | sim | sim |
| 2 | não | não | sim | não |
| 3 | sim | não | sim | sim |
| 4 | não | sim | sim | não |
| 5 | não | sim | não | não |
| 6 | sim | sim | sim | sim |
| 7 | não | não | sim | não |
| 8 | não | sim | sim | não |
| 9 | não | não | sim | não |
| 10 | não | não | sim | sim |
| 11 | não | sim | sim | sim |
| 12 | sim | não | sim | sim |
| 13 | não | não | sim | não |
| 14 | não | não | sim | sim |
| 15 | não | não | sim | não |
| 16 | não | sim | sim | sim |
| 17 | não | não | sim | sim |
| 18 | sim | sim | sim | sim |

* NF: Questão não formulada

Conforme o quadro 5, quatro informantes (22%) responderam que têm amigos argentinos e catorze (78%) responderam negativamente.

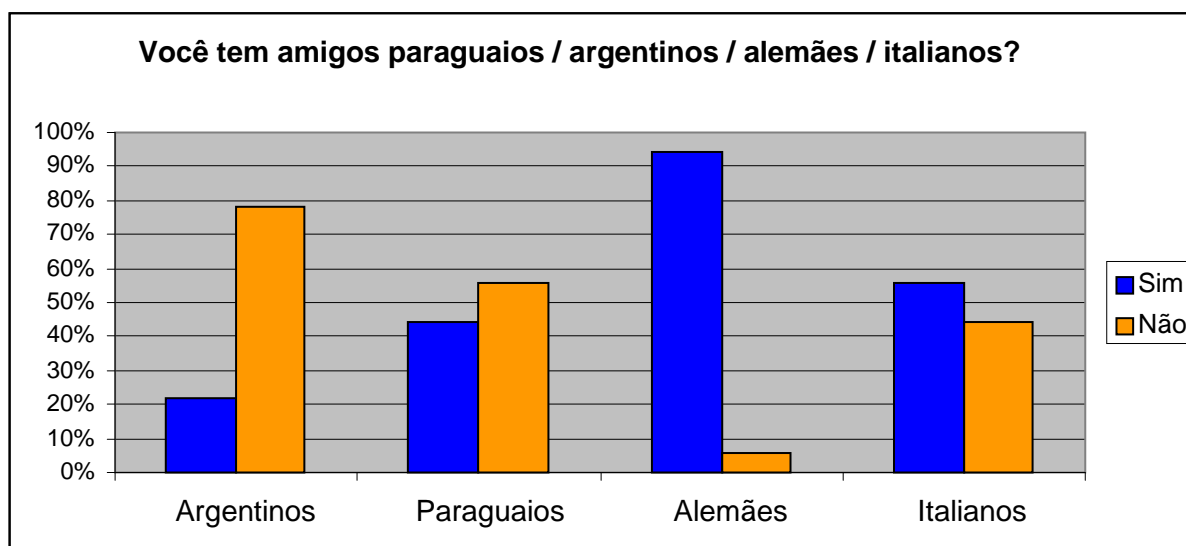
Em relação aos paraguaios, oito informantes (44%) responderam que têm amigos dessa etnia e dez (56%) responderam que não os têm.

Quanto aos alemães, dezessete informantes (94%) responderam que têm amigos dessa descendência e um informante (6%) respondeu negativamente.

Finalmente, dez informantes (56%) responderam que têm amigos italianos e oito (44%) responderam que não os têm.

O gráfico 26 ilustra os resultados comparativamente:

Gráfico 26 – Amizade dos rondonenses com membros das diversas etnias



A seguir, serão analisados alguns excertos das respostas em relação às perguntas sobre o círculo de amizade dos informantes. Primeiramente, são apresentadas algumas respostas dos informantes que responderam que têm amigos argentinos:

INF.- Tenho, tenho conhecido argentino, sim.

INQ.- Como começou esta amizade?

INF.- Ah, tipo, é... até é meio parente, né, da minha... né. É... conheci em São Pedro, Toledo, né, daí depois eu fui ver, é tio de minha mulher, então daí a gente pegou amizade, assim. É argentina, ela. (Inf. 3)

INF.- Tenho, tenho até primo, é... bastante colegas conhecido, né, que moram aqui em Santa Helen... Itaipu, Foz do Iguaçu, né, tenho meus irmãos que moram lá. Então a gente já tem bastante conhecimento com eles. (Inf. 6)

INF.- Ah, não necessariamente argentinos, mas tem uma senhora que eu visito, ela morou acho que a vida inteira desde que casou na Argentina, né, e a gente às vezes rola a língua com ela, ela fala português, mas mesmo assim, ela... ela... às vezes o filho dela vem na casa dela, e a gente troca ideias mesmo em espanhol.

INQ.- E como começou esta amizade?

INF.- Com a pastoral da pessoa idosa. (Inf. 12)

INF.- Tenho os que são meus parentes, né, amigos assim eu não... não tenho.

INQ.- E como começou a amizade?

INF.- Que a gente foi visitando eles, né, indo prá lá, eu... a primeira vez que eu fui, acho que eu tinha uns seis anos, depois eu tinha vinte, depois a gente só foi até aqui... faz uns dois anos, três que a gente foi até Porto Rico, ali. Agora, se você chega lá em Buenos Aires, pra você conversar com eles é complicado. Esses aqui, logo perto aqui, você entende tudo o que eles falam, mas mais lá pra dentro já, eles... eles falam muito rápido, né, fica difícil você pegar o... (Inf. 18)

Esses informantes declararam que conhecem argentinos ou possuem relações de parentesco com membros dessa etnia, o que auxiliou para que novas amizades fossem feitas. A informante 18, no decorrer de sua fala, disse que, na fronteira do Brasil com a Argentina, é

possível entender muito bem a língua, provavelmente se referindo ao portunhol (mescla de português com espanhol), já bastante utilizado na fronteira do Brasil com países em que se fala o espanhol, mas que, ao chegar à capital argentina, torna-se complicado entender o espanhol, o que evidencia que os traços fonéticos, inclusive os prosódicos, já mesclados com o português, tornam o espanhol mais acessível aos brasileiros que falam o português.

Os informantes que responderam não ter amizade com argentinos não apresentaram justificativas para suas negativas. O grande índice de respostas negativas se deve, provavelmente, ao pouco contato dos rondonenses com os argentinos, uma vez que a localidade se encontra distante da fronteira com a Argentina.

A seguir, são apresentados excertos em que alguns informantes explicam como começou a amizade com paraguaios:

INF.- É... não é uma amizade, assim, eu namoro com o irmão de uma paraguaia, então entre eles conversam em paraguaio, foi assim que começou. (Inf. 4)

INF.- Pela vizinhança (inint.). (Inf. 5)

INF.- É, eles vinham aqui em casa, e daí... prim... eles são primos, sempre vêm aqui, né, a gente vai na casa deles. Tem meus tios também que moram pra lá, têm fazenda lá pro Paraguai, né, então a gente costuma com eles assim... (Inf. 6)

INF.- Com a convivência que ... eu vivi desde 85 a 91 (inint.) no Paraguai. (Inf. 11)

INF.- Tenho, sim, o pai da minha filha é de lá, tem mais pessoal daqui que eu tenho amizade.

INQ.- E como começou, assim, essa amizade?

INF.- Trabalhando, ele... o cara começou a trabalhar lá com nós no hospital, né. Bem que eles se criaram mais aqui do que em casa lá do outro lado, né, porque... eles viviam cada semana aqui, daí tinha tio morando aqui, eles vinham passear aqui, agora o sotaque é muito pouco, né. Esse pessoal que mora logo ali do outro lado não tem muito sotaque, né, do que se você já vai lá, mais lá pra dentro, né. (Inf. 18)

A informante 18, de formação superior, refere-se à questão do sotaque como algo que possa perturbar a interação entre indivíduos, sugerindo que, atualmente, como as pessoas com as quais convive estão perdendo o sotaque do espanhol paraguaio, é possível manter diálogos com mais naturalidade, o que facilita e permite estabelecer um clima de amizade.

É possível observar, pelas falas de alguns informantes, como o 1, o 4 e o 18, que os laços afetivos estabelecidos em relações de namoro e casamento podem atenuar as dificuldades de compreensão das línguas, ou seja, a língua não impõe barreiras quando há sentimentos de afetividade em jogo, mas, ao contrário, pode ser o agente facilitador para estabelecer novas relações de amizade. Isso parece contrariar, em parte, as apreensões dos informantes que declararam não se sentirem muito à vontade em residir em áreas onde vivem somente paraguaios. Ou então, é possível depreender dessa última situação que, ao escolher

um lugar para fixar residência, é melhor partilhar os mesmos costumes e comportamentos, caso contrário, isso pode soar como uma espécie de ameaça à identidade constituída pela língua e cultura.

A seguir, estão as respostas de alguns informantes que responderam não ter amizade com paraguaios:

INF.- Não, amigos não. Tem pessoas que eu conheço, mas não dá pra dizer que sejam amigos. (Inf. 14)

INF.- Só os meus parentes que moram no Paraguai, mas Paraguai só quando vou lá, eu... e tem um funcionário deles que trabalha com eles, mas... não digo amizade, só... só assim, conversar um pouquinho, né. (Inf. 15)

No caso dos alemães, dentre os dezessete informantes que responderam possuir amizade com membros dessa etnia, alguns declararam que a amizade começou no ambiente de trabalho; outros, na escola; outros, na vizinhança; e outros, ainda, por meio de parentes, que possibilitaram ampliar a rede de relacionamentos com alemães. Os excertos das falas a seguir ilustram melhor a origem ou o contexto das amizades:

INF.- Começou da geração do pai e da mãe, né, daí foi indo pai, depois foi os tios, né. Os tios tudo fala em alemão, tias também, vó, só falam em alemão, aquela língua... enrolada. (Inf. 2)

INF.- Ah, a gente morava aqui, morava uma época em sítio, né, hoje, aqui na cidade mesmo, né, tem vizinhos, né, que são... são vizinho, né, então a gente pegou amizade, conversa, e coisa assim. (Inf. 3)

INF.- Na escola, na... na vizinhança, todo mundo falava alemão, todo mundo era alemão. (Inf. 7)

INF.- Ah, no se... no trabalho, né, no lugar onde a gente trabalha tem bastante, né... des... de... de alemães, descendentes de alemães. E assim começa a amizade, né, a coisa começa assim, né. (Inf. 10)

INF.- Tenho é... um amigo que os pais dele são... são da Alemanha, o avô dele não consegue falar o português até hoje e... os pais dele sim... e ele tá... atualmente ele tá morando na Suíça. Então uma pessoa mais... mais alemão que esse eu não tenho como amigo, não.

INQ.- E como começou esta amizade?

INF.- É... começou quando eu estudava no... no colégio estadual e... e a gente se conheceu como amigo de... de... de classe e foi uma amizade que passou o tempo de... de escola e... e dura até hoje. (Inf. 13)

INF.- Primeiro, que nem eu falei, meu chefe é alemão, né, a família toda é alemã. Volta e meia a gente fica sabendo aqui da cidade de... de... de pessoal da Alemanha vem aqui fazer um... né, passar aqui um tempo, então na escola tem passado, a gente tem conversado um pouco, né. Eles têm interesse em saber como é que é a nossa cultura, a gente também tem interesse em saber a cultura deles. (Inf. 15)

INF.- A família que... ali onde que eu trabalho são todos, né, são todos alemães, todos eles.

INQ.- E a amizade começou com...?

INF.- É, quando eu comecei a trabalhar ali, né, vai fazer trinta anos que eu trabalho ali, que na época eu trabalhei na parte da administração, os donos antigos falecidos já há anos, em 72 eles faleceram, eles escolhiam os funcionários a dedo. Agora, hoje já não existe mais isso, né, mas...

INQ.- De preferência que falassem alemão, né?

INF.- Sim, sim. Por causa do pessoal que tinha que trabalhar ali na recepção, né, porque tinha que ser, porque senão... não tinha como. Porque naquela época, pensa, há trinta anos atrás, ali, o que tinha ainda de gente que só falava... aí tinha que saber falar, né, porque senão era complicado. (Inf. 18)

É importante mencionar que, nessa pergunta, vários informantes questionaram sobre a nacionalidade, insistindo em diferenciar os alemães nascidos em terras brasileiras daqueles nascidos na Alemanha, como se quisessem marcar bem as diferenças, principalmente no tocante à língua. Para muitos rondonenses, não apenas os informantes, há uma grande diferença entre ser “alemão da Alemanha” e ser o “alemão brasileiro”, uma vez que àquele é atribuído um enorme prestígio pelo uso do HD, que se presume ser uma espécie de língua geral, no sentido de que toda a população da Alemanha falaria a tal da “língua padrão” e esta, por sua vez, seria a única correta, bonita, verdadeira.

Embora haja um frequente intercâmbio entre a Alemanha e o Brasil, e mesmo com rondonenses, oportunizando verificar as diferentes variedades da língua alemã na Alemanha que coexistem com a variedade HD, continua a crença de uma única língua ou de que os alemães da Europa poderiam até saber utilizar diferentes variedades da língua alemã, porém, o que vigoraria é o HD, como única e verdadeira variedade de prestígio, pois as outras seriam apenas dialetos, considerados como um falar “enrolado” e outros atributos não muito prestigiosos, já mencionados neste trabalho.

A seguir, apresentam-se alguns excertos em que os informantes dizem como começou a amizade com italianos:

INF.- Por meu outro lado de vó. Por primos... (Inf. 1)

INF.- É... a gente morava quando era pequeno também no sítio, né... então naquela região que a gente foi morar era só italiano, tudo parente, sabe? Então ali a gente pegou amizade com aquele povo, até hoje a gente conversa, e coisa assim, vai visitar um ou outro... (Inf. 3)

INF.- (Inint.) A gente quando era pequeno, a gente se criou junto, né, com eles assim. Falavam tudo atrapalhado, nós não entendia muito bem, eles também não entendia nossa língua. Hoje em dia tão tudo velho igual a eu mas a gente hoje, a gente se entende (risos). Vai pra lá, vai na casa deles passear, né. (Inf. 6)

INF.- Começou porque a minha filha casou-se com o filho dessa nacionalidade... a gente é... convive com eles. (Inf. 12)

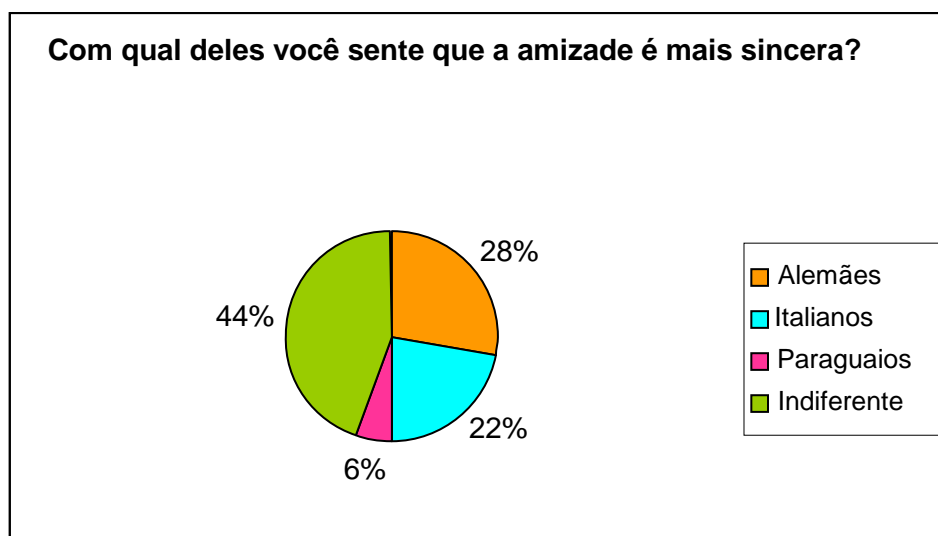
INF.- Ah, tenho, nossa região tem muita pessoa italiana, então a gente tem, né. (Inf. 17)

Há muita semelhança entre as afirmações dos informantes no que concerne à amizade com alemães e com italianos. As amizades cultivadas com os italianos surgiram também de ambientes de trabalho, de amizades iniciadas na infância, das relações de parentesco, de casamentos interétnicos.

Os informantes que declararam não ter amizade com italianos não justificaram suas respostas.

Em relação à pergunta “Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?”, cinco informantes (28%) citaram os alemães, quatro (22%) citaram os italianos, um (6%) citou os paraguaios e oito (44%) manifestaram-se indiferentes. Os resultados podem ser visualizados no gráfico a seguir:

Gráfico 27 – Percepção da sinceridade dos amigos por parte dos informantes rondonenses



Dos cinco informantes que citaram os alemães como os mais sinceros, três apresentaram as seguintes razões:

INF.- Ah, porque é melhor, né, o modo de viver junto, né. (Inf. 2)

INF.- São mais honesto, mais curto e grosso (rindo). (Inf. 7)

INF.- São mais espontâneos, não têm vergonha, não sei. (Inf. 15)

Os informantes 7 e 10 citam atributos como ser honesto, ser direto e ser espontâneo como louváveis nos alemães.

A seguir, apresentam-se dois excertos das falas de informantes que acham que a amizade é mais sincera com italianos:

INF.- Porque... sei lá, o povo assim é diferente, sabe. O jeito de conversar e coisa assim, acho que é mais sincero. (Inf. 3)

INF.- Porque o italiano dá mais atenção pra você, você tá conversando com o italiano, ele dá mais atenção pra você, ouve você, né, e os outros não querem nem saber o que você tá dizendo. (Inf. 9)

O informante 9 acredita que a amizade com o italiano é mais sincera porque este, em uma conversa, presta mais atenção ao ouvinte do que os membros de outras etnias. O informante 3 também credita a maior sinceridade à maneira de o italiano conversar diferente em comparação com os outros.

Alguns informantes que se declararam indiferentes acreditam, de maneira geral, que se trata de uma questão bastante particular, não tendo nada a ver com alguma etnia em especial, mas com traços individuais de caráter. Vejam-se algumas das respostas:

INF.- Creio que não... eu pelo menos não desconfio de ninguém, porque a amizade... você se escolhe. (Inf. 11)

INF.- Olha, até agora eu não encontrei dificuldade, nenhuma desconfiança mesmo, acho que todos eles são sinceros. (Inf. 12)

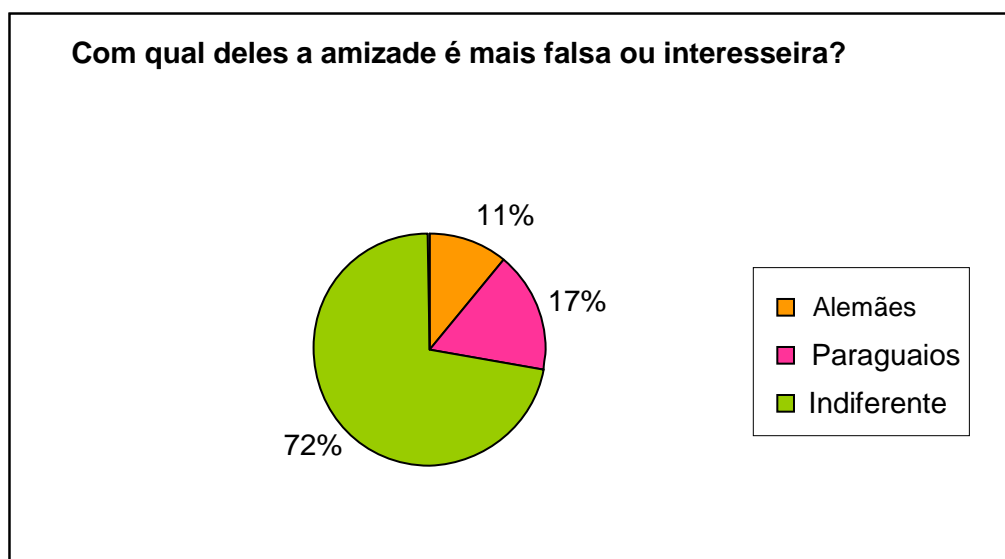
INF.- Ah, não tem diferença, tanto com meu amigo que tá na Alemanha quanto com esses que são descendentes de alemães ou italianos, bem tranquilo, não tem diferença assim, em relação... (Inf. 14)

INF.- Olha, não tem assim diversificação. Acho que as duas pessoas, os dois, né, não tem diferenciação. A segurança só depende de você, né. Pode ver que as duas pessoas não têm assim uma forma de você diferenciar qual delas, né, que existe uma sinceridade maior. (Inf. 17)

INF.- Olha, eu não sei, porque acho... isso é uma coisa muito difícil de dizer, porque isso é por pessoa, pela pessoa, né. Eu não sei (inint.) (Inf. 18)

Em relação à questão “Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?”, três informantes (17%) citaram o paraguaio, dois (11%) citaram o alemão e treze (72%) disseram que essa característica é indiferente de etnia, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 28 – Percepção de falsidade ou interesse dos amigos pelos informantes rondonenses



A seguir, apresentam-se excertos das falas de informantes que citaram os paraguios como sendo mais falsos ou interesseiros:

INF.- Sei lá, eu... eu já tive problemas com um paraguaio, né, então eu acho que... era amigo e coisa, né, e no fim não era, por isso acho que eles são falso, né. (Inf. 3)

INF.- Ahn... Um pouco assim, eu sinto da minha cunhada, é um pouco interesseira, mas a gente releva. Ela é paraguaia. (Inf. 4)

INF.- Não sei, é um povo bem estranho, bem fechado, não sei. Difícil, quando você vai lá no Paraguai, ficam meio com medo.

INQ.- Começa falar em espanhol com eles, eles falam em guarani, daí?

INF.- Isso, daí você não entende. (Inf. 15)

Para o informante 3, a decepção devido a um desentendimento com um paraguaio foi decisiva para julgar, de forma generalizada, que todos se comportam da mesma maneira. A informante 4, já mais cautelosa, procura não ser tão radical em seu julgamento, utilizando termos mais amenos para descrever uma situação de conflito, procurando, talvez, convencer-se de que, afinal, trata-se de relações de parentesco que estão em jogo.

O informante 15, embora parecesse, de início, indeciso ou mesmo receoso, a julgar pelo uso da expressão “eu acho”, definiu o povo paraguaio como “bem estranho e bem fechado”, mas acaba concluindo que a questão está mais relacionada à língua, principalmente ao do guarani, avaliado por alguns entrevistados como uma língua bastante complexa, dificultando as interações comunicativas e sociais.

Os excertos das falas dos informantes que citaram os alemães como os mais falsos ou interesseiros são os seguintes:

INF.- Porque a gente entende o que ele quer dizer, né, porque alemão, é... depende, né, porque têm uns que falam coisas difíceis, tipo falsas, e têm uns que falam... a gente também não sabe o que ele quer dizer, mas acho que o alemão é mais fácil de entender. (Inf. 2)

INQ.- Porque o alemão, quando você tá chegando perto, ele já corta as palavras. (Inf. 9)

A seguir, apresentam-se alguns exemplos de falas de informantes que se manifestaram indiferentes, afirmando que a falsidade ou interesse não poderiam ser atribuídos a alguma etnia em particular:

INF.- Ah, isso acho que depende não é da... pela... pela raça da pessoa, isso é de pessoa para pessoa, não tem... (Inf. 5)

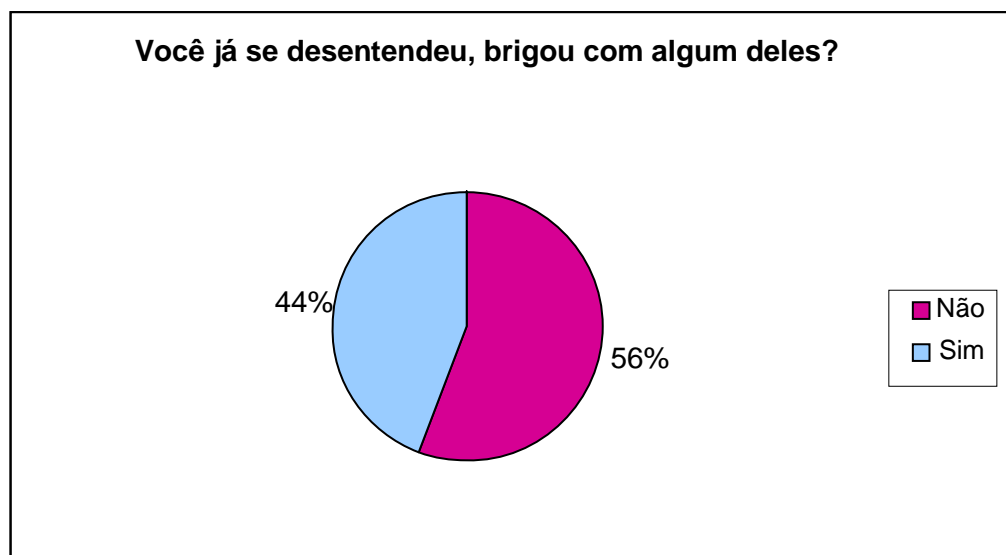
INF.- Eu acho que nenhum deles porque... sei lá. Eles são bem assim, conversam bem sérios, né, sei lá, a gente se criou junto e... pra mim acho que não tem falsidade. Quando é pessoa de idade igual a eles. (Inf. 6)

INF.- Nenhum. Pra ser amigo acho que você não pode sentir que é falso (inint.). (Inf. 14)

INF.- Olha, isso existe em todas. Isso não tem... não pode escolher a pessoa, né, ou língua, origem, essas coisas, né. Não tem, porque isso existe em ambas, né. (Inf. 18)

Em relação à questão “Você já se desentendeu, brigou com algum deles? Por que motivo?”, dez informantes (56%) responderam negativamente e oito (44%), positivamente, como mostra o gráfico 29:

Gráfico 29 – Ocorrência de desentendimentos entre falantes da comunidade rondonense



A seguir, estão alguns excertos das falas de informantes que responderam negativamente a essa questão:

INF.- Olha... eu acho que não, né, porque... não haveria um motivo para isso, né, porque geralmente cada um procura se respeitar, né, então... não existe essa maneira de estar brigando, principalmente por causa de sua raça, né. Não vejo motivo nenhum. (Inf. 17)

INF.- Discussão já aconteceu, né, mas assim, são coisas à vezes do trabalho daí, né, mas assim... (inint.). (Inf. 18)

O informante 17 declarou não haver razões para desentendimento quando cada um procura se respeitar. A informante 18 afirma que discussões já aconteceram, mas que se relacionam ao trabalho, sugerindo que não foi nada muito grave.

Apresentam-se, agora, excertos das justificativas de alguns informantes que afirmaram já ter se desentendido ou brigado com membros de alguma etnia. Alguns não mencionaram a origem étnica das pessoas com quem tiveram o desentendimento:

INF.- Ahn... Por causa, assim, por causa que ela tem ciúme do irmão dela e eu... e eu gosto dele, então... (Inf. 4)

INQ.- Você lembra algum motivo?

INF.- Ah, lembro! É... “Seus negrinhos sujos!” (gargalhada)

INQ.- É...

INF.- É, (inint.) tempo nosso era assim, né. Deus o livre! “Ah, deixa esses negrinho pra lá, são todos sujo”. (Inf. 9)

INF.- Da origem paraguaia, sim, já desentendi.

INQ.- E por que motivo?

INF.- Às vezes por... na época que vivi lá dentro do Paraguai, tinha um senhor que queria fazer, cumprir medições de terras que ele não era autorizado pelo governo. (Inf. 11)

INF.- Bom, aí é... como eu já disse, tenho amizade com esse rapaz desde a infância, né, claro que... a gente briga muito, já brigamos, já ficamos um tempo sem conversar, é... é meio de senso comum entender que... parece que os alemães têm o sangue quente, são meio nervosinhos, mas gente se dá super bem, coisa que passa.

INQ.- Você lembra algum motivo?

INF.- Nossa! O fato de jogar futebol e perder um jogo já é motivo pra... pra brigar, pra reclamar. (Inf. 13)

O informante 9 cita uma passagem cruel de sua vida, a julgar pela expressão “Deus o livre!”, quando ele e seus pares eram chamados de “negrinhos sujos”, mas não cita o local e nem mesmo por quem eram assim denominados.

O informante 11 declarou que houve desentendimento com uma pessoa de “origem paraguaia” por conflito com relação à medição de terras. Importa mencionar que muitos brasileiros, em busca de mais terras e preços vantajosos, mudaram-se para o Paraguai e se

dedicaram ao cultivo da soja, principalmente. Muitos desses brasileiros voltaram ao Brasil com suas famílias, sendo denominados brasiguaios.

O informante 4 alude a um desentendimento ocasionado por ciúmes em família e o informante 13 cita conflitos entre amigos que podem se originar de uma partida perdida de futebol, mas dá a entender que esses fatos em nada atrapalham a amizade.

Na sequência, serão analisadas as respostas à pergunta “Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino(a) / paraguaio(a) / alemão(ã) / italiano(a)? Por quê?”. O quadro a seguir sintetiza as respostas dos informantes:

Quadro 6 – Possibilidade de namoro ou casamento com membros das diferentes etnias em Marechal Cândido Rondon

| Informante | Argentino(a) | Paraguaio(a) | Alemão(ã) | Italiano(a) |
|-------------------|---------------------|---------------------|------------------|--------------------|
| 1 | sim | sim | sim | sim |
| 2 | não | não | sim | não |
| 3 | depende | sim | sim | sim |
| 4 | sim | sim | sim | sim |
| 5 | sim | não sabe | não sabe | sim |
| 6 | não | não | depende | sim |
| 7 | depende | não sabe | não | não |
| 8 | depende | depende | depende | depende |
| 9 | depende | depende | depende | depende |
| 10 | sim | sim | sim | sim |
| 11 | não | não | não | não |
| 12 | depende | depende | sim | depende |
| 13 | sim | sim | sim | sim |
| 14 | sim | sim | sim | sim |
| 15 | sim | sim | sim | sim |
| 16 | sim | sim | sim | sim |
| 17 | sim | sim | sim | sim |
| 18 | sim | sim | sim | sim |

Em relação ao namoro ou casamento com argentino(a), dez informantes (55%) responderam que namorariam ou se casariam com alguém dessa etnia, três (17%) disseram que não e cinco (28%) responderam que dependeria da situação.

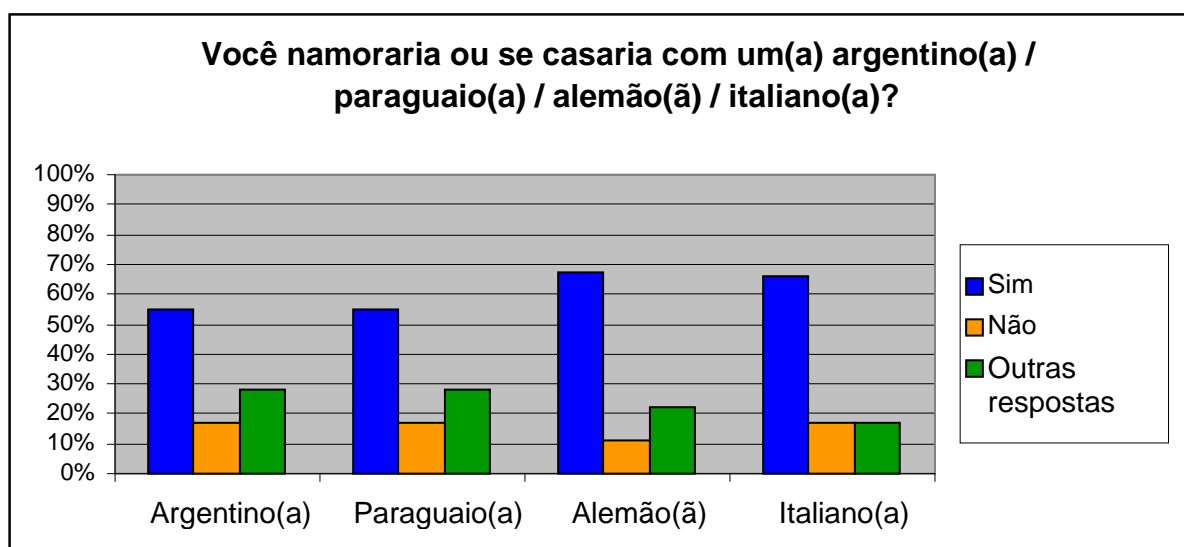
Em relação aos paraguaios, dez informantes (55%) responderam que namorariam ou se casariam com membros dessa etnia, três (17%) disseram que não, três (17%) responderam que dependeria da situação, e dois (11%) não souberam responder.

Sobre namorar ou se casar com alguém de descendência alemã, doze informantes (67%) deram respostas afirmativas, dois (11%) responderam negativamente, três (17%) responderam que dependeria da situação e um (5%) não soube responder.

Em relação aos italianos, doze informantes (66%) responderam que namorariam ou se casariam com alguém dessa etnia, três (17%) responderam que não e três (17%) responderam que dependeria da situação.

O gráfico 30 mostra os resultados dessa questão para todas as etnias. As respostas “não sabe” e “depende” aparecem na categoria “Outras respostas”:

Gráfico 30 – Possibilidade de namoro ou casamento com membros das diversas etnias de Marechal Cândido Rondon



Vejam-se, a seguir, algumas justificativas de informantes que responderam que namorariam ou se casariam com um(a) argentino(a):

INF.- Escola... aprende a falar outras línguas, conhece tanta gente... (Inf. 1)

INF.- Ué, pra começar os argentino são muito bonito, né... (risos). Então, acho que se eu conhecesse e me agradasse, casaria sim. (Inf. 4)

INF.- Ah, pra mim, não tem diferença se ele vai ser argentino, vai ser brasileiro ou vai ser o quê. (Inf. 14)

INF.- Porque eu não tenho preconceito contra língua, acho que não teria... ele poderia ter preconceito contra a língua da gente também, eu acho que isso não... não se leva a nada. (Inf. 16)

INF.- Desde que ela fosse bonita, né (risos), por que que não, né? Claro, se você gostasse, por que não, né? Porque você aprenderia a viver com ela, ela... você aprenderia conhecer a língua dela, ela você, os seus costumes, o seu sistema, por que que não, né? Não vejo motivo nenhum. (Inf. 17)

INF.- Sim. Eu namorei três anos.

INQ.- E assim, por que você casaria ou namoraria?

INF.- Porque eu gostei dele, né (risos). (Inf. 18)

Os informantes 4 e 17 ressaltaram, embora em tom de brincadeira, que a aparência física seria levada em consideração em caso de namoro ou casamento. Alguns declaram que não fariam objeção quanto à diferença de língua, pois aprenderiam um com o outro na convivência diária. De maneira geral, os informantes acreditam que é o sentimento de afeto que decide tudo, não importando a etnia ou a língua.

Quanto aos informantes que responderam que não namorariam ou se casariam com um(a) argentino(a), as justificativas foram:

INF.- Porque não, casaria com um alemão que nem eu, que nem eu casei (risos). (Inf. 2)

INF.- Sei lá, a gente... aquele tempo talvez, né, mas hoje em dia, a gente já tá muito... muito velho pra essas coisas (risos). Não tem condições. (Inf. 6)

INF.- Não conheço muito bem o sistema dos argentinos, creio que não aceitaria se não conhecesse ela. (Inf. 11)

A informante 2 justifica sua recusa em casar com argentino com o argumento de preferir alguém da sua etnia. O informante 6 sugere que, se fosse mais jovem, poderia, talvez, namorar ou se casar com um argentino. Já o informante 11 foi bastante cauteloso ao responder que antes de tomar qualquer decisão deveria conhecer muito bem os costumes dos argentinos. Sua resposta, apesar de parecer se enquadrar na categoria “depende”, foi aqui considerada como “não” pelo fato de o informante, nas perguntas seguintes sobre outras etnias, dizer “também não”, o que permite interpretar que ele quis dizer que não namoraria ou se casaria com uma argentina.

Alguns informantes responderam que tal decisão depende de vários fatores:

INF.- Sei lá, depende, né. Se você conhecer a pessoa, a pessoa for legal e você gostar dela, né, você acaba... (Inf. 3)

INF.- Isso ia depender das consequências, né.

INQ.- E por quê?

INF.- Por quê? Você... essas consequências podia ser você conhecer melhor ela, tá mais presente com ela, né, por causa... como é que você ia se casar com uma argentina se você não tivesse presente com ela, conhecer quem é a pessoa. (Inf. 9)

INF.- Ah, depende, né, porque acho que o amor é uma coisa que você escolhe na hora oportuna, né... não sei. (Inf. 12)

Os informantes 3, 9 e 12, embora indecisos ou pouco à vontade em responder tal questão, acabaram concordando que, afinal, o que importa é o afeto.

Quanto a namorar ou se casar com paraguaio(a), os que responderam positivamente deram as seguintes explicações:

INF.- Conhece outras línguas, outra gente, o jeito deles é... diferente que o nosso... (Inf. 1)

INF.- Se eu gostasse dela, né, me acertasse bem com ela, casaria também. (Inf. 3)

INF.- Ah, tô namorando um descendente de paraguaio, então... casaria também. (Inf. 4)

INF.- Olha, se fosse na minha adolescência e eu conhecesse um paraguaio, quem sabe eu casaria, né. (Inf. 12)

INF.- Bom... no mesmo caminho a resposta. A gente tá falando de relacionamentos, não tá falando de objetos, né, então não tem... é o fato de você gostar da pessoa e querer, né. (Inf. 13)

INF.- Pelo mesmo motivo. Pra mim não interfere a nacionalidade da pessoa, e sim a pessoa em si. (Inf. 14)

INF.- O pai da minha filhas é. E até a minha filha, essa aqui, ó... (inint.). O pai dela é. (Inf. 18)

Esses informantes afirmaram não haver restrições quanto a relacionamentos com paraguaios. Alguns alegaram que poderiam aprender novos costumes e a língua. Os informantes 4 e 18 já possuem relacionamento com paraguaios.

Os informantes que responderam negativamente justificaram dessa forma:

INF.- Não... não queria casar com um paraguaio, não tinha vontade, sabe, de casar com um paraguaio. (Inf. 2)

INF.- Não é por nada, né, a gente não... (Inf. 6)

INF.- Porque... os paraguaios, a maioria deles são interesseiros em capitais. (Inf. 11)

O informante 11 mencionou que não se interessaria por alguém da etnia paraguaia, pois acredita que a maioria dos paraguaios esteja interessada em bens materiais, o que parece deixá-lo preocupado ou mesmo desconfiado com relação às intenções que poderiam estar envolvidas em um relacionamento. Os outros dois informantes não justificaram sua recusa, simplesmente foram categóricos em se posicionar com uma negativa.

Alguns informantes que responderam que namorariam ou se casariam com alguém de descendência alemã justificaram desta forma:

INF.- Porque, que nem a minha... eu sou alemoa, né, então pra mim combinar eu queria um alemão, né, um moreno, tal, daí prefiro um alemão. (Inf. 2)

INF.- Também, porque é descendente da minha família, sou descendente de alemã, só não sei falar. (Inf. 4)

INF.- Ah, eu acho que se você gosta da pessoa, também é... é independente de raça, vai... vai gostar [...] é uma coisa de ser humano, de coração, né, vai ser independente de ser paraguaio ou italiano ou alemão. (Inf. 10)

INF.- Se a gente tiver falando do... do alemão enquanto descendente brasileiro, com certeza a probabilidade de encontrar isso aqui é muito maior. Agora, é... a chance de eu ir pra Alemanha e... o fato de eu ir já vai ser um fato inusitado, né, até então eu conhecer uma alemã pra casar é um... Nossa! A probabilidade de não acontecer isso é de 99,9%. (Inf. 13)

INF.- Não vejo nada de mais. Eu já namorei vários, né, mas isso não é questão, né, de raça, né, porque eu já namorei italiano, alemão, brasileiro, paraguaio, argentino (risos), não tem... Eu acho que o negócio é se dar bem [...]. (Inf. 18)

As informantes 2 e 4 declararam que gostariam de um companheiro que fosse da mesma etnia que a delas, pois, provavelmente, teriam mais interesses, gostos e costumes em comum. A informante 10 entende que, independentemente de etnia, o que importa é o sentimento de afeto. Para a informante 18, a questão da etnia também não impediria nenhum relacionamento, porque, na opinião dela, o importante é a convivência.

Estes informantes responderam que não namorariam ou se casariam com alemães:

INF.- Não. Com alemã não casaria.

INQ.- Por quê?

INF.- Dois alemão não dá certo (risos). (Inf. 7)

INF.- Direto alemão, creio que não, porque a gente não... nem consegue conviver com eles para saber a... o interesse das pessoas. (Inf. 11)

O informante 7 declarou, talvez em tom de brincadeira, que não é muito bom que ambas as partes sejam da etnia alemã, podendo se depreender várias razões para sua resposta, como, por exemplo, a de que não haveria desafios, uma vez que a companheira seria muito semelhante a ele, ou então, de que alguns traços de personalidade, que muitas vezes são atribuídas como características étnicas e não muito apreciadas, poderiam gerar conflito entre eles.

A respeito dos italianos, alguns informantes apresentaram as seguintes justificativas para as respostas afirmativas:

INF.- Pelo jeito deles. (Inf. 1)

INF.- Ah, os italianos também são bonito. Acho o que vale não é a... a... como se diz, a língua falada, vale é a pessoa. (Inf. 4)

INF.- Sei lá, a gente se... era vizinho, se costumava junto e... se entendia bem, né. Apesar de quando na escola a gente brigava, mas... (risos). Eu acho que sim. (Inf. 6)

INF.- Também, né, acho que a mesma coisa, depende muito do conhecimento, né. (Inf. 9)

O informante 1 parece considerar os italianos pessoas de bom convívio, pelo que se pode depreender de sua fala quando se refere ao “jeito deles” como uma característica

positiva, já que se mostrou disposto a namorar ou se casar com uma italiana. A dedução de que se trata de pessoas de bom convívio se explica pelo senso comum, que vê os italianos como pessoas alegres e honestas. Para a informante 4, é muito importante o aspecto físico, e ela parece não se importar com o fato de não conhecer a língua, pois afirma que “o que vale é a pessoa”.

Dos informantes que não se mostraram dispostos a namorar ou se casar com alguém de descendência italiana, dois deram a seguinte explicação:

INF.- Já fui casado com uma descendente... Não dá certo (risos). (Inf. 7)

INF.- Também não... não se conhece como que eles convivem e deve saber conhecer a família antes de... de começar um relacionamento. (Inf. 11)

O informante 7 foi categórico em afirmar que não consideraria a possibilidade de namorar ou se casar com uma italiana, pois já teve um relacionamento com alguém dessa etnia e acredita o que não deu certo à diferença étnica. Já o informante 11 expôs o receio de um relacionamento quando não se conhecem os costumes da pessoa e de seus familiares.

Analisa-se, a seguir, as respostas à questão “Se precisasse de um médico ou dentista, procuraria um argentino / paraguaio / alemão / italiano? Por quê?”. As respostas estão resumidas no quadro 7.

Quadro 7 – Possibilidade de procurar médico ou dentista das diferentes etnias em Marechal Cândido Rondon

| Informante | Argentino | Paraguaio | Alemão | Italiano |
|------------|-----------|-----------|--------|----------|
| 1 | sim | sim | sim | sim |
| 2 | sim | não | sim | não |
| 3 | não | não | sim | sim |
| 4 | não | não | não | não |
| 5 | não | sim | sim | não |
| 6 | sim | sim | sim | sim |
| 7 | sim | sim | sim | sim |
| 8 | não | não | não | não |
| 9 | não | não | não | não |
| 10 | não | não | sim | sim |
| 11 | sim | sim | sim | sim |
| 12 | sim | sim | sim | sim |
| 13 | sim | sim | sim | sim |
| 14 | sim | sim | sim | sim |
| 15 | sim | sim | sim | sim |
| 16 | não | não | não | não |
| 17 | sim | sim | sim | sim |
| 18 | sim | sim | sim | sim |

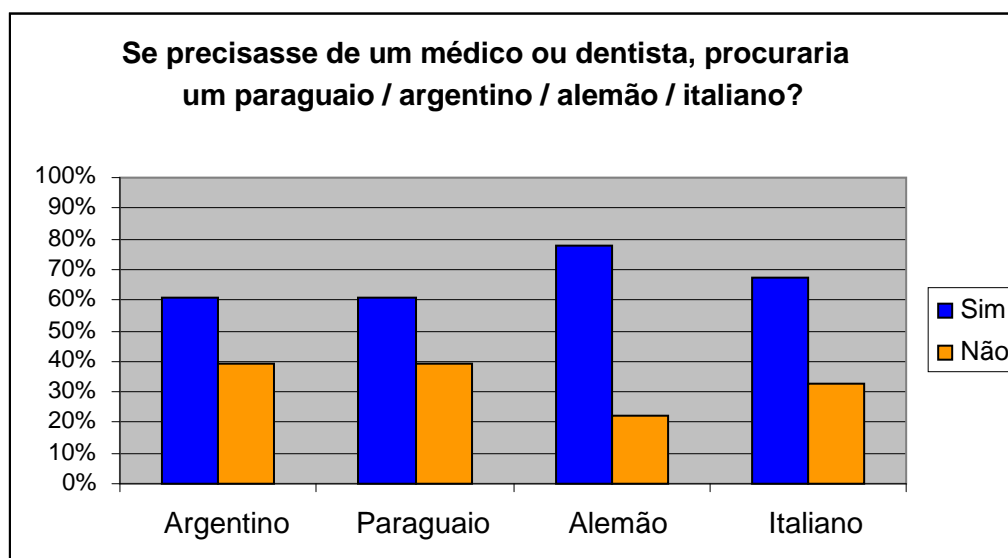
O quadro 7 mostra que onze informantes (61%) procurariam um médico ou dentista argentino, caso precisassem, e sete (39%) não os procurariam. O resultado foi o mesmo em relação aos profissionais paraguaios: onze informantes (61%) responderam que procurariam um médico ou dentista dessa etnia e sete (39%) não procurariam.

Com relação aos alemães, catorze informantes (78%) consultariam médico ou dentista dessa etnia, se precisassem, e quatro (22%) não consultariam.

Quanto aos profissionais italianos, doze informantes (67%) procurariam um médico ou dentista dessa etnia e seis (33%) não procurariam.

O gráfico 31 mostra esses resultados, comparativamente:

Gráfico 31 – Possibilidade de procurar médico ou dentista das diferentes etnias em Marechal Cândido Rondon



Alguns informantes que se mostraram dispostos a procurar um médico ou dentista argentino, caso fosse necessário, deram as seguintes justificativas:

INF.- Às vezes entende melhor do caso, né, que tem médico assim que entende bem, né, argentino que entende, né. Todos entendem, né, mas acho que eles iam entender melhor. (Inf. 2)

INF.- Olha, se não tivesse outra possibilidade de ter outro médico eu... pegaria...

INQ.- E se...?

INF.- Sem maldade nenhuma, porque acho que não tem nada a ver, né. (Inf. 6)

INF.- Claro!

INQ.- Por quê?

INF.- Precisando de ajuda, precisando de médico, não importa quem... que língua que ele fala. (Inf. 7)

INF.- Se tiver a especialidade pelo diagnóstico... a gente aceitaria, sim. (Inf. 11)

INF.- Olha, se ele fosse morar na minha cidade e fosse dentro da... da doença, por exemplo, tivesse uma especialização, eu consultaria. (Inf. 12)

INF.- Porque é isso que eu falei, pra mim não interfere a nacionalidade da pessoa, vou... tem que verificar se é bom profissional e não se ele é argentino ou o que ele é... qual a nacionalidade dele. (Inf. 14)

INF.- Se tivesse... indicações de conhecido meu, sim. (Inf. 15)

INF.- Ah, tendo a viabilidade, né, se não houvesse uma outra pessoa, por que não, né? Porque... logicamente ele seria formado, teria uma formação e teria condições também de resolver o problema, né. (Inf. 17)

INF.- Acho que se ele for competente, por que não, né? (Inf. 18)

A maioria dos informantes afirmou que não haveria problema algum em procurar um médico argentino, mostrando-se mais preocupada em saber se o profissional possuía especialidade e competência na área em que necessitassem de auxílio. A informante 12, embora concordasse em procurar um profissional argentino, apresentou a condição de que ele residisse na mesma cidade que a sua. Nota-se, pela sua ressalva, a importância atribuída ao local, à comunidade na qual está inserida, fazendo com que se sinta mais amparada e segura em uma situação de fragilidade que uma enfermidade representa.

Os informantes que não procurariam um médico ou dentista argentino colocaram objeções ligadas principalmente à questão da compreensão da língua e à necessidade de estabelecer um clima de confiança e de aceitação. Observem-se alguns excertos:

INF.- Não, não ia procurar um argentino.

INQ.- Por quê?

INF.- Sei lá, por causa de... não confiar. (Inf. 3)

INF.- Não, procuraria um português que entendesse a minha língua. (Inf. 4)

INF.- Não, porque... pela... onde que a gente mora não tem, né, então não ia sair do vínculo da gente pra procurar fora. (Inf. 5)

INF.- Ah, eu acho que ia procurar um que soubesse falar a minha língua, né, ia ser mais fácil (risos). (Inf. 10)

A seguir, apresentam-se algumas justificativas dadas pelos informantes que se mostraram dispostos a procurar um médico ou dentista paraguaio:

INF.- Ah, se ele fosse, tá trabalhando aqui, né, não seria... não ia discriminar ele por ele ser... (Inf. 5)

INF.- Também, e daí... dentistas, são profissionais, né? Acho que... nada a ver com diferença. (Inf. 6)

INF.- Nada a ver.

INQ.- Procuraria?

INF.- Eu sim! Dor de dente dá a qualquer hora. (Inf. 7)

INF.- Porque se ele tem especialidade e é o primeiro recurso que você precisa, você recorre à pessoa que tá mais próxima. (Inf. 11)

INF.- Também, porque eu já me tratei com um médico paraguaio e ele foi muito bom. (Inf. 12)

INF.- Ah, porque estão prestando o seu serviço e... dependendo de onde você tiver, pode ser sua única opção, então... valorizar o trabalho da pessoa, né, que tá mais próximo. (Inf. 13)

INF.- Também se tivesse indicações. Ir procurar assim por livre e espontânea vontade, não. (Inint.). (Inf. 15)

INF.- Isso que eu digo, se eles são competentes e acho que mostram um bom serviço, não tem por que não, né. (Inf. 18)

Esses informantes não colocaram nenhuma ressalva quanto à língua, dando a entender que esse fator não impediria o bom desempenho do profissional de saúde, nem prejudicaria a interação necessária entre médico ou dentista e paciente. Para justificar a escolha do profissional, foram citados fatores como competência, indicações de amigo, residência no mesmo local do informante e caso de emergência. A informante 12 salientou que já foi muito bem atendida e tratada por um médico paraguaio, o que certamente reforça que a competência do profissional é decisiva nas escolhas dessa informante.

Vejam-se a seguir algumas justificativas dadas pelos informantes que não procurariam um profissional de saúde paraguaio. Nota-se que muitos informantes não entenderam que a pergunta se aplicava a profissionais que estariam atuando em Marechal Cândido Rondon, citando possíveis situações de consulta a médicos e dentistas no Paraguai:

INF.- Também não, jamais. Ixe!

INQ.- Por quê?

INF.- (Inint.) eu... falava um monte de coisa, né, tipo assim, Paraguai, né, a gente não tem assistência nenhuma, né, na verdade. Então eu não procuraria no Paraguai. (Inf. 3)

INF.- Também não, acho procuraria também português.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque só sei... ele ia falar comigo em paraguaio e eu não ia entender nada. (Inf. 4)

INF.- Menos ainda, né, porque... vai saber... (risos).

INQ.- E por que, assim?

INF.- Ah, porque... geralmente é um... país totalmente diferente, né, que... Sei lá, parece que eles não levam muito as coisas a sério, né, o povo paraguaio, né, assim... Como é que você ia no dentista num lugar desse? É complicado, né. (Inf. 9)

INF.- Ah, também... ia procurar... ia procurar um que falasse português, né, nas três questões, né. (Inf. 10)

INF.- Continuava com o brasileiro, tá. Eu acho que ... assim, quando você fala da saúde da gente, acho que a gente tem mais confiança quando é alguém que fala a tua língua, que você consegue entender melhor, que tá mais próximo a você, que já ouviu falar sobre a pessoa, então, assim, o que ele fez até naquele momento, acho que te traz mais segurança, por isso acho que... eu preferiria procurar um brasileiro sempre nessa situação. (Inf. 16)

Três dos informantes (4, 10 e 16) citaram como maior obstáculo a questão da língua, que não favoreceria uma boa comunicação entre médico e paciente. O informante 16 alia, ainda, a questão da língua ao estabelecimento de confiança, conforme suas palavras: “quando você fala da saúde da gente, acho que a gente tem mais confiança quando é alguém que fala a tua língua, que você consegue entender melhor”. É importante também para o informante que o profissional seja conhecido pelo seu bom trabalho: “que tá mais próximo a você, que já ouviu falar sobre a pessoa, então, assim, o que ele fez até naquele momento”.

O informante 9 opina mais radicalmente, declarando que não procuraria, sob hipótese alguma, profissionais de saúde paraguaios, pois “eles não levam muito as coisas a sério”. Também informante 3 avalia negativamente os profissionais dessa etnia ao declarar que, no Paraguai, “a gente não tem assistência nenhuma”. Embora esses informantes se referissem a médicos e dentistas atuando no Paraguai, suas respostas fornecem pistas de como julgam os profissionais paraguaios de modo geral. Essa concepção está presente, inclusive, em inquéritos de outras localidades do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009).

Na sequência, apresentam-se algumas justificativas dadas pelos informantes que procurariam um médico ou dentista alemão, se precisassem:

INF.- Não sei... pra... conhecer o jeito deles. (Inf. 1)

INF.- Porque é da mesma origem, sabe, entende a gente, né, quando conversa, fala de uma língua alemã, ele também fala, né, porque ele entende, né, a gente se conversar, né. (Inf. 2)

INF.- Porque já fui atendido, né... por... é... médico e dentista é... alemão, né, fui bem tratado, né, então fui... (Inf. 3)

INF.- Porque é a profissão deles, né, como temos médicos alemães, né, a gente é atendido por eles, é... Sei lá, eu acho que... faz parte. (Inf. 6)

INF.- Também sim, porque eles são de aprofundamento na especialização. (Inf. 11)

INF.- Também, eu não teria nenhum preconceito. (Inf.12)

INF.- Também... eu visitaria, com certeza.

INQ.- Por quê?

INF.- Olha, o porquê... é difícil dizer assim por que, a pessoa tem opções, né, e se fosse o mais próximo ou o único que tem no hospital, seria ele. (Inf. 13)

INF.- Também. Porque a gente procura as pessoas onde você acha que... né... você sempre tem uma quedinha, uma confiança mais em alguém, né... (Inf. 18)

Os aspectos apresentados pelos informantes como fatores decisivos na escolha de um profissional de saúde alemão giram, de modo geral, em torno da língua em comum entre médico e paciente, da conveniência (o médico que estiver disponível ou mais próximo), da confiança que creditam ao médico, de sua competência e de sua especialidade.

Já os informantes que não se mostraram dispostos a procurar um médico alemão apresentaram justificativas ligadas à dificuldade de encontrar um alemão e/ou de compreender sua língua, parecendo entender que o inquiridor se referia a um alemão europeu (nascido na Alemanha) e que tivesse apenas o domínio da língua alemã. Verifiquem-se estes recortes:

INF.- Acho que também não. A não ser que tivesse uma pessoa que me traduzisse o que ele falasse, porque eu só entendo o português. (Inf. 4)

INF.- Seria também difícil, né, por causa que... pra você achar por aqui um alemão, alemão mesmo, também é difícil, né. (Inf. 9)

INF.- Iguamente, eu acho que eu ia continuar procurando alguém primeiro do meu país, pra depois procurar alguém fora, que fosse... (inint.) que seja uma pessoa assim renomada, que todo mundo conhecesse, que seria uma... né. (Inf. 16)

Dentre as justificativas para procurar um médico ou dentista italiano, estão as seguintes:

INF.- O jeito deles. (Inf. 1)

INF.- Porque já... também já fui atendido por um. (Inf. 3)

INF.- Também, acho que... não seria diferente de ninguém. (Inf. 6)

INF.- Também. Se eu tivesse com muita dor, né... (Inf. 10)

INF.- Da mesma forma, porque se precisar de socorro, não escolhe raça, nem cor. (Inf. 11)

INF.- Também, se fosse, né, não ter outro, eu não escolho a nacionalidade. (Inf. 12)

INF.- Também. Se chegar no hospital e falarem assim: "Só tem esse doutor aqui, italiano", vai ele mesmo. (Inf. 13)

INF.- Lógico. Desde que todos esses tenha a sua formação específica, né. Não vejo motivo por que não. (Inf. 17)

Os informantes citados se mostraram confiantes diante da escolha de um profissional de saúde italiano, destacando que o que importa é a formação do profissional. Um dos informantes ressalta, também, que foi muito bem atendido por um médico italiano, como já ocorreu com profissionais de outras.

Quanto aos informantes que não procurariam um médico ou dentista italiano, ninguém apresentou justificativas.

De modo geral, os informantes mostraram uma preocupação com a questão da língua, preferindo alguém que pudesse entender e falar a língua portuguesa. Fica evidente, a partir das respostas a esse grupo de questões (relativas à busca de profissional de saúde de determinadas etnias), que muitos informantes entenderam que o inquiridor se referia ao profissional nascido no país de origem (Argentina, Paraguai, Alemanha ou Itália) e usuário exclusivo da respectiva língua estrangeira. Possivelmente, esses informantes acreditam que, uma vez que o indivíduo esteja estabelecido durante várias gerações em terras brasileiras, já é considerado como um dos “seus”, ou seja, a língua, a cultura e os costumes se apresentam de forma tão semelhante aos demais que não provocam mais estranhamento.

Com relação à pergunta 46, “Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Marechal Cândido Rondon, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?”, o objetivo era abrir espaço para que os informantes expressassem opiniões acerca da diversidade linguística com que convivem em suas comunidades. Porém, apenas quatro informantes (22%) acrescentaram comentários, os quais serão exemplificados a seguir:

INF.- Não, a única coisa que eu acho que tinha que proibir de falar alemão aqui na cidade, né, em Rondon. Isso eu acho que tinha que... (Inf. 3)

INF.- Não, acho que você perguntou tudo o que deveria, só... né, como eu entendo o português, acho que a língua é livre pra todo... cada... cada... como se diz? Cada... ai, como fala? Cada descendência, né, então eu sou portugue..., eu só entendo português, eu procuraria só a minha língua em qualquer coisa. (Inf. 4)

INF.- Não, eu acho que independente de língua é tudo... na mi... no meu ver é tudo ser humano, né. O alemão, italiano, o paraguaio, eu não convivo com eles. Convivo com alemão, italiano ou paraguaio já é... nunca falei com nenhum deles, mas eu acho que é ser humano, né, vai acabar convivendo e aprendendo e... (Inf. 10)

INF.- Línguas... Não, eu acho... o fato não é... em Marechal Rondon o maior problema talvez não seja a língua, né, mas sejam os diversos sotaques, né, que falam, e as pessoas que... que vêm de outros municípios e acabam sempre zoando um pouco, né, com as pessoas daqui, e... e não é legal você tirar sarro, né, o carregado, por exemplo, do... falando agora do... do modo de falar do pessoal de Marechal Rondon, do... do... do falar o ‘garafão’, a ‘bariga’, né, essas coisas, é... só quando a pessoa sai do município mesmo que vai ver uma diferença quanto a isso e pode parar e pensar. (Inint.) falar assim o que que é mais bonito falar, mas eu não... que nem, a gente tava falando dos... das várias... principalmente o alemão aqui em Marechal Rondon, que talvez os mais antigos usam muito ainda, e até por conta disso que tem essa... essa linguagem um pouco carregada no português, né, mas não tenho o que dizer muito sobre isso, não. (Inf. 13)

É interessante notar a fala do informante 3, de 40 anos, com nível fundamental, de descendência alemã e usuário da língua portuguesa e alemã, afirmando categoricamente que deveria ser proibido falar em alemão em Marechal Cândido Rondon. Pode-se presumir que

esse informante tenha passado por experiências desagradáveis ou conflituosas em relação à sua situação de bilíngue. Isso é bastante comum na localidade, o que pode ser constatado a partir de observações e de contatos com os moradores rondonenses de diferentes faixas etárias, que relatam já ter vivenciado zombarias de colegas durante sua infância e nos bancos escolares devido às interferências da língua materna, o alemão, na língua portuguesa.

Como exemplo, citam-se os casos do uso do [r] vibrante, que é usual no alemão e é transferido ao português, e do [l] palatal alemão, como na palavra “sol”, concorrendo com a pronúncia de so[w], mais utilizada pelo usuário da língua portuguesa. Pode-se depreender que essas marcas, intensificadas nas interações familiares, contribuem para que o falante de alemão como língua materna e de português como língua segunda tenha estabilizado essas características, sentindo, ainda na fase adulta, constrangimento e motivo de desprestígio social.

O informante 13, de 26 anos, nascido nessa localidade, de descendência “brasileira” e com formação superior, também faz referência aos “diversos sotaques”, resultando “[n]essa linguagem um pouco carregada no português”. O informante faz referência à pronúncia do [r] que marca a interferência do alemão no português, considerando algumas variedades da língua alemã como desprestigiadas pelos próprios usuários e pelos demais rondonenses.

Conforme López Morales (1993), fenômenos como esse, que não são muito bem vistos na comunidade, podem conduzir a uma atitude negativa por parte dos falantes. Pode-se acrescentar, ainda, que essa atitude negativa em relação a algumas variantes do português com interferência do alemão se reflete em muitos membros da comunidade, de modo que se verifica, nos mais jovens, uma recusa em utilizar tais variantes desprestigiadas. Ocorrências similares também são percebidas em outras etnias, principalmente na italiana, porém, não ficam tão salientes na comunidade rondonense, que conta com uma população maior de descendentes alemães.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DE GUAÍRA

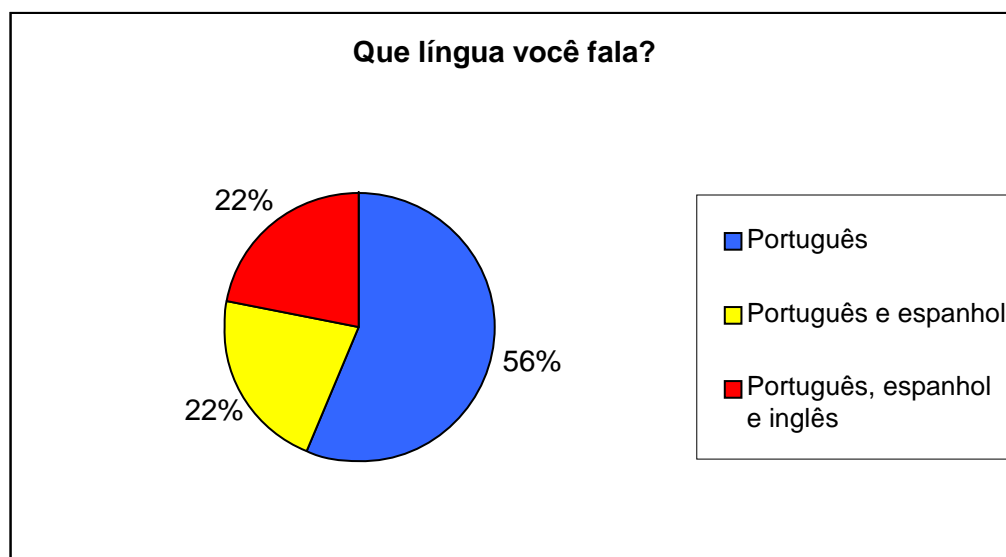
Na análise que segue, da mesma forma que ocorreu na seção referente aos dados de Marechal Cândido Rondon, apresentam-se resultados sobre as crenças e atitudes linguísticas dos falantes em relação às línguas em contato de Guaíra, com quadros e gráficos ilustrativos das perguntas.

6.1 BLOCO DAS QUESTÕES 1 A 4

As questões 1 a 4 tratam da aquisição da(s) língua(s) materna(s) pelo informante e da(s) línguas utilizada(s) na interação do informante e seus familiares durante a infância.

Em relação à pergunta 1, “Que língua você fala?”, dez informantes (56%) citaram a língua portuguesa ou brasileira como sua língua materna. Quatro informantes (22%) responderam que utilizavam português e espanhol e outros quatro (22%) mencionaram, além do uso do português e espanhol, também o inglês. Esses resultados estão no gráfico 32:

Gráfico 32 – Língua(s) falada(s) pelos informantes de Guaíra



É oportuno observar a menção do inglês, que nessa comunidade desempenha uma função utilitária, ou seja, atende aos interesses de turismo e comércio, mas não é língua de herança como as dos demais grupos étnicos de Guaíra. O comércio guairense, graças à localização fronteiriça de Guaíra com o Paraguai (conhecido pela intensa comercialização de produtos provenientes das mais diferentes partes do mundo), também se beneficia com o

movimento, expandindo negócios com produtos alimentícios, materiais de construção, itens de panificação e outros artigos que não são produzidos em grande escala no Paraguai. A mãe de uma das entrevistadas, proprietária há mais de trinta anos de uma panificadora, recebe convites insistentes para abrir uma panificadora em Salto del Guairá, uma vez que há muita clientela de lá que frequenta sua panificadora e adquire produtos como pães, bolos, bolachas, etc.

A seguir, apresentam-se alguns excertos das respostas a essa questão:

INF.- Espanhol. É espanhol... forçado pela necessidade, né, trabalhando... trabalho há mais de trinta anos no Paraguai, então a gente fala... assim, esse espanhol que se pratica na fronteira aí, né, um dialeto da região, mas é... (Inf. 11)

INF.- Eu falo o português, né, natural da nossa nacionalidade, e arranho um pouquinho o espanhol, né. (Inf. 13)

INF.- Olha, mal e mal eu falo o português (risos), mas agora eu entrei na... no curso de inglês e no curso de espanhol. Acho que daqui uns anos, se a gente não aprender falar outras língua, acho que a gente vai ser um pouco analfabeto. Porque hoje... você vê... com esse negócio de globalização... vamos ver. (Inf. 14)

INF.- Ó, para dizer a verdade, eu tento falar bem o português. Conheço um pouco de espanhol, quando tive nos Estados Unidos, sabia falar *I'm lost, I'm hungry*, que é 'eu estou perdido', 'estou com fome'. Mas eu procuro me aprimorar mais na minha língua. O espanhol, por necessidade de fronteira. (Inf. 17)

O informante 17 declarou que, embora tente aprimorar mais o português, sua língua materna, utiliza o espanhol “por necessidade de fronteira”. Os entrevistados 14 e 17, de formação universitária, mostraram consciência quanto à necessidade de aprender a língua do país vizinho, ou outro país estrangeiro, tanto para atuar melhor no ambiente de trabalho como para interagir melhor com as pessoas com as quais convive no dia a dia.

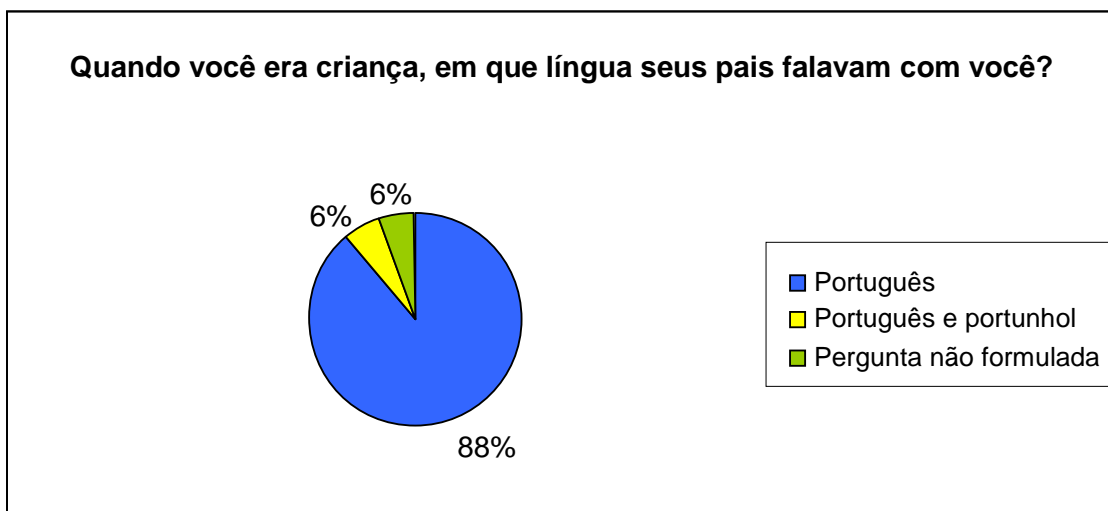
O informante 11, com formação de ensino médio, também mencionou essa necessidade de falar o espanhol, pois trabalha há vários anos no Paraguai e aprendeu a se comunicar nesse idioma por exigência de seu trabalho. O entrevistado informou, ainda, que é um espanhol falado na fronteira, “um dialeto da região”. Nesse comentário, fica implícito que há, por parte do informante, noção sobre as variedades do espanhol, acreditando que ele utilize um “dialeto”. Talvez estivesse se justificando por não falar um espanhol estudado em escola, incorrendo na crença de que não é uma língua correta, mas apenas uma língua derivada de outra com maior prestígio. Comentários como esse são recorrentes nas falas dos entrevistados das duas comunidades em foco nesta tese.

Na questão 2, referente às línguas utilizadas pelos pais com os seus filhos durante a infância, a pesquisa apontou quase unanimidade quanto ao uso da língua portuguesa,

totalizando dezesseis informantes (88%). Um informante (6%) citou o português e o portunhol, e a pergunta (6%) não foi formulada a um informante.

O gráfico a seguir apresenta os resultados dessa questão:

Gráfico 33 – Língua falada pelos pais nas interlocuções com os informantes guairenses quando crianças



Alguns exemplos de respostas a essa pergunta são os seguintes:

INQ.- Quando você era criança, em que língua que seus pais falavam contigo?

INF.- A mesma linguagem, né, o memo português é... caboclado mesmo, né? (Inf. 5).

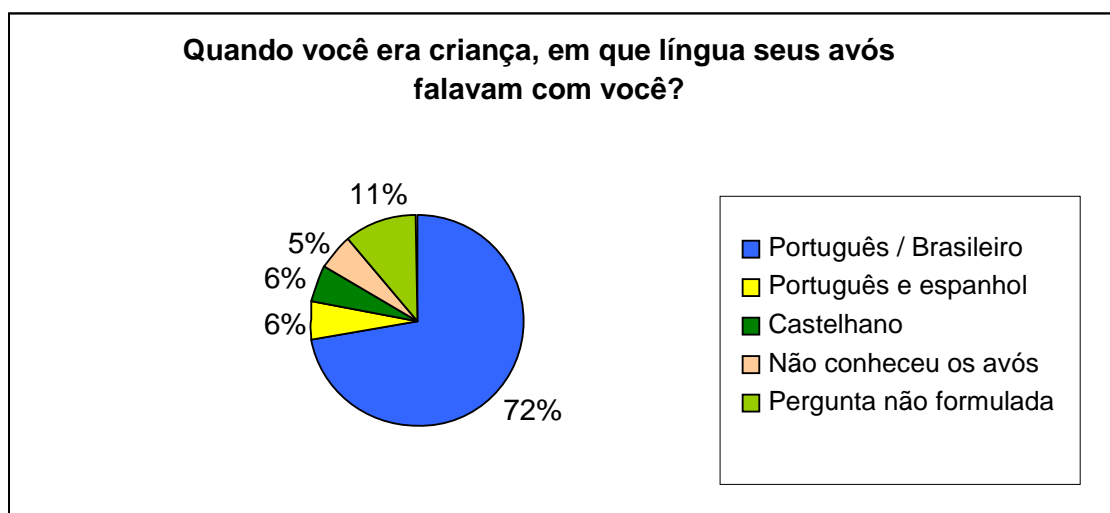
INF.- Ah, falava... é aquela mistura de portunhol, né, que a mãe falava muita coisa assim coisa falava em espanhol, né, palavra e tal. Mas, mais era português mesmo. (Inf. 16).

O informante 5, referindo-se ao português usado entre eles, utilizou a expressão “caboclado mesmo”, sugerindo uma variedade utilizada no meio rural. O informante 16 referiu-se a uma “mistura de portunhol”, expressão bastante utilizada nessa região fronteiriça como prática de língua em contato do português com o espanhol.

Com relação à questão 3, “Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?”, treze informantes (72%), ou seja, a maioria dos informantes guairenses respondeu que a língua portuguesa ou brasileira foi a mais utilizada nas interações com seus avós durante a infância; um informante (6%) declarou ser o castelhano; um informante (6%) citou o português e o espanhol; um informante (5%) não conheceu os avós e a dois informantes (11%) não foi formulada a pergunta.

É importante mencionar que, no gráfico a seguir e em outros mais adiante, será respeitada a designação dada pelo informante, conforme ele tenha mencionado ‘espanhol’ e/ou ‘castelhano’, assim como ‘português’ ou ‘brasileiro’.

Gráfico 34 – Língua falada pelos avós nas interlocuções com os informantes guairenses quando crianças



A seguir, apresentam-se alguns exemplos relativos à questão 3. Algumas dessas respostas, porém, não foram computadas no gráfico, por não se referirem a línguas faladas especificamente com o informante, ou seja, trata-se de línguas que os avós usavam com outras pessoas.

INF.- Meu avô por parte do pai era alemão... Eles viviam falando em alemão lá, né... mas eu era muito pequeno, né, eu não... vim para cá pequeno, né, então... não lembro. (Inf. 9)

INF.- Então... minha avó materna falava em polonês, minha avó paterna falava em guarani, e não aprendi nenhuma das duas línguas (risos). (Inf. 10)

INF.- Um pouco... um pouco de espanhol, um pouco de brasileiro, português, né. (Inf. 13).

INF.- [...] português, apesar que os meus avós por parte de mãe, eram descendente de italiana [...] eu acredito que eles falavam em português também. Mas eles falavam em italian... a minha vó falava em italiano e meu avô também falava italiano. Mas comigo não, não me recordo [...]. (Inf. 14)

INF.- Os mat... o materno, ele falava só em cas... em castelhano, e era difícil pra gente, assim, a gente não entendia, né. (Inf. 16)

Embora os informantes 9, 10, 14 e 16 tivessem tido contato com diferentes línguas, como alemão, polonês, guarani, italiano e castelhano, responderam que não aprenderam, ou

não lembram mais, pois eram muito crianças na época em que moravam com os avós ou próximos a eles.

Esses depoimentos podem levar a várias interpretações, como, por exemplo, a de que não havia muito interesse em transmitir a língua de herança aos descendentes, por acreditar que uma língua diferente do português – sendo esta a única oficial, comprovando assim a ausência de uma política que fomentasse a diversidade linguística – acarretaria problemas como marginalização, discriminação ou zombarias pelos “sotaques” da língua estrangeira que se faziam notar ao falar o português. Assim, quanto antes os descendentes aprendessem a língua portuguesa, estariam competindo em pé de igualdade com os demais cidadãos, conquistando terras, integrando-se e enraizando-se mais rapidamente em solo brasileiro. Nesse caso, a língua diferente do português acabava ficando relegada ao uso entre os mais idosos, que enfrentaram muitos obstáculos e rejeições por não falarem a língua portuguesa “corretamente”, avaliação recorrente entre os entrevistados das duas comunidades em foco.

Outro aspecto que pode ser mencionado, embora não esteja tão explícito nas entrevistas, mas que em conversas paralelas surge para evocar um episódio dos tempos de criança, é o de que os avós, ou mesmo os pais, quando pretendiam esconder algum tema considerado tabu, ou simplesmente determinados temas que não deveriam chegar aos ouvidos das crianças, utilizavam a língua étnica, protegendo-se de possíveis embaraços.

Em relação à questão 4, “Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós”, onze informantes (61%) responderam que utilizavam português ou brasileiro para se comunicarem com seus avós, e a sete informantes (39%) não foi formulada a pergunta. Devido ao alto índice de perguntas não formuladas, não será apresentado o gráfico relativo a essa questão.

O informante 5 respondeu que falava “uma língua meio português, já meio caboclada, assim misturada”, sugerindo a crença em uma língua “pura”, ou seja, sem interferências de qualquer língua de contato, ou então, o entrevistado referiu-se a uma variedade da região rural. De qualquer maneira, não está compreensível a resposta. Os termos ‘meio português’ e ‘meio caboclada’, utilizados pelo entrevistado ao informar sobre sua língua falada, podem ser indicativos de que a língua por ele utilizada sofre o preconceito de uma língua sem prestígio, roceira, incompleta e, por isso, não é vista com bons olhos.

Calvet (2002, p. 67), ao abordar os preconceitos linguísticos, afirma que os “[...] estereótipos não se referem a línguas diferentes apenas, mas também às variantes geográficas das línguas, freqüentemente classificadas pelo senso comum ao longo de uma escala de valores”. Assim, “[...] a divisão das formas lingüísticas em línguas, dialetos e patoás é

considerada, de maneira pejorativa, como isomorfa a divisões sociais que por sua vez também se fundam em uma visão pejorativa” (CALVET, 2002, p. 68). Segundo o pesquisador, essa forma estereotipada de avaliar as variedades existentes em todas as línguas do mundo carrega atitudes a respeito do “bem falar” ligadas à noção de “bom uso”, em que as línguas ou variedades consideradas mais bem faladas possuem alto prestígio social e são utilizadas pela classe econômica dominante, enquanto as variedades sem prestígio são condenadas, e seus falantes são julgados pelo seu modo de falar.

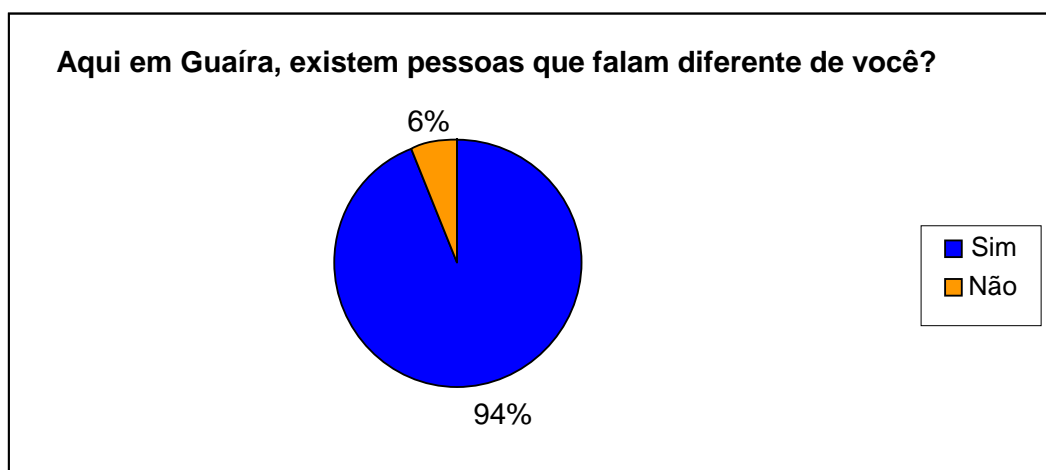
Como afirma Alkmim (2004, p. 40), “a variedade padrão de uma comunidade – também chamada norma culta, ou língua culta – não é, como o senso comum faz crer, a língua por excelência, a língua original [...]”, mas é o resultado de uma atitude social diante da língua, que estabelece “um conjunto de normas que definem o modo ‘correto’ de falar”.

6.2 BLOCO DAS QUESTÕES 5 A 14

Este segundo bloco compõe-se das questões de 5 a 14, que se referem ao reconhecimento do fenômeno das línguas em contato em Guaíra, à identificação de quais são diferentes do português e à avaliação da *performance* dos falantes, ou seja, quem fala melhor e quem fala pior.

Com referência à pergunta 5, “Aqui em Guaíra há pessoas que falam diferente de você?”, dezessete informantes (94%) reconhecem a existência de outras línguas faladas na localidade, além do português. Apenas uma informante (6%) respondeu que não há línguas diferentes em Guaíra.

Gráfico 35 – Reconhecimento de línguas diferentes do português faladas em Guaíra



É notório que se encontra em Guaíra uma grande diversidade linguística, pois os dados compilados pelas entrevistas apontam quase 100% de reconhecimento de línguas ouvidas e/ou faladas nessa comunidade, tanto pelo espaço geográfico fronteiriço, tendo o Paraguai e a Argentina como seus vizinhos mais próximos, quanto pelo fator histórico da migração e imigração.

Apresentam-se, a seguir, alguns exemplos das respostas a essa questão:

INF.- Tem bastante. Esposa fala alemão, um pouco de suíço, filha de alemão e pai suíço. Aqui na cidade é tudo misturado, japonês, paraguaio, italiano. Tem americano. (Inf. 5)

INF.- Tem. Pouco mas tem. Nós temos a colônia japonesa, né. É uma das... é a segunda... é do Brasil, a nossa colônia japonesa aqui. Vai ter a homenagem aos pioneiros com mais de oitenta anos, moção que o Congresso fez, e que ainda residem aqui... Então é japonês e paraguaio. Nós temos a colônia paraguaia aqui na Vila Velha, que nós chamamos. Temos bastante descendentes de paraguaio e paraguaios mesmo, então se fala também o espanhol aqui, né. (Inf. 11)

INF.- Ah, tem, tá bem miscigenado agora. Paraguaios aqui do Salto que vieram morar aqui. Japoneses, árabes, alemão tem bastante, italiano não tem muito. Japonês que mora aqui tem bastante. (Inf. 13)

INF.- Ah, eu creio que sim, como a colônia japonesa, por exemplo, eu... eles são... é... eles têm aquela coisa de origem ainda, aquela coisa do avô conversar com o filho, o filho passar pro neto. [...] Alguns grupos de alemães, mais os antigos conversam entre eles, assim, mas a colônia japonesa ela é muito mais forte. Aí tem o espanhol, os vizinho, né, do outro lado. Entre eles falam, até misturam o guarani com o espanhol [...].

INQ.- E alemão, você ouve muito?

INF.- Muito pouco, mas existe sim, tem. Às vezes, quando vem uma freguesa aqui de origem alemã e vem a irmã, elas falam. Árabe também de um ano pra cá... (Inf. 14)

INF.- Sim, os paraguaios que moram aqui. Às vezes, os libaneses, né, os turcos, né, que tem aqui às vezes entre eles conversam. Ah, e os japoneses também. Esqueci da colônia japonesa, até mais japoneses do que os turcos. Na feira, por exemplo, tem uma banca de japonesa, e vem outra japonesa falar em japonês. Isso é comum. Guarani ou o castelhano, você encontra normalmente. E como eu dei aula, é comum a gente receber alunos do Paraguai aqui. E daí não escreve e não fala o português. (Inf. 18)

O informante 11, com idade entre 50 e 70 anos, cita a colônia japonesa, por exemplo, bastante forte em Guaíra (segundo o informante, é a segunda mais populosa do Brasil) e que estava para ser homenageada pelo Congresso Brasileiro. Esse informante também mencionou Vila Velha, onde moram paraguaios e descendentes, local a que volta a se referir em outro momento da entrevista. Interessa registrar esta resposta porque é um demonstrativo do quadro da população guairense, que está familiarizada com a língua espanhola desde o início da sua colonização, conforme relata esse entrevistado e tantos outros citados neste trabalho.

INF.- [...] Se a senhora for ali na... entrevistar alguém ali na Vila Velha, nós temos ali pessoas, né, descendentes natos, são filhos de... de paraguaios, né, mas naturalizado brasileiro, [...] nós temos ali pessoas idosas ali que... que têm assim conhecimento mais profundo da história aqui de...de Guaíra, história do... ainda quando os espanhóis, né, passavam por aqui [...]. Nós temos aí várias pessoas aí de

setenta anos a oitenta, né. A Vila Velha é... é... a população da nossa Vila Velha aqui, oitenta por cento é descendente de espanhol, paraguaio. (Inf. 11)

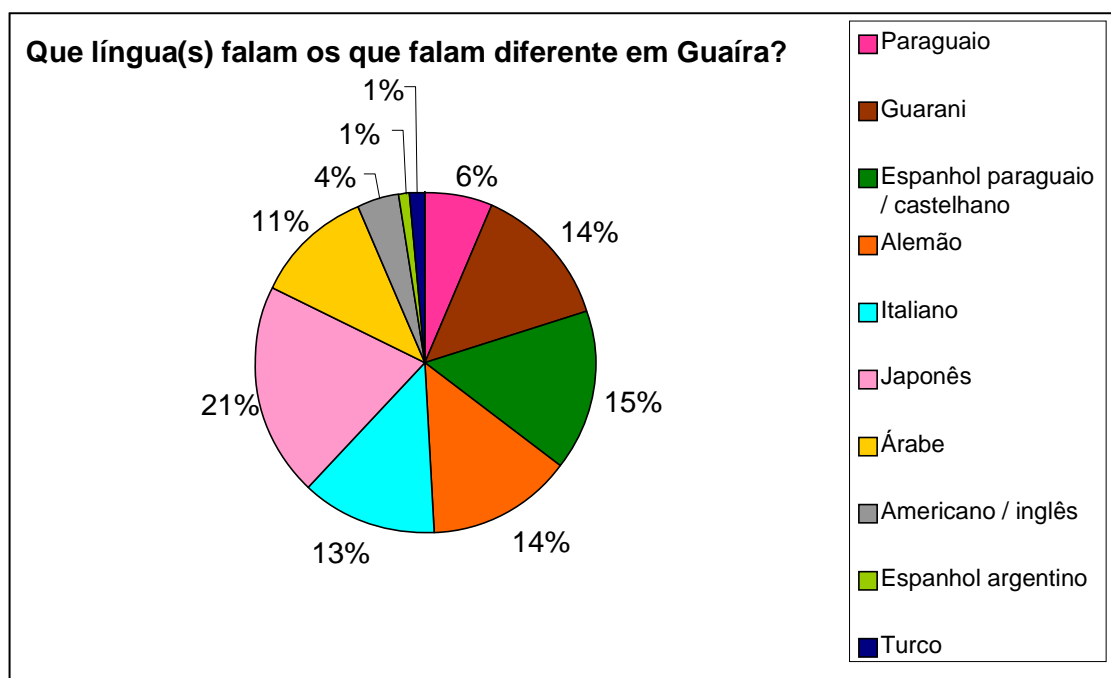
Dentre os vários outros entrevistados que destacaram a presença de japoneses em Guaíra, a informante 14, da faixa etária entre 18 e 30 anos e com nível de ensino superior, observa que os falantes japoneses “tem aquela coisa de origem ainda [...] do avô conversar com o filho”. Acredita a entrevistada que essa preocupação em legar a herança linguística aos descendentes seja bastante forte na comunidade japonesa, o que não se verifica, com tal intensidade, em outros grupos étnicos. Essa mesma informante cita o grupo alemão, que, entre os membros da geração mais idosa, utiliza sua língua em interações entre seus pares, mas informa que é um grupo bem menor que o japonês.

O castelhano e o guarani são bastante citados pelos entrevistados. Pela proximidade com a língua portuguesa, o espanhol ou castelhano não provoca tanta estranheza ao entrevistado guairense quanto as demais línguas estrangeiras. A informante 6 ressalta que o castelhano é “quase o português”, o que demonstra a familiaridade das variedades do espanhol utilizadas na comunidade guairense.

A cidade de Guaíra, utilizando uma metáfora, apresenta-se como um “leque multicolorido” de etnias, e muitas delas – algumas em proporção maior, outras em proporção menor – ainda utilizam em seus grupos étnicos a língua herdada de seus antepassados. Dessa forma, é possível observar, nas respostas dadas à questão 6, “Que língua(s) fala(m) os que falam diferente aqui?”, que o grupo japonês é predominante entre os grupos que falam diferente em Guaíra, recebendo dezesseis menções (21%). Doze menções (15%) foram dadas ao espanhol paraguaio ou castelhano; o guarani e o alemão receberam onze menções (14%) cada um; o italiano teve dez menções (13%); o árabe teve nove menções (11%); o inglês ou americano foi citado três vezes (4%); o espanhol argentino e o turco foram citados uma vez cada (1%). O item “paraguaio”, com cinco citações (6%), será registrado separadamente no gráfico porque o informante não define exatamente a língua, no momento da entrevista (não se sabe se ele fazia referência ao espanhol ou ao guarani).

É importante mencionar que o turco não constava do questionário (talvez o informante tenha se confundido com o árabe). O inglês ou americano também não estava contemplado no questionário, mas, embora seja uma língua aprendida na escola e não falada efetivamente como língua materna na comunidade, foi considerada para o gráfico.

Gráfico 36 – Identificação das línguas estrangeiras faladas em Guaíra



De acordo com os entrevistados, o guarani, embora muitas vezes seja misturado com o castelhano ou espanhol (jopará), é definido como uma língua muito difícil de ser entendida pelos guairenses, como observa uma professora da faixa etária 3, de formação superior:

INQ.- Mas o guarani não é a mesma coisa que o castelhano, né?

INF.- Não. É que tem o guarani, que você não entende nada, certo? E tem o castelhano, que nós entendemos, que é uma mistura, né, do espanhol com o guarani, né, esse dá pra gente entender. (Inf. 18)

Um informante, morador antigo de Guaíra, relata que o guarani predominava na década de 70, mas que, naquela época, também se falava o espanhol e o português. Referindo-se ao tempo atual, o inquirido cita os grupos que ainda podem ser ouvidos em suas línguas, dentre os quais se destacam a colônia japonesa e, em número reduzido, o alemão, o italiano e o inglês. A seguir, um recorte da entrevista:

INF.- Bom, quando cheguei em Guaíra em 1970, a gente havia... é... conhecia muitas pessoas, os antigos de Guaíra né, que tinham descendência paraguaia e falavam muito o guarani, né. Falavam o espanhol e o português, é claro o português predominava, mas aquelas pessoas antiga, quando eu vim pelo exército, muitos soldados antigo do exército, falavam inclusive o guarani, tinham descendência de bugre, índia mesmo, né. Porque a língua oficial do paraguaio é o guarani, o espanhol foi uma questão de... de conquista e conquistado, né. Aqui tem gente também que fala alemão, fala italiano, fala inglês, mas o mais forte para a gente caracterizar a cidade de Guaíra num contexto, seria, na minha época que eu cheguei, o guarani, o espanhol e o português. O japonês também, tem uma colônia bastante forte de Guaíra. (Inf. 17)

Outros exemplos que podem ser citados são os seguintes:

INF.- Espanhol argentino, espanhol paraguaio... é no Mercosul, né. É uma mistura, o... alemão também tem... colônia alemã, que falam o alemão também... tem o guarani também. Paraguaio que moram aqui falam guarani também... por ser fronteira, tem essa diversificação. (Inf. 9)

INQ.- E do espanhol?

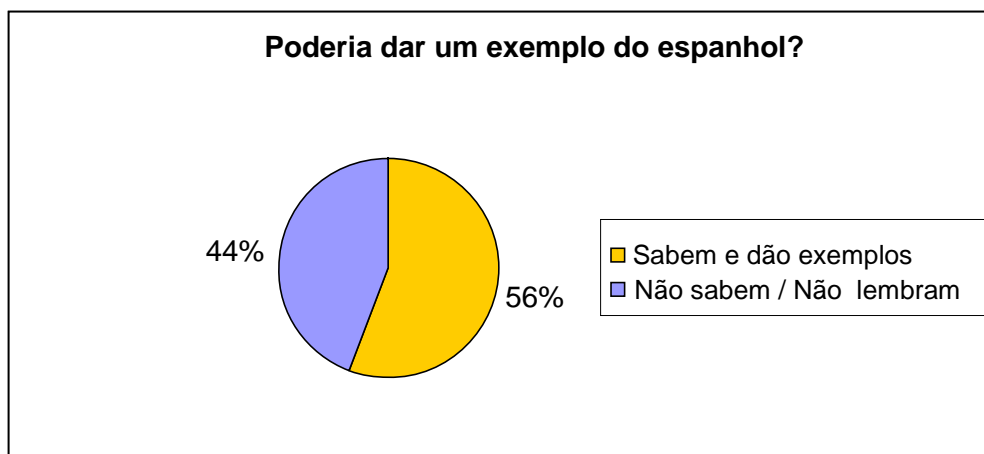
INF.- Aí... tem os... vizinho, né, do outro lado.

INQ.- Eles vêm pra cá?

INF.- Eles vêm pra cá. Entre eles, eles falam sim, eles... eles até misturam o guarani com o espanhol, mas pra você ver, eles têm muito mais facilidade de entender a nossa língua, do que nós falar a língua deles. Eu acho que o brasileiro tem essa coisa de ser um pouco... como se fala? É acomodado. Hoje eles... eles conseguem é... se adaptar melhor à nossa língua do que nós a eles. (Inf. 14)

Com relação à questão 7, “Poderia dar um exemplo do espanhol?”, dez informantes (56%) responderam afirmativamente e deram exemplos. Oito (44%) não souberam dar exemplos.

Gráfico 37 – Porcentagem de informantes guairenses que citam exemplos do espanhol



A seguir, apresentam-se alguns excertos das entrevistas em que os informantes dão exemplos do espanhol paraguaio e também do argentino:

INF.- Olha, eu até que eu já vi falar muita coisinha. Geralmente o *habra, habra* [= *habla*]. *Habra* é a language deles, assim. Acho que pra pessoa entender, eles fala “vai *habrá, habrá*”, um negócio meio assim. (Inf. 6)

INF.- Espanhol? *Usted*.

INQ.- *Usted*. Que é...?

INF.- ‘Você’, não, não é ‘você’, né?

INQ.- É. Tem alguma outra que você lembra...?

INF.- Vamos ver... é... *peluquería*, que é ‘cabeleireiro’. (Inf. 7)

INF.- O espanhol argentino na fronteira eles falam de um jeito, mais lá pra dentro de outro jeito.

INQ.- E o senhor poderia dar um exemplo?

INF.- Sim, por exemplo, ‘martelo’, nós falamos, eles falam *martijo* [= *martillo*] lá perto de Buenos Aires, aqui na fronteira, eles falam *martilho* [= *martillo*], então tem essa diferença.

INQ.- E o senhor poderia dar um exemplo do espanhol paraguaio?

INF.- É praticamente a mesma coisa, mais lá pra Assunção eles falam assim também, como *martijo* e aqui na fronteira, eles misturam o “ele” com o “agá”, *martilho*, mais ou menos assim, né? Então... o argentino e o paraguaio falam praticamente a mesma língua.. a não ser o guarani, que é só no Paraguai. (Inf. 9)

INQ.- Cumprimentar, por exemplo, como é que eles cumprimentam?

INF.- A gente podia... *Yo no soy dueño del mundo, pero soy hijo del dueño* (risos). *Nosotros hablamos poco*, mas sempre, como havia dito, *hay necesidad... hay necesidad de se hablar español porque se trabaja num país onde se habla somente español*. Então, *nosotros vamos* decorando, decoramos as palavra, né, que *se tiene que hablar*, né. (Inf. 11)

INF.- Do dia a dia? Que eu escuto aqui muito? É... é coisas assim, por exemplo, *que bueno, esto se quedó bien, eso se quedó hermoso, espectacular aquella, yo creo que va a ficar bien en vos*. Tem uma coisa assim que escuto muito: Como estas? *Todo bien? Hasta logo, dale dale*. É assim uma coisa que eu escuto muito, né, como... é... *Como va ustedes? Ah, yo voy bien e usted? Todo bien, tranquilo*. (Inf. 14)

INF.- Por exemplo, o espanhol real *calle*, né. E no argentino *caje* [= *calle*], né, o ‘ele ele’ passa ter um som de ‘jota’, né, ou ‘gê’, se for o caso. Então isso e uma terminologia quase que regional, explicar porque a gente não sabe né. Uma outra coisa interessante com relação ao espanhol é... o pneu em... no espanhol é *pneumáticos*, né, e a gente conhece aqui como *cubiertas*. (Inint.) *las cubiertas*, não é ‘cobertores’ e sim ‘pneu’.

[...]

INQ.- E você teria um exemplo da espanhol paraguaio?

INF.- É seria praticamente igual ao paraguaio [...]. (Inf. 17)

INF.- Ah, sim, por exemplo, no Brasil, por exemplo, nós, no português, quer dizer, é ‘açougue’, não é? Em espanhol é *carnicería*, tá. É... quer ver... o sonho....

INQ.- Aquele doce?

INF.- Doce... lá é *ollo*, em espanhol é *ollo*. Frango é *pollo*... é *pollo*. Então, no espanhol a gente acaba... é... por exemplo, filha é *hija*... é *hija*, tá. Ninguém pede licença, é *permiso*... tá. Então a gente sabe muitas palavras, a gente não usa, cê entendeu? Mas às vezes, se a gente tá conversando com algum deles, a gente acaba se falando, cê entendeu? De tanto que eles falam pra gente, a gente res... responde também no espanhol. (Inf. 18)

O entrevistado 17 citou exemplos que expressam os equívocos que podem surgir a partir de semelhanças lexicais em duas línguas distintas, denominadas falsos cognatos. O entrevistado exemplifica que *las cubiertas* não significa ‘cobertores’ e sim ‘pneus’, o que pode ocorrer de forma semelhante com as demais línguas estrangeiras, porém, no caso do espanhol, pela proximidade com a língua portuguesa (ambas de origem latina), é comum surgirem tais equívocos.

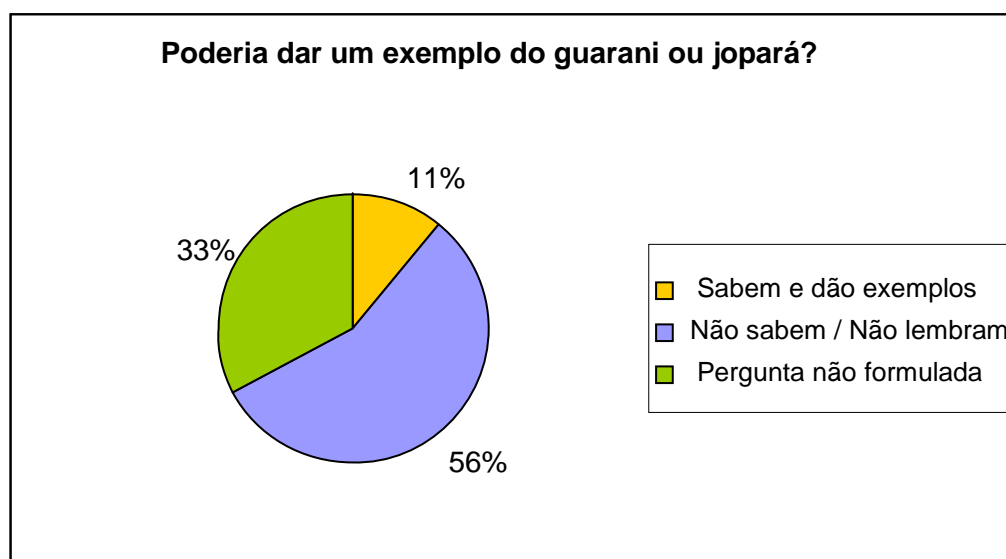
Interessa notar, na fala da informante 18 (de formação superior), o destaque à familiaridade dos guaienses com o espanhol, de forma que, algumas vezes, seu uso passa até despercebido por muitos. Esse é um dado revelador do quanto uma língua pode se tornar próxima e ser utilizada nas interações cotidianas (mesmo que por meio do uso de um item lexical específico sobre temas comuns a ambos os interessados, sem entrar no mérito dos empréstimos, sotaques e outros elementos que possam soar até um pouco absurdos aos ouvidos de “puristas”, ou seja, aqueles que não admitem interferências de outras línguas), a tal

ponto que, “às vezes, se a gente tá conversando com algum deles, a gente acaba se falando [...]. De tanto que eles falam pra gente, a gente res... responde também no espanhol”.

É possível observar, a partir das entrevistas, que os falantes de língua portuguesa de Guaíra acabam incorporando muito do léxico espanhol, fenômeno denominado ‘empréstimo’. Ainda na década de 1950, Weinreich observou fenômenos do empréstimo lexical entre as línguas. A partir daquela época, gradativamente, os estudos sobre essa realidade linguística vêm atraindo sempre mais estudiosos, e os fatores que levam a isso são diversos.

Com relação à questão 8, “Poderia dar um exemplo do guarani ou jopará?”, dez informantes (56%) responderam que não sabiam ou não se lembravam de nenhum vocábulo em guarani. Alguns desses informantes alegaram que o guarani é uma língua muito difícil para se entender, dificultando a aprendizagem. Apenas dois informantes (11%) citaram exemplos em guarani, e a seis informantes (33%) não foi formulada a questão.

Gráfico 38 – Porcentagem de informantes guairenses que citam exemplos do guarani



O informante 14 declarou que, mesmo os jovens “que são paraguaios, até eles não conseguem falar... vê que até hoje, acho que a escola dentro do Paraguai, teve que... hoje tem a língua em guarani, né, que é a língua deles, né”. Observa-se, a partir desse comentário, que é esperado dos paraguaios falarem o guarani, mas não é o que ocorre. Tal carência, segundo o entrevistado, é atribuída, em parte, à escola, que até há pouco tempo não incluía o guarani no currículo escolar, podendo-se inferir que se tratava de uma língua utilizada somente em ambientes mais informais, como entre familiares e rodas de amigos. Porém, conforme o entrevistado, houve mudanças, e o guarani já está incluído no currículo escolar.

Dentre os informantes que deram exemplos do guarani, embora alguns o tenham feito com relutância, cita-se o caso do entrevistado 13, que fez menção ao uso do guarani em situação de brincadeira entre amigos para encobrir uma expressão maliciosa, exemplificado no recorte a seguir:

INF.- É... o pessoal brinca assim, no sentido de gozação e...
 INQ.- O quê que eles falam?
 INF.- Por exemplo, no guarani, né, eles sempre falam, chegam na menina, né, só que isso aí é coisa deles lá, é besteira e a gente aqui...
 INQ.- Não, pode falar. Não tem problema, não.
 INF.- Eles chegam assim, por exemplo, na mulher e fala: *edjudja agua polupi*.
 INQ.- Isso aí seria o quê?
 INF.- Seria “venha cá, vamos...”
 INQ.- Ah, “vamos dar uma”!
 INF.- “Vamos transar”, né.
 INQ.- Eles falam isso?
 INF.- Falam (risos). Porque o... principalmente os paraguaios, como a gente não tem o costume de saber da língua guarani, eles aproveitam, né, querendo ou não, né. Então, quando ele não quer que um brasileiro escute a conversa deles, eles começam a conversar em guarani, né. (Inf. 13)

Já o informante 15 mencionou uma expressão que se utiliza em interações sociais:

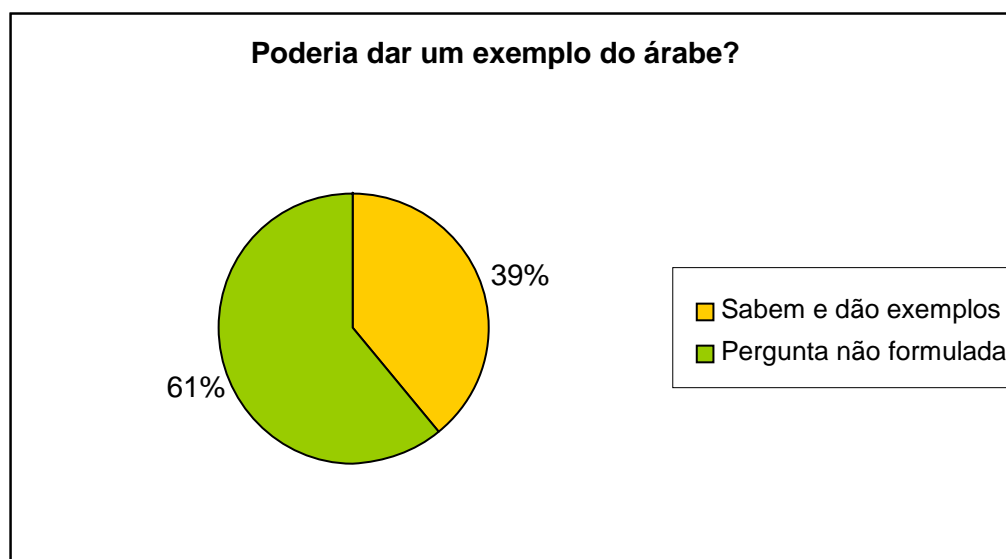
INF.- Guarani, eu sei muito pouco, alguma coisa que eu sei é *maquicoio*, é “tudo bem, como tá, tudo certo?”.
 INQ.- Em espanhol seria...?
 NF.- Em espanhol seria *Cómo estás?*. (Inf. 15)

Com relação à questão 9, “Poderia dar um exemplo de árabe?”, sete informantes (39%) responderam que não sabiam, alegando que a língua árabe é bastante difícil de entender e que a comunidade árabe em Guaíra é muito pequena, o que restringiria a ocorrência de falas nesse idioma. A informante 18 deu mostras de conhecer um pouco da cultura árabe e descreveu a vestimenta feminina.

INF.- [...] Não, o árabe até... e...e... não é grande a colônia aqui, cê entendeu? Então, a gente vê eles na rua, tal, tem uns até que se trajam, principalmente as mulheres que moram aqui, elas usam os mesmos... elas têm os mesmos costumes de lá do... da... do... do país... do Líbano, né, da... [...] o lenço na cabeça, tal, pra não expor a... a figura, né. Elas andam assim na rua, mas eles falam o... o... a língua deles, o árabe, entre eles só, a gente só ouve. (Inf. 18)

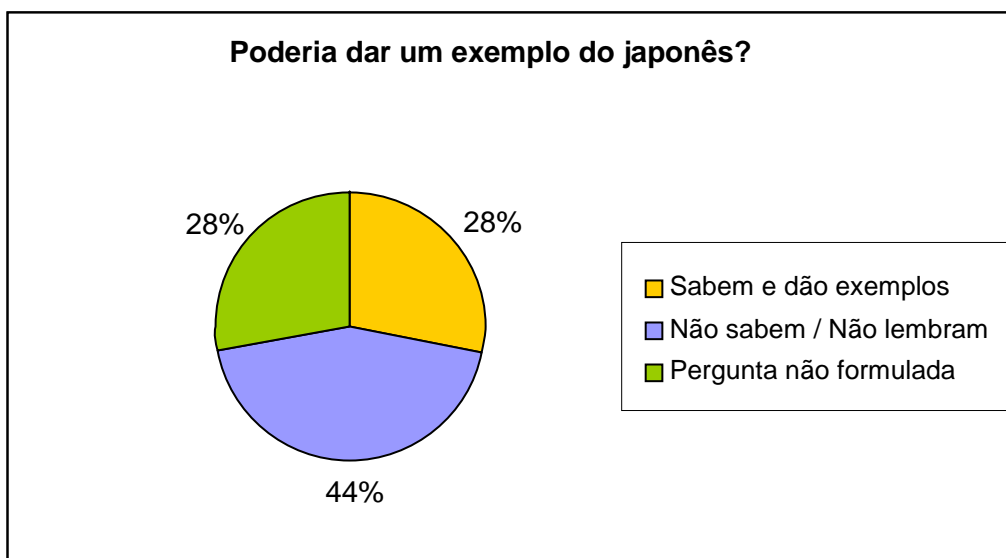
Aos demais informantes (61%), a pergunta não foi formulada.

Gráfico 39 – Porcentagem de informantes guaiirenses que citam exemplos do árabe



Na questão 10, “Poderia dar um exemplo de japonês?”, oito informantes (44%) responderam que não sabiam, embora tenham tido contato com os japoneses em ambientes de trabalho e na participação da vida política guairense, o que leva a observar que há interesse da comunidade japonesa em se integrar na comunidade. Os cinco informantes (28%) que souberam dar alguns exemplos em japonês exemplificaram com expressões de cumprimento e agradecimento e com denominações de grau de parentesco. Houve cinco entrevistados (28%) aos quais não foi formulada a pergunta.

Gráfico 40 – Porcentagem de informantes guaiirenses que citam exemplos do japonês



A seguir, apresentam-se algumas respostas:

INF.- [...] já trabalhei... três ano dentro de casa com japonês que veio direto do Japão, e quando... nessas época que eu morei com eles, o que eles falava não entendia, falava alguma coisa, mas só que depois, né, nunca mais... cê pára, né. (Inf. 5)

INF.- Não, não, não. Até... eu fui prefeito, meu vice era japonês, o vice também foi japonês e é o atual prefeito agora que vai assumir, é japonês, o doutor Manoel Kuba, e não sei porque ele também não... não... ele só fala japonês quando se encontra com os mais antigo, né, que... Mas senão também... nunca me interessou de... de aprender alguma palavra. (Inf. 11)

INF.- Japonês, a gente aprende o básico, né, que é o *arigatô*, né, ‘obrigado’, né, *conitchuá*. É o que a gente mais ouve, mas fala mesmo não tem... (Inf. 13)

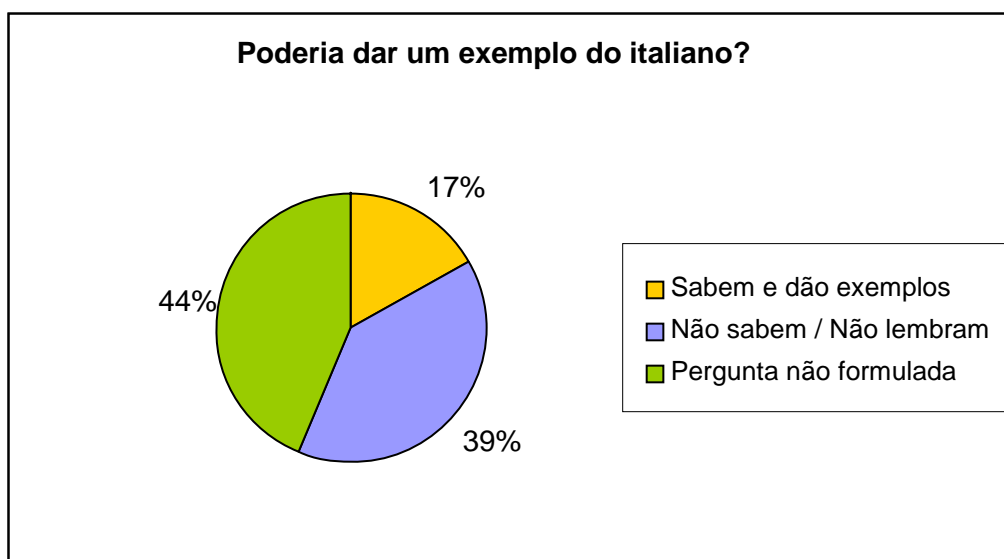
INF.- Ah, é aquela lá, né... você sempre encontra de manhã, né, *ohayo*, que é o ‘bom dia’, né. É aquela... o *arigatô*, que é “obrigado”. (Inf. 16)

INF.- Ah, sim, alguma coisinha, né, no caso... o ‘vô’, a ‘vó’, né, que é *batchan*, tal, é uma coisinha assim [...]. (Inf. 18)

O vocabulário citado restringiu-se apenas às expressões de cumprimento e agradecimento, e denominações como ‘avô’ e ‘avó’, estas últimas constituindo demonstrações da forte convivência e respeito entre familiares. Evidencia-se que o japonês é mantido no reduto familiar ou entre pessoas da mesma etnia. Assim, outras pessoas, embora não entendam esse idioma, já se habituaram a ouvi-lo, não causando estranheza ao público.

Com relação à questão 11, “Poderia dar um exemplo de italiano?”, sete informantes (39%) não souberam dizer, embora muitos deles informassem um parentesco próximo com pessoas falantes de italiano, tais como esposa, namorada e mãe. Três informantes (17%) deram exemplos e a oito informantes (44%) não foi formulada a pergunta.

Gráfico 41 – Porcentagem de informantes guairenses que citam exemplos do italiano



Os três informantes que responderam afirmativamente forneceram os exemplos apresentados a seguir:

INF.- Ah, só entendo *capisci* aí, sempre tem uma novela que tem alemão no meio, né, falando, daí os outros escuta, né. (Inf. 1)

INF.- [...] Eu até alguma coisa em italiano eu falo também. Às vezes chega um italiano lá, começa a querer falar, eu já digo “olha...”, pra brincar, eu digo “*Mi parlo tutto, ma non capisco niente*” (risos). (Inf. 11)

INF.- Só *mamma mia!* (Inf. 16)

A informante 6, a seguir, mencionou a troca ocorrida na pronúncia do fonema /r/, muito comum também entre falantes bilíngues de alemão e português, como os da comunidade rondonense (BORSTEL, 1992) e que ocorre entre falantes bilíngues de italiano e português, o que já é mencionado em outros trabalhos (MARGOTTI, 2004; FROSI; RASO, 2011). No entanto, a entrevistada não apresentou nenhum exemplo em italiano, referindo-se apenas à interferência daquela língua no português, ou seja, a não realização da vibrante múltipla onde ela é esperada no português.

INF.- Minha cunhada, sabe esses carrinho assim de animal, carroça? Eles fala “caroça”. Eles não fala com dois “erres”, é “caroça”, “carinho”, tudo meio assim. (Inf. 6)

O informante 17 fez um comentário em tom de gracejo, dizendo que sua namorada italiana utiliza o italiano para xingá-lo. Esse comentário remete ao postulado de Weinreich

(1974), que observou em seus estudos que, numa relação mais afetiva, os usuários tendem a fazer uso da sua língua materna ou primeira língua, o que parece se encaixar no exemplo da namorada ao “xingar” seu parceiro. Talvez seja até um ato inconsciente, mas a explosão do sentimento que se manifesta naquele momento é mais bem viabilizado na língua materna, e o inverso também pode ocorrer: por exemplo, a mãe que embala seu bebê pode estar morando distante da sua pátria natal, mas pode preferir entoar cantigas de ninar da sua infância que lhe soem muito mais calorosas, impregnadas de afeto.

Com relação à questão 12, “Poderia dar um exemplo de alemão?”, apenas um informante (5%) citou exemplo, e a sete informantes (39%) não foi formulada a pergunta. Dez informantes (56%) responderam que não sabiam dar exemplos, embora vários entrevistados tivessem algum tipo de contato e/ou parentesco, o que, provavelmente, possibilitou contatos diários com o alemão, como exemplificam os excertos a seguir:

INF.- Já, já ouvi, fui casada com um alemão, mas também não pronunciar nada (risos).

INQ.- Mas ele falava alguma coisa em alemão contigo?

INF.- Muito pouco... muito pouco. Comigo assim nada, mais assim... dificilmente... era com a mãe dele, mas como a mãe dele já faleceu muitos anos atrás, então, não tem contato, né. (Inf. 4)

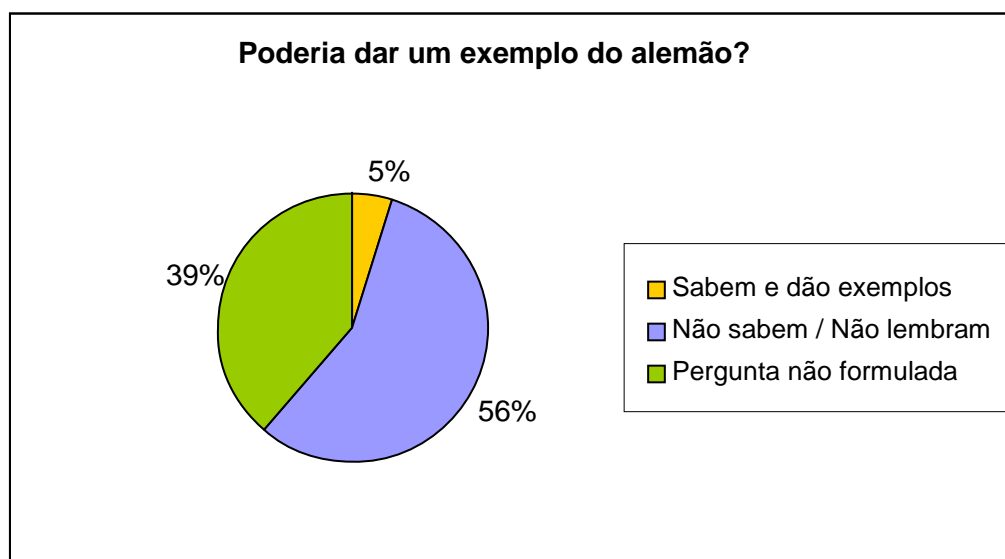
INF.- Hum... alemão, eu não sei nada de alemão, não, não... meus pais não me ensinaram, por mais que os avós eram alemão, não aprendi nada de alemão... (Inf. 9)

O informante 17, na resposta a seguir, utilizou uma expressão que, segundo ele, seria alemão, mas se trata de “mistura” de inglês com alemão. A expressão em alemão seria *deutsch sprechen* (falar alemão):

INF.- Alemão? A minha mãe falava... francês, alemão e latim. Quando eu tava no ginásio, eu aprendi latim, francês e inglês. Mas o alemão... não consigo lembrar nada, que que eu poderia lembrar? *Speak deutsch* (risos). Mas com relação a alguma terminologia [...], eu não... saberia não. (Inf. 17)

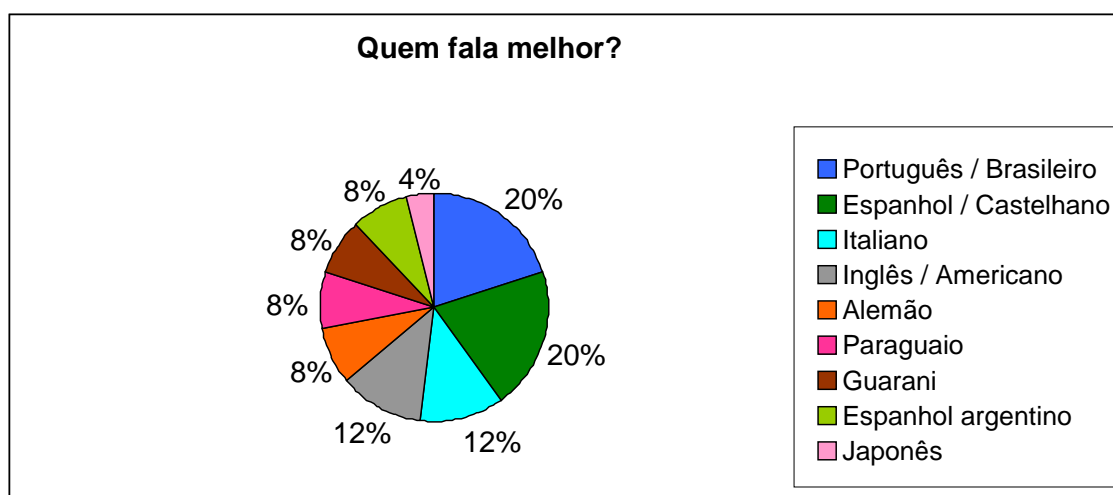
Os resultados dessa questão podem ser visualizados no gráfico 42:

Gráfico 42 – Porcentagem de informantes guairenses que citam exemplos do alemão



Com relação à questão 13, “Comparando essas línguas: espanhol, guarani, árabe, japonês, italiano e alemão, quem fala melhor? Por quê?”, alguns informantes mencionaram mais de uma língua e até mesmo citaram línguas que não estavam na pergunta, como o inglês e o português, e essas línguas também constarão do gráfico. As línguas citadas foram as seguintes, em ordem decrescente de valores: o português ou brasileiro e o espanhol ou castelhano, com cinco menções (20%) cada; o italiano e o inglês ou americano, com três menções (12%) cada; o alemão, o paraguaio e o guarani e o espanhol argentino, com duas menções (8%) cada; o japonês, com uma menção (4%). A pergunta não foi formulada a um informante. Esses resultados estão expostos no gráfico 43:

Gráfico 43 – Impressões dos informantes guairenses sobre quem fala melhor



As entrevistas permitiram verificar que a conotação de “quem fala melhor” pode ser entendida como lealdade linguística em relação ao português, ou seja, tornou-se bastante representativa a afirmação “semelhança com o português”, e em decorrência, “fácil de aprender”, de “entender”.

A seguir, apresentam-se exemplos das falas dos entrevistados:

INF.- [...] O italiano, ah, o italiano dá pra entender melhor. O italiano, eles são assim uma nação que eles não enrola muito na frente da gente. Eles são, tipo assim, tímido. (Inf. 6)

INF.- Ah, eu não sei, eu acho... eu acho, assim, bonito a língua... italiana (Inf. 10)

INF.- Eu... eu creio... eu creio que o mais fácil pra se aprender, assim, na prática, não... não ter que... ir pr'um banco de escola... eu acho que, assim, na prática, é mais fácil o espanhol e o italiano. (Inf. 11)

INF.- Ahn... eu creio que... assim, a... a pronúncia perfeita, porque o espanhol, ele aproxima do brasileiro, né. Então, não creio que seja uma... um idioma... um idioma muito difícil de se aprender. (Inf. 13)

Assim como o espanhol ou castelhano, que recebeu atributos como bonito, semelhante ao português, de fácil compreensão, também à língua italiana são destacadas as conotações de bonito, mais fácil de aprender, sugerindo familiaridade com a língua portuguesa.

A informante 6 salientou um traço da personalidade do italiano como “tipo assim, tímido”, podendo-se abstrair, de forma genérica, que os membros dessa etnia gozam de simpatia, em oposição ao tipo arrogante. Essa informante destaca, em outro momento da entrevista, a dificuldade de entender o alemão e castelhano, de modo que essas línguas não receberam atributos positivos: “É tudo enrolado, eu não consigo entender nem o castelhano, nem o alemão”.

Outro informante tece considerações muito positivas em relação ao espanhol, mas faz críticas à variedade falada na fronteira com Guaíra:

INF.- Olha, a língua espanhola com um todo, ela é extremamente interessante, é bonita, é gostosa de se falar, né? E com relação ao paraguaio ou argentino, não sei, eu... o paraguaio aqui da região mais no interior, ele misturam o espanhol com o guarani, fica um som extremamente gutural, aqui é difícil de se... se entender nas palavras, fica uma mistura, né, aí aqui perto da fronteira vira um portunhol guaranizado, que no... até as crianças têm dificuldade de aprender ler e escrever, né. E não sabe definir o que tá falando... qual idioma tá falando corretamente, né. É... o argentino, ele fala melhor, o argentino já é esnope por natureza, né, isso é porque ele tem cultura, né, isso faz com ele se imponha. [...] (Inf. 17)

O informante acredita que essa mistura acaba interferindo de forma negativa na alfabetização das crianças. Ao mesmo tempo em que rechaça o espanhol da região paraguaia, enaltece o espanhol argentino e seu povo, conferindo-lhe adjetivos como um povo que possui

“cultura” – no sentido de mais bem educado e culto – e adquiriu um *status* de liderança, conquistado por essas qualidades.

O informante 16 também avalia que os argentinos falam melhor o espanhol que os paraguaios:

INQ.- Pra ouvir... qual você acha que é mais agradável pra ouvir?

INF.- Eu não sei, mais eu gosto mesmo do espanhol, não sei por quê. Que a gente ouve mais assim, né.

INQ.- E o espanhol falado por quem?

INF.- O espanhol dos arge...

INQ.- Argentinos ou pelo paraguaios?

INF.- Pelo argentino.

INQ.- E você acha que é diferente do paraguaio?

INF.- É bem diferente. (Inf. 16)

Outros informantes citaram o guarani como a língua mais bem falada:

INF.- Dentro de Guaíra aqui, é o guarani.

INQ.- Fala melhor?

INF.- Guarani. A maioria do povo aqui tem origem paraguaia, né, então o guarani sempre o pessoal conversa melhor aqui. Depois do português é o guarani. (Inf. 3)

INF.- Pois é duro de dizer. Na minha opinião, se ele... se o... porque o alemão aqui é... porque o alemão tem um problema, que nem... tem a parte mais do sul que fala o alemão misturado, também, é... um alemão com alemão, eles fala uma coisa, um não se entende o outro, são meio misturado, eu digo pela minha esposa, né. Ela conversa aí o alemão com qualquer um e tem alemão que ela não... não consegue entender e nem eles consegue entender, são misturado, né. Agora, o que é mais e... que é mais compreto que eu vejo, não sei o árabe porque não tem muito contato, o que eu vejo que eles falam melhor mesmo, é o... guarani entre eles lá, né. Dá pra você ver que eles falam bem. (Inf. 5)

Na opinião dos informantes 3 e 5, o guarani é a língua melhor falada em Guaíra, pois conversam entre eles e se entendem, o que não acontece, segundo o informante 5, com o alemão. Como referência, esse entrevistado cita sua esposa, que, ao interagir com outros alemães, nem sempre consegue travar uma conversa, pois cada um fala um alemão diferente, o que significa que os falantes dessa língua fazem uso de variedades do alemão, que há em profusão, tornando incompreensível um diálogo quando os interlocutores são provenientes de diferentes regiões da Alemanha.

Vale ressaltar que as variedades de uma língua sofrem interferências do meio em que convivem pessoas de outras nacionalidades, no trabalho, na escola, etc. Deve-se lembrar que certas variedades mantiveram-se longe de centros urbanos durante muito tempo, o que pode contribuir para que tivessem menos interferências de outras línguas.

O informante 9 teceu comentários positivos sobre a língua portuguesa, classificando-a como “esclarecida”, provavelmente por ser a língua mais compreensível para ele, mas, enaltece, de fato, o espanhol, atribuindo-lhe conotações positivas.

INQ.- Ah, eu acho que o português fala melhor, né, a língua portuguesa... porque é uma língua mais esclarecida, embora tenha, no contexto da língua portuguesa tem um monte de coisa que eu não acho... que eu não concordo, uma palavra serve para várias coisas, então isso, para os estrangeiros complica aqui dentro, né? Mas... quando a gente fala português... embora eu acho muito bonita a língua castelhana... eu adoro o espanhol, adoro espanhol... muito legal... (Inf. 9)

A informante 14 cita as línguas japonesa e a espanhola, pois são as línguas estrangeiras que mais ouve, com as quais talvez tenha convívio maior.

INF.- Aqui? Entre eles, lógico, né. Ah, claro que vai ser... pra mim é o japonês e o... o japonês, assim, que é o que eu escuto mais, e o espanhol, porque nós temos cliente em... no Paraguai, acho que o castelhano, né. (inf. 14)

Outros informantes citaram o alemão:

INF.- Eu acho que é o inglês. Ah! Quem? A pessoa?

INQ.- É, destas pessoas, quem falaria melhor: o alemão, um paraguaio...?

INF.- Ah, o alemão. Alemão.

INQ.- Ele fala melhor? Mas por que você acha que ele falaria melhor?

INF.- Eu acho que o povo alemão é mais politizado que o paraguaio, que nós aqui, até nós mesmo, aqui. Então ele... acho que prega mais estudos, lê, mais leitura, então acho que eles falam bem melhor. (Inf. 7)

INF.- Ai, quem fala melhor? Ah, eu acho que é o brasileiro. [...] Então, já pelo motivo de você não saber a outro idioma, então você acha que eles também... cê também não tá entendendo nada, né.

INQ.- [...] Se você fosse olhar só pra eles, quem, entre eles ali, você acha que fala melhor?

INF.- Olha, se você for analisar pela... pela cultura deles, é... pelo grau de... pelo índice de alfabetismo que existe no país, né, seria Alemanha. (Inf. 18)

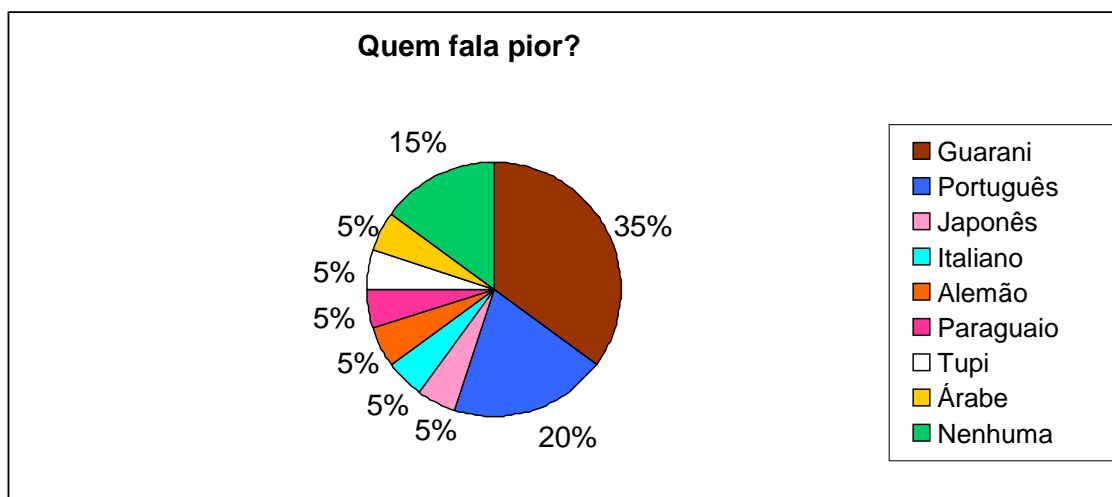
O informante 18 declara que quem fala melhor é o brasileiro pelo fato de a língua ser acessível, mas, na mesma entrevista, expõe seu ponto de vista sobre a Alemanha, creditando-lhe importância pela “cultura deles” e pelo “índice de alfabetismo”, elevando o *status* do povo alemão. Também o informante 7 tem esse discurso, embora inicialmente tenha citado o inglês. Contudo, ao ser questionado, numa retomada do inquiridor, sobre quem falaria melhor, “o alemão, um paraguaio...?”, o entrevistado nomeou o alemão, e justificou pelo fato de acreditar que o povo alemão é mais politizado que o paraguaio e o brasileiro, ressaltando que leem e estudam mais, portanto, fariam melhor.

Esses comentários refletem as crenças e atitudes linguísticas dos informantes, revelando as concepções, os mitos, os preconceitos, os costumes, enfim, todos os possíveis julgamentos positivos ou negativos sobre os diferentes grupos étnicos existentes.

Na questão 14, “E quem fala pior? Por quê?”, a língua guarani recebeu sete menções (35%) e o português, quatro (20%), somando mais da metade das menções. Houve uma

menção para cada língua que segue: japonesa, italiana, paraguaia, tupi, árabe, alemão, totalizando 5% cada. Três informantes declararam que não existe língua pior e não indicaram nenhuma. Há um total de vinte menções, pois houve informantes que mencionaram mais do que uma língua em suas respostas.

Gráfico 44 – Impressões dos informantes guairenses sobre quem fala pior



É necessário tecer algumas considerações sobre as questões 13 e 14, que não oferecem clareza ao entrevistado, seja pela amplitude ou pela ambiguidade, podendo suscitar inúmeras possibilidades de interpretação, confundindo o entrevistado e, talvez, também o leitor. Como se pode observar nas respostas a essas perguntas, não fica claro aos entrevistados o que significa “falar melhor” ou “falar pior”. Dessa forma, analisam-se essas questões levando em consideração os termos e expressões utilizados pelos informantes, como: “difícil de entender”, “nível de cultura da origem do falante”, “mistura de línguas” e “sons guturais ou falar gritando”.

A seguir, apresentam-se algumas respostas dos entrevistados:

INF.- Acho que o pior é o brasileiro, português nosso.

INQ.- Tem alguma razão pela qual o senhor acha?

INF.- Porque... depende de... de setor, de região, né. Porque você chega aqui, em Guaíra, você vê um português misturado que a pessoa pronuncia uma coisa, você chega parte do Norte lá, Nordeste ali, na nossa região, Minas Gerais, que nem esses dia memo, nós tava comentando em casa, muita coisa que eles... que cê fala ali, lá em Minas Gerais, é que nem meus filho que é criado, a mesma coisa que fala lá, eles não entende e eles conhece por o... por outro nome, então é diferente, pelo jeito de pronunciar as palavra corretamente. (Inf. 5)

INF.- Sim. Acho que o mais falho mesmo é o próprio português, né.

INQ.- Tem alguma razão pra isso?

INF.- Ah, acho que a questão mais de cultura, né, cultura do nosso país. É... os mei... os modos que a... que as escolas nos ensinaram de base, né, não tem tanto como os países mais desenvolvidos, têm essa

preocupação, né... de desenvolver vários idiomas, ter mais idiomas, né, pra pessoa ficar um pouco mais culta, né. (Inf. 13)

Os entrevistados, ao tecerem seus comentários a respeito da língua pior falada, mencionaram o português, justificando, quanto ao posicionamento negativo das respostas, que falam errado, que não é o português correto, que o povo não tem instrução/cultura, que português é mais complicado, que é um português misturado, um português falado com vocábulos e pronúncias diferentes no Norte, no Nordeste e na região de Minas.

Há o comentário da informante 4, não apresentado, que considera seu português incorreto e fala das pessoas que “comem palavras”, provavelmente referindo-se ao ritmo da frase, ao modo mais rápido de se expressar, que pode tornar os falares mais incompreensíveis, evidenciando, também, as variedades regionais brasileiras existentes em Guaíra, faladas por pessoas provenientes dos estados de Minas Gerais, de São Paulo, da Bahia e outros, já apontado em entrevistas deste trabalho.

Nesse sentido, vale trazer aqui as palavras de Mota (1994) a respeito da percepção dos falantes com relação à variação:

A consciência de variações diatópicas e a impressão que tais variações causam nos falantes de outras áreas lingüísticas integram-se no saber geral de qualquer pessoa, alfabetizada ou não, e expressões como “fala incompreensível”, “fala agradável”, “fala musical”, “fala mole”, etc., são freqüentemente ouvidas quando se apresentam situações de contato entre variedades lingüísticas geograficamente diversas (MOTA, 1994, p. 155).

A seguir, apresentam-se as respostas que creditaram aos falantes do guarani o pior desempenho:

INF.- Quem fala pior das línguas que eu te falei aqui na fronteira, eu acho que o guarani, porque eu não entendo nada (risos). O guarani é terrível [...]. (Inf. 9)

INF.- Ixe! Aí eu acho que entra o guarani, né (risos).

INQ.- Por quê?

INF.- É uma linguinha terrível, hein? Humm... tanto é que nunca aprendi falar nada em guarani, é muito complicado. (Inf. 10)

INF.- Eu acho o guarani, o guarani, o guarani. Eu tenho visto eles falarem lá, os espanhóis mais antigos ali, a gente percebe que o guarani é bem mais complicado, né. Mais difícil até do que o... japonês. (Inf. 11)

INF.- Que me incomoda? Talvez... não é que me incomoda, talvez o guarani porque eu não entendo, você não sabe se tá falando bem de você, se tá falando mal (risos). (Inf. 14)

INF.- Olha, não posso julgar quem fala pior, né. Eu posso julgar no sentido de difícil de entender. Fica mais difícil de entender esse misturado com o guarani, que é uma língua, assim, bem difícil da gente se pronunciar através dela. (Inf. 17)

INF.- Olha, pra mim, se você... se for comparar ao nível de cultura, né, de aprendizagem, é o Paraguai, é o guarani, ali... porque o nível é bem baixo. (Inf. 18)

Os informantes 9 e 10 avaliaram a língua guarani como “terrível”. O entrevistado 10 acrescentou ainda que ela é “muito complicada”, razão pela qual nunca conseguiu aprender nada. O informante 11 disse que o guarani é até mais complicado que a língua japonesa, que é considerada bastante difícil, o que pode ser atribuído aos caracteres da língua escrita e à sonoridade, tão diferentes se comparados com o português.

O informante 17, de formação superior e da faixa etária entre 50 e 70 anos, respondeu cautelosamente, emitindo sua opinião no sentido de que é difícil julgar quem falaria pior, preferindo salientar que poderia, sim, julgar no sentido de algo incompreensível. A entrevistada 18 já teceu suas considerações sobre as questões da cultura/aprendizagem, que estariam em nível bastante baixo, atribuindo, assim, também uma avaliação negativa à língua guarani.

Um informante colocou dúvidas sobre a existência de uma gramática no guarani, como se não houvesse nenhuma organização linguística, sugerindo que cada um fala como bem lhe aprouver: “Na verdade, o guarani, eu não sei como que é a gramática, se existe” (Inf. 15). Seguindo essa linha de pensamento, pode-se traçar um paralelo com as línguas informadas pelos entrevistados das duas comunidades, observando-se que é recorrente a avaliação negativa sobre o que é denominado “dialeto” pelos entrevistados em geral. Não apenas na seção da fundamentação teórica há reflexões sobre o tema, como também em algumas análises, ressaltando crenças e atitudes em relação às variedades das línguas, tanto as estrangeiras quanto a portuguesa, mesmo que esta última venha a ser a própria língua materna.

Um dos informantes declarou que o árabe fala pior e justificou dizendo que os usuários dessa língua gritam, provavelmente referindo-se aos sons guturais que surtiriam aos ouvidos do entrevistado tal impressão.

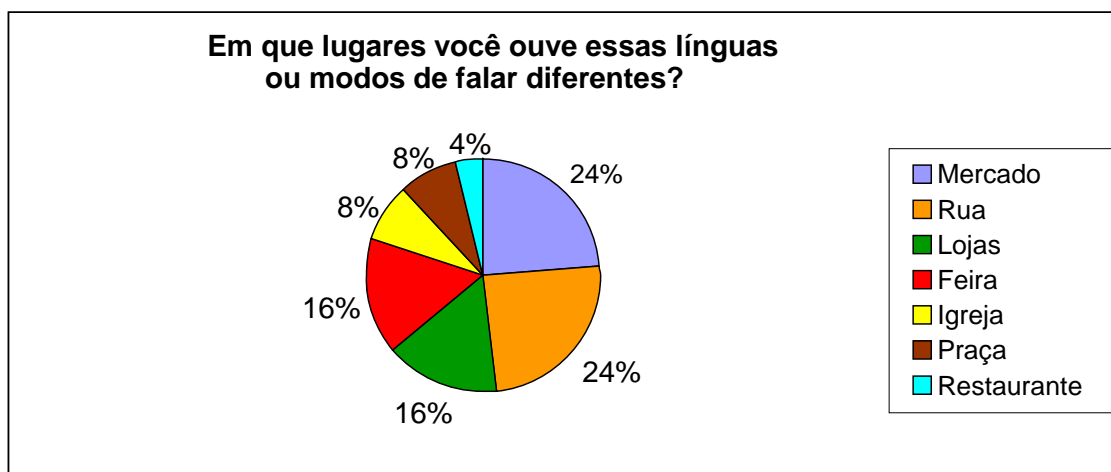
6.3 BLOCO DAS QUESTÕES 15 A 20

Neste terceiro bloco, que abrange as questões de 15 a 20, será verificado o uso local de línguas e o comportamento linguístico de seus usuários.

Com referência à pergunta 15, “Em que lugares você ouve essa(s) língua(s) ou modo(s) de falar diferente(s)?”, os quatro locais mais citados foram: mercado e rua, cada local

com seis indicações (24%), e loja/comércio e feira, cada qual com quatro citações (16%). Os locais igreja e praça receberam, respectivamente, duas citações (8%), e, finalmente, o local menos indicado onde se ouvem línguas estrangeiras foi restaurante, com apenas uma citação (5%).

Gráfico 45 – Locais em que se ouvem línguas diferentes do português em Guaíra



Os excertos a seguir exemplificam as respostas a essa pergunta:

INF.- Tem também na praça. Na praça tem. Na pracinha (inint.). (Inf. 2)

INF.- É no supermercado, né, numa loja, aqui mesmo (inint.), e... na rua, assim, onde, né, a gente passa eles estão as vezes uma cliente na calçada conversando... (Inf. 4)

INF.- Na cidade a gente vê muito, assim, em igreja que você vai, que você participa, você vê vários tipo de pessoas pronunciando diferente. Dentro das igreja tem vários tipo de... de pessoa de... de nacionalidade, né, então é... dá muita diferença. (Inf. 5)

INF.- Aqui em Guaíra, na... na cidade toda... aqui em Guaíra a popula... a colônia paraguaia é bastante grande, né, então, se você vai na colônia paraguaia, numa família paraguaia, eles estão falando castelhano né, paraguaio, e então... Vai lá, ali... na colônia indígena, eles falam guarani... então a gente vê toda as línguas, por ser fronteira... (Inf. 9)

INF.- [...] na rua e na feira é que mais tem. Na feira tem bastante paraguaio... [...] Ah, na rua. Aqui mesmo na loja vem muita gente fazer com... comprar as coisas, ficam perguntando uma coisa, eu até... descobrir o que que eles querem... (Inf. 10)

INQ.- Em que lugares o senhor ouve essas línguas diferentes? O senhor ouve o guarani onde?

INF.- É, ne... nessa região fronteira aí com o Paraguai, né. [...] porque na capital é... Assunção, cidades maiores como Ciudad del Este, Pedro Juan Caballero, é... é onde que a juventude... povoado mais pro jovem, né, então se fala menos. Mas aqui no interior, na nossa fronteira, Paraguai com Brasil é... a gente percebe que tem pessoa mais idosa, né, é... onde se concentra essa faixa etária, é onde se vê falar mais, viu.

INQ.- [...] E aqui na cidade? Japonês?

INF.- Japonês assim, se pode se ver, porque nós temos a feira... feira aqui todo sábado, e os japoneses trabalham, eles fazem a feira, né. Então, a gente percebe um grupinho entre eles falando em japonês, se fala bem. Japonês se fala bem [...]. (Inf. 11)

INF.- No meu próprio estabelecimento, restaurante.

INQ.- É mesmo?

INF.- (Inint.) senta japonês, só fala em japonês. Tanto os árabes vão falar em árabe, tanto em alemão. Hoje mesmo, ali no almoço, tinha dois rapazes falando em guarani ali, ninguém entendia nada, todo mundo ficava olhando pra eles. (Inf. 15)

INF.- Eu acho assim que... você ouve na rua, às vezes você tá andando na rua e você ouve, né, e na feira, na... na... tem feira aqui é... do produtor no sábado e na quarta-feira. Na quarta-feira à noite, então... é uma mistura mesmo, sabe. É uma mistura. E... é, no mercado, esses lugares que a gente ouve. Na escola, a gente não ouve tanto, porque é uma minoria, né, é um ou outro, tal, né. Então não é tanto, mais é na rua, no mercado e na feira. (Inf. 18)

A percepção geral dos informantes é de que a língua japonesa pode ser ouvida mais na feira (realizada às quartas-feiras), e o paraguaio, o castelhano e o alemão são ouvidos mais na rua e no comércio. O informante 15 declara que é possível encontrar em seu restaurante grupos étnicos que falam entre si suas línguas (japoneses, árabes, alemães, Guarani⁴⁵).

A informante 18 reforça, ainda, que na escola ouve-se muito pouco as línguas de herança, indicativo de que a língua nacional (português) deve prevalecer em ambientes oficiais, formais, e a língua de herança fica restrita aos ambientes e momentos de informalidade.

A resposta do informante 11, apontando que o espanhol é preferido e mais utilizado pelos jovens, leva a crer que instituições como escola, comércio, clubes, etc. são promotoras dessa língua, relegando o guarani aos ambientes mais familiares. Essa fala, de certo modo, corrobora alguns resultados desta pesquisa, que mostram que o guarani é uma língua de menor prestígio, já que foi citado por alguns informantes com conotações negativas.

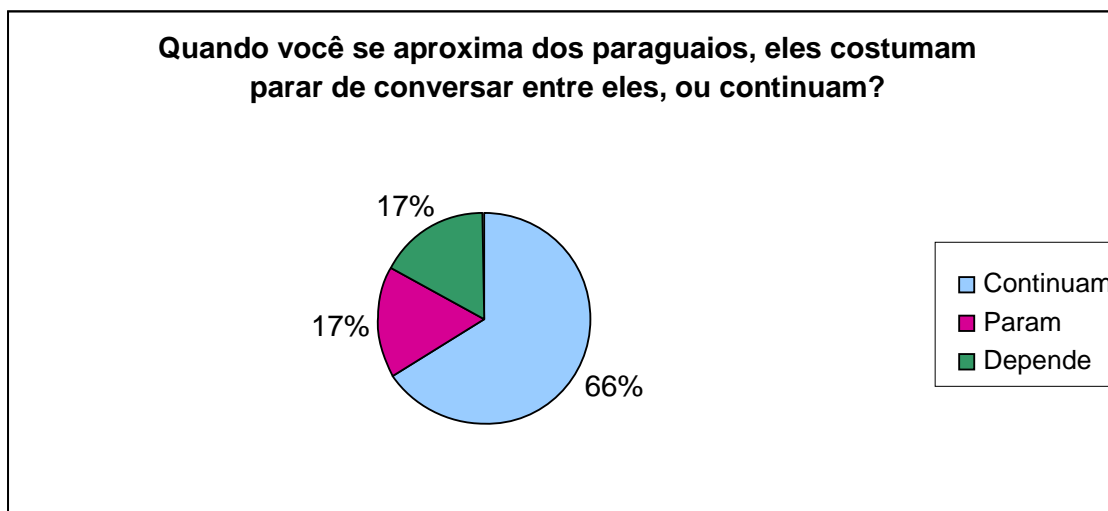
Em resposta a outra pergunta do questionário, a entrevistada 18, professora, menciona o fato de que até pouco tempo as escolas no Paraguai não incluíam o guarani em seus currículos escolares, ponto citado por Grosjean (1982) ao informar que a escola, assim como outras esferas da sociedade, consideram o guarani uma baixa variedade, e o espanhol goza de seus direitos como a língua de *status* oficial. É importante lembrar que o estudo de Grosjean é de 1982, anterior, portanto, à cooficialização do guarani, que ocorreu em 1992. Entretanto, a introdução do ensino do guarani nas escolas, como resultado de seu *status* de língua cooficial, ainda não parece ter se convertido em um fator de prestígio da variedade (ao menos, não ao mesmo nível do castelhano).

Na questão 16, “Quando você se aproxima dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?”, doze informantes (66%) afirmaram que os paraguaios

⁴⁵ Nesta tese, usa-se o termo ‘Guarani’ em iniciais maiúsculas e sem a forma plural quando fizer referência ao nome da etnia, conforme o uso consagrado entre muitos antropólogos.

continuam a falar e três (17%) disseram que param de falar. Os demais três (17%) deram outras respostas.

Gráfico 46 – Interação dos guairenses com falantes paraguaios



Exemplifica-se, a seguir, com excertos das entrevistas:

INF.- Não, eles conversa, geralmente a gente tá nas loja, eles, entre eles lá, eles enrola a língua lá, acho que até pros preço da mercadoria, né, alguma coisa, né, pra gente não desconfiar que eles tão falando. (Inf. 6)

INF.- Não, às vezes eles param, quando não querem que a gente entenda, né, porque eles sabem que a gente na fronteira entende bastante, e começam falar em guarani daí, aí eu dou bronca neles, “hei, vamos falar em castelhano que eu entendo, guarani eu não entendo nada” (risos). Então é interessante por causa disso. (Inf. 9)

INF.- Aqui, até quando a gente percebe esses mais antigo do Paraguai, quando eles... eles não querem que a gente... é... saiba o que eles tão falando, eles mudam do espanhol pro... pro... pro... pro guarani, porque eles sabem que é difícil a gente entender o guarani [...]. (Inf. 11)

INF.- Não, nunca pararam, nunca reparei isso. Na loja, nunca reparei, até porque tento me esforçar, poder juntar algumas palavras assim. Eu sempre procuro falar junto, mesmo que eu fale errado, mas pra mim poder praticar. Até porque eu tô fazendo curso, né, então é uma forma até de... de praticar isso, né, então, eu nunca vi.

INQ.- E quando você se aproxima de um grupo falando em guarani, eles costumam parar, ou eles continuam?

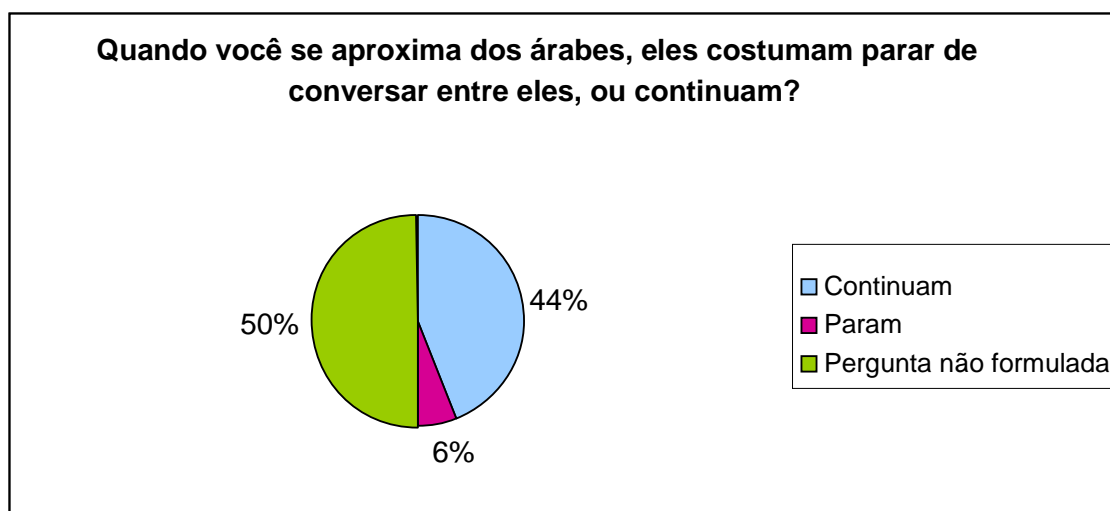
INF.- Não, continua, isso que me dá raiva. Eu... aí que tá... aí que entra aquela história: “será que tá falando mal? Que será que tá falando?”, que é algo pra não poder entender mesmo. Mas não, nunca pararam, não [...]. (Inf. 14)

Destaca-se a resposta do informante 11, que comentou que o espanhol é substituído pelo guarani quando há algo mais confidencial a ser comentado e os usuários não querem partilhar a conversa com “outros”, ou seja, com indivíduos fora desse grupo, o que acontece, principalmente com as pessoas de mais idade, “esses mais antigo do Paraguai”.

A resposta do informante 11 corrobora outras respostas a diversas questões deste trabalho, mostrando que o guarani parece ser mais de agrado e uso entre os mais idosos, embora já tenha sido introduzido nas escolas, e a esses pode parecer natural e até inconsciente acionar essa língua, até porque podem sentir-se mais seguros quanto a compartilhar certos costumes, conhecimentos populares, que seriam mais bem expressos na língua guarani. Essa variedade, conforme mostram algumas entrevistas, assume uma face deveras familiar, ou até sigilosa, podendo, apenas, ser compartilhada pelo grupo seletivo, diferente do espanhol/castelhano, que transita como se fosse uma língua franca, disponível ao público.

Na questão 17, “Quando você se aproxima dos árabes, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?”, oito entrevistados (44%) informaram que os árabes continuam a falar, apenas um (6%) afirmou que param, e a nove entrevistados (50%) não foi formulada a pergunta.

Gráfico 47 – Interação dos guairenses com falantes de origem árabe



Alguns excertos são apresentados como exemplo:

INF.- Não, eles... eles continua. A linguagem que mais pára é o alemão e o guarani (inint.), eles pára um pouco, talvez pensa que a gente entende, mas eu acredito que não é todos que entende não. (Inf. 3)

INQ.- Então isso [uso do idioma estrangeiro para falar entre si no grupo em presença do brasileiro] poderia acontecer com argentinos, com italianos, com alemães?

INF.- Sim. Eu acredito que isso aí não seja... seja quase uma regra geral, seja uma alternativa de privacidade entre pessoas que falam o mesmo idioma pra... né, se bem que é meio perigoso, porque a gente nunca sabe se o outro entende. É deselegante, né? (Inf. 17)

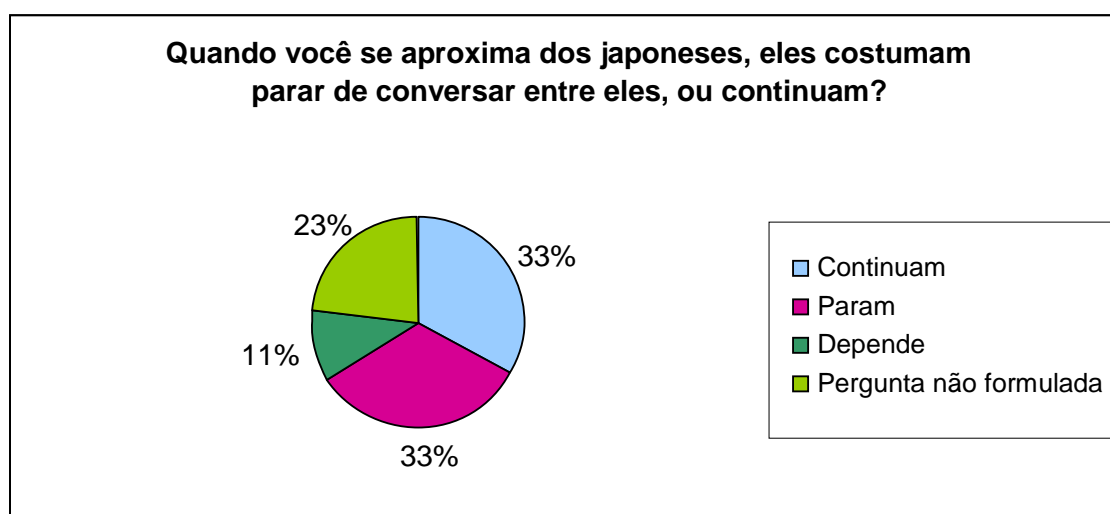
O informante 17 acredita que tal situação, ou seja, o uso de uma língua estrangeira para falar entre o grupo, na presença de pessoas que não entendem determinado idioma, poderia acontecer com pessoas de qualquer etnia/origem como “uma alternativa de privacidade entre pessoas que falam o mesmo idioma”. Embora o entrevistado tenha esse ponto de vista, destaca um ponto importante que, conforme ele, poderia criar uma situação desconfortável: “porque a gente nunca sabe se o outro entende. É deselegante, né?”

A entrevistada 14, ao ser questionada sobre como se comportaria se estivesse em tal situação (estar num grupo de falantes de sua língua materna quando se aproxima um falante de outra língua), comenta: “Eu acho que a gente falaria em português entre nós e talvez com ele a gente tentaria falar a língua dele. Mas acho que entre nós, a gente não mudaria”. Isso mostra que, ao estarmos em grupos de falantes da mesma língua, mesmo que num país distante da terra natal, seria natural aflorar a língua que tivéssemos em comum. Muitas vezes, a língua desconhecida ao outro preserva seu falante de prováveis conflitos e embaraços, quando se aborda algum tema sigiloso ou considerado não apropriado.

Na questão 18, “Quando você se aproxima dos japoneses, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?”, seis informantes (33%) disseram que os japoneses continuam a falar e seis (33%) disseram que eles param de conversar em japonês quando se deparam com pessoas que não sabem o idioma. Dois informantes (11%) deram outras respostas e a quatro entrevistados (23%) não foi formulada a pergunta.

O gráfico 48 ilustra esses resultados:

Gráfico 48 – Interação dos guairenses com falantes de origem japonesa



A seguir, apresentam-se as respostas mais relevantes:

INF.- Ah, o japonês é... acho que ele é mei... meio fechado também, né, porque um dia eu tava andando na rua, tinha dois japonês, um japonês e uma japonesa conversando, né, daí eu passei, [...] tava “cuá cuá cuá”, conversando, né, daqui a pouco, parecia que tava brigando. Quando eu passei eles tava quieto, daqui a pouco eles andaram um pouquinho, começou de novo. (Inf. 1)

INF.- Não, eles são mais, assim, mais educado, eles... eles param, quando a gente se aproxima, eles param de falar. (Inf. 11)

INF.- É, o japonês, na verdade, ele é um pouco mais... cauteloso, né, ele interrompe e deixa pra terminar em outra ocasião. (Inf. 13)

INF.- Param. Japonês geralmente é mais... é mais... seguro, né.

INQ.- Ah, mais fechado.

INF.- Mais fechadão. (Inf. 15)

INF.- Eles param, param. Esses daí (inint.), é incrível, mas eles param. Eles fala bem enrolado porque tem uns que não consegue falar o português até hoje, né. Aqui em Guaíra, ainda tem muito. (Inf. 16)

INF.- Não, às vez a gente tá na barraca da feira, e tipo assim, a dona é japonesa da barraca, tem uma japonesa conversando com ela, chega outra freguesa, elas não param, elas continuam. (Inf. 18)

Dos entrevistados, ao serem inquiridos sobre a questão se continuam ou não sua conversa em japonês, seis informantes reportaram-se ao povo japonês como “mais educado”, “cauteloso”, “mais seguro” e “mais fechadão”, o que remete à opinião sobre a língua mais bonita (conforme se verá na análise da questão 23), em que os informantes usam expressões como “língua mais suave”.

Em contrapartida, há, na mesma proporção, informantes que disseram que os japoneses continuam a fazer uso do seu idioma ao estarem na presença de outros que não o entendem, principalmente em ambientes como na feira, local de encontro das diferentes etnias. Interessante observar que o uso da língua japonesa parece não chocar tanto o guairense como acontece com relação ao paraguaio ao utilizar o guarani. Talvez seja uma conclusão um tanto precipitada; no entanto, é o que salta aos olhos ao nos depararmos com as falas registradas nestas entrevistas.

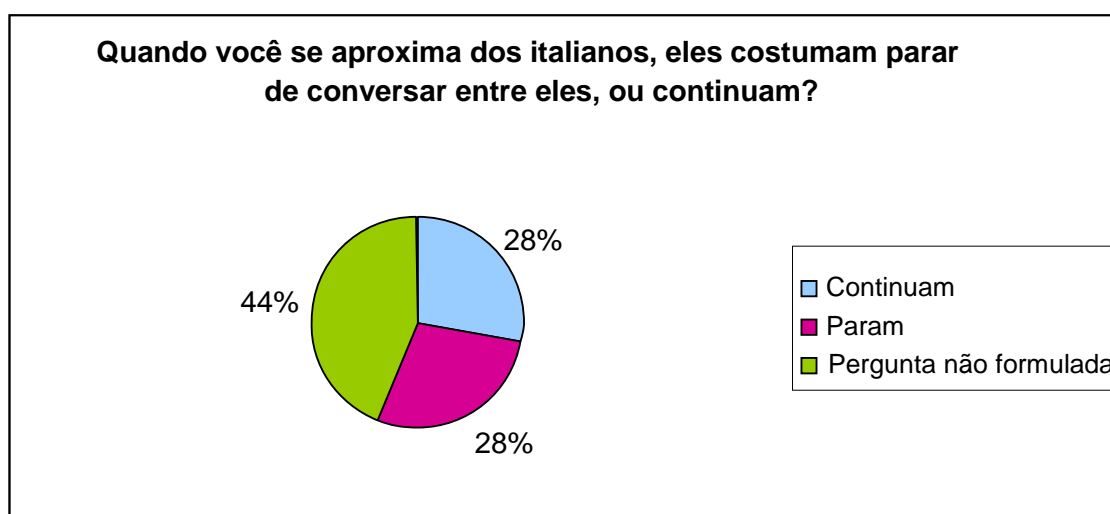
O informante 1, ao se reportar à conversa entre japoneses, utiliza a expressão “meio fechado”, e o informante 15 utiliza “fechadão”, enfatizando o atributo que, aos olhos dos informantes, parecer ser uma avaliação positiva, denominando os japoneses como povo discreto e sensível aos sentimentos dos outros.

O informante 16 comentou também que ainda há muitos japoneses em Guaíra que falam “bem enrolado porque tem uns que não consegue falar o português até hoje”. O entrevistado surpreende-se com a atitude dos japoneses que param de conversar entre si, o que parece um sinal de respeito aos outros que não entendem a língua estrangeira.

Na questão 19, “Quando você se aproxima dos italianos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?”, cinco informantes (28%) declararam que os italianos continuam a falar entre si e cinco (28%) falaram que eles param de falar em italiano ao se aproximar alguém que não compartilha dessa língua. Não foi formulada a questão para oito informantes (44%).

Veja-se o gráfico a seguir, em que esses resultados estão representados:

Gráfico 49 – Interação dos guairenses com falantes de origem italiana



A seguir, apresentam-se alguns excertos das respostas a essa questão:

INF.- Ah, tem algumas pessoa que pararia, né. Mesma coisa que se eu tiver em outro país e eu e você conversando aqui, outras pessoas ouvir nós conversando em brasileiro assim, vão ficar se oiando, encarando, né, certeza que nós ia parar, né. (Inf. 1)

INF.- Não, o italiano não para, não, não. O italiano já fala. (Inf. 3)

INF.- Eles são mais invocados, eles, assim, não conversa, assim, não muito tempo. Eles conversa muito pouco. Eles são bem educado, quando chega outra pessoa, eles já param de conversar logo. Eles são bem diferente. (Inf. 6)

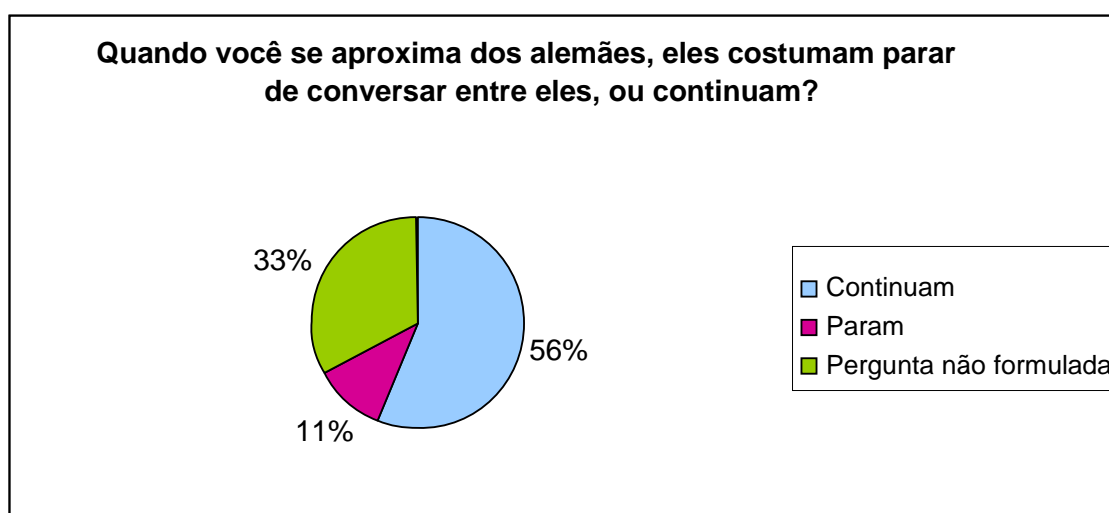
Os informantes 1 e 3 concordam que o italiano continua a falar seu idioma, embora o último entrevistado pareça referir-se mais às características da personalidade dos italianos, conhecidos como um povo falante, ou que gostam de falar, o que já escapa um pouco do foco da pergunta. A entrevistada 6 (esta informante, assim como os informantes 1 e 3, possuem nível fundamental de escolarização) comenta sobre a educação dos italianos, pois, segundo ela, param de conversar entre eles ao se aproximarem terceiros que não entendem o italiano.

Vale lembrar o que o informante 17 falou, de forma genérica, sobre esse assunto, na resposta que já foi citada na questão sobre o comportamento dos árabes, ou seja, que falar na língua de origem seria “quase uma regra geral”, “uma alternativa de privacidade entre pessoas que falam o mesmo idioma”, mas ressaltando que “é meio perigoso, porque a gente nunca sabe se o outro entende. É deselegante”.

De fato, tanto pode ser desagradável aos que não entendem o idioma como pode ser colocado sob outro olhar: por exemplo, as pessoas que comungam da mesma língua talvez tenham o anseio de desenvolver, praticar o idioma dos seus antepassados, de parentes que estão distantes. Sem contar que essa escolha diz respeito a experiências únicas e que não se referem, unicamente, à língua, e sim a todas as lembranças de cheiros de comida, da infância vivida livremente em meio aos folgedos, das pessoas que já não estão entre eles, mas que fazem parte da sua formação como indivíduo.

Na questão 20, “Quando você se aproxima dos alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?”, dez informantes (56%) responderam que os alemães continuam a falar no mesmo idioma e dois (11%) disseram que eles param de falar em alemão ao se aproximar alguém que não compartilha da mesma língua. Não foi formulada a questão a seis informantes (33%).

Gráfico 50 – Interação dos guairenses com falantes de origem alemã



Apresentam-se exemplos das respostas, a seguir:

INF.- [...] A linguagem que mais para é o alemão e o guarani (inint.), eles para um pouco, talvez pensa que a gente entende, mas eu acredito que não é todos que entende não. (Inf. 3)

INF.- Os alemão não, eles podem tá falando lá, né, eles continua até terminar. Cê pode tá ali, eles fala o que tem que falar. Geralmente quando a gente chega, que as pessoa tá falando assim, né, a gente nem entra, que a educação fica por ali, cumprimenta a dona da casa. Que nem a minha vizinha, cumprimentei ela, e daí o marido dela conversando com o pai dele, tudo um rolo só, cê não entendia. (Inf. 6)

INF.- Não, eles continuam, embora se o assunto é com a gente ou a gente procura conversar com eles, daí eles falam português com a gente, né, mas eles não... eles mudam o tom e falam português com a gente... (Inf. 9)

INF.- Você não vai entender nada que eles tão falando, né, e alemão, geralmente eles são mais assim... não são assim tão amável igual outros, né, são mais sério. Então você tem que passar direto. Não vai chegar ali (risos), dá meia volta. (Inf. 16)

Dos dezoito entrevistados, mais da metade respondeu que os alemães continuam a falar em seu idioma, sem se importarem com aqueles que não o entendem. Os informantes 6 e 16 retratam uma imagem nada simpática dos alemães e atribuem uma avaliação negativa à indiferença mostrada às pessoas que estão em volta e que não compartilham da língua alemã. Já os informantes 3 e 9 mencionaram o oposto, dizendo que os alemães param de conversar em alemão e se dirigem aos demais em português, embora o informante 3 pareça acreditar que tanto os alemães como os que falam guarani parem de falar não por serem polidos, mas para preservar ou manter certo sigilo sobre o tema da conversa de modo que outros não os entendam.

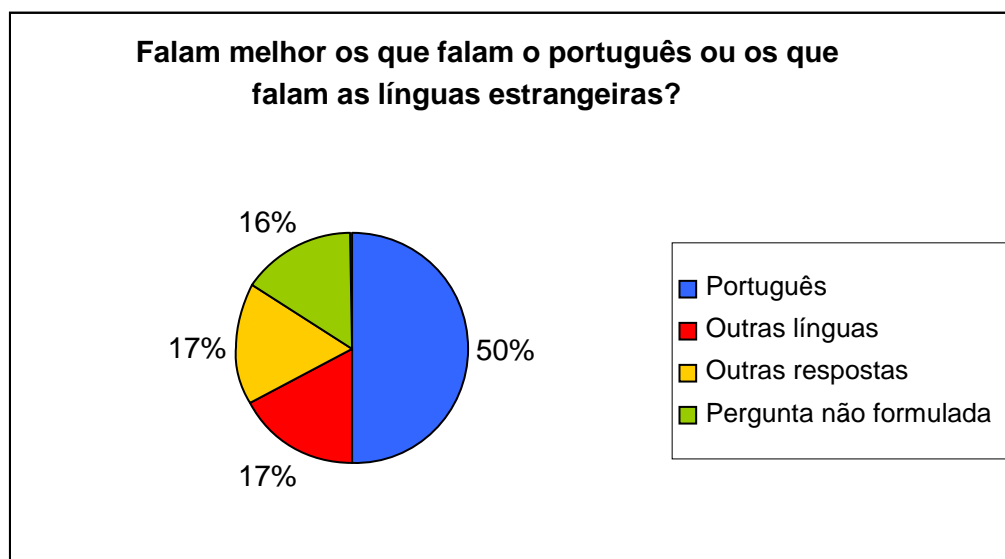
O informante 17, como já ocorreu em questões anteriores, não radicalizou sua posição e procurou manter uma posição equilibrada, ponderada quanto ao respeito à diversidade das línguas, mas, ao mesmo tempo, é favorável a manter a “política de boa vizinhança”, evitando possíveis situações embaraçosas ao se fazer uso de uma língua que não seja compartilhada pelo grupo todo.

6.4 BLOCO DAS QUESTÕES 21 A 25

Neste quarto bloco, que abrange as questões de 21 a 25, são verificadas as conotações, os juízos de valor (língua feia/mal falada ou bonita/bem falada), que os informantes atribuem ao uso local das línguas da comunidade de Guaíra.

Em relação à questão 21, “Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?”, nove informantes (50%) declararam que os que falam português falam melhor, três (17%) mencionaram que melhor faladas seriam as línguas diferentes do português, três (17%) deram outras respostas, e a três informantes (16%) não foi formulada a pergunta.

Gráfico 51 – Observações dos informantes guairenses quanto às línguas mais bem faladas



É preciso lembrar que perguntas sobre quem fala melhor ou quem fala pior já foram analisadas no item 6.2 (referente às questões 5 a 14). No entanto, aquelas perguntas não solicitavam uma comparação das línguas estrangeiras, em conjunto, com o português, como ocorre na pergunta analisada neste bloco, embora alguns falantes tenham mencionado o português em suas respostas. Nas respostas a essa pergunta, os informantes interpretaram “falar melhor” como falar “mais devagar”, “correto” ou “incorreto”, “compreensível” ou “legível”.

Vejam-se dois exemplos de quem respondeu que fala melhor quem fala o português:

INF.- Ah, eu acho que o português, por nós morarmos aqui e ter a língua oficial nossa, eu acho que falamos melhor, né, porque eles também têm um monte de palavras confusas, aí... então, por mais que a gente entenda... a gente sabe o castelhano, então a gente entende eles, mas eu acho que o português é melhor falado, sempre, né. (Inf. 9)

INF.- Mas eu... (risos), eu quero acreditar que nós falamos melhor... mas eu não sei, eu acho que a língua portuguesa muito mais comp... a gramática portuguesa, acho ela muito mais complexa que qualquer outra língua, entendeu? Por exemplo, o inglês o... a... o... a gramática do inglês eu não acho que seja tão difícil quanto a gramática do... do português. Eu acho que a nossa gramática, ela é muito mais complexa, né. Se a gente falar dez por cento dela já tava bom, né, ia falar bonitinho. (Inf. 14)

Embora a informante 14 (entre 18 e 30 anos e com nível de ensino superior) tenha respondido que os usuários do português falam melhor, avalia que “a gramática portuguesa [...] é muito mais complexa” que a de outras línguas, revelando uma crença generalizada entre os próprios falantes de que o português é difícil.

O entrevistado 17, a seguir, da faixa etária entre 51 e 70 anos, com nível superior, não demonstra nenhuma atitude de enaltecer e nem tampouco subestimar sua própria ou outra língua, mas ressalta pontos que considera importantes nos modos de falar de qualquer língua, como “falar devagar”, “falar corretamente”, “montar frases corretas”, e denuncia a falta de leitura como causa do “falar mal” o português. Esse informante mostra que se importa muito com questões provavelmente cotidianas para ele, pois, como professor, depara-se com situações semelhantes, e expressa sua incredulidade com relação ao fato de que, ao mesmo tempo em que há um domínio do “mundo no computador” pelos alunos, detecta-se enorme dificuldade por parte deles em expressar suas próprias ideias.

INF.- Eu... se for comparar um pessoal do Salto, quando eles falam o espanhol, eu quero crer que eles montam as frases corretas, né. Se falarem devagar, a gente entende, até com uma certa facilidade, se falarem muito rápido, fica difícil, isso é uma questão de tempo, até a gente acostumar o ouvido, né? Eu acho que língua tem a ver com ouvido, né, o resto é só fricote, né. O ouvido que manda tudo. Aqui na nossa região... também tem pessoa que falam corretamente. Agora não sei se está na base da pesquisa, mas eu... eu, como professor, sinto um problema muito grande dos alunos terem a facilidade de consultar o mundo no computador, dar um *control del*, etecétera e tal, e a dificuldade enorme de se expressar com suas próprias palavras. Isso é uma deficiência de leitura. Então, as pessoas que leem pouco, às vezes falam de certa forma mal, né? (Inf. 17)

A entrevistada 18, também da terceira faixa etária e com formação superior, analisou a questão sob a ótica da “cultura” (no sentido de pessoa culta, letrada), sem especificar nenhum povo em particular:

INF.- Aquilo que eu falei pra você, vai de cada uma das pessoas, do nível de cultura. Se você pegar um brasileiro com nível superior, e um alemão que não tem estudo, é óbvio que o... o brasileiro vai falar melhor, certo? Isso vai depender de cada pessoa, do nível de cultura dela. (Inf. 18)

Os informantes 3 e 7, a seguir, responderam que falam melhor os que falam línguas estrangeiras, mas não apresentaram justificativas muito claras. O primeiro mencionou que o “nosso português” possui “muito apelido” e as outras línguas, “mais dialeto”, não dando mais pistas que servissem para interpretar as expressões citadas.

INF.- Olha, o nosso português tem muito apelido, né, e as outras língua mais dialeto.

INQ.- Aí o senhor acha que quem que acabaria falando melhor?

INF.- Ah, eu acredito que o... o espanhol, o inglês, acho que fala mais certo.

INQ.- Do que quem fala o português?

INF.- O português. O português muitas palavra eles... eles complementa com outras palavra igual.

INQ.- Entendi.

INF.- O significado é um só, mas muda muito, né. (Inf. 3)

INF.- Bom, que falam alemão, eles são alemães, né, então eles vão saber a língua deles, né, só que acho que falam melhor que nós.

INQ.- Por que você acha isso?

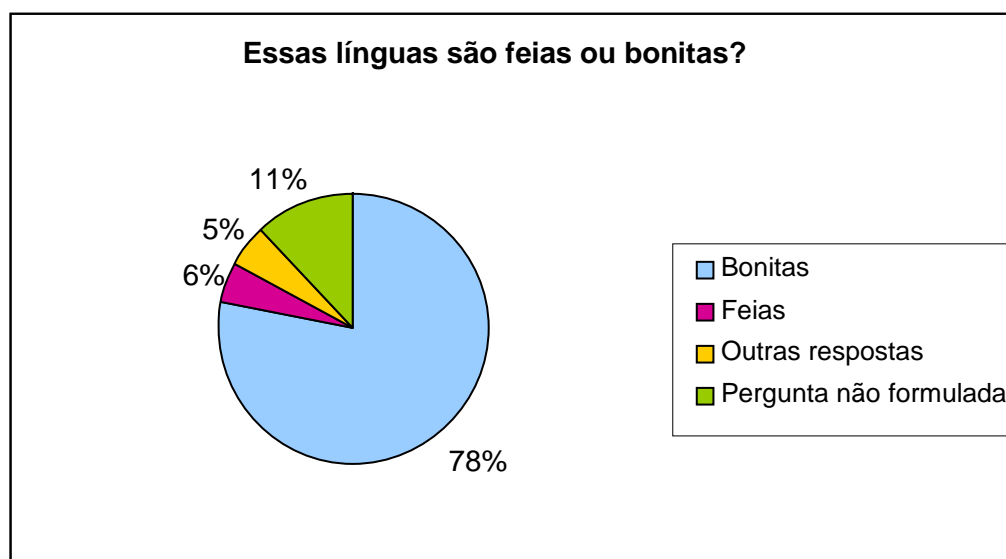
INF.- Pelo mesmo que falei dos paraguaios, os... os da cultura europeia tá um pouco mais... bem mais avançada que a nossa, é... então eles tem o costume mais de lê, de... de aprendê, de se estru... de se estruturar melhor para vida. (Inf. 7)

Talvez fosse possível deduzir pelo contexto da resposta que o informante 3 esteja se referindo a expressões regionais específicas de um local, as quais, segundo ele, não se enquadrariam em um discurso mais formal, ou seja, seriam usadas no âmbito familiar, perdendo, então, seu *status* de língua bem falada. Interessante notar que ao termo dialeto, mencionado pelo informante, não foi atribuído nenhum valor depreciativo, como tantas vezes demonstrado por informantes considerados nesta tese.

O informante 7 compartilha, em parte, a opinião do informante 3, no sentido de que os europeus fariam melhor, justificando que possuem “cultura mais avançada que a nossa”, cultivam hábitos de leitura e, assim, estariam se preparando melhor para a vida.

Em relação à questão 22, “Essas línguas são feias ou bonitas?”, catorze informantes (78%) responderam que essas línguas (diferentes de português) são bonitas e apenas um (6%) manifestou opinião contrária, e dois (11%) deram outras respostas. A um entrevistado (5%) não foi formulada a pergunta.

Gráfico 52 – Avaliação das línguas estrangeiras em geral pelos informantes guairenses



A seguir, apresentam-se alguns excertos das entrevistas.

INF.- Eu prefiro mais o português.

INQ.- Você prefere mais...?

INF.- Ma... ma... mais língua portuguesa, da língua, outras língua é mais esquisita.

[...]

INF.- [...] é porque a gente não conhece as língua também, né. Eu que era pra ter estudado mais, cabeção, não... não estudou mais. (Inf. 1)

INF.- Olha, pra mim... não tem nada feio, eu acho tudo bonito, só que pra mim entender é mais difícil. (Inf. 3)

INF.- Eu acho bonito. O... eu acho muito bonito o... o inglês e o espanhol, bem falado, eu acho muito bonito. (Inf. 5)

INF.- Olha, eu não acho feia, não acho. Eu não acho feia nem o castelhano, eu não acho feia nem a língua alemão, alemão, né, alemoa, o alemão, e não acho feio o italiano também, só que pra mim, a minha eu acho a mais bonita, o português. (Inf. 6)

INF.- Eu acho lindo o castelhano, eu acho maravilhoso o castelhano. Embora eu não entenda o guarani, mas acho também é uma língua bonita, né, mas eu acho feia porque não entendo (risos). Mas o castelhano eu adoro, o castelhano... o espanhol é sensacional, eu gosto dele. (Inf. 9)

INF.- Ah, por ser diferentes, eu acho bonito, né. Diferente do português, eu acho bonito. (Inf. 10)

INF.- Olha, eu acho que o guarani, pra quem escuta... é... parece ser mais bonita, né, apesar que é a maneira deles... deles acentuarem ela... nós temo, por exemplo, “Itaipu”, é guarani, né, quer dizer em guarani, eles usam com poucas letras, eles... eles... eles consegue... é... completar o raciocínio deles com poucas letras. “Itaipu” em guarani quer dizer “a pedra que canta”, né, “a pedra que canta”. Então, eles tinham que olhar a pedra que canta, Itaipu. (Inf. 11)

INF.- Ah, eu acho que todas elas têm o seu... o seu charme, né... né, mas como você vai falar com um alemão que a língua dele... ele vai..., claro que ele vai defender a língua dele, ele vai falar que a língua dele é a melhor, a mais bonita. (Inf. 14)

Por parte da maioria dos entrevistados, aproximadamente 80%, as línguas diferentes de português são consideradas bonitas, razão pela qual é possível afirmar que a população da cidade de Guaíra não estranha essa multiplicidade de línguas que, desde o início da colonização, tem sido a marca da localidade, que recebeu uma contingência bastante diversificada de etnias, como descrito na seção 3 desta tese, dedicada à descrição das localidades dos entrevistados.

O castelhano ou espanhol é apontado como “lindo”, “maravilhoso”, “sensacional”. Para a maioria dos entrevistados, o castelhano é mais fácil, acessível, mais compreensível do que o espanhol, pois, algumas vezes, referem-se ao espanhol como sendo a língua proveniente da Espanha, carregando todo um conjunto de normas às quais os habitantes de Guaíra não estão tão habituados. Já o castelhano lhes soa mais familiar e muitos guairenses disseram que o entendem bem e podem, por meio dele, comunicar-se com os paraguaios da fronteira.

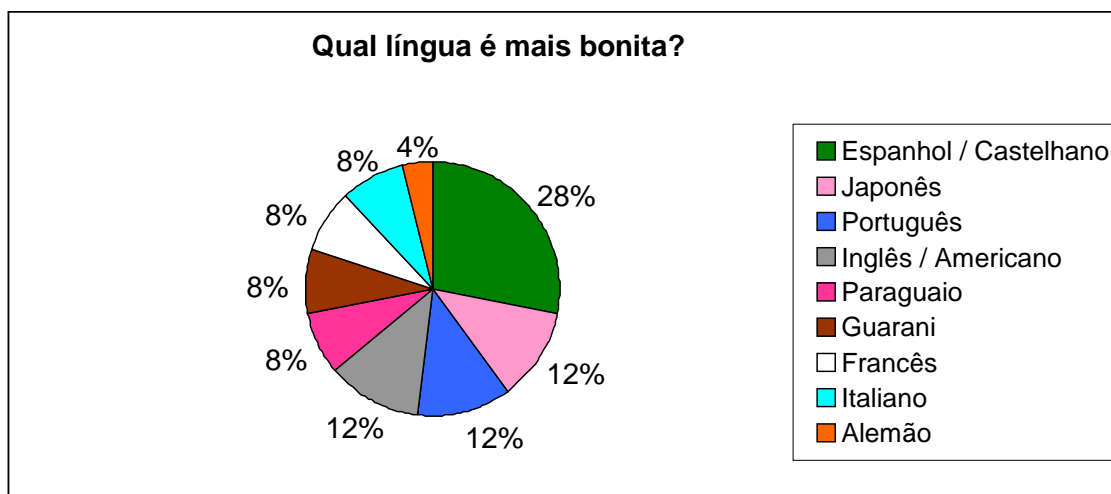
O informante 11 (da faixa etária 3, e com nível médio de escolaridade), que, na primeira questão, informou estar trabalhando no Paraguai há mais de trinta anos e falar “esse espanhol que se pratica na fronteira aí, um dialeto da região”, citou o guarani como uma língua bonita, fornecendo algum conhecimento sobre essa língua no nível lexical: “poucas

letras” ou palavras que possibilitam produzir frases com sentido completo, como exemplifica “Itaipu”, que em guarani quer dizer “a pedra que canta”.

O informante 1 disse que prefere o português, considerando as outras línguas esquisitas, e justifica com o fato de não conhecer nenhuma outra além do português, o que sugere que as línguas desconhecidas não despertam seu interesse e atenção. Já para outros entrevistados, o desconhecido, o diferente parece despertar curiosidade, e as línguas diferentes são apreciadas justamente pelo exótico. Para a entrevistada 14, por exemplo, “todas as línguas têm o seu charme”. Essa informante também acrescentou que há uma tendência de se considerar sempre a própria língua como a mais bonita, mostrando um sentimento de lealdade à sua identidade.

Em relação à questão 23, “Qual é a língua mais bonita?”, o espanhol/castelhano foi o mais apontado como língua mais bonita, recebendo sete menções (28%). O japonês, o português e o inglês/americano ficaram equiparados, sendo mencionados três vezes (12% cada) como as mais bonitas. As línguas paraguaia, italiana, francesa e guarani receberam duas menções cada (8%) e à língua alemã coube uma menção (4%). Esses resultados estão representados no gráfico a seguir:

Gráfico 53 – Avaliação dos informantes guairenses quanto às línguas mais bonitas



O informante 1 inicialmente se reportou à língua americana/inglês como sendo a mais bonita, enaltecendo as músicas nesse idioma. Ao ser retomada a pergunta pelo entrevistador, focalizando as línguas locais, o informante indicou a paraguaia, justificando a escolha por ser a única que conhecia. O inquiridor continuou elencando outras línguas, também faladas pelos

guaienses, permitindo, assim, ao informante lembrar-se das demais, o que resultou na escolha do japonês, justificada pela suavidade da língua.

INF.- Agora a... a língua americana acho bonita.

INQ.- Inglês?

INF.- É. É mais bonita. Até a música é mais bonita.

INQ.- E dessas línguas que são faladas aqui em Guaíra, qual você acha que seria a mais bonita?

INF.- Agora tá aqui perto, tem que ser o paraguaio, né. É a única língua que eu conheço aqui (risos).

INQ.- Não, mas você escuta um japonês conversando, um alemão conversando, um árabe conversando ou até o próprio guarani....

INF.- Ah, japonês.

[...]

INF.- Japonês. Porque a... porque a língua... a língua deles são mais suave, né, até na hora de falar, né. (Inf. 1)

Nesta questão, reaparece o impasse surgido na pergunta sobre quem fala melhor, ou seja, nem sempre é possível saber se a menção ao paraguaio faz referência ao guarani ou ao espanhol/castelhano, de modo que as referidas menções foram consideradas separadamente. No caso desta pergunta, apenas a informante 4 deixa clara essa referência, na retomada que faz em sua resposta:

INF.- Eu a... pra mim, eu acho mais bonita é o paraguaio, bem falado é a... é o pessoal do Paraguai.

(A propósito da retomada)

AUX.- A língua que você acha bonita, qual que é? Que você ouviu e diz: “essa língua é bonita”?

INF.- Ai, já passei e vi eles conversando, é a... o guarani, né. (Inf. 4)

Ainda com relação às variedades faladas pelos paraguaios, a informante 6 cita o castelhano, mas também menciona o espanhol, dando a entender que os considera como variedades diferentes (as respostas a essa questão contém uma parte ininteligível, e as perguntas do inquiridor em busca de uma elucidação são respondidas de uma forma não muito clara).

INF.- Ah, eu acho que fico ainda com o castelhano, sem contar que é espanhola que (inint.) é bonita, né.

Eu já ouvi alguém falando em espanhol.

INQ.- É diferente o espanhol e o castelhano?

INF.- Cê nunca ouviu?

INQ.- Não.

INF.- É bonita, eu achei bonita.

INQ.- É diferente?

INF.- É diferente, é bonita. (Inf. 6)

Outras respostas são exemplificadas a seguir:

INF.- Eu, particularmente, gosto mais do inglês.

INF.- Ah, eu a... a... a... eu vou pelo espanhol.

INQ.- O espanhol? Tem alguma razão?

INF.- Eu não sei se é por causa de... de eu ter convivido quinze ano no meio da... da... deles falando, eu sei lá, eu me apeguei bem o... o jeito de falar deles. É... acho bem legal. (Inf. 5)

INQ.- Do inglês?

INF.- É.

INQ.- Mas aqui não tem inglês?

INF.- Não, só o pessoal que faz cursinho, essas coisas assim, que fala.

INQ.- Mas então, dessas línguas que a gente falou, que são faladas aqui e que você tem algum contato que não é dentro da escola, tem alguma que você acha que é mais bonita?

INF.- O... o alemão. (Inf. 7)

INF.- Ah, eu acho o português mais bonito por ser a nossa língua, né, mas eu acho sensacional quando eu vejo um garotinho de cinco anos falando corretamente o espanhol, então, eu acho lindo... como é que a gente fala aqui? É maravilhoso, né, então eu acho legal o espanhol. (Inf. 9)

INF.- [...] Se fosse pra mim escolher... assim, talvez seria o espanhol, que eu acho bonito, e o francês, eu acho muito bonito. Acho que a língua mais bonita, acho que é o francês. Tem aquela coisa de falar assim meio..., né, essa coisa de biquinho. (Inf. 14)

INF.- Mais bonita de todas? Eu vou elencar duas: o espanhol, né, que eu acho que ele é poético, harmônico, né, e o francês. (Inf. 17)

Verifica-se que, tanto o informante 1 quanto o 7 mencionaram inicialmente o inglês, mesmo que não seja uma língua ouvida usualmente como as línguas ouvidas pelos residentes de Guaíra, pois, como informa o próprio entrevistado 7, “só o pessoal que faz cursinho, essas coisas assim, que fala”. Ao ser retomada e ampliada a pergunta sobre línguas locais e que são ouvidas fora de uma instituição de ensino formal, o entrevistado 7 indicou o alemão.

Os informantes 5, 14 e 17 escolheram o espanhol como a língua mais bonita, exaltando sua beleza com atributos como “poético” e “harmônico”. O entrevistado 9, ao mencionar o espanhol, atribuiu os adjetivos “sensacional / lindo / maravilhoso” a um falar considerado correto (do espanhol) de uma criança.

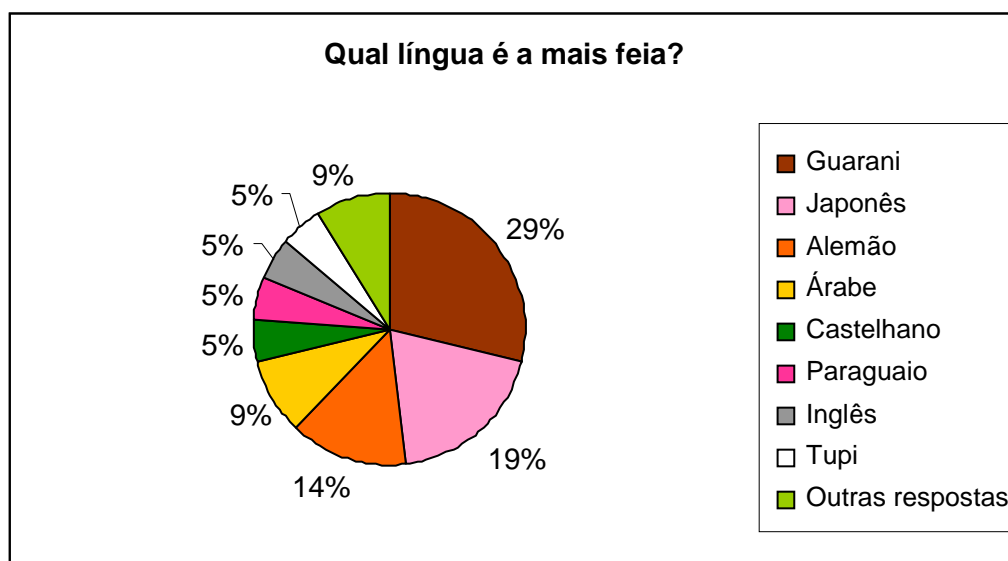
A atitude linguística, conforme Moreno Fernández (1998), representa a atitude social dos indivíduos, pois tanto pode referir-se à língua quanto ao seu uso na sociedade. López Morales (1993) contribui no sentido de pontuar que as crenças podem ser cognitivas e afetivas e, assim, as atitudes delas decorrentes serão positivas ou negativas. A partir desses estudos, pode-se colocar que o componente afetivo expressado pelo entrevistado ao mencionar o falar de uma criança em espanhol sensibilizou-o de veras, pois se surpreendeu com o fato de que, em tenra idade, já conseguia se expressar com clareza na língua que ele, como adulto, gostaria de falar. Tal comentário é de natureza intuitiva, ingênua, pois é sabido que a criança adquire sua língua materna, ou primeira língua, de forma bastante natural, durante o convívio com adultos que falem a língua, sem necessidade de instrução formal.

Quanto às línguas italiana, japonesa e francesa, elas também receberam avaliações positivas, como no caso do japonês, que é considerado pelo entrevistado 1 uma língua suave “até na hora de falar”, menção que reporta aos falantes dessa língua, por extensão, um povo amável, respeitoso. Nos estudos de Moreno Fernández (1998), a língua está sempre atrelada aos costumes, hábitos, cultura, enfim, a aspectos que podem identificar as etnias, portanto, considerada como fato social, fruto de atitudes e ações aprendidas e realizadas em uma comunidade.

Em relação à questão 24, “Qual é a língua mais feia?”, alguns informantes mencionaram mais de uma língua. Outros não responderam diretamente a pergunta e preferiram descrever a língua que mencionaram como sendo a língua mais difícil ou esquisita.

As línguas consideradas mais feias foram o guarani, o japonês, o alemão e o árabe (as porcentagens serão informadas ao longo da análise dessa questão). Os resultados estão representados no gráfico 54:

Gráfico 54 – Avaliação dos informantes guairenses quanto às línguas mais feias



Como se pôde observar, o guarani foi a língua mais citada, recebendo seis menções (aproximadamente 29% do total de menções), embora o informante 13 só tivesse citado essa língua como a mais feia em outra questão (retomada), como se vê a seguir:

INF.- Mais feia?
 INQ.- Das línguas faladas aqui?
 INF.- Ai, acho que o japonês é esquisito, viu (risos).
 [...]
 INQ.- Guarani, você teria interesse...?

INF.- Teria interesse, mas é como eu te disse, né, a postura facial, eles conversando, é muito estranho.
 INQ.- Você acha feio?
 INF.- Eu acho feio, esquisito. (Inf. 13)

Dois informantes se referiram ao guarani de forma bastante pejorativa:

INF.- É o guarani, né, que eu não entendo nada (risos). O guarani é terrível. (Inf. 9)

INF.- Ah, o guarani, pelo amor de Deus, eu não entendo nada, nã... nã... não entende nada que aquele povo fala [...]. (Inf. 18)

O japonês foi a segunda língua mais citada (incluindo, obviamente, a menção do informante 13, conforme visto anteriormente), totalizando quatro menções (19%). O informante 5, comparando o alemão com o japonês, escolheu esta como ainda mais feia (as duas menções foram consideradas para o gráfico).

INF.- O mais feio... as duas mais feia, que o... quer dizer, é o alemão e o japonês. É as duas mais...

INQ.- O senhor conseguiria escolher uma delas que o senhor acha mais...?

INF.- O japonês.

INQ.- Por quê?

INF.- Eu não sei, por... é que o jeito deles falar faz tudo... é a mesma coisa, eles começa a conversar, normalmente um padrão só, quase não muda o... (Inf. 5)

O informante 11 chegou a citar, num primeiro momento, o italiano, mas logo corrige, dizendo que se enganou, e aponta o alemão, língua que também foi citada por outros dois informantes (embora o informante 5, comparando o alemão com o japonês, tenha escolhido esta como ainda mais feia), totalizando, assim, três menções (cerca de 14%).

INF.- Ah, entre essas língua, entre castelhano e alemão, a mais, eu acho assim, a mais feia é a do alemão. Alemoa... eu acho feia, eu não sei porquê, eu acho que eu tenho um pouco de alemão também, mas eu não sei porquê eu peguei uma birra de alemão, porque eu fui casada e hoje em dia... foi uma mulher bem alemoa que casou com meu ex-marido [...]. (Inf.6)

INF.- A mais feia, acho que é o italiano, né.

INQ.- Italiano? Por que o senhor acha isso?

INF.- Tem algumas coisas que procur... interpretada pelo... pelo... pelo sotaque bra... português, né. “Itaipu”, aliás, o italiano ele tem algumas coisas que dá a impressão assim que são palavras feias, né. Por exemplo, “vaca”... não, alemão, alemão, é, alemão, eu tô confundindo. Alemão. O italiano nasceu (inint.) (risos). (Inf. 11)

O árabe recebeu duas menções (9%), mas apenas a informante 2 deu a razão por achar essa língua a mais feia: “Ah, ele [o árabe] fala meio gritando, sei lá”.

Outras línguas foram ainda mencionadas pelos informantes. O informante 4 cita primeiramente o inglês (que foi considerado para a construção do gráfico), e, na retomada

feita pelo inquiridor, diz que já achou uma língua feia, mas não lembra qual é. O informante 6 ficou entre o castelhano e o alemão, “preferindo” depois o alemão (mas o castelhano também foi incluído no gráfico). A língua paraguaia também foi citada, sendo incluída no gráfico separada de castelhano e guarani, pois não é possível saber a qual das variedades o informante se referia. O tupi foi citado pelo informante 8, sem maiores explicações, provavelmente se referindo ao guarani (de qualquer forma, a língua foi considerada dessa forma na construção do gráfico). Assim, essas quatro línguas receberam, cada uma, 5% do total de menções (correspondente a uma menção).

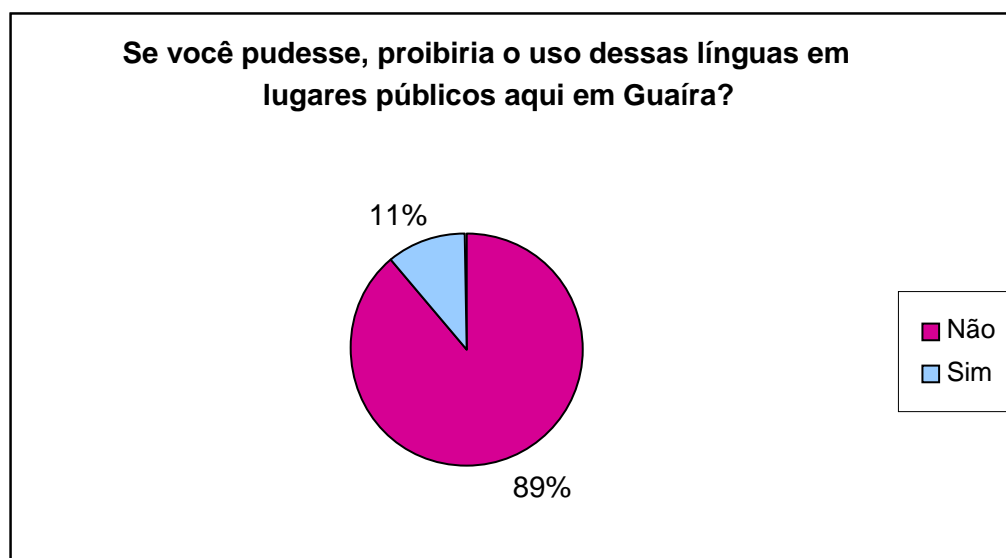
Outras duas respostas (9%) foram consideradas no gráfico como “outras respostas”:

INF.- Ah, dessas aí que você não entende nada, uma língua assim que não tem nada a ver com a gente, né. (Inf. 16)

INF.- A mais feia? Eu acho que não tem a mais feia. Feia é difícil de falar, né (risos). (Inf. 17)

Em relação à questão 25, “Se você pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Guaíra?”, dezesseis informantes (89%) disseram que não proibiriam o uso de línguas diferentes de português em Guaíra, e apenas dois (11%) responderam que proibiriam.

Gráfico 55 – Observação dos informantes guairenses quanto ao uso das línguas estrangeiras em locais públicos



Vejam-se alguns excertos das respostas dos que não proibiriam o uso das línguas diferentes de português em Guaíra:

INF.- Eu acho que não, porque cada um tem o... tem um tipo da língua deles, né. Até aqui no... no Brasil tem uns tipo de língua também, né, entre os índio, entre outros países aqui, né, uns povo... Acho que não, não proibia, não. (Inf.1)

INF.- Eu acho que não, porque isso aí num... na nossa... não... não... eu acho que não prejudica a nossa cultura, até... até porque nós somos aqui... o Brasil faz limite com... todos os países que nós fazemos limites são espanhóis, né, descendente dos espanhóis. [...] (Inf. 11)

INF.- Ah, isso não existe. Porque não, não tem como, até uma... acho que até seria uma invasão de privacidade. Não tem... o que eu acho talvez que eu não... que eu não concordaria é você morar num país como o Brasil e você vê esses *lay outs* escritos em inglês. [...] Pode ver, você pode ver muita letrinha assim: *off*, tudo em *off*...[...] (Inf. 14)

INF.- Sim. Não tem problema.

INQ.- Não haveria problema nenhum? Aqui em Guaíra, isso é comum?

INF.- Comum. Fronteira, né. (Inf. 15)

INF.- Não, não tem como. Porque tem árabe, né, tem descendente de árabe... e acho que faz parte da cultura do país também, né. (Inf. 16)

INF.- Não, de forma nenhuma, mas o que eu procuro... se eu tivesse este poder, com certeza eu iria aprimorar mais a nossa língua. E eu acho um erro danado, é... no processo de desenvolvimento cultural, a gente pertencer a uma América Latina totalmente espanhola e nós não falarmos o espanhol, né. [...] (Inf. 17)

A maioria dos informantes de Guaíra demonstrou atitudes positivas em relação ao uso de línguas diferentes do português em lugares públicos dessa comunidade. O destaque ao espanhol foi notório, embora não houvesse nenhuma manifestação contrária às demais línguas. Torna-se visível como o espanhol é familiar aos guairenses, sendo, talvez, uma espécie de segunda língua, o que pode ser atribuído ao intenso e constante fluxo de comércio entre o povo brasileiro e o paraguaio. É possível que essa realidade, de certa forma, venha ocorrendo desde a colonização de Guaíra, embora com diferente intensidade, “até porque os espanhóis que dominava tudo essas regiões, né... dominavam” (Inf. 11).

Vários entrevistados, assim como já observado em questões anteriores e será recorrente nas próximas questões, fazem indagações e sugestões sobre a inclusão do espanhol nas escolas, de modo que desde o ensino fundamental já houvesse o contato com essa língua, por razões de ordem prática, ou seja, pelo espaço limítrofe com países cuja língua é o espanhol, pelo fluxo comercial, pela globalização, etc.

É possível observar que o reconhecimento da diversidade linguística em Guaíra é um fato natural e, praticamente, não causa estranheza, exceto às informantes 2 e 6, que justificaram sua defesa da proibição apenas por não entenderem esses idiomas.

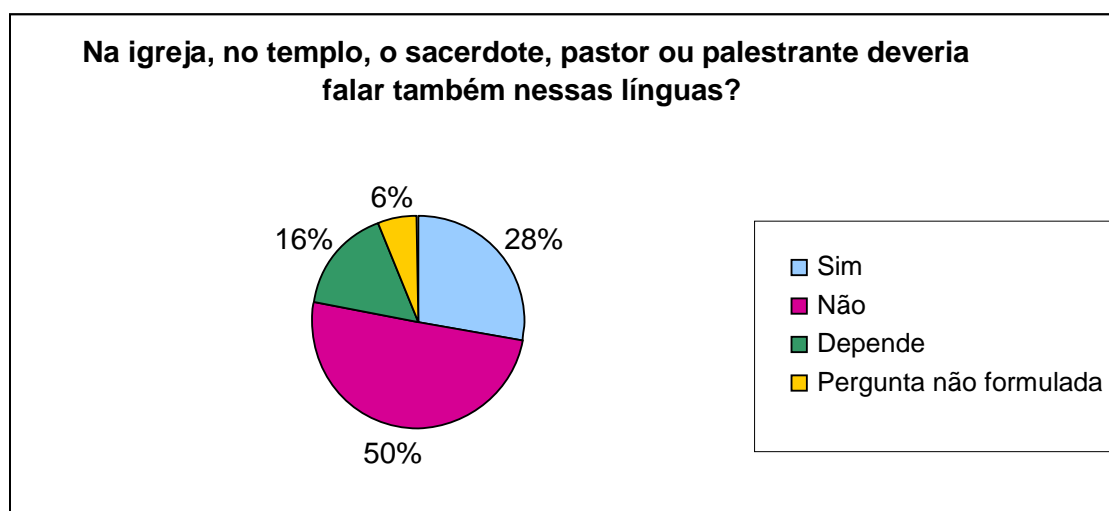
6.5 BLOCO DAS QUESTÕES 26 A 29

Este quinto bloco, que abrange as questões 26 a 29, investiga o interesse em aprender as línguas faladas na comunidade guairense, bem como reforça o que pensam os informantes sobre os usos dessas línguas na localidade.

Com relação à questão 26, “Na igreja, no templo, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?”, cinco informantes (28%) manifestaram-se a favor de que as línguas diferentes do português sejam utilizadas pelo sacerdote, pastor ou palestrante, no templo ou na igreja; nove informantes (50%) declararam que não deveria ser utilizada nenhuma outra língua além do português; três informantes (16%) responderam que dependeria da situação e a um informante (6%) não foi formulada a pergunta.

O gráfico a seguir mostra esses resultados:

Gráfico 56 – Opinião dos informantes guairenses quanto ao uso das línguas em locais religiosos



Os informantes que se manifestaram a favor de celebrações religiosas serem realizadas apenas em língua portuguesa deram diversas razões para isso, como o entrevistado 5, para quem justificaria o uso de uma outra língua somente se o número do público fosse em torno dos cinquenta por cento, caso contrário, não haveria razões para tal procedimento. Comentou que, em anos anteriores, quando ainda havia mais alemães (pessoas de mais idade e que só entendiam alemão), havia cultos realizados na língua alemã para atender essas pessoas, inclusive a esposa do entrevistado fazia parte desse grupo. Atualmente, os serviços religiosos

são realizados apenas em português, pelo fato de que as pessoas idosas já faleceram ou, então, já aprenderam português, segundo o relato do inquirido.

A seguir, apresentam-se mais algumas respostas:

INF.- Ah, deveria falar, né, porque pra gente entender, porque a gente não entende, né. Pra gente entender também, eu acho certo.

INQ.- Então você acha que o padre deveria também rezar a missa em espanhol, em alemão...

INF.- Acho, ach... acharia... (Inf. 1)

INF.- Corretamente, porque nós temos na fronteira... temos na fronteira, todos os pastores e padres, são pessoas públicas, deveriam aprender essas outras línguas pra poder conversar com essas pessoas. Eu acho legal. (Inf. 9)

O informante 1 concordou com o inquiridor, que, à guisa de exemplo, citou o espanhol e o alemão, contando com a anuência do entrevistado quanto ao serviço religioso ser oficiado em outras línguas também. O entrevistado 9 alegou que há pessoas de diversas nações e religiões frequentando a igreja, assim como também foi lembrada a questão da fronteira, e como os pastores e padres são pessoas públicas, deveriam utilizar as “outras” línguas para se fazer entender a um público diversificado.

Os informantes 7 e 10 responderam que dependeria do público presente e, se a cerimônia religiosa fosse em Guaíra, havendo pessoas de outras culturas e que não entendessem o que estava sendo dito, poderiam contar com a ajuda de um intérprete para auxiliar, caso o clérigo não pudesse se comunicar em tais línguas. A informante 10 ainda relatou que, em certa ocasião, esteve em Assunção e foi a uma missa celebrada em guarani: “[...] eu não entendi patavina nenhuma. Agora, vou falar para eles: não, fala minha língua? Eu não posso”, acrescentando que permanecera assistindo à cerimônia religiosa mesmo sem entender absolutamente nada. Ao citar sua experiência, a entrevistada 10 deixou implícita sua posição de que as celebrações religiosas deveriam ser realizadas na língua do país em que ocorrem, atendendo à maioria das pessoas dessa nacionalidade.

Outras respostas de informantes que opinaram que as celebrações religiosas não deveriam ou não precisariam ser realizadas em língua estrangeiras são as seguintes:

INF.- Eu acho que ficaria difícil porque... os próprios... como se diz, né... as próprias cultura se ajeitam, né. Então, o japonês já tem lá seus... suas igrejas, né, os próprios alemães procuram frequentar onde se agrada mais, né. Então, acho que se ta... se tamos aqui no Brasil, acho que celebra normal a língua do país, né. (Inf. 13)

INF.- Eu quero crer que a missa poderia ser salpicada de latim, como salpicada de alguns termos modernos...

[...]

INF.- Então teria que ser na língua pátria, né, na língua comum. E o pastor, o padre, para demonstrar conhecimento, ele podia salpicar de expressões. Era uma forma de ensinar as pessoas a ter um certo entendimento. (Inf. 17)

INF.- Ah, eu acho que não. Porque daí o que que ia acontecer, as pessoas que não... que não... não falam aquele idioma não iam aguentar, não iam aguentar, cê entendeu? A missa ia ficar muito extensa, ninguém ia aguentar. (Inf. 18)

O informante 13 disse que os próprios grupos étnicos se organizam e procuram frequentar onde lhes agrada mais, e cita os japoneses e os alemães, que já possuem suas igrejas, segundo o entrevistado. Verificam-se laços estreitos entre o grupo étnico e sua língua, religião e demais traços, indicando quem pertence a quem, conforme apontam estudos de Moreno Fernández (1998).

O informante 17 comentou que não haveria necessidade de a missa ser celebrada em outras línguas, pois supõe que a maioria das pessoas de outras etnias também entenda o português, e sugeriu que seria interessante se as missas fossem “salpicadas” de latim e alguns termos modernos, o que seria uma forma de transmitir conhecimentos às pessoas.

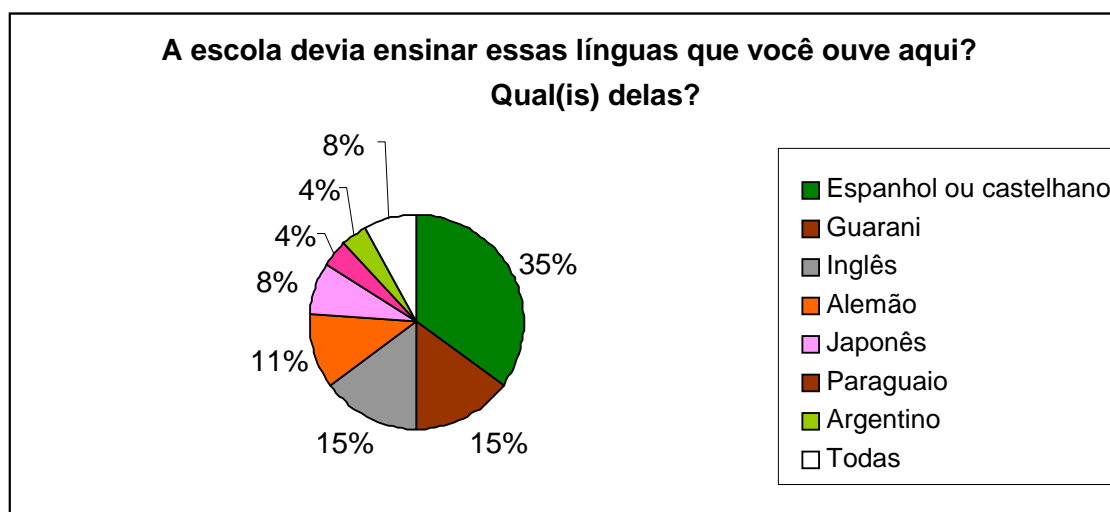
A informante 18 discordou quanto à questão da celebração da missa em várias línguas e justificou dizendo que poderia haver sempre esse impasse – pessoas que não entenderiam o idioma utilizado –, o que resultaria em missas extensas demais e isto as pessoas não aguentariam.

Em relação à questão 27, “A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?”, as seguintes línguas foram mencionadas: espanhol ou castelhano (nove menções: 35%), guarani (quatro menções: 15%), inglês (quatro menções: 15%), alemão (três menções: 11%), japonês (duas menções: 8%), paraguaio e argentino (uma menção cada, ou 4% cada). Dois informantes disseram que todas as línguas deveriam ser ensinadas na escola (duas menções: 8%).

O português também foi citado por um informante, mas como não se trata de língua estrangeira em Guaíra, não foi considerado para o gráfico. Muitos citaram o inglês na resposta, mas alguns deles o fizeram apenas para dizer que a escola já tem essa língua em seu currículo, de modo que apenas quatro menções foram consideradas, como foi visto anteriormente. Três informantes disseram que essas línguas deveriam ser ensinadas, mas nenhuma foi citada, conforme se verá logo adiante.

O gráfico a seguir apresenta os resultados dessa questão:

Gráfico 57 – Opinião dos informantes guairenses quanto às línguas estrangeiras a serem ensinadas na escola



O informante 1 se manifestou contrário ao ensino das línguas diferentes do português na escola, pois não vê nenhuma razão em conhecer línguas de países que ficam longe do Brasil, ressaltando, também, que não irá para esses países distantes. O informante considera importante aprender línguas de países próximos, “a paraguaia, que tá meio perto, a... a língua argentina também, né... é aqui bem mais perto, né”.

A informante 2 mencionou o inglês, dizendo que já está no currículo, e, ao ser perguntada sobre as línguas citadas na entrevista, incluiu o paraguaio, acrescentando em seguida o guarani (dando a entender, pela continuação da entrevista, que estava se referindo a duas variedades diferentes), com a seguinte justificativa: “Ah, por causa da divisa, né. A gente vai sempre pra lá”.

O informante 3 primeiramente apontou o inglês, dizendo que “daqui mais uns dez, quinze ano, vamos ser tudo americano, o inglês tinha que ser... era o ideal”. Mas, ao ser inquirido novamente sobre as línguas faladas em Guaíra, respondeu que seria bom aprender todas as línguas, pois o Brasil recebe pessoas de todas as nações, então deveria falar todos os idiomas também.

As informantes 6 e 12 responderam positivamente, mas não mencionaram nenhuma língua. Contudo, esta última entrevistada, ao ser novamente inquirida sobre línguas como, por exemplo, o guarani, o espanhol e o árabe, disse que o aprendizado dessas línguas poderia contribuir para melhorar a convivência entre as pessoas das diferentes etnias, mas não quis se estender mais sobre o assunto ao ser solicitada a relatar se já tivera semelhante experiência.

A informante 16 também se manifestou favorável ao ensino de línguas estrangeiras e mencionou que seria importante investigar qual seria a língua predominante da região para, assim, saber das necessidades e interesses da comunidade e, então, incluir essa língua no currículo escolar. Essa orientação sobre qual língua deveria fazer parte da grade curricular é pontuada em documentos oficiais, como a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, nº 9394, de 1996 (BRASIL, 1996), que dispõe que a escolha deverá ficar a cargo da comunidade escolar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998; 1999) sugerem que se dê preferência à(s) língua(s) que possa(m) estabelecer vínculos com a realidade da região/comunidade, isto é, a comunidade pode escolher a língua a ser ensinada na escola, possibilitando resgatar e cultivar a língua e a cultura que lhe são próximas.

É possível vislumbrar, pelas entrevistas de Guaíra, que há interesse em aprender as variedades da língua do país mais próximo, o Paraguai, para continuar mantendo a boa convivência com o país vizinho e estreitar as relações comerciais. Concorre também o inglês como língua a continuar sendo estudada nas escolas, mas sua defesa não é feita com o mesmo entusiasmo com que é citado o espanhol, como, por exemplo, no comentário do informante 9: “tudo bem que o inglês é importante, mas aqui na fronteira nós teríamos que ensinar primeiro o castelhano ou o espanhol, depois o inglês”. O informante 10 corrobora essa opinião ao dizer: “Porque nós estamos numa fronteira, todo mundo fala do Mercosul, mas ninguém faz nada, né. Eu, eu tô assim: sempre ensinar o inglês, mas principalmente, é mais importante o... pra nós, o espanhol do que o inglês”.

A seguir, apresentam-se outros exemplos das entrevistas em que o espanhol é destacado como língua a ser estudada:

INF.- O guarani talvez não, porque é uma língua re... é... mais regional, mas tipo o portu... o... o inglês, o espanhol, como acho que várias escola já vêm fazendo isso, há muitos anos, né. Podia pegar um pouco mais... mais... que fosse uma coisa mais intensa. [...] (Inf. 14)

INF.- Então, acho que Guaíra precisava mais um... um básico aí de espanhol, tá na fronteira, que é a língua mais usada, né. Aí o japonês e o árabe, aí sabe, geralmente falam português, né. (Inf. 15)

INF.- O espanhol.

INQ.- O espanhol? Por que que você acha...?

INF.- Porque nós temos... nó... a... a, por exemplo, em Guaíra... aqui não é... a nossa moeda, aqui em Guaíra não é só a moeda brasileira, certo? Nós temos o guarani... temos dólar, cê entendeu? Então, a influência do... do espanhol é muito grande aqui, cê entendeu? [...] (Inf. 18)

Nos recortes a seguir, o informante 5 citou o alemão, o português e o japonês, ressaltando que no município vizinho há muitos descendentes de alemães, de modo que seria útil saber mais línguas para facilitar empregos em outros países. O informante 7 acrescentou

ao alemão, ao japonês e ao próprio português o guarani, como forma de aumentar o prestígio dessa variedade. Esse informante corrobora a fala do informante 5 ao citar a facilidade de trabalhar em outro país (neste caso, o Japão, país escolhido por muitos guairenses para trabalhar) quando se tem o domínio de uma língua estrangeira.

INF.- Ainda mais o... o... o alemão e o português e o japonês, esses três, porque você pega a parte do Sul aqui, do lado de Rondon aqui, Mercedes pra lá, pegou a parte do Sul, você forma praticamente setenta por cento são de origem de... de alemão, essas coisa assim, né. Então, eu acho que devia de... de falar. E num ponto, eu acho que era bom por causa de... a pessoa quer ir trabalhar lá fora, ele ter a facilidade de... poder entrar em qualquer lugar e trabalhar, né. (Inf. 5)

INF.- Olha, o alemão, o próprio guarani, porque é... é do lado aqui, o país, né, então devia prestigiar eles, né. O alemão, o guarani, o japonês, porque acho principalmente pra japonês que são daqui, né, porque a maioria muita gente vai pro Japão trabalha, né, vai sem saber nada, né. (inf. 7)

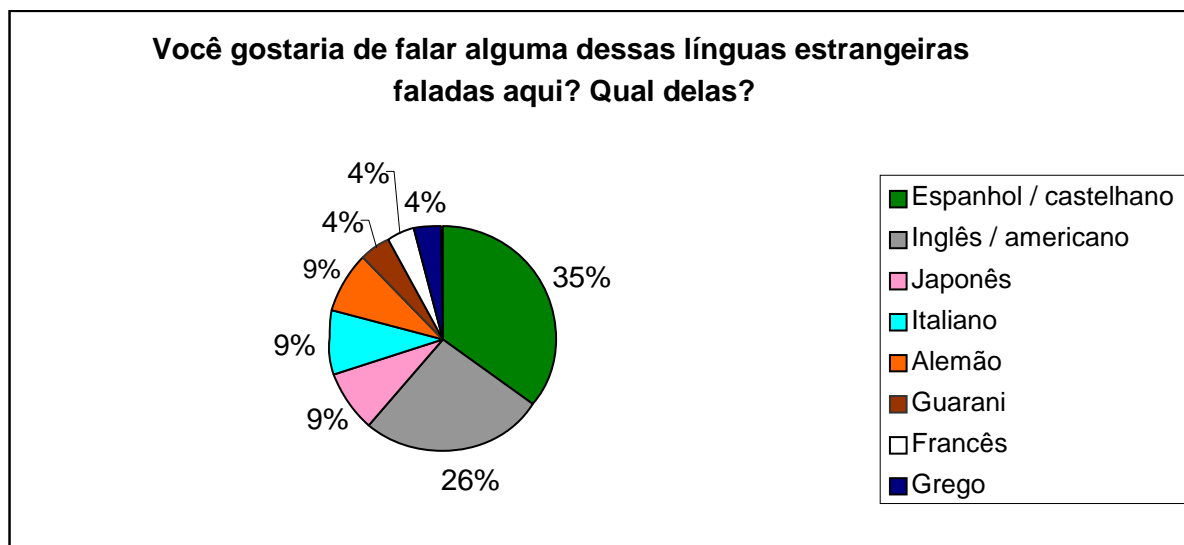
O informante 11 inicialmente não defendeu o ensino de nenhuma língua estrangeira, pois, conforme ele, seria uma perda de tempo: “eu acho que não. Vai um tempo que vai se perder sem... sem... sem retorno”. Ele ressaltou que, em caso de um indivíduo ter alguma intenção de estudar ou trabalhar fora do país, poderia procurar uma escola particular para aprender a língua do país em que fosse viver. Na retomada da pergunta pelo inquiridor, esse informante reavaliou sua opinião e disse que o espanhol deveria inclusive fazer parte da grade curricular, pois é considerada a segunda língua do mundo. Enfatizando sua posição, disse que “a gente sabendo espanhol, se defende em qualquer lugar do mundo”.

Em relação à pergunta 28, “Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê”, várias línguas foram mencionadas, inclusive línguas não faladas na localidade, mas citadas pelos informantes, ainda que a pergunta se referisse apenas às variedades locais. O espanhol ou castelhano recebeu oito menções (35%); o inglês ou americano, seis menções (26%); o italiano, o japonês e o alemão, duas menções cada (9%); o guarani, o francês e o grego, uma menção cada (4%).

A língua “brasileira” também foi citada por um informante, mas sua resposta não foi considerada por se tratar de língua materna do informante, e não de língua estrangeira, como pedia a pergunta. Um informante deu uma resposta negativa.

Veja-se o gráfico 58, relativo a essa questão:

Gráfico 58 – Manifestação dos informantes guairenses quanto à língua que gostariam de aprender



Embora a pergunta tivesse sido dirigida às línguas faladas em Guaíba, o entrevistado 15, além de inglês e espanhol, que já são de seu conhecimento, mencionou o grego, que, para seus estudos teológicos, poderia acrescentar muito.

A informante 2 disse que gostaria de aprender inglês e guarani, ao contrário da informante 14, que não faz questão de aprender guarani por se tratar de uma língua regional e não possuir a abrangência que o espanhol e inglês possuem.

INF.- Tipo o guarani, por exemplo?

INQ.- O guarani...?

INF.- Não... não porque é... justamente é o que tô falando, acho que por ser uma língua regional. Eu acho que o espanhol, inglês é uma coisa que... que... a... a... abrange mais, é uma coisa de... qualquer lugar do mundo que você vá... é... vai ser mais fácil de você poder... é... locomover [...]. (Inf. 14)

Houve informantes que disseram que gostariam de aprender italiano, ou japonês, ou alemão, como exemplifica a informante 4:

INF.- Eu fa... faria, acho que jap... a japonesa, né, a língua japonesa ou a... inglês mesmo, né.

INQ.- Tem algum motivo especial?

INF.- Porque... é o pessoal assim, que mais é... a gente tem... que nem eu vejo aqui, né, eu não tenho acesso, mas o pessoal que mais... quem visita a gente, né, então seria mais fácil pra... qualquer lugar que vai tem o pessoal, né, com a língua mais falada, né. (Inf. 4)

A informante 12 também manifestou interesse em aprender japonês, pois foi casada com um membro dessa etnia e gostaria que seus filhos, como descendentes de japoneses, aprendessem essa língua.

A informante 16 expressou o desejo de aprender todas as línguas e, ao ser inquirida pela qual começaria, disse: “Aí começava pela mais fácil, pelo espanhol, né, que a gent... a gente já entende, mas não sei falar nada, né”.

O espanhol ou castelhano e o inglês ou americano foram as línguas mais mencionadas, dando a entender que a razão seria o fato de ambas serem as línguas mais faladas do mundo, e o espanhol ainda possui o mérito de ser o primeiro da escolha dos entrevistados, pois já é uma língua familiar, não tão falada, mas compreensível a muitos guairenses, o que tornaria mais acessível e mais rápido seu aprendizado.

À guisa de ilustração, seguem duas respostas citando o espanhol:

INF.- O espanhol.

INQ.- O espanhol. Seria o primeiro? Por quê?

INF.- Porque sei lá, eu me dou muito certo ca... com essa língua. Gosto.

INQ.- Consegue entender alguma coisa?

INF.- Entender, eu entendo alguma coisa, agora, pronunciar... se eu tiver no meio deles, e eles tiver conversando, aí eu entro no meio e consigo, mas eu, particular chegar e...

INQ.- O senhor começar...

INF.- Começar é difícil, eu acho que depois que você entrou no meio, eles começam a conversar, aí vai embora. (Inf. 5)

INF.- Sim, o espanhol.

INQ.- O próprio espanhol? Já faz parte...?

INF.- Isso, desse... dessa... dessa relação, dessa integração que tem Guaíra com o Paraguai, por causa disso. Porque cê vê, que nem a moeda não é uma só que circula na cidade. Quando eu falo circular, eu digo assim, você vai no mercado você pode pagar com a moeda brasileira, ou com o guarani ou com o dólar. (Inf. 18)

A informante 18 acrescentou, posteriormente, que há uma grande integração entre os paraguaios e guairenses, não apenas na área comercial, como também em festas que são celebradas em conjunto, mencionando como exemplo a queima de fogos em finais de ano, que são realizados tanto no horário brasileiro quanto no paraguaio (ou seja, são comemorações duplicadas), atendendo da melhor forma possível à população das partes interessadas.

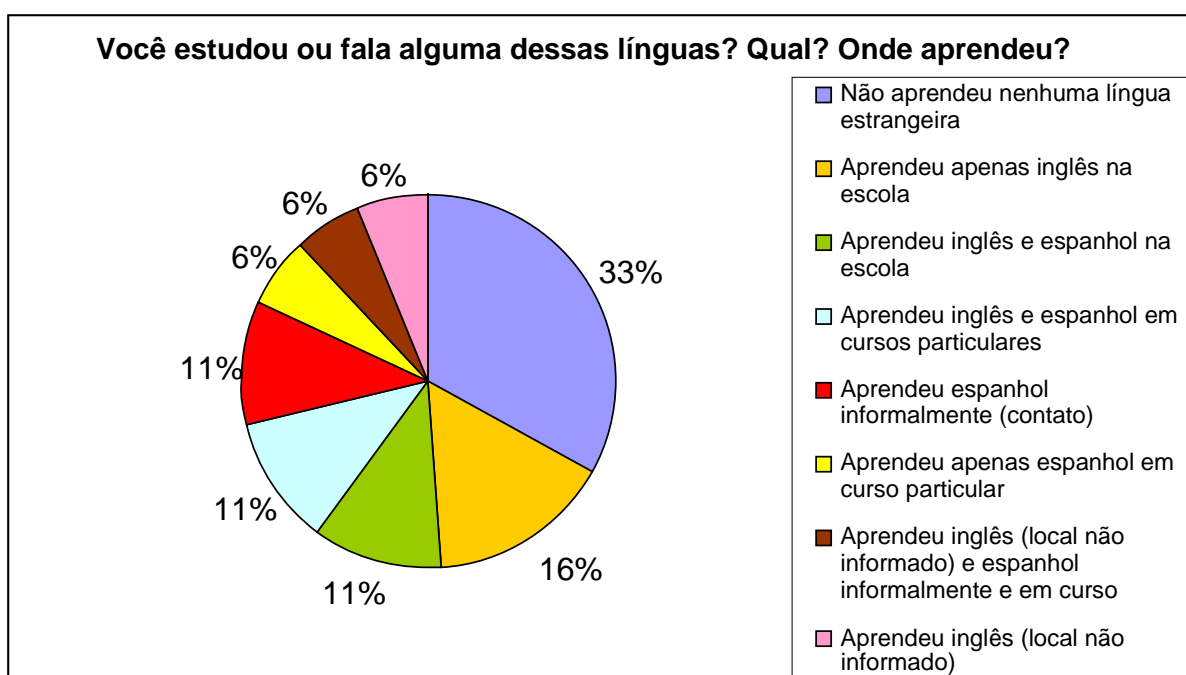
A informante 8 foi a única a responder negativamente e, ao ser inquirida sobre o motivo, respondeu que, se fosse o caso de sair do país, ela procuraria um curso que lhe ensinasse a língua desejada, portanto, não faz questão de aprender sem um objetivo imediato.

Com relação à questão 29, “Você estudou ou fala alguma dessas línguas? Qual? Onde aprendeu?”, as respostas foram bem variadas. Seis informantes (33%) nunca estudaram uma língua diferente do português. Os demais forneceram os seguintes dados: três informantes (16%) aprenderam apenas inglês na escola; dois (11%) estudaram inglês e espanhol na escola; outros dois (11%) estudaram essas duas línguas em cursos particulares; um informante (6%)

estudou apenas espanhol em curso particular; dois (11%) aprenderam espanhol informalmente, em contato com falantes nativos dessa língua; um informante (6%) também aprendeu espanhol informalmente, mas depois aperfeiçoou essa língua fazendo um curso, e aprendeu inglês, mas não informou onde o fez; finalmente, um informante (6%) disse que aprendeu inglês, mas não informou onde o fez.

Veja-se o gráfico relativo a essa questão:

Gráfico 59 – Informação dos informantes guaienses quanto à(s) língua(s) estrangeira(s) que estudaram e que falam



Destacam-se dois exemplos das respostas de informantes que aprenderam espanhol informalmente:

INF.- O espanhol eu aprendi meio... meio na marra, falando assim popularmente, porque eu trabalhei cinco anos na Argentina e aí fiquei por lá cinco anos... então eu aprendi lá. Não que eu estudei em colégio, eu aprendi na prática. (Inf. 9)

INF.- Na verdade o espanhol eu aprendi no dia a dia na Argentina. Depois quando voltei que fiz um curso, aquele curso básico de espanhol em Curitiba com professores da Espanha. Daí quando peguei o certificado e comecei a dá aula só de espanhol. (Inf. 15)

Ao informante 11, inicialmente, não fora formulada a pergunta, mas, de acordo com respostas anteriores, o informante não estudou nenhuma língua, contudo, tem conhecimento da espanhola, devido ao contato, inclusive comercial, com os paraguaios. Dessa forma, sua resposta foi incluída nas estatísticas que compõem o gráfico 59.

6.6 BLOCO DAS QUESTÕES 30 A 53

O sexto e último bloco, que abrange as questões de 30 a 52, refere-se ao relacionamento dos guairenses com falantes de outras línguas sob uma perspectiva afetiva (no âmbito familiar e no círculo de amizades) e profissional. Também está incluída neste bloco a questão 53, que permitia ao informante o acréscimo espontâneo de informações que julgasse necessárias.

O quadro 8 ilustra as respostas dos guairenses referentes à questão “Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse paraguaios / árabes / japoneses / italianos / alemães, você compraria?”

Quadro 8 – Possibilidade de convivência com etnias diferentes em Guaíra

| Informante | Paraguaios | Árabes | Japoneses | Italianos | Alemães |
|-------------------|-------------------|---------------|------------------|------------------|----------------|
| 1 | sim | sim | não | sim | sim |
| 2 | não | não | sim | NF* | não |
| 3 | sim | não | sim | sim | sim |
| 4 | não | não | sim | sim | não |
| 5 | sim | NF* | sim | sim | sim |
| 6 | não | NF* | não | não | sim |
| 7 | não | não | sim | sim | sim |
| 8 | não | não | não | não | não |
| 9 | sim | NF* | NF* | sim | sim |
| 10 | sim | NF* | NF* | sim | sim |
| 11 | não | não | sim | sim | NF* |
| 12 | sim | sim | sim | sim | NF* |
| 13 | sim | NF* | sim | não | NF* |
| 14 | sim | sim | não | NF* | NF* |
| 15 | sim | NF* | sim | NF* | sim |
| 16 | não | não | sim | sim | NF* |
| 17 | sim | NF* | NF* | sim | sim |
| 18 | depende | sim | não | não | sim |

* NF: Questão não formulada.

De acordo com o quadro 8, dez informantes (56%) comprariam casa em bairro onde morassem paraguaios, sete (39%) não comprariam, e a resposta de uma informante (5%), que será analisada logo adiante, será computada na categoria “depende”.

Quanto aos árabes, quatro informantes (22%) comprariam e sete (39%) não comprariam casa em bairro onde vivessem pessoas dessa etnia, e a sete informantes (39%) não foi formulada a pergunta.

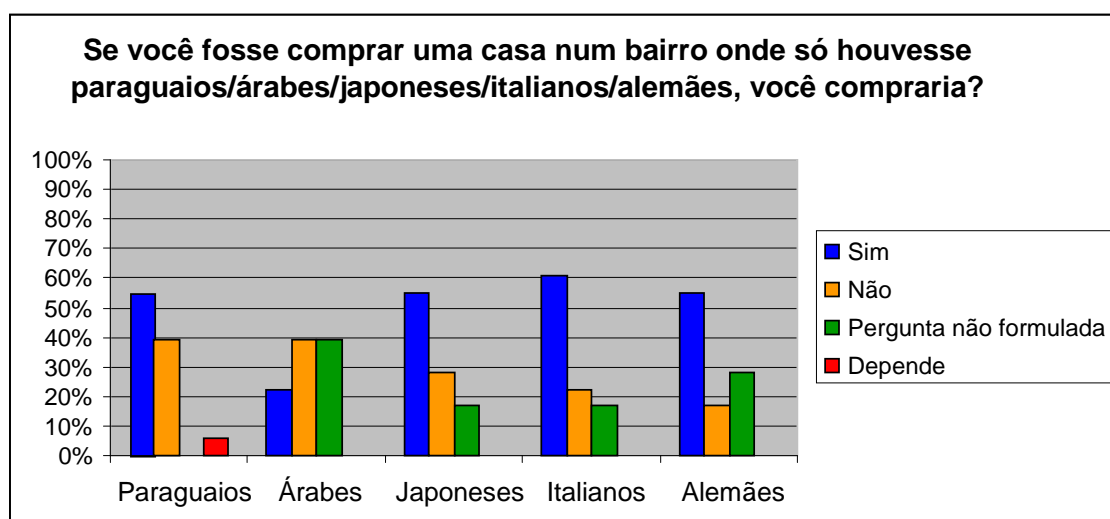
Com relação aos japoneses, dez informantes (56%) afirmaram que comprariam casa em bairro onde morassem pessoas dessa etnia, cinco (28%) não comprariam e a três (16%) não foi formulada a pergunta.

Quanto aos italianos, onze informantes (61%) declararam que comprariam casa em bairro onde morassem pessoas dessa etnia, quatro (22%) não comprariam e a três (17%) não foi formulada a pergunta.

Com relação aos alemães, dez informantes (56%) afirmaram que comprariam casa em bairro onde morassem pessoas dessa etnia, três (16%) não comprariam, e a cinco (28%) não foi formulada a pergunta.

A seguir, apresenta-se o gráfico comparativo das respostas:

Gráfico 60 – Possibilidade de convivência com membros das diferentes etnias em Guaíra



Os resultados do quadro 8, bem como o gráfico relativo aos grupos étnicos de Guaíra, demonstraram que o grupo étnico com maior aceitação de convivência em um mesmo bairro que o informante é o dos italianos (61%). Em seguida, são os paraguaio, os japoneses e os alemães, empatados com 56% de respostas positivas. As atitudes negativas dos guairenses foram demonstradas em relação aos árabes, os quais obtiveram apenas 22% de respostas afirmativas.

Primeiramente, apresentam-se exemplos das respostas quanto a morar no mesmo bairro que os paraguaio. Os informantes a seguir demonstraram atitudes favoráveis em relação a conviver com o povo paraguaio, atitude que pode ser estendida à língua, ou seja, provavelmente esses informantes sentem-se confortáveis com as variedades faladas pelos paraguaio.

INF.- Ah, sim. Já morei num bairro onde só tinha paraguaio, então... normal. (Inf. 10)

INQ.- Não teria problema ser vizinha, ter como vizinho os Guarani?

INF.- Não, acho que não. Aos pouco a gente ia se adaptando, né, ele... tanto a mim e eu a eles. Se fosse um bairro bom, seguro, não faria objeção nenhuma.

INQ.- E se nesse bairro só morassem espanhóis? Paraguaios que falam espanhol?

INF.- Não, também não. (Inf. 14)

INF.- Claro. Se o negócio, negócio... casa é investimento, né? E nós temos que pensar sempre no objetivo maior, certo? Se o meu objetivo maior for morar num região que eu tenha só patricios e amigos, é claro que não vou comprar num lugar de estranho. Mas se o meu objetivo for conforto e investimento, eu vou comprar a casa onde for. Desde que eu tenha condições de conforto, segurança, eu vou comprar, independente quem seja o meu vizinho. Ele vai me respeitar, eu vou respeitar, eu vou aprender a língua e os costumes dele e ele vai aprender os meus, vamos fazer uma simbiose, né. (Inf. 17)

O informante 17 mostrou uma atitude bastante prática ao dizer que os objetivos estabelecidos é que definirão onde investir para morar, e, no caso dele, seriam privilegiados os itens conforto, investimento e segurança. Para ele, as boas relações de vizinhança seriam aprendidas um com o outro, respeitando-se, aprendendo as línguas e costumes mutuamente, corroborando as intenções da informante 14, que prioriza também segurança para morar bem, não se importando se os vizinhos fossem falantes de guarani ou de espanhol paraguaio.

Interessa registrar a resposta da informante 18, que inicialmente se posicionou a favor de morar em bairro de paraguaios, dizendo que não haveria “problema nenhum”, mas, ao ser novamente inquirida sobre morar em bairro onde somente houvesse falantes de guarani, mais especificamente, mostrou atitude de rejeição, justificando da seguinte forma: “Não, porque os hábitos e os costumes deles é completamente diferente do nosso.” (Inf. 18). Essa resposta mostra como a língua, que está ligada à identidade étnica dos usuários, incluindo aí seus hábitos e costumes, pode atuar como um “separador de águas” quando a questão é a convivência entre diferentes etnias.

Dentre os entrevistados que indicaram reações negativas quanto a morar em bairro de paraguaios, estão os seguintes:

INF.- Não (risos).

INQ.- Por quê?

INF.- Ah... sei lá... se eu soubesse falar, entender o que eles falam, sim, aí...acho que não. Difícil...

INQ.- Se entendesse...?

INF.- Se entendesse alguma coisa, né, aí dá pra morar, mas se não entender nada... (Inf. 2)

INF.- Não.

INQ.- Não compraria? Tem algum motivo pra isso?

INF.- Ah, acho que... não sei, acho que... não gostaria mesmo.

INQ.- Não gostaria...?

INF.- Só por não gostaria.

INQ.- A questão da língua, você acha que teria alguma coisa a ver?

INF.- É... é, não sei explicar, mas eu não gostaria. (Inf. 4)

INF.- Olha... vontade de comprar outra casa eu tenho, mas, falar a verdade, não sei nem como te falar. Comprar casa é bom, né, mas o duro é não entender a língua. Eu acho que não, né. (Inf. 6)

INF.- Só espanhol, acho que não.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque a maneira que eles não... espanhol, infelizmente a gente que convive com pessoas boas do espanhol aí, mas a sua grande maioria dos espanhóis, eles são assim... eles procuram não se misturar muito, né, eles têm aquela... um complexo, até no futebol e tudo, né, tem... não sei por que, eles acham que o brasileiro... eles têm nós assim como... o brasileiro, como uma superioridade, né... comercial, principalmente. O brasileiro mais... se dedica mais ao trabalho e eles não são muito de se dedicar, não. Principalmente aqui na... Correntina, aqui na fronteira, aqui, castelhano. Eles procuram fazer o... o necessário só pra... pra ir vivendo, o brasileiro já tem... pensa mais no futuro, já tem mais...

INQ.- Então, quando o senhor fala em espanhol, o senhor se refere a paraguaio?

INF.- Paraguai, paraguaio. É porque paraguaio, uruguaio, argentino, eles têm diferenças de algumas palavras, né, que é por causa do costume da região, né, mas na verdade a origem é a mesma.

INQ.- Se naquele bairro só tivesse guarani, o senhor compraria?

INF.- Também não. Também não.

INQ.- Pelo mesmo motivo?

INF.- (Inint.), porque ia ter dificuldade de me relacionar, né. (Inf. 11)

INF.- Daí não. Não compraria porque eles são difícil de conviver, eles fazem questão de falar só a língua deles, então acho que não compraria porque não ia... né, conseguir me comunicar com eles direito. (Inf. 16)

As informantes 2, 4 e 6, com curso fundamental, e a entrevistada 16, de formação superior, mostraram rejeição em morar em bairro de paraguaios, motivadas pelo empecilho da língua, fator preponderante, segundo elas, para assegurar o bom relacionamento entre vizinhos.

O informante 11, com nível médio de ensino, único representante do gênero masculino que não manifestou atitude positiva quanto à ideia de morar em bairro de paraguaios, atribuiu a responsabilidade maior aos paraguaios, que, segundo ele, sentem-se inferiorizados em relação aos brasileiros em muitas áreas, e cita o futebol e o comércio. O entrevistado acredita que os brasileiros se esforçam mais no trabalho e possuem expectativas para o futuro, enquanto o “castelhano”, referindo-se aos paraguaios da fronteira, são mais acomodados e vivem para o dia de hoje. O entrevistado acrescenta que, ao se referir ao espanhol, está aludindo especificamente ao paraguaio, mas afirma que entre o povo paraguaio, uruguaio e argentino não há muita diferença, exceto no vocabulário, que apresenta algumas características peculiares de acordo com a região. Ao ser questionado sobre morar em bairro só de Guarani (paraguaios falantes da língua guarani), também rejeitou essa possibilidade, dizendo que não conseguiria se adaptar ao povo Guarani devido ao obstáculo da língua, que impossibilitaria qualquer comunicação entre eles.

É importante mencionar que o Guarani não consta do quadro 8 (Possibilidade de convivência com etnias diferentes em Guará) e também não constará de forma distinta do gráfico, fazendo parte do povo paraguaio com sua diversidade linguística, seus hábitos, suas crenças e religiões.

Em relação aos árabes, os informantes 1, 12 e 18, que não apresentaram objeções em morar em um mesmo bairro que membros dessa etnia, apenas responderam que não haveria problema nenhum quanto à convivência. Já a informante 14 se estendeu mais na resposta, falando sobre a adaptação do ser humano em diferentes países, cujas línguas seriam estranhas. Ressalta que, se houvesse possibilidade de escolha, certamente preferiria conviver com brasileiros, mas, em eventual impossibilidade, moraria sem problemas se no bairro morassem boas famílias, e isto até poderia auxiliá-la a aprender uma língua diferente da sua.

Os informantes que demonstraram atitude negativa quanto a morar em bairro de árabes, em geral, indicaram a língua ou os costumes como obstáculo, como exemplificam as justificativas a seguir:

INF.- [...] O jeito deles é muito esquisito, não gostei não (risos). (Inf. 2)

INF.- Também não.

INQ.- Também não? Tem algum motivo especial...?

INF.- Os costumes também. (Inf. 7)

INF.- Ah, também, os árabes são muitos diferentes... né. (Inf. 8)

INF.- Eu acho que não compraria porque não ia entender nada do que eles conversam, né. Daí seria difícil a comunicação, né, daí não teria como. (Inf. 16)

A informante 4, que se mostrou disposta a morar entre membros de diversas etnias citadas na entrevista, também rejeita a possibilidade de morar entre árabes. Ao ser questionada sobre a razão de não querer morar em bairro de árabes, apenas justificou:

INF.- Num sei, eu pr... eu tenho assim, pra mim, essas otras... é... origens são mais calma. Por motivo de segurança, assim, né, são mais tranquila, né. Eu penso assim. (Inf. 4)

Em relação a comprar casa e morar em bairro onde vivessem apenas japoneses, são apresentados os exemplos mais relevantes das falas de informantes que demonstraram atitude positiva:

INQ.- Com japoneses, sim? Mas por que com japoneses você aceitaria morar?

INF.- Ah, sei lá, os japoneses são pessoas bem legal.

INQ.- Você gosta de japoneses?

INF.- Ah, eu gosto (risos). (Inf. 2)

INF.- Japonês, eu até compraria porque a gente que conhece, convive há quarenta anos aqui na colônia japonesa, é um povo assim que... que procura sempre ser útil na maneira de... de ser, na maneira de viver. É um povo que quando eles... nós costumamos dizer assim, quando ele não se dispõe a ajudar, não atrapalha também. Mas geralmente se propõe... se propõe a ajudar, né. Japonês, eu compraria, com certeza. (Inf. 11)

INF.- Compraria.

INQ.- Por quê?

INF.- Ah, já ia sair falando em japonês (risos). (Inf. 16)

Dentre as razões apresentadas pelos informantes, a etnia japonesa é enaltecida pelo seu sentimento de solidariedade e sua discrição. Os japoneses são considerados pessoas de temperamento tranquilo e inspiram confiança, enfim, estão em alta estima entre os guairenses.

Quanto aos informantes que não aprovaram a ideia de morar entre os japoneses, a justificativa apresentada foi o fato de a língua japonesa ser falada apenas entre o grupo, impedindo a comunicação. Excertos de algumas respostas exemplificam essa questão:

INF.- Hum... acho que moraria. Não, não moraria não.

INQ.- Japonês não?

INF.- Uhn uhn (negando)

INQ.- Por que não?

INF.- Ah, é meio esquisito, né, por que japonês sai na rua “uáiê blá” enrolando a língua, quando tá entre eles, só sabe falar entre eles, a língua. [...]. (Inf. 1)

INF.- Aí ficaria difícil, né.

INQ.- É? Tem alguma razão especial?

INF.- Ah, não pe... pela pessoa, a gente está falando pelas línguas, né?

INQ.- Sim, sim, claro.

INF.- Acho que pela adaptação também, né, pela falta de noção de linguística, né. (Inf. 13)

INF.- Eu ia ter que me ver dobrada, né. Eu ia ter que, daí, entrar numa escola de... que falassem japonês, né. Não sei, nunca morei.

INQ.- Você não se imagina numa situação dessa?

INF.- Não, nunca. Nunca (inint.), não sei (risos). (Inf. 14)

Quanto a morar em bairro onde vivessem apenas italianos, mais da metade dos entrevistados revelou atitudes positivas, referindo-se principalmente à língua, que seria mais fácil de entender do que a de algumas outras etnias. Conforme se expressou um dos informantes, mesmo não falando italiano, é possível entendê-lo, e poderia até aprender essa língua.

Algumas das respostas mais relevantes estão a seguir exemplificadas:

INF.- Aí eu compraria mais fácil ainda, eu gostaria. (Inf. 3)

INF.- Ah, sim, italiano taria em segundo. Primeiro, espanhol, e italiano, segundo. Italiano é *tutti buona gente*, mas... *tutti* (risos), é muito invejoso, viu. Eles não querem ver ninguém que saia bem, né. (Inf. 11)

INF.- Seria mais fácil pra mim, né (risos).

INQ.- Pela descendência, né? Tudo bem.

INF.- Pela língua, mais fácil de entender, né, mesmo que você não saiba, você entende. (Inf. 12)

INF.- Nossa, ia pensar nas pizzas, no macarrão, acho que ia comprar, (inint.) dá uma boa vizinhança (risos). (Inf. 16)

O informante 11 mostrou-se muito à vontade quanto a residir junto aos italianos, acrescentando um tom de gracejo às suas palavras ao dizer que que são gente boa. Também a entrevistada 16 demonstrou familiaridade com os italianos e, em tom de brincadeira e muita disposição, disse que aceitaria de bom grado e que só de pensar nos quitutes deliciosos, nas especialidades da cozinha italiana, teria certeza da boa convivência.

Os informantes que não se mostraram muito dispostos a viver entre os italianos apenas destacaram a língua e os costumes diferentes dos seus, que poderiam impedir uma boa convivência. A seguir, apresentam-se dois exemplos:

INF.- Não, acho que não.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque vai também que eu não entenderia a língua? Aí ficava ruim pra mim. (Inf. 6)

INF.- Não.

INQ.- (Inint.), por questão de costume?

INF.- É. Uhum.

INQ.- Diferença de hábitos? (Inf. 8)

Em relação a residir em bairro só de alemães, destacam-se, a seguir, alguns exemplos das respostas positivas:

INF.- É... eu que sou meio moreno, né, eles não vai gostar muito, né. Não, mas moraria.

INQ.- Você acha que sofreria um pouco de preconceito... ?

INF.- É, que a gente meio moreno ou bem meio escuro, tem preconceito. Até (inint.) tem um veio, o seu Dito aqui da obra aqui, é meio... acho que é meio racista, porque tem um cabra bem moreninho que faz um servicinho mais ou menos, né, “eh, tenho raiva de preto por causa disso”. Então... acho que é, sim, porque é alemão também, né, ele é gaúcho. (Inf. 1)

INF.- Qualquer um. Pra mim, a pessoa é a mesma, só muda o modo de conversar, né, a linguagem da pessoa.

INQ.- Isso não seria um obstáculo pro senhor ir morar lá?

INF.- Não, pra mim não. (Inf. 3)

INF.- Ah (risos). Agora você pegou no meu ponto de novo. Ah, eu sei lá, né, talvez eu poderia comprar, né, se por um acauso eles conversasse com a nossa língua. A gente falar que nunca compraria, poderia comprar, conversando na nossa língua assim, aí eu poderia, mas se não conversasse também, aí ficava difícil. (Inf. 6)

INF.- Poderia pensar em morar... poderia. Que é um... como eu já falei, é um povo mais politizado, mas também tem suas restrições, né, isso também, né,... como consequência da cor do cabelo, eles são bem fechado quanto a isso ainda.

INQ.- (Inint.)

INF.- Eu sou... eu moro numa cidade onde só cultura alemã, a maioria do povo é alemã, eles olham meio feio assim, quando chega pessoa de cabelo escuro. (Inf. 7)

Embora os informantes 1 e 7 tenham afirmado que morariam em bairro de alemães, apontaram algumas restrições referentes às supostas atitudes desse grupo em relação a pessoas que são diferentes deles, isto é, a discriminação por parte de alguns alemães em relação às pessoas de cor parda ou com cabelos escuros. O entrevistado 7 ainda ressaltou que é um povo mais politizado, o que, aos olhos do informante, é bastante positivo, mas ele não esconde o receio de sofrer alguma forma de preconceito por ser diferente dos alemães. Os demais entrevistados fizeram objeções em relação ao uso da língua estrangeira, que poderia ser fator de complicação, mas, mesmo assim, mostraram-se dispostos a conviver com os alemães.

Dentre os informantes que responderam negativamente sobre comprar casa onde vivessem só alemães, cita-se a informante 2, que avaliou que essa etnia não é muito amigável: “Ah, não. Alemão também não. Alemão (inint.), eu acho muito briguento (risos)” (Inf. 2).

Na sequência, serão analisadas as perguntas relacionadas ao círculo de amizades do informante. A primeira pergunta a ser analisada é: “Você tem amigos paraguaios / árabes / japoneses / italianos / alemães? Como começou esta amizade?”.

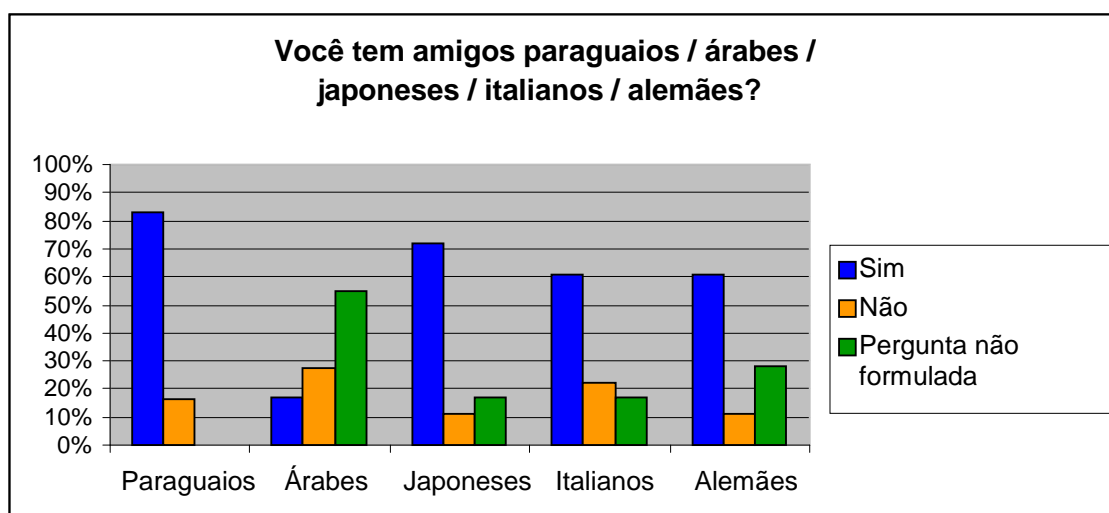
Quadro 9 – Círculo de amizades dos informantes guairenses

| Informante | Paraguaio | Árabe | Japonês | Italiano | Alemão |
|------------|-----------|-------|---------|----------|--------|
| 1 | sim | NF* | sim | sim | sim |
| 2 | não | não | não | NF* | sim |
| 3 | sim | não | sim | sim | sim |
| 4 | não | não | não | não | não |
| 5 | sim | NF* | sim | NF* | NF* |
| 6 | sim | NF* | NF* | sim | sim |
| 7 | sim | não | sim | NF* | sim |
| 8 | sim | não | sim | não | não |
| 9 | sim | NF* | NF* | sim | sim |
| 10 | sim | NF* | sim | não | sim |
| 11 | sim | sim | sim | sim | NF* |
| 12 | não | NF* | sim | sim | NF* |
| 13 | sim | NF* | sim | não | NF* |
| 14 | sim | NF* | sim | sim | sim |
| 15 | sim | NF* | sim | sim | NF* |
| 16 | sim | sim | sim | não | sim |
| 17 | sim | NF* | NF* | sim | sim |
| 18 | sim | sim | sim | sim | sim |

* NF: Questão não formulada

Conforme o quadro 9, quinze informantes (83%) responderam que têm amigos paraguaios e três (17%) responderam que não possuem amigos dessa etnia. Quanto aos árabes, três (17%) responderam que têm amigos dessa etnia, cinco (28%) informaram que não têm e a dez informantes (55%) não foi formulada a pergunta. Em relação aos japoneses, treze informantes (72%) responderam que têm amigos dessa etnia, dois (11%) responderam negativamente e a três (17%), não foi formulada a pergunta. No que concerne aos italianos, onze informantes (61%) responderam que têm amigos dessa etnia, quatro (22%) disseram que não, e a três informantes (17%) não foi formulada a questão. E em relação aos alemães, onze informantes (61%) responderam que têm amigos dessa descendência, dois (11%) responderam negativamente e a cinco informantes (28%) não foi formulada a pergunta. Esses resultados figuram no gráfico comparativo a seguir:

Gráfico 61 – Amizade dos guairenses com membros das diversas etnias em Guaíra



A seguir, serão analisados alguns excertos das respostas em relação às perguntas sobre o círculo de amizade dos informantes. Primeiramente, são apresentadas algumas falas de entrevistados que responderam que têm amigos paraguaios e que contextualizaram a origem das amizades:

INF.- A amizade foi num... foi numa festa anda, foi lá no Paraguai ainda, conheci um moleque lá, foi indo a amizade, ele vem aqui em casa, eu vou lá na casa dele. (Inf.1)

INF.- Eu tenho muita amizade mesmo aqui, já bastante com os paraguaio que moram aqui. E depois de eu ficar quinze ano lá dentro, eu tenho muita amizade lá dentro, com todo mundo lá do Paraguai. [...] (Inf. 5)

INF.- Por causa do trabalho. A gente... a gente adquiriu propriedade lá e a gente precisava se relacionar, né, e daí a gente começou por trabalho. Até hoje nós temos re... relações comercial... de trabalho com paraguaio. Eu, por exemplo, tô construindo ali no Salto del Guairá um *minishopping* ali pra uma empreiteira, uma construtora paraguaia, né. (Inf. 11)

INF.- O próprio comércio aqui exige da gente, né, então a gente aqui, no nosso ramo, a gente tem bastante clientes paraguaios, né. Então essa aproximação surgiu no ambiente de trabalho, né, aí passou pra o... aproximamento mais íntimo, e tal, tal, e criou um ciclo de amizade, né. (Inf. 13)

INF.- Que minha filha tem uma loja de decoração, então trabalha muito com o pessoal do Salto, muitas vezes eles estão lá em casa, lá..., tem pessoas boas, pessoas de todos os níveis, ou seja, o nível que falo é de escolaridade, pessoas de nível mais simples, e pessoas já a nível de terceiro grau, né. Então dá pra gente... conversar bastante, né? Enfim, todos são gente boa. (Inf. 17)

INF.- Amizade começou porque meu marido é delegado da polícia civil, atualmente aposentado, mas... todas as festas que tinham do lado de lá... do lado de lá é no Paraguai.

INQ.- Ahan.

INF.- Ele, com a função dele era convidado, cê entendeu? Ele era convidado. Então, nós íamos às festas lá, cê entendeu? E quando tem as festas aqui, eles também vêm pra cá. Por exemplo, sete de setembro, tem desfile na cidade, sete de setembro não é... lá não é feriado, entendeu? Mas eles mandam escolas de lá pra desfilar aqui. (Inf. 18)

Os informantes guairenses demonstraram que têm uma boa integração com os paraguaios. As amizades são fruto, em grande parte, das boas relações comerciais estabelecidas entre eles e que formaram laços de amizade ao longo do tempo, passando do mero nível de comércio/negócios, a reuniões familiares, clubes/sociedades, festas e eventos municipais comemorados em conjunto.

Merece destaque a resposta da informante 18, de formação universitária, casada com um agente da polícia, ao informar que, devido às atividades exercidas pela função do marido, sempre eram convidados a comparecer a festas e bailes no Paraguai e, da mesma forma, o pessoal do Paraguai comparecia às festas em Guaíra, o que ampliou e estreitou o círculo de amizades entre ambas as partes. A informante exemplificou seu comentário aludindo ao festejo cívico brasileiro de 7 de setembro, comemorado em Guaíra com desfiles escolares e bandas militares, que conta também com a participação dos alunos de escolas do Paraguai, acompanhados de autoridades paraguaias, embora no Paraguai não seja feriado nacional. Da mesma forma, em eventos especiais do Paraguai, Guaíra também se faz presente por meio de suas autoridades.

Esse fato demonstra muito bem os esforços dos dois países (ao menos na região fronteira) em preservar e cultivar boas relações políticas, as quais podem se estender ao âmbito da amizade, já descrito durante as análises das entrevistas, proporcionando um clima amistoso, compartilhado pelos cidadãos paraguaios e brasileiros, que denota uma atitude muito prestigiosa.

Inquiridos especificamente sobre a amizade com falantes de guarani, dois entrevistados deram as seguintes respostas:

INQ.- Você tem amigo, assim, Guarani?

INF.- Não, porque o... os que praticam a língua guarani ali... tem, mas muito pouco, são pessoas idosas, pessoas aí de setenta anos a mais, né, que a gente se relaciona mais aí no meu trabalho de comércio, indústria, tinha essa... mais pra juventude, né, pro mais jovem, né. Então, eu não tenho amigo assim... amigo mesmo, eu conheço alguns, né. Agora espanhol, temos bastante. (Inf. 11)

INQ.- E você tem amigos Guarani, paraguaio Guarani?

INF.- Não. Até porque o guarani, na verdade, são os mais antigos que falam, né. É... é... é que... é... é... essas amizades que tenho são mais com jovem, até eles não conseguem falar o guarani, são difícil, têm dificuldade, que o pai já não fala, é... esse aí é uma coisa meio de antigo, né, talvez o meu vô falasse com minha mãe e minha mãe falasse comigo, talvez manteria esse vínculo, hoje já não tá mais assim, não. Hoje já não tem mais essa coisa. (Inf. 14)

Esses dois informantes reforçam a percepção dos guairenses de que o guarani é utilizado pelos mais idosos, e os mais jovens utilizam o espanhol paraguaio, o que pode denotar que o guarani ainda sofre preconceito como uma língua inferior, destinada apenas ao ambiente informal, reservando-se ao espanhol o título de língua utilizada no meio dos negócios, do comércio, das instituições oficiais, ou seja, é considerada, ainda, como se fosse a única língua oficial.

Embora as políticas governamentais tenham implantado, ou melhor, formalizado e orientado para que o guarani faça parte da grade curricular das escolas paraguaias, ficando equiparado com o espanhol, observa-se que na região fronteira ainda há muito a fazer para que essa variedade seja reconhecida de fato e de direito, o que se têm observado em vários depoimentos dos entrevistados.

A seguir, são apresentados alguns exemplos em que os entrevistados informam sobre a amizade com os árabes, estabelecida por meio do comércio, por relações de parentesco e em ambiente escolar:

INF.- Eu tenho um descendente de mulçumano só, em Guairá. É amigo, é amigo de todos, porque ele é uma pessoa que se relaciona muito aqui. [...]

INQ.- E essa amizade começou como?

INF.- Ah, começou... comercial. (Inf. 11)

INF.- Ah, tenho, tenho até sobrinho que é descendente de árabe. Faz... faz aquela amizade daí, né, pra ter aquele círculo de amizade. (Inf. 16)

INF.- Tenho, tenho. Alunas, né, ex-alunas minhas que eram de família árabe. É... tem árabes que moram aqui, que tem loja no Paraguai e que têm amizade com a gente, né. (Inf. 18)

Os informantes que declararam não ter amizade com árabes não apresentaram justificativas para suas negativas. O informante 7 parecia não se lembrar a princípio: “Árabe? Deixa eu ver... árabe, árabe não. Não, não conheço”. Pode-se observar que o grupo árabe não é tão representativo em Guaíra e talvez não transite tanto na localidade como acontece com outras etnias, pois os árabes geralmente têm comércio em Salto del Guairá.

Quanto aos japoneses, os informantes que disseram ter amizade com membros dessa etnia têm suas respostas exemplificadas a seguir:

INF.- Ah, japonês a gente tem amizade que alcança, mas eles são todos... pessoas meio... parece meio separadas assim, eles não se mistura muito não.

INQ.- Como que começou essa amizade de vocês?

INF.- Não, só em trabalho memo, né. (Inf. 3)

INF.- Começou quando eu fui trabalhar com... com japonês, como já disse pro'cê, morei três ano dento de casa com japonês que veio direto do... do Japão, que eles não conseguia falar nem o portu... nada quase de português, e eu morei três anos com eles dento da casa. Aí, né, que passei com eles, porque naquela época Guaíra praticamente cinquenta por cento quase era japonês, não é que nem hoje, hoje tem... (Inf. 5)

INF.- Tenho, tenho bastante, tenho... bastante amigos japoneses, trabalhamos juntos na administração aqui, dois mandatos, né. O vice era... o vice era japonês, né, e hoje ele é prefeito, hoje ajudamos ele na...

INQ.- E essa amizade começou...?

INF.- Política, o japonês foi na política. Eles... eles procuram, japonês com relação à administração pública, eles procuram ser assim, muito... é... se propõe a colaborar, né, são muito colaboradores, né. São reservados em parte, mas quando são procurados eles se dispõe a ajudar, né. [...] eles não usam, não procuram usar a administração pública pra se beneficiar, ao contrário, nós temos a Festa das Nações aqui, são... são sete colônias que se... são representadas aqui. E a barraca, [...], a japonesa sempre é a mais fácil de se trabalhar junto com eles, porque essa festa que se pratica todo ano aqui, se realiza todo ano é beneficente, é pra... os lucros obtido, angariado, é pra ajudar a manter as creches, né, o asilo. E a barraca japonesa proporciona... proporcionalmente é a que mais lucro dá, porque eles trabalham todos unidos e eles não... não cobram o trabalho deles e contribui, né. E eu sempre digo: ele não tem nenhum descendente japonês na creche, não tem nenhum descendente japonês na... na... nos asilo porque eles é assim, procura a colônia mesmo ter associação cultural deles, o clube japonês, quando tem alguém... alguém da colônia que tem alguma necessidade, eles se unem e resolvem, né. Então, eles colaboram e não usam... não se beneficiam daquilo. (Inf. 11)

INF.- Tenho amigos japoneses... que fala japonês.

INQ.- Como nasceu essa amizade?

INF.- Daqui também.

INQ.- Também do comércio?

INF.- Daqui. (Inint.) já tem essa loja há trinta ano. Como que não vou formar uma... uma amizade, um vínculo? É impossível. São pessoas maravilhosas. (Inf. 14)

INF.- A amizade com eles foi base do futebol, jogando bola. Tem o clube japonês, que faz as comida japonesa, que a gente gosta de lá, frequenta. Foi conhecendo, né. (Inf. 15)

Os informantes, quase unânimes, responderam que conhecem japoneses e mantêm amizade com eles por meio de relações de trabalho, do comércio, de eventos beneficentes como a Festa das Nações e de clubes sociais e esportivos, inclusive o clube japonês (que realiza eventos gastronômicos).

Para o informante 3, os japoneses são mais reservados, portanto, seria mais difícil fazer amizade com eles; mesmo assim, o informante disse ter amigos japoneses que conhece do trabalho. Os informantes 11 e 14, principalmente, têm os japoneses em alta estima, atribuindo-lhes qualidades como pessoas “maravilhosas”, “participativas” da sociedade gauiense, que contribuem quando são solicitados a ajudar em instituições assistenciais como creches e asilos, sempre em prol do outro, sem beneficiar-se de algum cargo ou mesmo de alguma instituição caridosa, pois, como declara o informante 11, o povo japonês cuida dos seus idosos, das suas crianças, enfim, entre o grupo étnico japonês os membros se ajudam mutuamente, procurando sempre solucionar seus próprios problemas, em vez de esperar que a ajuda venha dos outros.

Os informantes que declararam não ter amizade com japoneses não apresentaram razões relevantes.

A seguir, serão exemplificadas e analisadas algumas respostas dos informantes em relação ao círculo de amizade com os italianos:

INF.- Amigo, amigo é difícil. Conhecimento eu tenho. A minha cunhada, esposa do meu irmão, ela é italiana. Os parente dela, eu tenho conhecimento, são boas pessoa. (Inf. 6)

INF.- Tenho bastante, Maracaju dos Gaúchos, aí. A família Rosset, inclusive tem um que é meu sócio, trabalhamos junto. A família Rosset é uma família tradicional, pioneira aqui na Maracaju dos Gaúchos, tem uma comunidade aqui (inint.) Guaíra, bastante italiano.

INQ.- E essa amizade começou pelo negócio, ou não?

INF.- Negócio, negócio. Quando a gente veio pra Guaíra, nós extraía madeira, né, tora, madeira que tava mecanizando dos lote, aí a gente negociava com eles, e principalmente em festas, né... a igreja católica é... costuma... festeira, nós faz festa em toda comunidade, tá sempre junto. (Inf. 11)

INF.- Então, p'cê vê, né, que o Brasil tem muito essa coisa de... é... de ter uma... ter uma descendência italiana muito grande, né, ma... é, mas eu...

INQ.- Você não tem amigos italianos?

INF.- Não, eu tenho amigos descendentes de italianos, mas que fala... não. Que fale, não. (Inf. 14)

INF.- Italiano também. A família da minha avó, família Gallotti, família italiana. Gallotti dos tribunais de... do tribunal de... de justiça, são ligadas a companhia Dockers, isso aí... tinha bastante gente em Santos. Aqui em Guaíra também me relacionava bem com o pessoal da família Vendruscos, são italianos. (Inf. 17)

INF.- O italiano aqui, assim, tem... tem descendente de italianos porque aqui tem muito gaúcho, né, pessoal que veio do Rio Grande do Sul, são descendentes, né, de... de italianos. Eu mesmo sou descendente de italianos, né, o meu marido também é. Então, a amizade é por causa disso, é... são pessoas mais ou menos do... da nossa idade, né, que... que têm amizade, que fez amizade conosco. (Inf. 18)

Esses informantes declararam que conhecem italianos ou possuem relações de parentesco com membros desse grupo étnico, o que auxiliou para que novas amizades fossem

feitas. Outros informantes declararam que conheceram italianos por meio dos encontros em clubes/sociedades, festas em igrejas católicas etc.

A informante 14 teceu comentário sobre o grande contingente de italianos que o Brasil recebeu, que, segundo estimativas, “são mais de trinta milhões de descendentes italianos no Brasil” (FROSI; RASO, 2011). A informante, ainda, ao ser inquirida sobre ter amigos italianos, respondeu negativamente, mas enfatizou que tem amigos descendentes de italianos e que estes não falam italiano. Inclusive, muitos informantes fazem a ressalva de que seus amigos são descendentes de italianos. É possível que os informantes não queiram deixar dúvidas quanto à língua usada na comunicação entre eles, deixando implícito que utilizam a língua portuguesa em suas interações.

O informante 11, morador antigo de Guaíba e que, provavelmente, compõe o grupo de pioneiros da localidade, declarou que tem muitos amigos italianos que vieram do Rio Grande do Sul para colonizar Guaíba, formando parceria no negócio de mecanizar terras, o que gerou vínculos de amizade nas festas de igreja que ocorrem com frequência e nas quais estão sempre participando juntos.

Segundo a informante 18, ela e seu marido, descendentes de gaúchos italianos, também têm amigos da mesma etnia.

As informantes 8 e 10 informaram que não há muitos italianos em Guaíba, o que pode demonstrar o pouco contato que possuem com pessoas dessa etnia.

As respostas dos informantes que têm amizade com alemães são exemplificadas a seguir:

INF.- Ah, alemão já tem mais amizade, né, são pessoas que é mais dócil. Agora, o japonês, o árabe, sempre são meio... meio sozinho, parece. Não sei se é... não sei se é o jeito deles, o que que é. (Inf. 3)

INF.- Tenho, tenho o meu vizinho, que é descendente de alemão. Eu tenho uns conhecido aí que é, sei lá, muito distante.

INQ.- Como que começou esta amizade, este contato?

INF.- Dizer pra você também, é no comércio, é a igreja, meu contato vai na igreja, no comércio, numa festa, eu frequentava baile quando era mais nova, encontrava com muita gente de nacionalidade que era alemão, é... paraguaio, assim. (Inf. 6)

INF.- Aqui... eu... é... E alemão, eu tinha uma amiga minha, que hoje ela já até faleceu, conversava em alemão com o filho dela, com os irmãos dela, com o marido dela. Italiano? Não tive muita convivência com italiano, não. (Inf. 10)

INF.- Tenho amigos que são descendentes alemães, mas comigo nunca falaram em alemão nem... assim..., tem duas, três amigas aí que falam entre elas, mas assim, quando tá comigo, não... não falam, né. Não falam.

INQ.- E todas essas amizades nasceram aqui do comércio, não em outras circunstâncias?

INF.- Do comércio. (Inf. 14)

INF.- Tenho, mas bem poucos, mas não aqui em Guaíra, lá em Rondon, que lá tem bastante descendente de alemão, né, então, daí a gente tem amizade.

INQ.- E como é que nasceu?

INF.- Também assim de... sempre pra Rondon, né, tenho outras amizades, daí acaba tendo amizade lá das pessoas descendente de alemães. (Inf. 16)

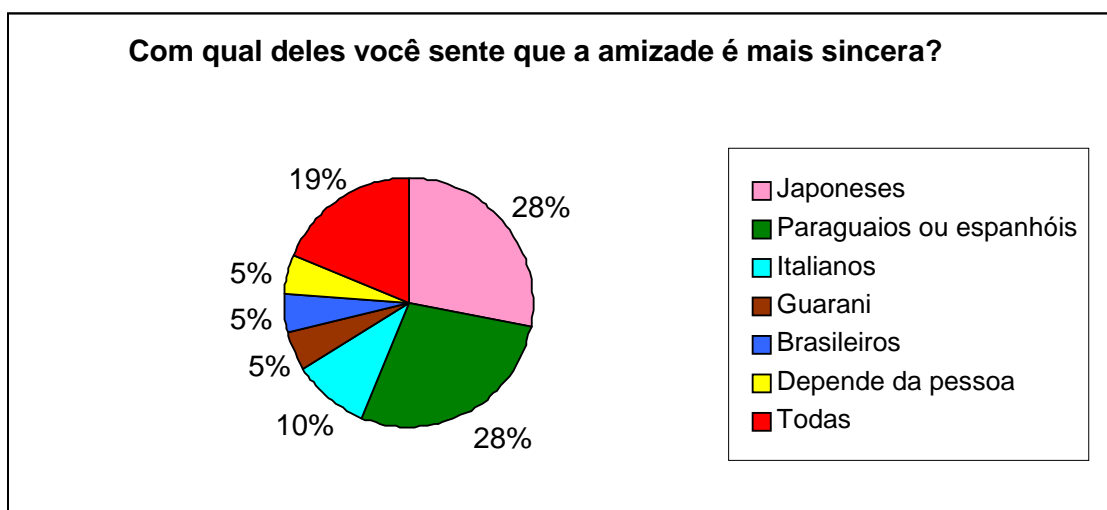
Esses informantes responderam que possuem amizade com alemães, estabelecida em diferentes contextos: por meio de relações de parentesco ou de vizinhança, por intermédio do comércio, por meio de contatos na igreja, em festas e bailes na juventude. Alguns informantes disseram que seus amigos falam alemão entre eles, mas não quando estão com pessoas que não entendem a língua alemã. A informante 16 declarou que têm amigos descendentes alemães em Marechal Cândido Rondon e, por meio deles, ampliou a rede de relacionamentos com alemães.

A informante 4 respondeu que, atualmente, não têm amigos alemães, mas já foi casada com pessoa membro dessa etnia. E a informante 8 apenas respondeu que não tem amigos alemães.

Em relação à questão 40, “Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?”, várias etnias foram citadas: os japoneses e os paraguaios ou espanhóis tiveram seis menções (28%) cada; os italianos, duas menções (10%); e as etnias brasileira e Guarani receberam uma menção (5%) cada. Um informante respondeu que a sinceridade depende da pessoa, e não da etnia (correspondente a 5% das menções), e houve quatro informantes (correspondente a 19% das menções) que responderam que os membros de todas as etnias são sinceros.

Veja-se o gráfico 62, relativo a essa questão:

Gráfico 62 – Percepção da sinceridade dos amigos por parte dos informantes guairenses



A seguir, exemplos de respostas de informantes que citaram os japoneses:

INF.- Eu acho que o japonês.

AUX.- O japonês? E por quê?

INF.- Eles parecem... eles passam pra gente assim, uma transparência, que eu, no meu ponto de vista, eles são sincero. (Inf. 4)

INF.- Ah, eu acho que com japonês. Japonês, eu nunca tive problema de negócio com nenhum deles, nunca me deram prejuízo nem nada. Os outro já me deram pra trás... (Inf. 5)

INF.- Eu acho que mais o... o japonês, né... porque quando eles fazem amizade, eles levam a sério mesmo, aí você pode confiar que é cem por cento, né. Os espanhol... acho que os dois, o japonês e o espanhol mesmo. (Inf. 13)

INF.- Eu acho que o japonês demora mais fazer amizade com eles, só quando a gente faz amizade a gente vê que eles são mais sinceros... É mais difícil da gente fazer amizade, mas depois que faz amizade eles têm... eles têm, parece, que mais confiança na gente. (Inf. 16)

A informante 4 credita a sinceridade ao fator transparência e o informante 13 ressalta que essa etnia inspira sentimento de confiança e seriedade ao estabelecer amizade com alguém, e atribui também ao espanhol essas qualidades. A informante 16 observa um traço da personalidade dos japoneses quanto ao estabelecimento de amizades, declarando que esse processo não é imediato: eles procuram, primeiramente, conhecer muito bem a pessoa, mas, após conhecê-la, talvez se a avaliação for positiva, depositam muita confiança e encaram o relacionamento entre amigos com muita honestidade. O informante 5 enaltece os membros dessa etnia, dizendo que já efetuou negócios com eles, que sempre foi cumprido o combinado e que nunca houve motivos para reclamações, enquanto sobre os outros não poderia falar o mesmo.

A seguir, alguns exemplos dos informantes que acham que a amizade é mais sincera com os paraguaios:

INF.- Amizade mais sincera?... O paraguaio. Acho Guarani e paraguaio.

INQ.- Guarani e paraguaio? E por que você acha isso?

INF.- Ai, alemão é muito fofoqueiro (risos), eu acho, né. Briguento, fofoqueiro. Os árabe... assim, não tratam a gente muito bem. Agora falta o...?

INQ.- Japonês.

INF.- Japonês? Japonês, eu nunca conversei com japonês, não posso dizer nada sobre..., né, então não sei. Converso com paraguaio. (Inf. 2)

INF.- Esses aqui... acho que o paraguaio.

INQ.- E por que que você acha isso?

INF.- Não, por ele sempre tá me ajudando, né, ele, particularmente ele, sempre tá me ajudando, eu também, sempre ligo pra fazer alguma coisa. Eu acho que a dele é a... (Inf. 7)

INF.- Ah, eu acho que o paraguaio porque... já tenho conhecimento com eles, né, me dou muito bem com eles. (Inf. 8)

INF.- Mais sincera? Ah, eu acho que, como nós temos em maior número aqui, eu acho que os próprios paraguaios, que é o maior número que nós temos, os outros são em menor número, né, e o contato nosso é maior é... é... por causa dos paraguaios que são bastante, né. Então, eu acho que é os paraguaios. (Inf. 18)

A informante 2 citou várias etnias que não corresponderiam à sua amizade: segundo ele, os alemães seriam muito briguentos e fofoqueiros, os árabes não tratariam muito bem as outras pessoas, e quanto ao japonês, não poderia se manifestar, pois não possui contatos com membros dessa etnia, avaliando, então, como a amizade mais sincera a dos paraguaios e Guarani. O informante 7 disse que pode contar com o paraguaio, que está sempre pronto para ajudá-lo em diferentes circunstâncias, atribuindo todo o mérito da amizade a essa etnia. As informantes 8 e 18 vinculam a questão da amizade mais sincera ao conhecimento que possuem com membros da etnia paraguaia, por serem o grupo em maior número, possibilitando obviamente mais contatos, segundo a informante.

A informante 14 dá a seguinte resposta:

INF.- Não, o Guarani... o Guarani você pode tirar fora do teu vocabulário, porque... na verdade, eu... eu não tenho assim, eu conheço pes... eu tenho amigos que falam em espanhol, que talvez eles... algumas coisa eles falam em guarani, mas comigo nunca que... nunca... é... e que as pessoas que falam entre eles na minha frente são mais cliente. Agora, os meus amigos mesmo que a gente fez um círculo de amizade, esses nunca falaram na minha frente, assim, em guarani, sempre, assim, falam o... o espanhol, meio... é... o... um pouco arrastando o português... é... assim... eu tenho alemães que têm aquele sotaque de alemão, mas comigo sempre falaram em português. Eu gosto de todos eles, não tenho... (Inf. 14)

Essa informante acha fundamental que as pessoas do seu convívio se comuniquem em português com ela, o que transparece em seus comentários ao citar, por exemplo, o guarani e o alemão, cujas línguas não são do seu conhecimento, mas faz ressalvas e declara que os membros dessas duas etnias sempre utilizam a língua portuguesa para se comunicarem com ela, mesmo que falem português “arrastado”, com traços fonéticos e prosódicos do espanhol, e com sotaque “alemão”.

Embora a informante faça alusão às interferências das “outras” línguas no português, não se observa nenhuma atitude de rejeição da parte dela; ao contrário, pode-se inferir que o esforço de falar a mesma língua da informante desperta simpatia e cordialidade. Pode-se observar a importância que a entrevistada credita à língua, podendo inferir que seria uma falta de respeito em relação à sua pessoa caso indivíduos de outras etnias não tentassem, ao menos, comunicar-se em português. Para concluir, a informante ressalta que não há excluídos em seu círculo de amizades e que possui uma relação amigável com todas as etnias.

A informante 10 adota uma postura bem mais flexível:

INF.- Aí depende, cada um é cada um, né. Eu posso ter amizade com uma pessoa que fala a minha língua e ela não ser sincera, assim como eu posso ter amizade que fala em estrangeiro aí, uma outra língua e aí, né... Essa minha amiga que falava em alemão mesmo, nossa! Se eu chegava na casa dela e ela tivesse conversando em alemão, ela: “opa, vamos parar de falar em alemão, que a M. tá chegando e ela não entende nada”. Na hora ela parava, era super minha amiga. (Inf. 10)

Essa informante argumenta que não é possível atrelar a amizade sincera de uma pessoa ao fato de ela falar ou não a mesma língua que ela. Mas, ao citar o exemplo de uma amiga falante de alemão, incorre na mesma avaliação da entrevistada 14, valorizando a atitude da amiga que, ao estar conversando com alguém em alemão, interrompia no mesmo instante e passava a falar em português, em respeito à outra que não entendia a língua estrangeira, o que, segundo a entrevistada, é uma atitude merecedora de confiança e uma demonstração de amizade verdadeira.

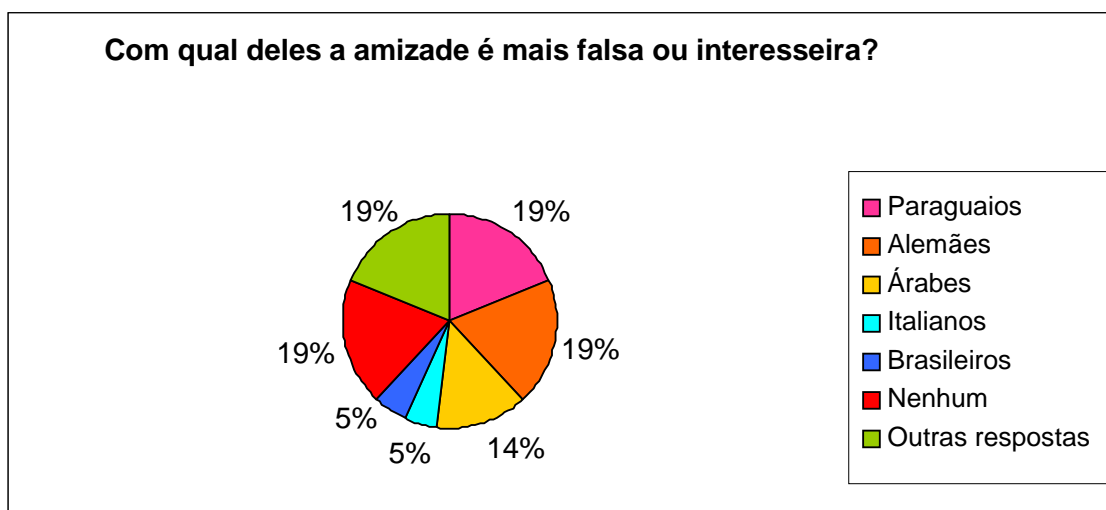
Quanto a amizades com membros da etnia italiana, o informante 3 enaltece suas qualidades como pessoa “mais digna”, que “gosta de falar mais verdade”, enquanto os membros da etnia paraguaia e alemã, segundo o informante, esconderiam a verdade. Também a entrevistada 6 definiu o italiano: “eu acho os italiano, eles são bem legal”. Para o informante 1, a etnia brasileira é merecedora de confiança, e as outras etnias poderiam ser traiçoeiras, enquanto o brasileiro, se tivesse que acertar alguma conta, já acertava face a face e, não pelas costas, segundo relato do entrevistado.

Os que declararam não fazer distinção entre as etnias quanto à sinceridade delas são os informantes 9, 14, 15 e 17. Este último acredita que a amizade é uma questão universal, ou melhor, não há fronteiras, nem diferenças que devam coibir qualquer relacionamento amistoso; inclusive, acrescenta que a língua também não deve ser um instrumento inibidor de laços afetivos entre as pessoas:

INF.- Olha, a amizade... a amizade é uma questão de química, certo? Eu acho que não tinha condição de credo, cor, origem, certo? O idioma que a gente fala... porque se assim fosse, não poderia ser amigo de um mudo, surdo, (inint.), né, uma pessoa deficiente, né, então eu acho que todos são sinceros. (Inf. 17)

Em relação à questão 41, “Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?”, o paraguaio e o alemão foram citados quatro vezes (19%) cada um; o árabe, três vezes (14%); o italiano e o brasileiro, uma vez (5%) cada um; para quatro informantes, nenhuma das etnias foi considerada como tendo amizade falsa ou interesseira (correspondente a 19% das menções); e quatro (19%) deram outras respostas.

Gráfico 63 – Percepção de falsidade ou interesse dos amigos pelos informantes guairenses



A seguir, são apresentadas as falas dos informantes que citaram os paraguaios como sendo mais falsos ou interesseiros:

INF.- Trabalhei... vou falar pro cê, traiçoeiro porque, paraguaio é assim, se você caçar confusão com um... e cê é brasileiro, cê caça confusão com todos.

INQ.- Entendi, então eles são unidos entre eles.

INF.- Entre eles. (Inf. 1)

INF.- Seria... dessa parte aí não sei te explicar, não, mais... pra mim, no caso, seria... escolhia nes... nesse povo, nessa diferença de povo, o italiano seria ma.... Agora, os outros que tem um pouco meio de dúvida é o alemão, o... paraguaio é um pouco meio traiçoeiro se for p'esses lado aí, então esses é meio... Se você fazer qualquer desentendimento entre eles, eles te cortam fora.

INQ.- É mesmo?

INF.- É, a natureza deles é bem mais forte. (Inf. 3)

INF.- É duro de dizer, o... o paraguaio, ele é muito... ele é muito bom, muito honesto, só que... que o paraguaio, ele faz um... uma coisa pra você sempre com a intenção de receber algo em troca, entendeu como é que é? Não é que nem eu, faço uma coisa pra você, mai' num tô pensando lá na frente se vai me retribuir. E o paraguaio não, ele te faz um... te carrega hoje, você à vontade, só que ele depois... ele não procura, mas ele faz com a intenção de... de receber algo depois, entendeu?

INQ.- O senhor acharia que a amizade mais interesseira seria o...?

INF.- O paraguaio. [...] (Inf. 5)

INF.- Ah, geralmente tem algum paraguaio que tu vê que não... eles não tem assim aquela... não fica aquele laço de amizade assim sincero mesmo... é amizade mais superficial, assim, né. (Inf. 16)

Observa-se que tanto o informante 1 quanto o informante 3 se referem ao paraguaio como “traíçoeiros”, ou seja, não seriam confiáveis. O informante 1 acrescenta que, se houver um desentendimento com um deles, todos se solidarizam, demonstrando bastante união entre os membros dessa etnia. O informante 5 titubeia ao se referir ao paraguaio e disse que é difícil falar certas coisas, mas acha que os membros dessa etnia, ao ajudarem alguém, sempre esperam algo em troca, acreditando que a amizade deles é interesseira; no entanto, o

informante não deixa de ressaltar que os paraguaios são pessoas boas e honestas. A informante 16 referiu-se à amizade com paraguaios como um sentimento volúvel, que não é tão duradouro.

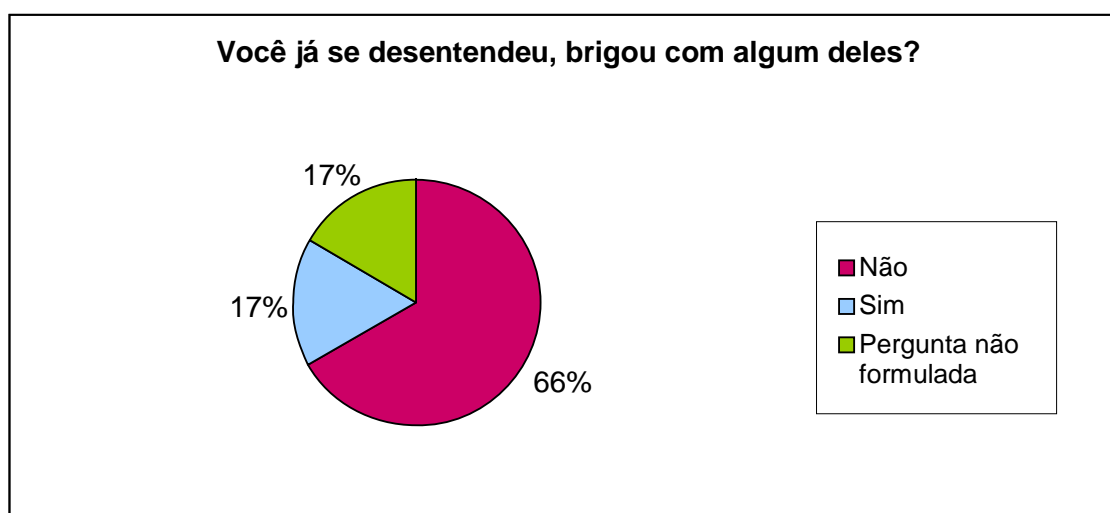
A informante 2 citou os alemães e os árabes como mais interesseiros, mas não soube dar motivos. Os informantes 3 e 4 também citaram os alemães, mas não pareciam estar muito convictos de suas respostas. A informante 18 acredita que o alemão “discrimina um pouco” e, em consequência dessa atitude, a amizade dele também já não seria muito sincera. A entrevistada, ainda, comentou a respeito dos japoneses, que seriam “meio fechados, são meio reservados”, e quanto aos árabes, seriam “dinheiristas”, interessados apenas em capital/bens materiais.

Dos informantes que não citaram nenhuma etnia como falsa ou interesseira, a resposta mais significativa foi a do informante 17: “Não, isso passa do ser humano... [...] Independente da origem, da nacionalidade, do idioma que vem a falar, pelo menos para mim”.

Em relação à questão “Você já se desentendeu, brigou com algum deles? Por que motivo?”, doze informantes (66%) responderam que não tiveram desentendimento ou briga motivada por questões étnicas. Três (17%) disseram que já houve desentendimentos e a três informantes (17%) não foi formulada a pergunta.

Veja-se o gráfico 64, relativo a essa questão:

Gráfico 64 – Ocorrência de desentendimentos entre falantes da comunidade guaireense



A informante 6 citou desentendimentos com familiares. O informante 11 observa que, na sua posição de político, é comum ocorrerem desentendimentos, mas estes não possuem ligação nenhuma com a língua ou cultura dos grupos étnicos. O informante 17 acredita que a

ocorrência de conflitos é absolutamente normal, sejam eles maiores ou menores em intensidade, mas o que pode diferenciar ou definir se a questão é grave ou não é o estado de espírito com que são encarados. As respostas dos dois últimos informantes estão reproduzidas a seguir:

INF.- Não, a gente que é político, é natural, é normal que tenha algum desentendimento, oposição. Isso aí é... quando a oposição é sadia, ela ajuda, né, ela... mas às vezes ela é até maldosa, ela procura denegrir, né. Daí (inint.) é normal, né.

INQ.- Mas aí não depende da raça deles, da língua deles, né?

INF.- Não. É independente. (Inf. 11)

INF.- Porque o desentendimento é comum. Nós podemos hoje absolver uma ofensa violenta, e amanhã, por causa de um pequeno respingo d'água, criar uma celeuma danada, né. Então, depende muito do estado de espírito. (Inf. 17)

Na sequência, serão analisadas as respostas à pergunta “Você namoraria ou se casaria com um(a) paraguaio(a) / árabe / japonês(a) / italiano(a) / alemão(a)? Por quê?”

Quadro 10 – Possibilidade de namoro ou casamento com membros das diferentes etnias em Guairá

| Informante | Paraguaio | Árabe | Japonês | Italiano | Alemão |
|------------|-----------|-------|---------|----------|--------|
| 1 | sim | não | sim | sim | sim |
| 2 | sim | não | sim | NF* | sim |
| 3 | sim | sim | sim | NF* | sim |
| 4 | não | não | sim | sim | sim |
| 5 | sim | sim | sim | sim | sim |
| 6 | depende** | NF* | NF* | sim | não |
| 7 | sim | sim | sim | NF* | sim |
| 8 | não | não | não | não | não |
| 9 | sim | NF* | NF* | sim | sim |
| 10 | sim | NF* | NF* | sim | sim |
| 11 | não | não | sim | sim | não |
| 12 | sim | NF* | sim | sim | não |
| 13 | não | NF* | sim | NF* | não |
| 14 | sim | sim | sim | sim | sim |
| 15 | sim | NF* | sim | sim | NF* |
| 16 | sim | não | sim | sim | não |
| 17 | sim | NF* | NF* | sim | sim |
| 18 | sim | sim | sim | sim | NF* |

* NF: Questão não formulada.

**Depende: será computada em “outra resposta”.

Em relação ao namoro ou casamento com paraguaio(a), treze informantes (72%) responderam que namorariam ou se casariam com alguém dessa etnia, quatro (22%) disseram que não e uma informante (6%) respondeu que, na idade dela, já não tinha mais esperança de casar. Esta última resposta será computada como “outra resposta”.

Os informantes 1, 16 e 18 disseram que poderiam namorar e casar com pessoas dessa etnia se houvesse sentimento de afeto envolvido. A resposta a seguir ilustra essa opinião:

INF.- Casaria.
 INQ.- Sem problema nenhum?
 INF.- Depende o amor, né, entre eu e ela.
 INQ.- Ela ser paraguaia não altera em nada?
 INF.- Não. (Inf. 1)

A informante 14 disse que a aparência física seria levada em consideração e, ao ser inquirida sobre um possível pretendente Guarani, respondeu que a única diferença que percebe entre o paraguaio e Guarani são as línguas. De maneira geral, os informantes declararam que seria levado em conta o sentimento de afeto e não houve nenhuma alusão quanto à diferença de língua ou etnia.

Os informantes que deram respostas negativas quanto a manter um relacionamento amoroso com um(a) paraguaio(a) foram os seguintes:

INQ.- Me diga uma coisa: você casaria com um argentino?
 INF.- Humm... não.
 INQ.- Não. Por quê?
 INF.- Ahn... não faria... não faz muito meu tipo não.
 INQ.- E um paraguaio?
 INF.- Também não. (Inf. 4)

INF.- Os hábitos são muito diferentes.
 INQ.- É um questão de hábito, então?
 INF.- É, muito diferente.
 INQ.- Se fosse um Guarani?
 INF.- Não. (Inf. 8)

INF.- Com uma Guarani? Olha, eu acho que não.
 INQ.- Por quê?
 INF.- Não sei, dá impressão que a gente não vai... por causa dos costume, né, por causa dos costume. Eu, por exemplo, sou casado com uma italiana, descendente de italiana, e com certeza a gente... tem mais condições de conviver junto, né. O Guarani, eu até porque o Guarani é muito acomodado. E nós aqui, criado aqui no sul, eu falei que os italianos têm muita vontade de crescer de qualquer jeito, mas a gente na verdade, a gente criou-se no meio... junto de italiano, a gente tem... a gente adotou esse... essa vontade que a maioria tem de querer... deixar o rastro, que nem diz o gaúcho, de progredir, né, e o guarani não tem interesse de progredi. Não tem.
 INQ.- E se casaria com uma paraguaia, espanhola?
 INF.- Descendente de espanhol... poderia até, né, poderia, poderia, dependendo, né, mas também...
 INQ.- Não é muito animado?
 INF.- Não é muito animado. Por causa dessa situação também, o paraguaio eles tem, assim, pouco interesse de se desenvolver, né. (Inf. 11)

INF.- Acho que também pelos costumes, as crenças deles são...
 INQ.- Tem alguma coisa específica assim que você pudesse...?
 INF.- Assim, em termos de religião é bem diferente da nossa, né. Eu não sou assim crente, sou católico, né. Mas em... em relação a crenças, essas coisas assim, né. (Inf. 13)

A informante 4 disse que não namoraria ou se casaria com argentino ou paraguaio, pois acredita que não se daria bem com pessoas dessas duas nacionalidades. A informante 8 também se recusaria a assumir um relacionamento a dois com paraguaio ou Guarani porque considera os hábitos dessa etnia muito diferentes dos seus. O informante 11 acredita que não daria certo com uma Guarani ou paraguaia, alegando também que os costumes são diferentes dos seus e dos compatriotas do Sul, os quais seriam mais ativos no desejo de construir algo para o futuro, o que não aconteceria com pessoas das duas etnias citadas, consideradas mais acomodadas pelo informante. O informante 13, da mesma maneira, acredita que o relacionamento não daria certo devido aos costumes diferentes, e acrescenta o fator religião como obstáculo, associando-a, dessa forma, à etnia, ou seja: uma etnia, uma religião.

Os informantes que deram respostas afirmativas quanto a namorar ou casar-se com árabe (cinco informantes, ou 28%) responderam, de maneira geral, que não veem problema algum, pois não fazem objeções quanto a membros de etnias diferentes. Os informantes que deram respostas negativas (seis informantes, ou 33%) citaram razões como hábitos muito diferentes. Inclusive, as vestimentas que os homens árabes costumam vestir foram alvo de rejeição da informante 2, que se referiu a elas como algo de mau gosto. Algumas justificativas são exemplificadas a seguir:

INF.- Árabe... é mei... meio estranho, né.

INQ.- Você não namoraria?

INF.- Não, acho que não, porque... o povo dele é mais estranho, né. É bem ma... mais fechado, né. (Inint.) do lado. (Inf.1)

INF.- Não, não (risos).

INQ.- E por que não com árabe?

INF.- Por causa das roupa deles (risos), não gosto. (Inf. 2)

INF.- A questão assim, que... porque a gente sempre vê falar, né, d'eles serem um povo assim meio... né... sei lá, mas é... como que eu vou explicar, assim? Eu não tenho segurança neles, não sentia seguran... segura, né. (Inf. 4)

INF.- Não, nunca, nunca.

INQ.- Por quê?

INF.- Pelos costume. Não ia se adaptar nesse costume. (Inf. 11)

INF.- É porque, assim, né, já eles vêm assim da... eles têm a religião deles, é totalmente diferente da mentalidade deles né, nessa parte então da gente. Então acho que seria difícil. (Inf. 16)

Interessante notar que, dentre os seis informantes com atitude negativa em relação a manter relacionamento com pessoas da etnia árabe, quatro são do gênero feminino. Observou-se que as mulheres são seletivas, pois citaram fatores como segurança, temperamento mais

flexível (mais abertos) e religião compatível com a sua como fundamentais para um relacionamento mais harmonioso.

Para sete informantes (39%), não foi formulada a pergunta.

Em relação aos japoneses, treze informantes (72%) responderam que namorariam ou se casariam com membros dessa etnia, apenas um (6%) respondeu negativaente, mas não justificou, e a quatro informantes (22%) não foi formulada a pergunta.

A seguir, exemplos de justificativas de informantes que afirmaram que teriam relacionamento de namoro e casamento com japonês(a):

INF.- Assim, pelo... pelo modo de... de vida, estilo de vida deles, eu acho que seria interessante, assim, em questões de afeto, carinho, amizade, né. Acho que seria interessante. (Inf. 13)

INF.- Ah, se eu... se eu... olhasse pra ele e falasse assim: “Meu Deus, é o homem da minha vida!” (risos). Acho que sim, por que não? (Inf. 14)

INF.- Acho que casaria, (inint.) que a gente vê... tenho amiga casada com japonês e elas se dão tão bem! Eles são marido bem atencioso, carinhoso, assim pra... (Inf. 16)

INF.- É, eu não tenho preconceito nenhum contra as raças. Eu não tenho, então vai da pessoa. (Inf. 18)

O informante 13 teceu qualidades muito positivas a respeito dos japoneses, enaltecendo o estilo de vida e a afetuosidade deles, e a informante 16 relatou a convivência harmoniosa de uma amiga casada com japonês, observando que é um relacionamento rodeado de afeto e de cuidados um com o outro. A informante 14 descreveu uma imagem bem romântica a respeito de encontrar o companheiro ideal para compartilhar sua vida dali para frente, descrição que é pontilhada com alegre humor. Para a informante 18, não importa a etnia, dando a entender que língua e cultura podem ser diferentes da sua, e o que importa, de fato, são os aspectos do caráter da pessoa. Apenas a informante 8 respondeu que não gostaria de ter um relacionamento com japonês, aliás, o que já vem sendo recorrente desde a pergunta referente ao paraguaio.

A respeito dos italianos, treze informantes (72%) responderam que namorariam ou se casariam com membros dessa etnia. Inclusive, os informantes 1 e 18 já estão casados com descendentes de italianos. Algumas das respostas afirmativas são as seguintes:

INF.- Também, não teria problema nenhum de me casar com um estrangeiro, né, (inint.). (Inf. 14)

INF.- As italianas são muito bonitas também.

INQ.- Maravilha! Sendo bonita... (Inf. 15)

INF.- Ah... eu acho que sim. Vai de conhecer e gostar, né, daí é independente da nacionalidade, acho que... casaria. (Inf. 16)

A informante 14 demonstrou ser bastante flexível quanto à nacionalidade estrangeira, bem como a informante 16, que mostra ser bastante acessível e aberta às diferentes etnias, atribuindo maior importância a conhecer bem a pessoa e ao sentimento afetivo como valores verdadeiros e mais importantes para a união de casais. O informante 15 faz referência à beleza das italianas, que ele consideraria em caso de um relacionamento.

A entrevistada 6, na resposta a seguir, não pareceu muito convicta ao responder que não gostaria de se relacionar com um italiano, atribuindo a recusa ao fator da semelhança de “cor” – “porque já é da minha cor”. Porém, logo em seguida, reformulou sua resposta e, moderadamente, disse que poderia até ocorrer que tivesse, futuramente, um companheiro italiano ou paraguaio, mas, neste caso, salientou que já tivera muitas informações sobre o comportamento do paraguaio, que seria volúvel em seus relacionamentos amorosos e não permaneceria por um longo tempo com a mesma companheira.

INF.- Também não, porque já é da minha cor. Eu falo não, mas quem sabe? A gente não sabe da vida da gente. Poderia até, quem sabe, ter um companheiro italiano, ninguém se sabe, ou um paraguaio, porque o paraguaio já tem fama que eles não fica com mulher, né, eles fica um mês, dois, e a fama é assim. Que minha filha namorou um paraguaio, eu sei, eu morei lá no Paraguai, lá tem muita lavoura, meu pai arrendou terra e eu fui morar lá. As mulher falava, eu era moça nova aquele tempo, “não fica, vai namorar paraguaio e casar, porque paraguaio não fica com mulher”, né. (Inf. 6)

Apenas a informante 8 (6%) respondeu negativamente, sem nenhuma justificativa, e a quatro informantes (22%) não foi formulada a pergunta.

Em relação ao namoro e casamento com alemão(a), nove informantes (50%) responderam afirmativamente, quatro (22%) disseram que não manteriam vínculos afetivos com alemães e a cinco informantes (28%) não foi formulada a pergunta. A seguir, um exemplo de resposta favorável ao relacionamento com membros dessa etnia:

INF.- Ah, eu... eu me casaria. Se eu não tivesse o meu namorado (risos). (Inint.) Olha, cuidado, hein (risos). (Inint.) Ele vai me largar (risos). Ah, olha, vai que casa mesmo (risos). Eu casaria, não teria problema nenhum, se existisse amor, ou... aquela coisa, né, de compatibilidade, por que não? Poderia ser um chinês, um coreano, é... acho que amor não tem fronteira (inint.) (risos). Tô chique, hein! (Inf. 14)

Dentre os informantes que concordariam em ter relacionamento com alemão(a), alguns justificaram dizendo que seria um fato normal, dando a entender que não haveria restrições quanto a isso. A informante 4 já foi casada com alemão e o informantes 5 é casado com uma descendente de alemão e suíço. Para a informante 14, como se observou

anteriormente, também não faz diferença a etnia para um relacionamento amoroso, e o informante 17, em tom de brincadeira, respondeu que para ele todas são iguais.

Dos informantes que responderam negativamente, três justificaram desta forma:

INQ.- E por que o alemão não?

INF.- Porque não... não gosto de alemão muito (risos). (Inf. 2)

INF.- Ai, não, não senhora, porque eu já acho branco demais. Não é que eu não tou desqualificando a nossa cor branca, mas eu acho tão bonito o moreno, a cor morena, eu acho linda. Eu não teria um companheiro o alemão, porque acho que já sou muito branca. (Inf. 6)

INF.- Eu acho que alemão, acho que não.

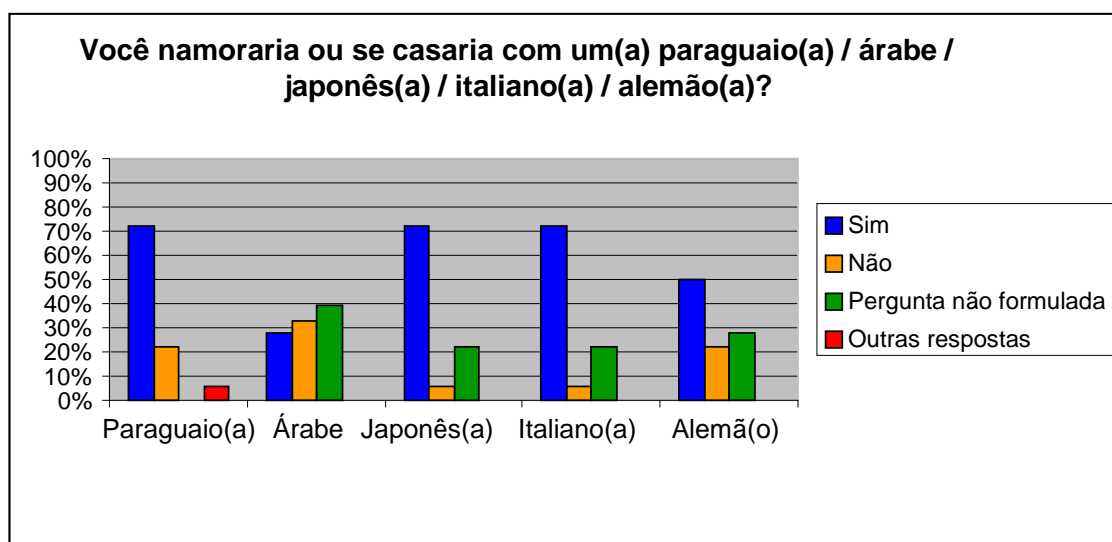
INQ.- Por quê?

INF.- É o... porque não sou muito chegada em... assim, em... homem loiro, sabe, então acho que não ia me interessar muito (risos). (Inf. 16)

A informante 2 simplesmente alegou não gostar dessa etnia, e as informantes 6 e 16 responderam que não seria do agrado delas um companheiro de “cor branca” ou um “homem loiro”. A informante 8 respondeu negativamente em relação a todas as etnias, quanto a ter um relacionamento afetivo.

O gráfico a seguir apresenta, de forma comparativa, os resultados dessa pergunta:

Gráfico 65 – Possibilidade de namoro ou casamento com membros das diversas etnias de Guaira



Analizam-se, a seguir, as respostas à questão “Se precisasse de um médico ou dentista, procuraria um paraguaio / árabe / japonês / italiano / alemão? Por quê?”. As respostas dos informantes estão contidas no quadro 11.

Quadro 11 – Possibilidade de procurar médico ou dentista das diferentes etnias em Guaíra

| Informante | Paraguaio | Árabe | Japonês | Italiano | Alemão |
|------------|-----------|---------|---------|----------|--------|
| 1 | não | Sim | sim | sim | sim |
| 2 | sim | Não | sim | NF* | sim |
| 3 | sim | Sim | sim | sim | sim |
| 4 | depende | NF* | não | sim | sim |
| 5 | sim | sim | sim | NF* | NF* |
| 6 | sim | depende | depende | depende | sim |
| 7 | não | depende | depende | sim | sim |
| 8 | depende | sim | sim | sim | sim |
| 9 | sim | NF* | NF* | sim | sim |
| 10 | sim | sim | sim | sim | sim |
| 11 | não | não | sim | sim | sim |
| 12 | sim | sim | sim | sim | sim |
| 13 | não | NF* | sim | NF* | NF* |
| 14 | sim | sim | sim | sim | sim |
| 15 | depende | NF* | sim | sim | NF* |
| 16 | não | sim | sim | sim | sim |
| 17 | sim | NF* | NF* | sim | sim |
| 18 | depende | sim | sim | sim | sim |

*NF: Questão não formulada

O quadro 11 mostra que nove informantes (50%) responderam que procurariam um médico ou dentista paraguaio, em caso de necessidade, e cinco (28%) não procurariam. Os demais informantes (22%) apresentaram ressalvas, de modo que suas respostas foram incluídas na categoria “depende”. É importante mencionar que ressalvas que seriam também feitas a profissionais brasileiros, tais como “se fosse especialista” ou “se tivesse boas referências” foram consideradas como respostas positivas, para todas as etnias.

Dentre os informantes dispostos a procurar profissional da saúde paraguaio, alguns justificaram do seguinte modo:

INF.- Eu já procurei, morando aqui, em Guaíra, eu já me tratei, já fui... saí daqui e fui me tratar no Paraguai, com médico lá.

INQ.- Uhum.

INF.- Por quê? Porque eu já conheço de lá, entendeu como é que é? A gente já tem a... a experiência com a pessoa. É até uma... até uma médica, né, experiência. É... é... oculista também, já saí daqui já fui lá, já tratei lá também.

INQ.- Se tiver referências, se não tiver algum conhecimento?

INF.- Ah, porque... se for necessário você vai, agora se... eu fo... eu vou, mais se eu não tiver... eu não vou não.

INQ.- Não vai, né?

INF.- Não vou. Se tiver... é... é ... eu dou preferência aqui. (Inf. 5)

INF.- Sim, eu já... quando eu morei lá, eu fui num dentista paraguaio, acho que era paraguaio, não me lembro, eu nem lembro se era do Paraguai... como você perguntou?

INQ.- Se você precisasse de um médico e de um dentista, ali tem um médico paraguaio, você iria nele?

INF.- Olha, se me informassem que fosse um médico entendido dos pobrema, eu até poderia consultar com ele sim, poderia. (Inf. 6)

INF.- Sim

INQ.- Por quê?

INF.- Não, porque acho que do mesmo jeito que nossos médicos, nossos dentistas estudaram dentro da... da área deles lá, acredito que fora também, né? (Inf. 10)

Para os informantes que responderam afirmativamente, a maior preocupação em relação aos profissionais de saúde paraguaios consiste em saber se o profissional possui competência e especialidade na área em que necessitassem de auxílio. A informante 10 foi uma das entrevistadas que disse acreditar na capacidade dos profissionais paraguaios e argentinos, justificando que, assim como os profissionais brasileiros estudaram e se aperfeiçoaram na área desejada, todos os outros também se prepararam. Os informantes 5 e 6, que já foram atendidos por profissionais paraguaios, disseram que o importante é conhecer e obter informações a respeito do profissional que irá realizar a consulta ou os procedimentos clínicos.

Quanto aos informantes que não procurariam médico ou dentista paraguaio, destacam-se três justificativas:

INF.- Porque muitos lá não têm muito estudo, né. Os papel lá, eles assinam lá, já é um médico ou algum doutor. Já trabalhei lá, uma vez lá, é desse jeito. (Inf. 1)

INF.- Não que a gente queira desfazer assim do... do paraguaio, vou ser bem claro, né, que todo brasileiro, pelo menos que eu conheço, acha, em questão de...de... assim, em relação a matérias de higiene, medicina, essas coisa, acho que eles deixam a desejar, né. (Inf. 13)

INF.- (Risos) Paraguaio... bom, eu acho que o paraguaio eu acho que não. Eu não levo muita fé, né. Sabe de umas histórias assim que não dão... não... acho que não. (Inf. 16)

Esses informantes alegaram, de um modo geral, a falta de confiança na competência e seriedade desses profissionais. O informante 1 colocou em dúvida a obtenção de um diploma no Paraguai atestando o profissional de saúde. O informante 13 indicou outro agravante, opinião que seria compartilhada por muitos brasileiros: a falta de higiene na área da medicina paraguaia de modo geral. A informante 16 alegou falta de confiança, mas não deixou claro o motivo.

Dentre os informantes que apresentaram ressalvas, as entrevistadas 8 e 18 procurariam médico ou dentista paraguaio com a condição de terem realizado os estudos universitários aqui no Brasil, caso contrário, também não procurariam, e os entrevistados 4 e 15 procurariam apenas caso não houvesse outras opções.

Com relação aos árabes, nove informantes (50%) disseram que procurariam profissionais dessa etnia, dois (11%) não procurariam, e outros dois (11%) apresentaram ressalvas. A cinco informantes (28%), não foi formulada a pergunta.

A seguir, alguns exemplos dados pelos informantes que se mostraram dispostos a procurar um médico ou dentista árabe:

INF.- Sendo qualificado, não tem problema nenhum.

INQ.- Tanto aqui, quanto ali...?

INF.- Qualquer um, não tem problema. (Inf. 5)

INF.- Se tivesse boas referências dele, com certeza.

INQ.- Ah, sim, se não tivesse... aí às vezes daria preferência pra algum outro?

INF.- É, eu creio que sim. (Inf. 12)

INF.- Eu acho que independente, quando é assim pra essas co... essas... é... que nem médico, dentista, acho que não... o que vale é ser um bom profissional, né. (Inf. 16)

Os informantes estão mais preocupados com a competência do profissional do que propriamente com a sua língua ou etnia, embora vários tenham colocado a preferência pelo profissional que falasse português. Para justificar a escolha do profissional, foram citados fatores como boa especialização na área de atuação e boas referências. A informante 14 declarou que utilizaria até mesmo mímicas para se comunicar, contanto que o profissional valesse a pena, mas, na condição de poder escolher, optaria por um profissional que falasse espanhol, pela facilidade de compreensão.

Dentre os informantes que não procurariam médico ou dentista árabe, um justificou de maneira radical, declarando que de forma alguma procuraria um profissional de saúde árabe, espanhol ou guarani, e assumiu a preferência pelo descendente de italiano ou alemão, pois acredita mais no comprometimento desses profissionais:

INF.- Eu não, de maneira nenhuma.

INQ.- Por que o senhor não procuraria nem um guarani, nem um espanhol, nem um árabe?

INF.- Eu não sei. Porque a gente num tem aquela impressão... impressão que não vai se dedicar, né, à altura. Não sei por que... é uma impressão que eu tenho. Até porque a gente nunca procura, né.

INQ.- Quando o senhor procura um médico, senhor procura sempre um brasileiro...?

INF.- Brasileiro, descendente de italiano, alemão... que parece que eles se dedicam mais à profissão, né. (Inf. 11)

As respostas incluídas na categoria “depende” foram a dos informantes 6, que apresentou o problema da língua como fator dificultante, e 7, para quem a escolha dependeria onde o profissional de saúde houvesse cursado a universidade, ou seja, uma boa instituição brasileira é o que decidiria.

Treze informantes (72%) consultariam um médico ou dentista japonês, dois (11%) apresentaram ressalvas e apenas um (6%) deu resposta negativa. A pergunta não foi formulada a dois informantes (11%).

Dentre as justificativas para procurar um médico ou dentista japonês, estão as seguintes:

INF.- Sim, procuraria.

INQ.- Tá. Por quê?

INF.- Ah, pelo... pela dedica... acho mais pela dedicação, o cuidado e a preocupação que eles tem em estar a par co... a profissão, né. (Inf. 13)

INF.- Olha, se ele fosse capacitado na área que eu... eu tivesse procurando, sim. Teria... falasse pra mim: “olha, você... aquele médico é o melhor... é especializado naquela área, o cara é PhD no assunto”, não teria objeção nenhuma. [...]

[...]

INQ.- E depois? Eu tiro o português, daí você iria em qual? Aí você tem o falante de árabe, falante de italiano, falante de alemão, falante de guarani, falante de espanhol?

INF.- Ai, eu talvez seria racista, né, se eu falasse de uma outra. Não sei, estaria falando pela língua só, né, não pela competência, né? Pela língua?

INQ.- Todos são competentes.

INF.- Todos são competentes. PhD no assunto? Claro que eu iria no espanhol, né. Eu iria no espanhol porque é uma língua mais parecida com a nossa... com certeza.

INQ.- Em último lugar?

INF.- O japonês... e o árabe (risos).

INQ.- E o falante de guarani sem problema?

INF.- Não, também não, não iria, lógico.

INQ.- Mas por causa da comunicação?

INF.- Da comunicação e de ser uma coisa mais... é... a gente teria mais facilidade de poder entender. (Inf. 14)

Os informantes, de modo geral, mostraram-se confiantes diante da possibilidade de escolha de médico ou dentista japonês e não fizeram referência à língua estrangeira, como muitas vezes ocorre durante os relatos dos informantes. É possível que os japoneses, que fazem parte dos grupos pioneiros de Guaíra, já tenham conquistado sua “cidadania” e, acima de tudo, sejam muito bem vistos em Guaíra.

Alguns informantes destacaram alguns itens necessários à escolha do profissional, como ter cursado uma boa faculdade, e o informante 13 declara, também, que o profissional japonês demonstra muito comprometimento e seriedade com sua profissão.

A informante 14, assim como em relatos anteriores, demonstrou boa vontade diante da escolha de um profissional de saúde japonês, dispondo-se, inclusive, a utilizar mímica para se fazer entender; porém, ao ser inquirida diversas vezes, essa informante concluiu que optaria por um profissional que facilitasse a comunicação, sugerindo alguém que falasse espanhol, pela proximidade com o português. Ao longo da exposição que a informante fez, suas

respostas, devido à sua disposição em se esforçar e se adaptar às condições diferentes impostas pela língua estrangeira, foram consideradas como positivas (afirmativas).

O informante que não procuraria um profissional de saúde japonês apenas disse que daria preferência a outros profissionais, sem maiores explicações.

As ressalvas apresentadas nesta questão, em geral, são as mesmas apresentadas em relação às demais etnias: a questão da comunicação na língua estrangeira e a formação do profissional.

Com relação aos italianos, quatorze informantes (78%) consultariam um profissional dessa etnia, um (5%) apresentou ressalva ligada à impossibilidade de comunicação, e a três informantes (17%) não foi formulada a pergunta. É importante observar que os italianos não tiveram rejeição nessa questão.

Dentre as respostas positivas quanto a procurar um médico ou dentista italiano, apresentam-se dois exemplos:

INF.- Mema coisa.

INQ.- Italiano o senhor ia correndo até, né?

INF.- Porque aqui tem médico italiano, tem japonês, tem vários tipos de médico, então...

INQ.- E isso não seria um obstáculo pro senhor procurar esse profissional?

INF.- Não, pra mim não. (Inf.3)

INF.- Eu acho que independente, quando é assim pra essas co... essas... é... que nem médico, dentista, acho que não... o que vale é ser um bom profissional, né. (Inf. 16)

Os informantes citados demonstraram muita confiança em consultar dentista ou médico italiano, destacando que o importante é a qualificação do profissional. Um dos informantes ressaltou que há profissionais de diferentes etnias em Guaíra, o que pode mostrar um clima de maior confiança, pois seria como estar “em casa”. No caso da pergunta referente aos alemães, também não houve nenhuma resposta negativa.

Os quinze informantes (83%) que se manifestaram favoravelmente à ideia de procurar médico ou dentista alemão deram razões como as exemplificadas a seguir:

INF.- Confiança no trabalho é independente, né.

INQ.- Da onde veio a pessoa.

INF.- Eu acho que é por aí. (Inf. 3)

INF.- Sim, também, eu poderia, se eu tivesse informação que fosse um médico especial, especialista. (Inf. 6)

INF.- Se tivesse... mesma coisa, mesma condição, se tivesse feito a faculdade aqui ou na Alemanha, onde deve ter uma estrutura... não teria... na boa. (Inf. 7)

INF.- Além [= apesar] dele ser um pouco mais grosso, sim.

INQ.- É mais grosso?
 INF.- Eles são. (Inf. 8)

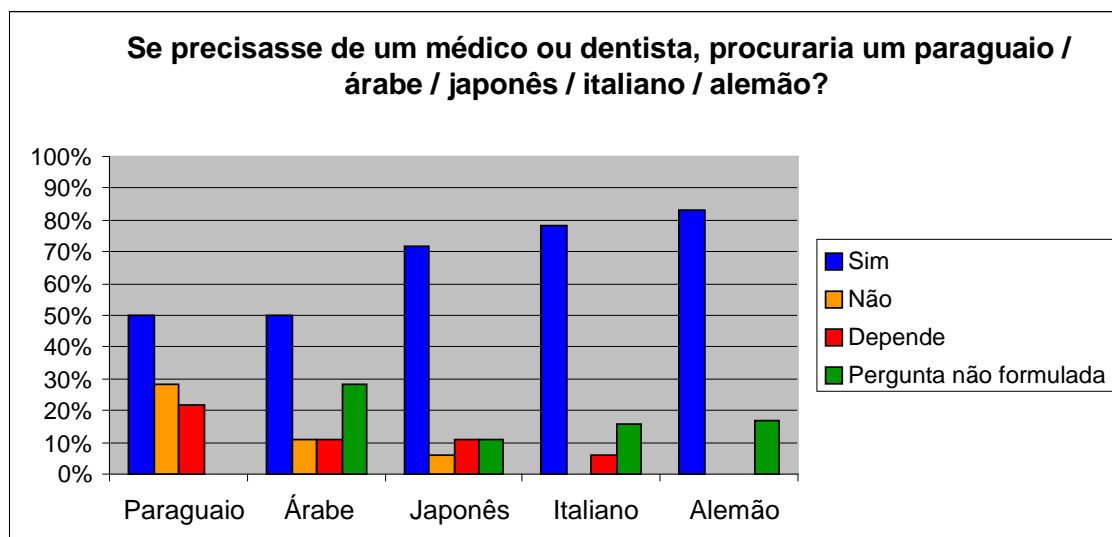
INF.- Ah, por o mesmo motivo, porque se ele tá ali, sendo médico ou dentista, ele estudou pra aquilo, então não tem o porquê eu não ir... me consultar com ele. (Inf. 10)

A maioria dos informantes declarou que estaria disposta a procurar um médico ou dentista alemão, demonstrando mais preocupação em saber se o profissional de saúde possuía especialização e competência na área desejada. O informante 1, inclusive, demonstrou disposição em procurar o profissional em outro país, acreditando que haveria tecnologia mais avançada para tratar de sua enfermidade, em caso de necessidade, não questionando a questão da língua diferente da sua. Os informantes 3 e 6 apontaram a confiança como um item importante no momento da escolha do profissional, o que pode advir de várias fontes, como ter boas referências por meio de pacientes já tratados pelo médico ou dentista, ou ter feito o curso superior em instituição conceituada aqui no Brasil ou no exterior.

A informante 8 aceita ser atendida pelo profissional de saúde alemão, embora ela atribua ao agente de saúde dessa etnia um comportamento inadequado, definindo-o como mais rude no trato com as pessoas, o que não foi mencionado pelos outros informantes e nem mesmo atribuído por essa mesma informante às demais etnias. Provavelmente, a entrevistada já tenha tido uma experiência desagradável anteriormente com algum profissional dessa etnia, o que a levou a tecer esse comentário, estendendo a atitude de desprestígio também aos demais membros desse grupo étnico.

A seguir, apresenta-se o gráfico comparativo das respostas a essa questão:

Gráfico 66 – Possibilidade de consultar médico ou dentista das diferentes etnias em Guaíra



O objetivo da pergunta 53, “Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Guaíra, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?”, era oferecer espaço para que os informantes tivessem oportunidade de expressar opiniões sobre a diversidade linguística em Guaíra. A seguir, apresentam-se alguns comentários dos entrevistados:

INF.- Não, acho bom porque... nós tamo em frontera aqui, né, tinha que ser essas língua daqui, né, não precisa ser língua de outros países. (Inf. 1)

INF.- Não, não, eu acho que aqui o normal nosso é isso aí mesmo. Pra nós aqui, a cidade pequena, não tem muita cultura, é pouca cultura de Guaíra, a cultura maior que nós temo aqui em Guaíra é a Festa das Nações que é cada fim de ano, cada meio de ano...

INQ.- Ah, no meio do ano?

INF.- É... é tipo abril, maio, por esse meio aí, tem uma Festa das Nações que é onde tem uma cultura maior que nós tem aqui, que ainda é cultura nossa aqui. Acho que é só isso.

INQ.- Eu já acho que a cultura de vocês é riquíssima, até mesmo por esse contato com... com... com vários povos, acaba sendo uma cultura bem rica, né.

INF.- Não, o pior é que pra nós é, aqui nós temos varias naç... nações de gente que mora aqui dentro de Guaíra aqui, que é tudo, fica tudo unido igual. Então não tem separação. (Inf. 3)

INF.- Eu acho legal. Acho... importante, porque as pessoas pode se comunicar, uma com a outra, o que um não sabe o outro tenta explicar, acho que... não vejo diferença. (Inf. 4)

INQ.- O que você acha de haver esta variedade de línguas?

INF.- Ah, interessante, né.

INQ.- Você vê de uma forma positiva?

INF.- Muito interessante. Ahan. (Inf. 8)

INF.- Não. Guaíra, por.. por... por ser fronteira, precisa-se aprender o castelhano, não só Guaíra, como Foz, como toda a região fronteira da... nós precisamos aprender o castelhano... o brasileiro em geral, porque se você for no Paraguai, Argentina, Bolívia, Equador, qualquer parte da América do Sul é o castelhano que se fala, então nós, por obrigação, temos que falar o castelhano. Eu acharia isso, que toda as escolas deveriam adotar isso, para poder, nós termos a... na América do Sul... se entendermos, né. Isso é importante, isso é importante. Né? O inglês, tudo bem, é importante também, mas a... para nós na América do Sul, importantíssimo mesmo é aprender falar o castelhano... espanhol. (Inf. 9)

INF.- Não, não tem. Aqui o representativo é realmente o japonês, o espanhol e o italiano. Temos aí alguns poloneses, mas são muito pouco, né, muito pouco. Tem uma família muito amiga, descendente de poloneses, mas são poucos, né, eles não... (Inf. 11)

INF.- É, na verdade o que a gente acha engraçado mais, é só o pessoal mais da região sitiante, né. Porque tem muito sitiante que tem comércio aqui, tudo, então às vezes chega um pessoal de fora, assim, pra entrar na loja, né, já ocorreu o fato dessa pessoa ligar: “Ô, cê num pode dar um pulinho aqui, porque tem um pessoal aqui e eu não tô entendendo nada. Cê vem?”. “Ah, não, beleza”. Inclusive (inint.) também, né. Um dia entrou um grupo de japonês ali num... numa loja, ela teve que ir lá pra auxiliar, né.

INQ.- Então o pessoal tem um pouco de receio porque não sabe falar, né? Você acha que se eles conhecessem um pouco talvez...?

INF.- Seria mais fácil, né. Ainda mais gente que é do comércio, precisa, né. (Inf. 13)

INF.- Na verdade, hoje aqui em Guaíra falta mais um... como que eu vou explicar pra você? É... no meu caso, funcionário meu, se chega uns paraguaios aí, já me chamam, e a gente já se entende, já me entende, já... entendeu? Então, acho que Guaíra precisava mais um... um básico aí de espanhol, tá na fronteira, que é a língua mais usada, né. Aí o japonês e o árabe, aí sabe, geralmente falam português, né. (Inf. 15)

Os informantes 1, 4, 8, 9 e 15 opinaram no sentido de apresentar sugestões, dentre as quais destacaram a necessidade de se falar espanhol/castelhano em região fronteira com países que falam espanhol, chamando a atenção para o fato de o Brasil fazer parte da América Latina, o que tornaria vital a comunicação em espanhol. O informante 15, que já havia comentado a respeito de se oferecer um curso de língua em entrevista anterior, retorna com a sugestão, ressaltando a necessidade de se oferecer cursos básicos de espanhol em Guaíra, a fim de atender à demanda da fronteira. O entrevistado, comerciante e falante do espanhol, relata, ainda, que sempre é chamado pelos seus funcionários quando os fregueses são nativos do Paraguai, para auxiliar na comunicação. O informante 9 corrobora a sugestão do ensino do espanhol nas escolas, insistindo que se torna até obrigação para os brasileiros aprender a se comunicar nessa língua, e acrescenta que o inglês é importante também, porém, não em detrimento do espanhol.

O informante 11 declarou, com relação à diversidade linguística em Guaíra, que o representativo em Guaíra é a etnia japonesa, a espanhola e a italiana, e fez alusão a um grupo pequeno de poloneses. O informante 13 sugeriu que seria bom saber se comunicar em japonês, o que muito auxiliaria aqueles que lidam com comércio, pois quando recebem grupos de visitantes dessa etnia em suas lojas, requer-se sempre a ajuda de intérprete, que se torna imprescindível para estabelecer o contato entre freguês e comerciante.

O informante 3, preocupado em explicar que a cidade é pequena e, por isso, não oferece uma variedade de eventos culturais, cita a Festa das Nações (evento já tradicional em Guaíra e que ocorre anualmente em abril ou maio) como “a cultura maior que nós temos aqui em Guaíra” mas, ao receber do inquiridor um estímulo referente à cultura guairense, o informante reage positivamente e conclui com um comentário a respeito da diversidade étnica de Guaíra e da união desses grupos étnicos.

7 COMPARAÇÃO DOS DADOS DE GUAÍRA E MARECHAL CÂNDIDO RONDON

Esta seção apresenta uma síntese dos resultados obtidos nas duas comunidades investigadas, Marechal Cândido Rondon e Guaíra, buscando tecer um comparativo entre as atitudes identificadas em uma e em outra localidade. Apenas os resultados mais representativos são considerados. As discussões são apresentadas em subseções, cada uma abordando um tópico, seguindo a divisão dos blocos conforme se encontra nas seções das análises.

7.1 LÍNGUA(S) FALADA(S) PELO INFORMANTE NA ATUALIDADE E LÍNGUA(S) USADA(S) NA INFÂNCIA NA INTERAÇÃO COM OS FAMILIARES

Nesta subseção, sintetizam-se os resultados do primeiro bloco de questões referentes às duas localidades.

Em Marechal Cândido Rondon, os resultados mostram que quase dois terços (61%) dos informantes são monolíngues em português e um terço é bilíngue em português e alemão. A questão que se refere à língua utilizada pelos pais nas interlocuções com seus filhos durante a infância apontou que os pais de metade dos informantes falavam apenas em alemão com os filhos, os pais de três informantes (17%) usavam as línguas portuguesa e alemã e os pais de seis informantes (33%) utilizavam apenas a língua portuguesa. Quanto à língua falada pelos avós nas interlocuções com os informantes quando crianças, os resultados mostraram um percentual de 39% para o uso exclusivo do português, 38% para o uso da língua alemã e 11% para a comunicação bilíngue (alemão e português).

Esses dados revelam, assim, que metade dos entrevistados rondonenses conviveu com o alemão no cotidiano de sua vida infantil, embora não seja possível verificar quais competências (falar, compreender, ler e escrever) fossem utilizadas, até porque a pesquisa não abrangeu a questão referente aos níveis de proficiência. É possível traçar um cenário em que as três gerações conviviam, e os ensinamentos e as experiências dos mais velhos constituíam um legado aos mais jovens. Porém, os dados apontam também para um declínio do uso do alemão (ou da fala bilíngue) na comunidade, pois apenas um terço dos informantes relatou ainda falar alemão, embora, novamente, não se saiba em que nível de proficiência.

As respostas dos informantes permitem um retrato linguístico da comunidade rondonense, que ainda mantém um falar bilíngue (alemão e português), apesar de se observar um declínio do uso da língua étnica em relação às gerações anteriores. Grande parte dos

informantes esteve em contato com o dialeto alemão quando criança, na convivência inclusive com os avós, que mantinham fortes laços com a língua e a cultura alemãs. Quanto ao nível de bilinguagem, reafirma-se a concepção assumida neste trabalho, que é a do indivíduo bilíngue funcional, em que a fala bilíngue é acionada em momentos particularizados, em funções específicas, cujas competências (ler, compreender, falar e escrever) não estão todas equiparadas no mesmo nível, ou seja, em uma ou mais funções poderá haver um estado passivo, enquanto em outra(s) poderá haver um desempenho que irá satisfazer a atividade comunicativa à qual o falante se propôs, corroborando os estudos dos pesquisadores aqui já citados, como Skutnabb-Kangas (1981), Grosjean (1982), Mello (1999) e outros.

Pelas respostas dos entrevistados, fica implícito que eram estabelecidos níveis de comunicação suficientes para atender às necessidades e aos desejos dos participantes. Resta acrescentar que, em interações informais, tais como as referidas nas primeiras perguntas do questionário, a compreensão e a fala são as competências mais salientes, pois o ler e o escrever já pertencem a outra categoria, mais formal, e, naqueles contextos de colonização de um novo território, não eram considerados necessários por diversos fatores de ordem prática: a vida diária não favorecia esse tipo de atividade e as interações na língua materna consistiam principalmente de conversas sobre o cotidiano, histórias orais, orações, repreensões e ordens que serviam à educação das crianças. A título de exemplo, cita-se um provérbio alemão levado ao extremo pelos antepassados na educação dos filhos: “*Was Hänschen nicht lernt, lernt Hans niemehr*” (O que Joãozinho não aprender, João não aprenderá nunca mais), correspondente em português ao ditado “É de pequeno que se torce o pepino”.

O quadro de Guaíra é um pouco diferente, pois a língua não portuguesa mais citada pelos informantes, na pergunta sobre as línguas que falam, foi o espanhol, que não é língua de herança dos informantes, mas a língua utilizada na fronteira. Segundo os resultados dessa questão, pouco mais da metade (56%) é monolíngue em português, e o restante é bilíngue ou trilíngue: 22% falam espanhol e português e outros 22% falam espanhol, português e inglês. A maioria dos pais e avós dos guairenses (88% e 71%, respectivamente) só falava em português com os informantes, quando crianças.

Em Guaíra, os falantes tornaram-se bilíngues nas línguas mais requisitadas para a inserção no mercado de trabalho: o inglês, considerado língua internacional, e o espanhol, língua necessária para as interações na fronteira em função de relações de negócios ou de trabalho.

Não se pode esquecer que os paraguaios representam também um grupo imigrante em Guaíra. Muitos informantes citaram Vila Velha, reduto de paraguaios e descendentes, onde

ainda se pratica a língua de origem, principalmente entre os mais velhos, e se cultiva a cultura, através das manifestações religiosas e folclóricas. De acordo com Borstel (2009), referindo-se às festividades que se realizam na Igreja da Virgem de Caacupé, ou *Capilla Nuestra Señora de los Milagros de Caacupé*, em Guaíra, “na festa religiosa os imigrantes e seus descendentes resgatam a história da santa milagrosa paraguaia, a cultura identitária, o falar espanhol e alguns termos em *japorá [sic]* com traços linguísticos do português” (BORSTEL, 2009, p. 173).

7.2 RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DAS COMUNIDADES E AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO LINGUÍSTICO DOS FALANTES

Esta subseção sintetiza os resultados do segundo bloco de questões, nas duas localidades. A pergunta sobre as línguas diferentes do português faladas na comunidade rondonense resultou em catorze menções à língua alemã (50% das menções, ou 78% dos informantes), referindo-se às variedades *Hunsrückisch* (HR) e, em proporção menor, ao *Pomeranisch* (pomerano). Houve também nove menções (32%) ao espanhol/castelhano/espanhol argentino/espanhol paraguaio, quatro menções (14%) ao italiano, e uma menção (4%) ao inglês.

Em Guaíra, quase todos os informantes (94%) reconheceram a existência de outras línguas faladas, além do português, provando que há consciência da diversidade linguística da localidade. As línguas mais citadas pelos informantes foram, na ordem: o japonês (21% das menções), o espanhol paraguaio ou castelhano (15%), o guarani e o alemão (14% cada um), o italiano (13%) e o árabe (11%). O “paraguaio” também foi citado como língua ouvida na localidade (6% das menções), mas não é possível saber se a referência era ao espanhol ou ao guarani.

As duas comunidades, assim, podem ser caracterizadas como multilíngues, pois as menções às línguas demonstram que elas possuem ainda certa vitalidade entre seus falantes, mesmo que em situações e locais muito específicos.

Pozenato (2003) aborda o processo de substituição linguística, que pode explicar o que acontece também nas localidades investigadas nesta tese:

até a 4ª geração, talvez a 5ª geração dos imigrantes ainda mantém a língua, bem ou mal. [...] Quando, numa imigração, o processo de troca se faz imediatamente na 3ª geração, já não existe mais o uso da língua original. [...] Aqui, durante pelo menos duas gerações iniciais ainda permanece a língua original rearticulada no nível

comum. Na 3ª geração é que começa haver a memória e não o uso e na 5ª desaparece a memória também (POZENATO, 2003, p. 108).

Esses dados apresentados por Pozenato (2003), respectivos a uma região de colonização italiana, remetem a semelhanças com os dados de Marechal Cândido Rondon, referentes à vitalidade linguística dos descendentes alemães, e de Guaíra, relativos aos japoneses e paraguaios, os grupos étnicos mais expressivos na localidade, conforme os entrevistados. Também Pertile (2009) apresenta dados em sua pesquisa que podem ser comparados aos desta tese:

[...] a comunidade ou grupo que um dia foi monolíngue no italiano, tornou-se temporariamente bilíngue através do contato com o português, língua dominante, e caminha para a extinção da língua italiana, tornando-se novamente monolíngue, porém na língua portuguesa (PERTILE, 2009, p. 201).

Como exemplo desse fenômeno, pode-se citar o caso de Guaíra. Pelas entrevistas dos informantes, constata-se que os grupos étnicos japonês, alemão e paraguaio/guarani usam suas línguas de origem entre os membros das primeiras gerações, como exemplifica a fala da informante 14:

INF.- Ah, eu creio que sim, como a colônia japonesa, por exemplo, eu... eles são... é... eles têm aquela coisa de origem ainda, aquela coisa do avô conversar com o filho, o filho passar pro neto. [...] Alguns grupos de alemães, mais os antigos conversam entre eles, assim, mas a colônia japonesa ela é muito mais forte. Aí tem o espanhol, os vizinho, né, do outro lado. Entre eles falam, até misturam o guarani com o espanhol [...]. (Inf. 14)

Grosjean (1982), quando trata do processo de manutenção e deslocamento de línguas em contato, afirma que a língua dos imigrantes constitui, juntamente com a cultura, os costumes, a religião e tantos outros hábitos, o baluarte desses grupos ou dessas comunidades quando em solo estrangeiro, e a língua materna, falada entre seus membros, assegura a coesão linguística durante a primeira e a segunda geração. A partir da terceira geração, já se verifica o bilinguismo com mudança de código (*code switching*). O grupo imigrante, nessa fase, já se habituou e assimilou muitos costumes, e a língua “estrangeira” já não é mais tão estranha, e, assim, entra no espaço familiar. Além disso, os netos dos imigrantes frequentam a escola, cuja língua de instrução é o idioma oficial/nacional da terra hospedeira. No caso das duas comunidades em foco, Marechal Cândido Rondon e Guaíra, o português é a língua majoritária da comunidade e a língua usada nas instituições estatais, incluindo a escola.

Os exemplos citados pelos informantes corroboram os resultados referentes à percepção das línguas mais faladas nas comunidades. Em Marechal Cândido Rondon, metade

dos informantes citou exemplos do alemão, mas apenas 22% dos informantes souberam dizer palavras do italiano, e 11%, do espanhol argentino (exemplos do espanhol paraguaio não foram lembrados). Em Guaíra, exemplos do espanhol foram citados por 56% dos informantes; exemplos do japonês foram mencionados por 28% dos informantes; exemplos do italiano foram lembrados por 17% dos informantes; e exemplos do guarani foram citados por 11% dos entrevistados.

Os informantes foram também solicitados a avaliar quem, entre os diferentes grupos étnicos, fala melhor ou pior a sua língua de origem. É importante lembrar que, em relação a essa questão, observaram-se dúvidas por parte dos informantes por se tratar de questão de interpretação ampla, já que não foram citados critérios que pautariam a avaliação do informante. Assim, a melhor alternativa para a análise foi a de utilizar os termos e expressões dos entrevistados que se mostraram coerentes com a pesquisa como um todo.

Com relação aos informantes rondonenses, mais da metade (56%) disse que o alemão é mais bem falado, 16% citaram o italiano e 17% citaram o espanhol argentino/paraguaio. Os resultados mais expressivos para o alemão se devem, provavelmente, ao histórico de colonização da localidade. Dentre os informantes que citaram essa língua, seis disseram que a entendem melhor por conhecê-la, principalmente pelo fato de serem descendentes de alemães.

Pode-se atestar lealdade linguística em relação à língua étnica, embora se tenha constatado uma menção ao alemão “quebrado” e “incorreto”, sugerindo que as variedades alemãs HR e pomerano não são consideradas “línguas verdadeiras”, conotação atribuída apenas ao HD (alemão padrão). Por exemplo, a informante 6 acredita que os teuto-brasileiros, especialmente os falantes de pomerano, falam “aquele alemão quebrado, assim, sabe, não é o alemão da gramática mesmo, que quem realmente só fala o alemão correto é o pessoal da Alemanha, quem vem da Alemanha”. Nesse sentido, inclusive, 16% dos informantes disseram que quem fala alemão fala pior, certamente se referindo ao uso de variedades não padrão ou à interferência do alemão no português.

Porém, a língua mais citada pelos rondonenses como mal falada foi o espanhol paraguaio, mencionado por 28% dos informantes, que atribuíram à variedade características como “enrolado”, “confuso”, “difícil de entender”. Depreende-se, portanto, que há uma tendência a achar que fala melhor aquele que fala uma língua conhecida, “compreensível” aos ouvidos.

Os guairenses avaliaram como bem faladas, principalmente, o português/brasileiro e o espanhol/castelhano, com 20% das menções para cada língua. O italiano e o inglês receberam, cada um, 12% de menções como as línguas mais bem faladas, e as demais línguas não tiveram

um número significativo de menções. Ao espanhol ou castelhano e ao italiano foram atribuídas qualidades como “bonito”, “semelhante ao português”, “de fácil compreensão”, “mais fácil de aprender”, sugerindo que a compreensibilidade das línguas, relacionada à semelhança com a língua portuguesa, é decisiva para uma avaliação positiva.

Com relação à língua mais mal falada em Guaíra, o guarani recebeu sete menções (35%) e o português, quatro (20%). As demais línguas foram pouco citadas. Nessa questão, foram mencionados atributos negativos às línguas ou aos falantes, como “difícil de entender”, “mistura de línguas” e “falar gritando”, dentre outros. Os falantes do português foram julgados negativamente porque “falam errado”, não usam o “português correto”, falam um “português misturado”, usam variedades regionais e não têm instrução/cultura.

7.3 AMBIENTES DE USO DAS LÍNGUAS ÉTNICAS E COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DE SEUS USUÁRIOS

Quanto aos ambientes/lugares onde se ouvem as línguas ou os modos de falar diferentes, os rondonenses citaram o Paraguai e/ou a Argentina (no caso do espanhol), ruas e praças da cidade, local de trabalho, casas das famílias, clubes, estabelecimentos comerciais, locais de festa/encontros, ponto de ônibus ou interior de ônibus e meios de comunicação. Os guairenses citaram feira/mercados ou lojas/comércio, ruas, igrejas, praças e restaurantes.

As situações relatadas pelos informantes das duas localidades geralmente se referiam ao uso da língua materna ou de herança entre pessoas do mesmo grupo étnico, especialmente entre os mais velhos. Pode-se inferir que os temas utilizados nas interações são da ambiência familiar, informal, de modo que a língua diferente do português está perdendo cada vez mais espaço, o que pode ocasionar, dentre outras consequências, a restrição vocabular por parte dos falantes das línguas étnicas.

Na pergunta sobre o comportamento dos falantes dos diferentes grupos étnicos quando estão reunidos e conversando na língua de herança, na presença de alguém que se aproxima do grupo, tanto os informantes rondonenses quanto os guairenses apontaram que, em geral, continuam a falar na “língua deles”, especialmente os paraguaios (78% e 66%, respectivamente) e os alemães (67% e 56%, respectivamente). Muitos informantes acreditam que os grupos que continuam falando em sua língua étnica na presença de pessoas que não a dominam não são educados.

7.4 JUÍZOS DE VALOR ATRIBUÍDOS ÀS DIFERENTES LÍNGUAS E CONVENIÊNCIA DO USO DESSAS LÍNGUAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Os resultados que se destacam no conjunto de questões do quarto bloco se referem à avaliação das línguas quanto aos atributos “língua mais bonita” e “língua mais feia”. Esses resultados, de modo geral, corroboram aqueles encontrados com relação a quem fala melhor e quem fala pior. Também se ressaltam as atitudes dos informantes quanto a proibir ou não o uso das línguas étnicas em lugares públicos.

Em Marechal Cândido Rondon, 61% dos informantes avaliaram como bonitas as línguas diferentes do português, enfatizando a importância de respeitar a língua do outro. Além disso, alguns informantes acreditam que todas as línguas têm características peculiares que as tornam bonitas e que, por meio delas, os povos podem cultivar sua tradição e passá-las às novas gerações. Sobre qual seria a mais bonita delas, 38% informantes citaram o português, embora essa língua não estivesse prevista na pergunta, e 27% citaram o alemão. Para 38% dos informantes, nenhuma língua é feia, mas 22% citaram o espanhol paraguaio como a língua mais feia.

Em Guaíra, 78% dos informantes avaliaram as línguas em geral como bonitas, de modo que se pode dizer que os guairenses, mais que os rondonenses, não estranham a multiplicidade de línguas presente na sua localidade. Para 28% dos informantes de Guaíra, o espanhol ou castelhano é a língua mais bonita, “poética”, “harmônica”. O português, o japonês e o inglês também foram positivamente avaliados. Quanto à língua mais feia, 29% citaram o guarani, 19% mencionaram o japonês, 14% citaram o alemão e 9% avaliaram negativamente o árabe, sugerindo que as línguas não latinas, por serem de mais difícil compreensão, são menos apreciadas.

Quanto à proibição do uso das línguas diferentes do português em lugares públicos, a maioria dos informantes de Marechal Cândido Rondon e Guaíra (78% e 89%, respectivamente) posicionou-se contrária a essa possibilidade. Novamente, como se pode observar, os guairenses parecem mais receptivos ao uso das línguas estrangeiras que os rondonenses. Os informantes das duas localidades, de modo geral, argumentam que todos têm o direito de falar a língua que quiser e de manter a tradição de sua família (incluindo a língua).

7.5 USO INSTITUCIONAL E MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM DAS LÍNGUAS DIFERENTES DO PORTUGUÊS

Esta subseção destaca os resultados do quinto bloco de questões, que buscou identificar o uso das diferentes línguas em instituições religiosas e educacionais, focalizando a disposição dos informantes para aprender essas línguas.

Com relação à pergunta sobre o uso das línguas diferentes do português nas instituições religiosas pelo sacerdote/pastor/palestrante, 44% dos informantes rondonenses foram favoráveis a que essas línguas fossem utilizadas, mas um número igual de informantes defendeu que não deveria ser utilizada nenhuma outra língua além do português. Os favoráveis ao uso de língua não portuguesa nas missas ou cultos citaram predominantemente o alemão, língua bastante relacionada ao luteranismo. Mesmo após quase dois séculos da chegada dos primeiros imigrantes alemães em solo brasileiro, o vínculo entre língua e religião ainda vigora com intensidade.

Em Guaíra, por sua vez, apenas 28% dos informantes se manifestaram favoráveis ao uso de outras línguas que não fosse o português. A metade deles acha que não deveria ser utilizada nenhuma outra língua além do português, e 17% dizem que tal uso dependeria da situação. O principal argumento dos favoráveis ao uso exclusivo do português nas celebrações religiosas foi o de que os membros dos diversos grupos étnicos, até mesmo os mais idosos, já aprenderam o português.

Sobre a possibilidade de inclusão das línguas diferentes do português no currículo escolar, quase a totalidade dos informantes rondonenses (95%) defendeu que a escola deveria ensinar as línguas faladas na localidade. Alguns não mencionaram nenhuma língua em específico, mas outros citaram especialmente o alemão (43% das menções), o inglês e o espanhol (18% das menções cada um). Outras línguas foram citadas, mas as porcentagens não foram significativas.

Entres os informantes que citaram o alemão, é interessante mencionar o informante 5, que atribui à escola a função de ensinar/manter a variedade padrão das línguas estrangeiras, que seria a única “língua correta”, “sem erro”, demonstrando insatisfação com o uso das variedades não padrão utilizadas pelos rondonenses.

Em Guaíra, a língua mais citada para compor o currículo escolar foi o espanhol ou castelhano (35% das menções). Em seguida, foram citadas o guarani (15%), o inglês (15%), o alemão (11%) e o japonês (8%). Outras línguas foram citadas, mas, como em Marechal Cândido Rondon, as porcentagens foram pouco significativas.

Nas duas localidades, o inglês e o espanhol foram indicados por vários informantes como línguas prioritárias no currículo escolar, ressaltando a necessidade de estudar uma língua de uso internacional e de ampla utilização no meio acadêmico. Porém, as respostas dos informantes mostraram a importância da inserção, no currículo das escolas, não apenas das línguas estrangeiras necessárias para o mercado de trabalho e para a pesquisa acadêmica, mas também das línguas étnicas mais representativas na comunidade, como forma de manter a língua dos imigrantes.

Esse desejo dos informantes está em consonância com as diretrizes oficiais para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil – a Lei de Diretrizes e Bases nº 9394 (BRASIL, 1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998; 1999) –, que orientam para atender às expectativas da comunidade, ou seja, incluir também a(s) língua(s) que possa(m) estabelecer vínculos com a realidade da região/comunidade, visando ao resgate e ao cultivo da língua e a cultura do(s) grupo(s) que compõem a localidade.

Os informantes também manifestaram vontade de aprender uma segunda língua. Em Marechal Cândido Rondon, apenas 22% dos informantes disseram não ter interesse em aprender a falar alguma língua estrangeira. As línguas mais citadas pelos demais informantes (78%) foram o alemão (38% das menções), o espanhol (33%) e o italiano (19%). Interessa aqui trazer a resposta do informante 15, que manifestou o desejo de falar “o alemão mesmo, o alemão que se fala na Alemanha”, sugerindo que as demais variedades não fossem legítimas.

Em Guaíra, a preferência é pelo espanhol ou castelhano (35% das menções), corroborando o desejo de aprender a língua do país vizinho, dada a necessidade de interagir com os paraguaios, seja comercialmente, seja no âmbito das relações sociais ou de trabalho. Muitos também gostariam de aprender inglês (26% das menções). Outras línguas também foram citadas, mas em percentual não significativo.

Ao serem inquiridos se estudaram ou se falavam alguma das línguas usadas na localidade e onde a aprenderam, um terço dos informantes rondonenses declarou ter aprendido alemão com a família, sem nenhuma complementação da aprendizagem em escola. Outros informantes estudaram línguas na escola: espanhol (17%) e alemão (11%). Dois informantes aprenderam informalmente, e apenas 22% não estudaram e não falam nenhuma língua além do português.

Dos informantes que aprenderam a língua alemã, dois estão na faixa etária dos 40 anos e quatro têm acima de 50 anos, indicando que os informantes da faixa etária mais velha ainda tiveram contato com a língua étnica de forma natural, espontânea, informal, o que vem

ocorrendo cada vez menos nas gerações mais novas, seja porque os pais trabalham fora de casa, seja porque as instituições como a escola e a igreja utilizam cada vez menos alemão.

Dentre os guairenses, um terço nunca estudou uma língua diferente do português, 17% aprenderam apenas inglês na escola, 22% estudaram inglês e espanhol na escola ou em cursos particulares, e outros 22% estudaram apenas espanhol em cursos particulares ou informalmente, em contato com falantes nativos dessa língua. Essas respostas corroboram as respostas a outras questões, mostrando que os guairenses se interessam principalmente pelo espanhol e pelo inglês, por questões de ordem prática.

7.6 RELACIONAMENTO AFETIVO, SOCIAL OU PROFISSIONAL COM MEMBROS DAS DIVERSAS ETNIAS

O sexto e último bloco de questões analisadas procurou investigar as formas de relacionamento dos informantes com falantes de outras línguas, sob uma perspectiva afetiva/social (no âmbito familiar e no círculo de amizades e vizinhança) e profissional (área da saúde).

Uma das perguntas do questionário relacionava-se à possibilidade de comprar uma casa em bairro onde só morassem membros de determinadas etnias. Em Marechal Cândido Rondon, os grupos étnicos com maior aceitação de convivência no mesmo bairro que o informante foram os alemães e italianos, ambos com 78% de respostas positivas, seguidos dos argentinos (72% de respostas positivas). As atitudes negativas dos rondonenses foram mais representativas em relação aos paraguaios, resultando em apenas 55% de respostas positivas à possibilidade de residir em bairro onde só houvesse membros dessa etnia. Porém, de modo geral, observou-se uma tendência de aceitação com relação à convivência com os membros dos diversos grupos étnicos.

Entre os guairenses, os grupos étnicos com maior aceitação em relação a conviver no mesmo bairro que o informante foram os italianos (61% de respostas positivas), seguidos dos paraguaios, japoneses e alemães, com 56% de respostas positivas (para cada etnia). Os árabes representam o grupo com menor aceitação: apenas 22% dos informantes comprariam casa em bairro onde morassem apenas membros dessa etnia, mas é preciso levar em conta que, para essa etnia, houve um grande número de perguntas não formuladas (39%). O percentual de rejeição para os árabes foi de 39%, o mesmo percentual verificado para os paraguaios (os japoneses, italianos e alemães receberam, respectivamente, 28%, 22% e 17% de respostas negativas).

Nas duas localidades, o principal argumento apresentado para não morar em bairro de determinada etnia foi a diferença de línguas e de costumes, que poderia dificultar a adaptação.

Quanto ao círculo de amizades com membros das diferentes etnias, a maioria (95%) dos informantes rondonenses declarou possuir amigos alemães. Quanto aos demais grupos étnicos, 56% disseram ter amigos italianos e 44% disseram ter amigos paraguaios. Poucos informantes (22%) possuem amigos argentinos, especialmente porque a Argentina está distante da localidade e não há nenhum grupo representativo dessa etnia em Marechal Cândido Rondon.

Em Guaíra, a maioria dos informantes (83%) possui amigos paraguaios, resultado que não surpreende, haja vista a intensidade das relações sociais e comerciais entre guairenses e paraguaios que residem, principalmente, em Salto del Guairá. Grande parte dos informantes (72%) também disse ter amigos japoneses, o que também era esperado, já que se trata de um grupo étnico bastante representativo na localidade. Em relação aos italianos e alemães, 61% dos informantes têm amigos dessas etnias. Apenas 17% declararam possuir amizade com árabes, mas é preciso informar que houve um percentual de 56% de perguntas não formuladas.

Os contextos que originaram as amizades, nas duas localidades, são geralmente de cunho mais informal (relações desde a infância, vizinhança, comércio/mercado/feira etc.), mas muitas amizades também se originaram em ambiente de trabalho e em outras situações um pouco mais formais.

Na avaliação da eventual sinceridade ou falsidade das amizades, 44% dos informantes rondonenses acham que essa característica não depende do grupo étnico ao qual a pessoa pertence. Entretanto, 28% dos informantes acham que os alemães são mais sinceros, e 22%, que os italianos são mais sinceros. Já 17% acham que os paraguaios são mais falsos e interesseiros que os membros das outras etnias. Nessa localidade, também, 44% dos informantes relataram que já tiveram algum desentendimento com membros de outras etnias. Dentre os motivos citados, destacam-se: discussões no ambiente de trabalho, ciúmes, desonestidade e temperamento explosivo. Contudo, as respostas sugerem que se trata de casos isolados, e a maioria não generaliza o fato ocorrido como típico de relacionamento com determinada etnia.

Entre os guairenses, os grupos citados como os mais sinceros foram os japoneses e os paraguaios (28% das menções cada grupo). Mas 19% dos informantes acreditam que todas as etnias são sinceras, ou que nenhuma etnia é falsa ou interesseira, em se tratando de relações de amizade. Outros grupos foram citados como sendo os mais sinceros, mas os resultados são

pouco representativos. O interessante é que o paraguaio foi também o grupo étnico mais citado, ao lado do alemão (19% das menções cada um), como mais falso ou interesseiro. Os paraguaios são citados, inclusive, por dois informantes como sendo “traíçoeiros”. Os árabes receberam 14% das menções como os mais falsos ou interesseiros. Diferentemente dos resultados de Marechal Cândido Rondon, apenas 17% relataram que tiveram algum desentendimento com membros de outra etnia. Alguns informantes acreditam que a existência de conflitos é normal, e não está relacionada a esta ou aquela etnia.

Quanto à possibilidade de namorar ou se casar com membros das diversas etnias da localidade, os grupos étnicos mais citados pelos rondonenses, para o estabelecimento de laços afetivos, foram os alemães e italianos (67%), seguidos dos argentinos e paraguaios (56%). Já os guairenses estariam dispostos a se casar principalmente com paraguaios, japoneses e italianos (72% de respostas positivas para cada etnia). Metade dos informantes disse que manteriam laços afetivos (namoro ou casamento) com alemães, e 28%, com árabes.

Algumas ressalvas feitas por informantes das duas localidades relacionavam-se a diferenças culturais e/ou linguísticas como fator impeditivo para o estabelecimento de uma relação afetiva de namoro e casamento. No entanto, as falas de alguns informantes sugerem que os laços afetivos estabelecidos poderiam atenuar as dificuldades de compreensão das línguas, ou seja, as barreiras linguísticas seriam suplantadas pelos sentimentos de afetividade. Conforme já apontado nas análises, esse entendimento é, de certa forma, contraditório em relação às apreensões de alguns informantes quanto a morar em bairro composto exclusivamente por membros de determinados grupos étnicos, pois, para esses informantes, seria melhor partilhar os mesmos costumes e comportamentos, procurando resguardar a identidade linguística e cultural.

Outra pergunta feita aos informantes foi se eles estariam dispostos a consultar médico ou dentista das diferentes etnias. Os profissionais de origem alemã foram os mais aceitos entre os informantes rondonenses (78% de respostas positivas), seguidos dos italianos (67%), dos argentinos e dos paraguaios (ambos com 61% de respostas positivas). Os informantes, de modo geral, não colocaram ressalvas quanto às línguas, mas disseram que dariam preferência aos profissionais da localidade (por isso, os paraguaios e argentinos tiveram um percentual menor) que tivessem atestada competência e, preferencialmente, que fossem indicados por alguém de confiança do informante.

Em Guaíra, os profissionais da saúde com maior índice de respostas positivas foram os alemães (84%), seguidos dos italianos (78%), dos japoneses (72%), dos paraguaios (50%)

e dos árabes (50%). Não se constatou nenhuma rejeição por parte dos informantes em relação aos profissionais de origem italiana e alemã.

Os informantes guairenses dariam preferência a médicos e dentistas que fossem especializados e que tivessem boa referência, assim como aconteceu em Marechal Cândido Rondon. É interessante citar que os japoneses foram citados como mais “dedicados” em relação aos membros de outras etnias. Já as ressalvas com relação a procurar médico ou dentista paraguaio, não apenas em Guaíra, mas também em Marechal Cândido Rondon, estavam geralmente relacionadas à desconfiança com relação à sua formação, haja vista a crença (manifestada pelos informantes) de que as condições de preparo dos profissionais são precárias no Paraguai, ou de que a medicina não é “levada a sério” naquele país.

Na pergunta que proporcionava aos informantes a possibilidade de acrescentar qualquer comentário referente à multiplicidade de línguas na localidade, em Marechal Cândido Rondon, apenas quatro informantes (22%) acrescentaram comentários, dos quais dois merecem destaque: o informante 3 afirmou categoricamente que “tinha que proibir de falar alemão aqui na cidade”, e o informante 13 abordou a questão do sotaque caracterizado como “carregado” dos descendentes de alemão, que, segundo ele, tornam-se motivo de riso das pessoas de outras localidades. Para exemplificar, o informante citou a pronúncia de ‘garafão’ e ‘bariga’.

As características da fala bilíngue português-alemão, ou seja, o falar português com interferência do alemão, podem ser chamadas de “marca identitária”, para não rotular como estigma, o que seria exagerado na opinião da autora desta tese, que conhece bem o contexto etnolinguístico rondonense. Segundo Padilha (1999), as pessoas geralmente formulam atributos positivos ou negativos sobre falantes que têm sotaques e esses atributos são dependentes de atitudes da pessoa em relação à região, ao país ou ao grupo linguístico a que o falante pertence.

Em Guaíra, a maior parte dos acréscimos dos informantes se relacionava à necessidade de valorização do espanhol/castelhano na região fronteira, ressaltando a importância de políticas educacionais de inclusão e promoção dessa língua nas instituições de ensino (públicas ou particulares), para favorecer a comunicação e a integração entre os dois países. Outros comentários dos guairenses se relacionavam à apreciação positiva da diversidade étnica e linguística de Guaíra.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese procurou investigar, a partir dos dados colhidos pelo Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009), as crenças e atitudes manifestas por falantes de Marechal Cândido Rondon e Guaíra, municípios do estado do Paraná que têm históricos e localização geográfica distintos. Essa peculiaridade motivou a hipótese inicial: em Marechal Cândido Rondon, mantém-se um sentimento de que o dialeto do colonizador, descendente de alemães, tem um estatuto de mais prestígio, sentimento este que não se encontra em Guaíra, justamente por causa do histórico desta comunidade, que conta com um grupo mais heterogêneo, formado por culturas diversas, inclusive marcadas pela região de fronteira.

Retomam-se os objetivos específicos, que foram: (i) selecionar, descrever e analisar os dados relativos aos falantes pertencentes às comunidades sob estudo; (ii) comparar os dados obtidos para verificação da procedência da hipótese inicialmente lançada, ou seja, se os falantes de Marechal Cândido Rondon carregam sentimento de preservação da variedade de origem da maioria de seus habitantes (o dialeto alemão) como uma fala de prestígio; (iii) refletir sobre os resultados obtidos para estabelecer considerações que deem suporte para o desenvolvimento de mais pesquisas sobre o assunto.

Os dados apontaram, por exemplo, para a presença de certos traços linguísticos típicos da fala dos colonizadores da região, oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina – especialmente do grupo alemão, que mantém as variedades dialetais de origem ou mesmo o sotaque característico do português de contato, como mencionado por muitos informantes –, além das variedades faladas por grupos que migraram de outras regiões do Brasil e de outros países (como os japoneses e os árabes, por exemplo) para o Oeste Paranaense em busca de trabalho. Observou-se, também, a existência de significativa interação com falantes de espanhol e de guarani, em que sobressai uma variedade linguística de fronteira – o portunhol – no sentido de estabelecer uma comunicação mais compreensível. Vários entrevistados afirmaram que entendem melhor o castelhano ou espanhol paraguaio quando seus falantes procuram se adaptar ao falar brasileiro, utilizando um linguajar mais pausado.

Entende-se, como Freitas (1995), que a língua reflete o processo de aculturação dos colonos e que a língua é, ao mesmo tempo, expressão, conteúdo e porta-voz do modo de ser de um povo.

Na localidade de Marechal Cândido Rondon, ainda há uma presença expressiva da língua alemã, favorecida pelo fato de o contingente de descendentes de alemães ser bastante

significativo nesse município. Além disso, as festividades típicas favorecem o cultivo da língua e das tradições alemãs, embora tenham também um apelo turístico. No currículo das escolas públicas estaduais, o alemão foi substituído pela língua inglesa, por exigência da própria comunidade, mas ainda há a oferta do alemão para os estudantes e para os demais membros da comunidade pelo Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM), mantido pela Secretaria Estadual de Educação. Até mesmo personagens cômicos como o *alemón* Willmutter, construído com base em estereótipos atribuídos aos alemães, ao mesmo tempo em que satirizam a língua e a cultura, acabam, de certa forma, reforçando a identidade teuto-brasileira dos rondonenses.

Atitudes contraditórias em relação ao alemão foram frequentes ao longo da análise dos dados de Marechal Cândido Rondon. Por exemplo, muitos informantes omitiram o conhecimento do idioma alemão, embora o tivessem falado durante toda a infância, conforme dados do Quadro 1 (perfil dos informantes), o que sugere um desejo de se preservar perante os outros devido ao sentimento de que se trata de um falar de baixo prestígio, porque, conforme estudos do alemão no Brasil, a variante HR é estigmatizada se comparada ao HD. No entanto, o alemão foi a língua mais citada quando os informantes manifestaram sua vontade de aprender uma língua estrangeira ou seu desejo de que a escola contemplasse essa língua no currículo, embora alguns informantes estivessem se referindo ao “alemão correto”, ao “alemão mesmo da Alemanha”, e não à variedade falada pelos locais. Também na questão da possibilidade de relacionamento social, afetivo e profissional, os alemães estavam na preferência dos informantes, ao lado dos italianos.

Assim, tudo indica que, em relação ao alemão em Marechal Cândido Rondon, trate-se de um caso de prestígio encoberto, noção postulada por Labov (2008), que está associado à identidade social do falante, ao orgulho linguístico e ao pertencimento a determinada comunidade de fala.

Ainda nessa localidade, verificou-se que o grupo de menor prestígio é o dos paraguaios. As justificativas geralmente indicavam que as diferenças culturais entre brasileiros/rondonenses e paraguaios eram os fatores responsáveis pela aceitação que se poderia chamar de “mais cautelosa” com relação a esse grupo.

Os resultados de Guaíra, ao contrário, mostraram prestígio do paraguaio e, principalmente, em relação à língua espanhola (ou espanhol paraguaio), mostrando que o contato estimulado pela situação de fronteira acabou atuando em favor da aceitação tanto da língua quanto de seus falantes. Não se pode esquecer que os brasileiros também se beneficiam da proximidade com Salto de Guairá, que, por ser uma cidade de turismo de compras, acaba

movimentando também o comércio guairense, além de favorecer as relações de trabalho e os negócios com os paraguaios.

O espanhol foi a língua mais citada nos questionamentos sobre a inserção no currículo escolar e sobre a vontade de aprender a falar uma língua estrangeira. No entanto, apesar dessa realidade, alguns guairenses ainda apontam diferenças culturais que acabam interferindo na aceitação mais ampla dos paraguaios, especialmente quando se trata de relações de vizinhança e de consulta a profissionais de saúde. Conforme Borstel (2009, p. 173), “em qualquer lugar do Brasil, ser paraguaio pode significar um futuro sem grandes oportunidades. Em Guaíra, por muito tempo, estes imigrantes para a comunidade regional eram quase *invisíveis*”.

Os japoneses também são um grupo com bastante aceitação em Guaíra. Embora a língua japonesa tenha recebido atribuições, ao longo das entrevistas, como muito difícil, esquisita, feia, essa avaliação não influenciou o modo como seus falantes são vistos pelos guairenses, que atribuíram características muito elogiosas a essa etnia. Os japoneses são considerados pessoas participativas e cooperativas, que se engajam em todas as atividades sociais e filantrópicas quando solicitados. Também foram elogiados pela discrição e introspecção, pela honestidade, pelo zelo no cumprimento de seus deveres e compromissos, pelo estilo de vida e pela forma afetuosa nos relacionamentos.

A língua e a cultura árabe parecem causar certo estranhamento entre os guairenses, mas, pelo fato de as perguntas referentes a essa língua e a essa etnia não terem sido formuladas a um considerável número de informantes, já que nem todos conheciam ou tinham contato com esse grupo étnico, não é possível tecer generalizações.

Assim, a hipótese inicial sobre as crenças e atitudes dos informantes de Marechal Cândido Rondon e de Guaíra serem ditadas por fatores históricos e pela localização geográfica distintos apresenta-se como real. Pelo fato de Guaíra, por exemplo, localizar-se em região de fronteira com o Paraguai e Mato Grosso do Sul, a localidade recebeu contingentes etnicamente mais diversificados, e provavelmente continuará assimilando culturas as mais diversas e interagindo com pessoas de diferentes etnias. Nesse contexto multilinguístico e multicultural, a possibilidade de aceitação do diferente é maior.

Além disso, celebrações como a Festa das Nações e as festividades em homenagem à Virgem de Caacupé (padroeira do Paraguai) colaboram para reforçar os laços entre os diversos grupos étnicos, embora se verifiquem situações de estranhamento, especialmente quando os falantes são confrontados com circunstâncias em que precisam decidir, de certo modo, entre a “aproximação” e o “afastamento” (aprender a língua do outro, morar em bairro

onde vivem membros de uma etnia ou de outra, casar-se com alguém de uma etnia ou outra etc.).

Marechal Cândido Rondon, por sua vez, apresenta um cenário ainda bilíngue, refletindo o que fora planejado pelo grupo da Colonizadora Maripá: transplantar para o Oeste Paranaense o modelo das “antigas colônias de imigrantes europeus”, principalmente, descendentes de alemães, os quais haviam se fixado nos estados sulinos (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) em meados de 1824.

Portanto, é possível vislumbrar, nas comunidades sob estudo, cenários típicos de línguas em contato com o português. Observa-se que espaços de circulação social, como cultos religiosos, comércio, festas típicas etc. servem para acionar algumas atitudes positivas ou negativas com relação às variedades faladas pelos colonizadores ou pelos argentinos e paraguaios residentes na região fronteira.

Especificamente com relação à hipótese de que, em Marechal Cândido Rondon, mantém-se o prestígio do dialeto do colonizador, descendente de alemães, conclui-se que se trata, possivelmente, de prestígio encoberto, dadas as contradições já referidas. E quanto à hipótese de que esse sentimento não se encontraria em Guaíra, pelo fato de o histórico da comunidade ter colocado em contato grupos étnicos mais diversificados, conclui-se que isso não se materializa, pois se verifica que há aceitação em relação à maioria das etnias que compõem a comunidade.

Acredita-se que esta tese, ao cumprir todos os objetivos postos ainda no projeto inicial, tenha contribuído significativamente para a compreensão da realidade linguística e cultural da fronteira, marcada também pelo histórico de colonização. Sabe-se que nenhuma pesquisa pode ser considerada completa quando se coloca um ponto final no seu relato. Muitos pontos que poderiam render discussões interessantes não puderam ser aprofundados devido à necessidade de limitação do trabalho. Os dados fornecidos pelo Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009) são ricos e oferecem um leque amplo de temáticas a serem exploradas, de modo que esta pesquisa representa apenas um passo inicial rumo ao reconhecimento da realidade plurilinguística não só do Oeste do Paraná, mas também de outras regiões do estado.

Finalmente, acrescenta-se que pesquisas como esta não podem ter um fim em si mesmas, mas devem ser utilizadas no sentido de fortalecer a luta pela valorização e manutenção da diversidade linguística, especialmente por meio da implementação de políticas linguísticas adequadas a cada localidade.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. **Atlas Lingüístico do Paraná**. São Paulo: Assis, 1990.
- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.
- AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes lingüísticas**: um estudo da relação do português com línguas de contato. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].
- ALKMIM, T. M. Sociolingüística: Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 21-44.
- ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.
- ALTENHOFEN, C. V.; KOCH, W.; KLASSMANN, M. S. **ALERS** – Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. Volumes I e II. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: EdUFSC; Curitiba: EdUFPR, 2002.
- BAGNO, M. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. 41. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BEM, D. J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. (Coleção Ciências do Comportamento).
- BERGAMASCHI, M. C. Z. **Bilingüismo de dialeto italiano-português**: atitudes lingüísticas. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.
- BISINOTO, L. S. J. **Atitudes sociolingüísticas**: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes, 2007.
- BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.
- BORSTEL, C. N. **Aspectos do bilingüismo**: alemão/português em Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.
- BORSTEL, C. N. A língua e a cultura de imigrantes paraguaios em Guaíra. In: SALGADO, A. C. P.; BARRETTO, M. M. G. S. (Orgs.). **Sociolingüística no Brasil**: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: homenagem ao professor Jürgen Heye. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira – 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1999.

BUSSE, S. **Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

BUSSE, S.; SELLA, A. F. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do Oeste do Paraná. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 77-93, jun. 2012.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, M. P.; BUENO, E. S. S. As línguas em contato numa escola pública de Bela Vista-MS: fronteira Brasil-Paraguai. **Sociodialeto**, Campo Grande, v. 3, n. 9, p. 127-142, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013113347.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2013.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La dialectologia**. Trad. Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987. (Coleção Linguagem).

DAMKE, C. **Sprachgebrauch und Sprach Kontakt in der Deutscher Sprachinsel in Südbrasilien**. Frankfurt am Main, Berlin Bern: Peter Lang, 1997.

DORIAN, N. C. Linguistic and ethnography fieldwork. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 25-41.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: HYMES, D. H. (Ed.). **Language in culture and society: a reader in Linguistics and Anthropology**. New York; London; Evanston; Tokyo: Harper International, 1964. p. 429-439.

FERREIRA, M. B. et al. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, I. H. et al. (Orgs.). **Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996, p. 479-502.

FISHMAN, J. A. **The sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society**. Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972.

FISHMAN, J. A. Sociolinguistics. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 152-163.

FREITAS, I. A. A. **A máscara cai**: Wolfgang Ammon no contexto da literatura teuto-brasileira. São Paulo: Arte e Cultura; UNIP, 1995.

FROSI, V. M.; RASO, T. O italiano no Brasil: um caso de contato linguístico e cultural. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 317-347.

GOFFMAN, E. **Stigma**: notes on the management of spoiled identity. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.

GREGORY, V. **Os euro-brasileiros e o espaço colonial**: a dinâmica da colonização no Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**: an introduction to bilingualism. Harvard: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, F. **Bilingual**: life and reality. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. 2010. [*site oficial*]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.). **Os contatos linguísticos do Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 187-216.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMB FENNER, A. **Línguas em contato**: alemão e português numa comunidade urbana – Cascavel – Paraná. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2001.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LIEBKIND, K. Social psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 140-151.

LIENHARD, M. **Martim Lutero**: tempo, vida, mensagem. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: WEI, L. (Ed.). **The bilingualism reader**. London: Routledge, 2000. p. 22-50.

- MARGOTTI, F. W. **Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- MARQUE, F. Patrimônio cultural. **Idealize**, Guaíba, n. 1, jul. 2011, p. 14-15.
- MELLO, H. A. B. **O falar bilíngüe**. Goiânia: Editora da UFG, 1999.
- MENSAGEIRO LUTERANO. **Luthero**: 500 anos, Porto Alegre, n. 1 e 2, jan./fev. 1983.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.
- MOTA, J. A. Teste de reação subjetiva: relatório de uma experiência. In: FERREIRA et al. **Diversidade do português do Brasil**; estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. revista. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.
- MÜLLER, T. L. **Colônia Alemã**: histórias e memórias. Porto Alegre: GRAFOSUL, 1981.
- MUNTOREANU, H. Z. **Guahyrá – Guairá**. São Paulo: Arte Impressa N, 1992.
- NAVARRO, E. A. O domínio da língua castelhana sobre o guarani paraguaio. **Revista Filologia**. 2004. Disponível em: <[www.filologia.org.br/revista/artigo/10\(29\)09.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10(29)09.htm)>. Acesso em: 12 março 2013.
- PADILLA, A. M. Psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 109-121.
- PARCERO, L. M. J. **Fazenda Maracujá**: sua gente, sua língua, suas crenças. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- PERTILE, M. T. **O talian entre o italiano padrão e o português brasileiro**: manutenção e substituição no Alto Uruguai gaúcho. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- POZENATO, J. C. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- PRETI, D. **Sociolingüística**: os níveis da fala. 4. ed. rev. e mod. São Paulo: Nacional, 1982.
- RAHLE, M. **Deutsche Heimat in Brasilien**. Berlin: Verlag Grenze und Ausland, 1937.
- RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 21-45. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
- REZENDE, M. J. **A cultura negra em Guaíba**. 2008. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2384-8.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2012.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Vol. I. Porto Alegre: Globo, 1969a.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Vol. II. Porto Alegre: Globo, 1969b.

ROKEACH, M. **Beliefs, attitudes and values: a theory of organization and change**. San Francisco: Jossey-Bass, 1968. (Jossey-Bass Behavioral Science Series).

SAATKAMP, V. **Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon**. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

SCHALLENBERGER, E.; COLOGNESE, S. A. **Migrações e comunidades cristãs: o modo-de-ser evangélico-luterano no Oeste do Paraná**. Toledo: UNIOESTE/FACITOL, 1994.

SCHNEIDER, M. N. **Atitudes e concepções lingüísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngües alemão-português do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SCHMIDT, M. A. M. S. **Histórias do cotidiano paranaense**. Curitiba: Letra Viva, 1996.

SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística: teoria y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.

SKUTNABB-KANGAS, T. **Bilingualism or not: the education of minorities**. Cleveland; Avon: Multilingual Matters, 1981.

SPINASSÉ, K. P. O *hunsrückisch* no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, n. 19, p. 117-126, 2º sem. 2008.

STURZA, E. R. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 47-50, abr./jun. 2005.

WACHOWICZ, R. C. **Obrageros, mensus e colonos: história do Oeste Paranaense**. Curitiba: Vicentina, 1982.

WEINREICH, U. **Languages in contact**. The Hague: Mouton, 1974.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WILLEMS, E. **Aculturação dos alemães no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

WOOD, L.; PEREIRA, R.; GOMES, M. **Guaíra conta sua história**. Curitiba: Nossa Cultura, 2009.

ANEXOS

ANEXO 1 – Monumentos turísticos em estilo arquitetônico colonial ou enxaimel em Marechal Cândido Rondon



Portal do município de Marechal Cândido Rondon
Fonte: foto de Rafael Sturm



Vista aérea do Centro de Eventos de Marechal Cândido Rondon



Detalhe da fachada do Centro de Eventos de Marechal Cândido Rondon (A)



Detalhe da fachada do Centro de Eventos de Marechal Cândido Rondon (B)

ANEXO 2 – Construções residenciais e comerciais em estilo colonial ou enxaimel em Marechal Cândido Rondon



Loja localizada no centro da cidade de Marechal Cândido Rondon



Residência em Marechal Cândido Rondon

ANEXO 3 – Excerto de crônica sobre *Ein Hunsrücker aus Rondon*

Ein Hunsrücker aus Rondon

Ein seltener, trauriger und doch schöner Zufall, den ich erlebte mit den zwei älteren Jungfrauen, worüber ich diesen Artikel schreiben möchte. Die Dame an meiner linken Seite heisst Irena Bartsen; an der rechten, Maria Dionisia Kemper, beide katholisch.

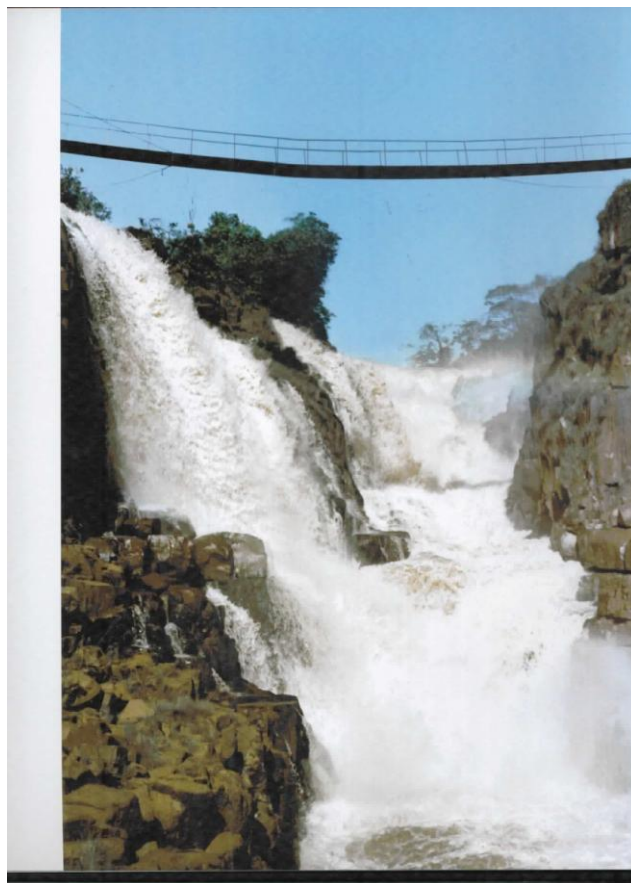
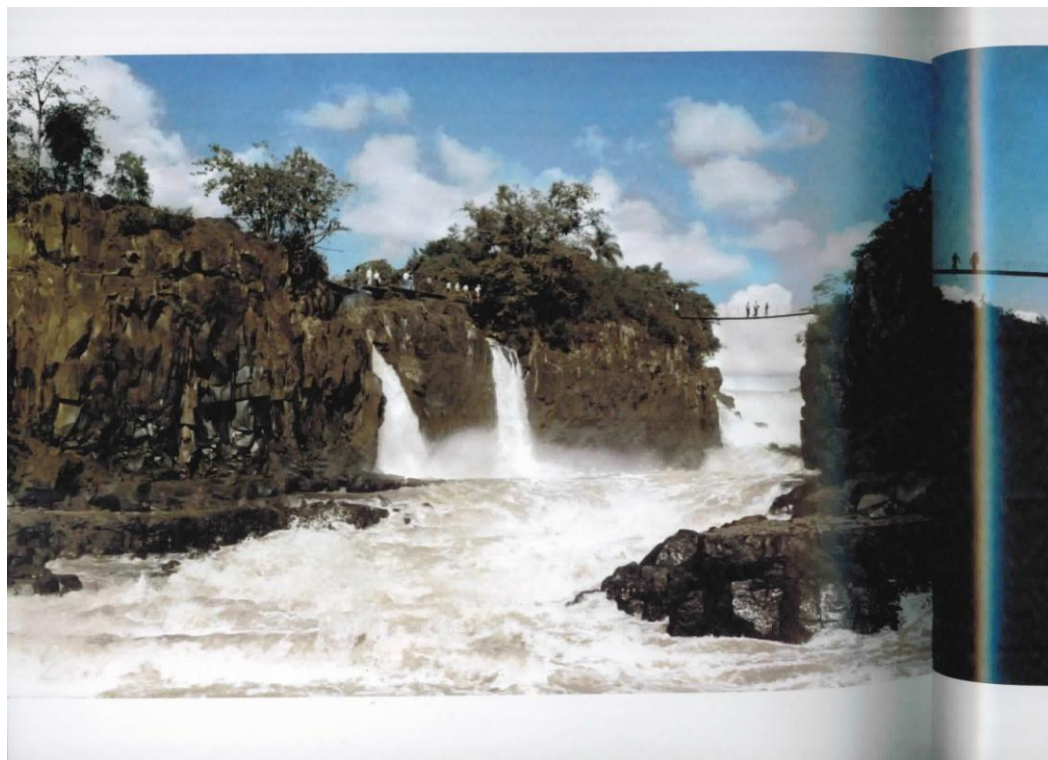
Zuerst beschreibe ich die an der rechten Seite, die mit der dunklen Brille: Mit 25 Jahren musste sie sich einen Zahn ziehen lassen, worauf es am Kiefer eine Entzündung gab. Sie suchte Hilfe in Cascavel (90 Km von hier) in einem Hospital, wo man ihr den Knochen im Gesicht aufstemmte. Nach 10 Monaten musste sie nach Curitiba gebracht werden, wo sie 18 Monate bleiben musste und 12 mal operiert wurde. Nachdem alles heil war, hatte sie beinahe 8 Jahre lang Kopfschmerzen. Dann wurde Maria nochmal am Kopf operiert und schliesslich nach S. Paulo gebracht, da man keine oder keine vollständige Heilung fand. In S. Paulo wurde sie auch mehrmals am Kopf operiert, aber ohne geheilt zu werden. Nach 3 Wochen hat man sie nach Londrina zum Arzt gebracht, wo sie weitere 3 Operationen überstand. Dann wollte Maria nach Hause, wo sie sagte: Nun lege ich mein Leiden in Gottes Hand, was er tut nehme ich an. Aber die Schmerzen waren nicht zum Ertragen.

Deshalb wurde sie nach Rio de Janeiro gebracht, wo sie 3 Monate blieb. Nach der 21. Operation wurde das Sehen schwach und die Pein immer grösser. Da hat man sie nochmals nach Cascavel gebracht, wo sie operiert wurde an einem Nerv trigêmio. Durch diese Operation war wenigstens



die Pein weg. Nach der 23. Operation wurde Maria komplett blind. Dann brachte man sie hierher nach Marechal C. Rondon, wo sie nochmals drei Monate im Hospital untergebracht wurde. Maria überlegte, wie man nun etwas wahrnehmen kann, ohne zu sehen. Da versuchte sie und glaubte, dass man vielleicht etwas durch die Finger erreichen könnte, was ihr auch gelungen ist. Durch einen Zufall war meine Frau im Hospital, wo sie hörte, was für ein Mädchen da ist, das mit den Fingern die Farben erkannte, was mir unglaublich war. Ich ging sie auch besuchen und nahm auch einen Pfarrer hin, dem ich dies erzählt hatte, weil es ihm auch unglaublich schien. Maria wurde auch von einem Advokaten besucht, der ihr mit ihrer Erlaubnis die Augen zugebunden hat. In der nächsten Ausgabe des JOREV kommt die Fortsetzung. Euer Hunsrücker

ANEXO 4 – Fotos das Sete Quedas (Guaiáira – PR)



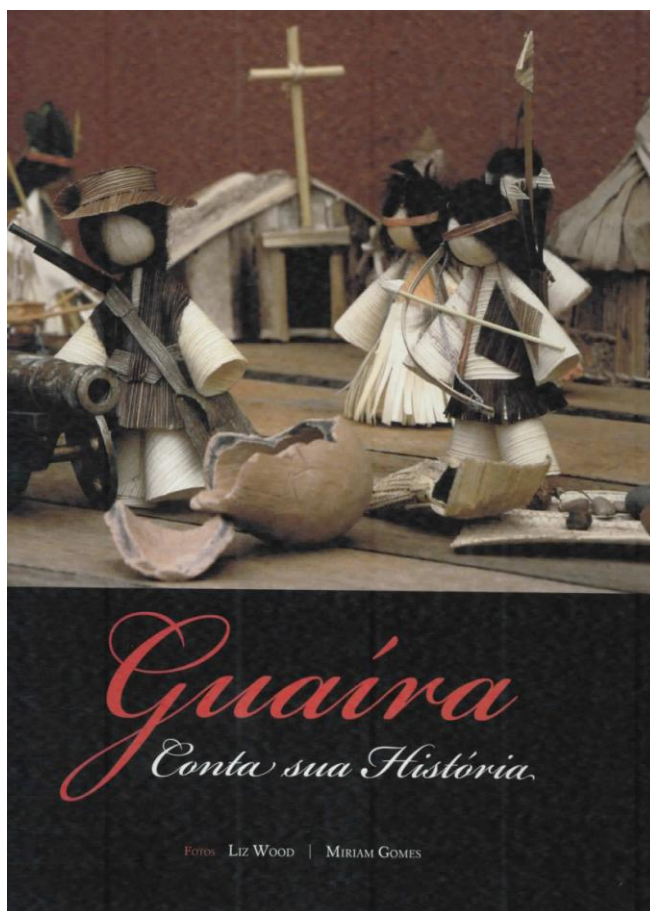
Fonte: Wood, Pereira e Gomes (2009)

ANEXO 5 – Imagem de Nossa Senhora de Caacupé, padroeira do Paraguai



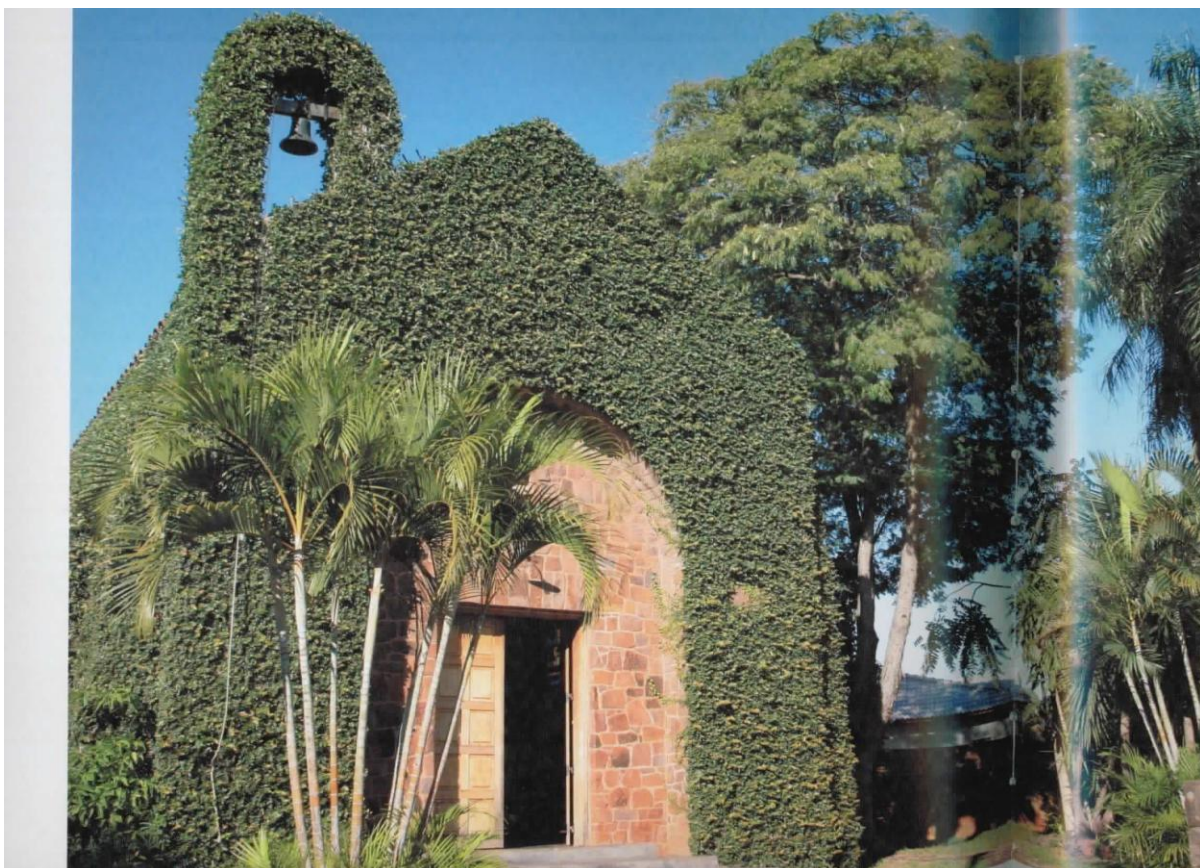
Fonte: Wood, Pereira e Gomes (2009)

ANEXO 6 – Bonecos de palha confeccionados por artesã guairense, representando personagens históricos da localidade



Fonte: Wood, Pereira e Gomes (2009)

ANEXO 7 – Igreja *Nuestro Señor Del Perdon* (Igrejinha da Pedra)



Fonte: Wood, Pereira e Gomes (2009)